UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS.

BRIAN GALDINO DA SILVA

LÉXICO, DISCURSO E PROJETO DE NAÇÃO.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO.

SÃO PAULO
2019

BRIAN GALDINO DA SILVA

LÉXICO, DISCURSO E PROJETO DE NAÇÃO.

**Dissertação apresentada ao
Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para
obtenção do título de mestre em Língua
Portuguesa.**

**Área de concentração: Lexicologia da
língua portuguesa; Análise crítica do
discurso.**

**Orientador: Prof. Dr. Manoel
Mourivaldo Santiago Almeida.**

SÃO PAULO

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Ss11 Silva, Brian Galdino da
LÉXICO, DISCURSO E PROJETO DE NAÇÃO. / Brian
Galdino da Silva ; orientador Manuel Mourivaldo
Santiago Almeida. - São Paulo, 2019.
333 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculos. Área de concentração: Filologia e Língua
Portuguesa.

1. Estudo do léxico. 2. Análise do crítica do
discurso. 3. Projeto de nação no Brasil do séc. XIX.
4. Tecnologia e neologismo. 5. Medicina e
neologismo. I. Almeida, Manuel Mourivaldo Santiago ,
orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Brian Galdino da Silva

Data da defesa: 06/08/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 11/11/2019

A handwritten signature in blue ink, reading 'Mourivaldo Almeida', written over a horizontal line.

(Assinatura do (a) orientador (a))

Nome: SILVA, Brian Galdino da.

Título: Léxico, Discurso e Projeto de Nação.

Dissertação apresentada ao Departamento
de Letras Clássicas e Vernáculas da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de mestre em
língua portuguesa.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas que formou o profissional que eu sempre sonhei ser e onde eu conheci muitos dos amigos que trago comigo até os dias de hoje desde a graduação.

Ao Prof. Dr. Emilio Gozze Pagotto com quem tive minha primeira e segunda experiência em pesquisas e que me incentivou a continuar pesquisando.

Ao Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida que aceitou me orientar nessa empreitada.

À minha esposa, minha Iaiá amada por quem e com quem vivo, e meu filho, Eros, o melhor presente que minha esposa já me deu na vida; que sempre estiveram comigo dando a força que eu precisava nos momentos em que pensei que não conseguiria.

Aos meus amigos que, juntamente com minha família, estavam sempre disponíveis para me dar um empurrão, em especial a Tatiana Malheiro, que me ajudou a levantar nas várias vezes em que caí, minha irmã, a quem admiro e amo.

RESUMO

SILVA, B. G. da, **Léxico, Discurso e Projeto de Nação**, 2019. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Este trabalho teve como meta levantar entradas lexicais gregas na língua portuguesa que foram adotadas por nomearem artefatos tecnológicos inventados e postos em uso no século XIX no Brasil. As tecnologias, assim como artigos ligados a medicina e cultura, procuraram, durante o século XIX, no grego antigo lexemas de base grega para dar nomes às novidades. Tendo como *corpus* anúncios de jornais da época, faremos o possível para analisar criticamente os discursos que acompanharam esses empréstimos para que possamos compor um mapa social e, conseqüentemente, esclarecer questões quanto ao processo civilizatório brasileiro e seu projeto de nação.

Palavras-chave: Helenismo, Análise Crítica do Discurso, Civilização.

ABSTRACT

SILVA, B. G. da. **Lexicon, Discourse and Nation Project**, 2019. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This work has as its goal to raise lexical greek entries in Portuguese language that were added by neologisms invented technological artifacts and posts in use in the 19th century in Brazil. The technologies, as well as articles linked to medicine and culture, sought, during the 19th century, in Ancient Greek for lexemes of greek base to give name to new things. We have as corpus advertisements of the day of the epoch, we will do the possible to critically analyze the speeches that accompany these loans so that we have a social map and, consequently, clarify question about the Brazilian civilization process and their national project.

Keywords: Hellenism, Critical Discourse Analysis, Civilization.

Sumário

Introdução	9
1. Metodologia.....	16
2. Linguagem como distintivo de humanidade.....	18
2.1. Investigações relativas à linguagem.....	21
2.2. O Léxico da Língua Portuguesa.	25
2.3. Projeto de nação português para Portugal.....	31
3. A importância da imprensa no processo civilizatório	38
3.1. A imprensa e a disseminação de discursos.	445
4. Desejo de ascensão	48
5. Nomenclatura especializada e a disseminação das tecnologias na sociedade.	50
6. Projeto de uma nação brasileira.....	55
7. Passos mecânicos.....	59
7.1. Arte mecânica	75
7.2. Dono de seu próprio tempo.....	82
8. Para garantir a vida	91
9. Conclusões.....	109
10. Bibliografia.....	111
10.1 Bibliografia online	116
11. Apêndices	117
11.1 Lexemas ligados à cultura.....	118
11.2 Lexemas ligados às tecnologias	145
11.3 Lexemas ligados à saúde.....	222

Introdução

A história da humanidade é marcada por sequências de descobertas e invenções que impulsionaram as revoluções porque passamos até nos encontrarmos nesta realidade de e do agora. Olhar criticamente para os momentos dessas passagens de eras nos faz entender alguns porquês dos dias atuais. Muitas são as perspectivas com relação ao quê devemos chamar de civilizado, afinal, depende da perspectiva de quem está adjetivando. Para nós, neste trabalho, é interessante que tenhamos como paradigma aquelas que tenham como fio condutor uma linha mais eurocêntrica, tanto para concordarmos quanto para discordarmos e criticarmos, porque, como poderão perceber na leitura desta dissertação, a influência que estudaremos é europeia. Perceber que cada degrau alcançado pela humanidade rumo a patamares mais civilizados, da forma como é comungado pela perspectiva que escolhemos, se associa à realização de uma descoberta ou invenção tecnológica é dar significância à história passada, presente e, quiçá, possamos trazer contribuições a trabalhos posteriores que leiam neste algo de relevante.

Das tecnologias inventadas pela humanidade, as que mais nos interessam são aquelas que se associam à linguagem e dela fazem uso. Linguagens que se desdobram historicamente em um enorme cabedal, com múltiplas possibilidades, visando à comunicação é o que possibilitou que os avanços fossem possíveis.

Debruçamo-nos, então, sobre um momento da nossa história procurando por respostas de como chegamos, nós brasileiros, aonde chegamos e a forma como chegamos.

Esta pesquisa teve seu início como um trabalho de Iniciação Científica que não se esgotou, mas teve de ser finalizado em 2011. Foi utilizado para trabalho de mestrado o *corpus* da pesquisa inicial, mas com perspectivas mais amandurecidas do que quando foi escrita anteriormente, além de um viés de análise mais apurado, principalmente no que diz respeito às análises dos discursos presentes no *corpus*.

As tecnologias são motores de inovações, de avanços e mudanças para novos *modus vivendi*. Claro que nem sempre esses avanços, inovações e mudanças podem ser concebidas pelo prisma de posituação, mas elas são inevitáveis pela forma como são intruduzidas nas vidas daqueles que assistem seus nascimentos. Vemos essas

“revoluções” tecnológicas como uma bomba. Imaginemos um quadrante. Quando essa bomba é lançada, a modificação campal é maior no lugar específico onde ocorre a explosão, alterando totalmente a paisagem. Contudo os arredores são inevitavelmente atingidos pelos fragmentos dessa bomba, se alterando em maior ou menor grau, dependendo da distância em que esse lugar se encontra em relação ao ponto de impacto. Dessa forma, como bem atesta RIBEIRO (2000), “A cada uma dessas etapas de progresso tecnológico, Morgan faz corresponder modos particulares de organização social e conteúdos especiais da visão do mundo e dos corpos de crença e valores”. As mudanças, segundo o atropológo, não são apenas na prática dos trabalhos a que a tecnologia se destina. As mudanças são mais profundas.

A perspectiva de Morgan citada por Ribeiro é, por anos, reelaborada por uns e desdobrada por outros historiadores, antropólogos e arqueólogos. Friedrich Engels, em 1884, reelaborou o esquema de Morgan tendo como base as concepções marxistas das formações econômico-sociais, definido essas organizações como tipos históricos de sociedades que podem ser caracterizadas pela combinação de um modo de produção (tecnologia + divisão do trabalho) que partilham de certa organização social, com um corpo particular de concepções ideológicas. Engels divide a evolução em cinco formações distintas: o comunismo primitivo, o escravismo, o feudalismo, o capitalismo e o socialismo. Este último como uma utopia a que poderíamos alcançar em certo ponto de nossa história.

Os estudos de Marx tiveram como objeto de observação as formações sociais asiáticas, a antiga clássica, a eslava e a germânica. É preciso notar que sua perspectiva foi intensamente revista por ele próprio e por Engels, além de outros estudiosos marxistas.

Gordon Childe, já no século XX, com o auxílio das pesquisas prolíferas de sua época no campo da arqueologia e etnologia e seguindo as linhas de Morgan, mas de certa forma, contribuindo com modificações conceituais com as perspectivas de seu “mestre”, estende a selvageria até a Revolução Neolítica, representada pela difusão da agricultura e do pastoreio, quando se iniciaria a barbárie. A barbárie seria dividida em duas etapas: a barbárie neolítica e a da idade do cobre, que se estenderia até a Revolução Urbana que determinaria o início da civilização. Esta dividida em três etapas: as idades de bronze, ferro e o feudalismo, que se estenderia até a Revolução Industrial. Além desses nomes RIBEIRO (2000) ainda cita Leslie White, que traz contribuições à

perspectiva evolucionista de Morgan e Childe; Julian Steward que traz contribuições assinaladas à teoria da evolução cultural comparando as sociedades mesopotâmica, egípcia, indiana, chinesa, peruana e meso-americana; e por fim Karl Wittfogel que, com base em estudos da China e tendo como pano de fundo os conceitos desenvolvidos por Marx faz um trabalho sobre o “despotismo oriental”.

Assim, essa sucessão de revoluções tecnológicas e processos que caminham em direção a uma civilidade cada vez maior, tirando o homem da condição de caçadores e coletores que eram generalizadas encaminham o homem a formas de organização social e formas de explicar suas experiências. Essas formas, segundo RIBEIRO (2000), podem ser enquadradas em imperativos comuns, apesar de diferentes, dependendo de cada povo. O primeiro imperativo diz respeito ao “caráter acumulativo do progresso tecnológico que se desenvolve desde formas mais elementares a formas mais complexas”; o segundo diz respeito quanto às “relações recíprocas entre o equipamento tecnológico empregado por uma sociedade em sua atuação sobre a natureza para produzir bens”, obviamente isso se atrela à “magnitude de sua população, a forma de organização das relações internas entre os membros (...)”; e, por fim, o terceiro imperativo se relaciona com a “interação entre esses esforços de controle da natureza e da ordenação das relações humanas e a cultura”. Essas relações devem ser entendidas como patrimônios simbólicos que padronizam os modos de pensar e dos saberes manifestados de forma material “nos artefatos e bens, expressamente, através da conduta social, e, ideologicamente, pela comunicação simbólica e pela formulação da experiência social em corpos de saber, de crenças e valores”. Esses três imperativos, sucintamente, remetem a fatores determinantes de uma sociedade civilizada ou em vias de civilarem-se, de acordo com a perspectiva de Ribeiro. A associação desses três fatores: tecnologia, sociedade e ideologia, entrelaçam-se de maneira indissociável. Em outras palavras, esses imperativos trabalham em conjunto e conectados. As etapas evolutivas no campo da tecnologia correspondem a classificações fundadas em padrões de organização social e a moldes de configurações ideológicas. A relação entre esses três fatores trabalha de forma a uma induzir a outra a modificar-se de acordo com sua necessidade imediata.

Para a fundação de uma sociedade podemos notar alguns contingenciamentos que conformem as culturas. O primeiro diz respeito à condição biológica humana que a uniformiza a partir das evoluções biológicas. Em virtude desse contingenciamento, as

culturas desenvolvem normas uniformes de orientação da ação adaptativa e meios de como tirar de sua realidade materiais para a sobrevivência e multiplicação; o segundo é a criação de pautas culturais que determinem e propiciem a ordenação e interação social; e, por fim o contingenciamento de natureza psicológica. A tudo isso sobreveem um imperativo elementar de natureza propriamente cultural, que consiste na capacidade humana de comunicação simbólica, pois é através da linguagem que todos os outros contingenciamentos podem ser guardados como herança cultural e transmitidos de geração a geração. Desta forma, todo desenvolvimento posterior depende de características de patrimônios pré-existentes.

A maneira como o Brasil foi colonizado; a maneira como, durante todo o tempo, que não foi curto, em que o Brasil foi apenas considerado uma colônia, sendo dilapidado, explorado e posto no mapa do mundo que se dizia civilizado, não segue a ordem lógica da evolução prescrita até aqui. Tudo o que foi exposto, nos serve como base para que possamos repensar essa lógica.

Apesar de tudo, hoje, temos uma sociedade instituída, temos uma organização política, econômica e cultural estruturada devido, inclusive, à forma como o que conhecemos como Brasil foi concebido. Além de tudo, temos uma língua que nos disitingue e será esse nosso objeto de estudo.

Como é a partir do uso das linguagens que se transmitem as ideologias partilhadas por uma sociedade, decidimos tomar o léxico como ponto inicial para que pudéssemos olhar para as unidades constitutivas do discurso partindo de sua menor unidade, assim como o ideário comungado pelos filósofos da Era Clássica Grega.

Consequentemente, o presente trabalho pretende demonstrar a importância dos lexemas de base grega para reforçar o discurso vigente na época que decidimos investigar: o século XIX, em que se intensificam as intenções que nos servem de mote. Os lexemas, assim pretenderemos demonstrar, servirão como centros gravitacionais ao redor dos quais se constituirão os discursos que, em sua totalidade, carregarão consigo marcas importantes em que poderão ser lidas as intensões dos agentes sociais.

A perspectiva que adotaremos para as análises dos discursos de nosso *corpus* basia-se em estudiosos que professam a *Análise Crítica de Discurso*, por acreditarmos que este viés de estudo deva carregar, inevitavelmente, compromisso social. O porquê da escolha dessa vertente não é difícil de entender. Trataremos de linguagem. E sendo esta uma das principais ferramentas das sociedades e da sociabilização, a nós nos parece

natural que os estudos dessa matéria estejam vinculados ao social. BOLÍVAR (2003), na introdução de seu artigo, nos serve de apoio para o nosso ideal:

“Los desarrollos de los estudios del discurso han sido tan acelerados y variados en los últimos años que abundan las publicaciones y manuales en inglés y en otras lenguas (...) con lo que se demuestra la consolidación de una disciplina cuya meta fundamental es investigar sobre el papel del lenguaje en la interacción social.”

(BOLÍVAR, 2003, p.9)

Procurando, assim, investigar os discursos presentes no período a que nos propusemos, além de descrever seu uso, apoiados nos lexemas, tentaremos trazer subsídios para explicar a construção de sentido. Afinal de contas “as explicações de construção de significação pela linguagem ajudam a entender melhor processos do tipo cognitivo, social, cultural e político”¹. O compromisso do nosso trabalho vai para além da simples investigação, do simples compromisso com a disciplina. Procuraremos trazer benefícios para, quem sabe, melhorar a sociedade que é com quem temos um compromisso muito maior por fazermos parte dela.

“[...] Como questão de método, a possibilidade de deslocar o estatuto dos textos que historicamente foram categorizados como “documentos” aqui tomados como discurso: lugar de significação, de confronto de sentidos, de estabelecimento de identidades, de argumentação etc. Como uma das finalidades, sair do já nomeado, do interpretado e procurar entender esses textos como discursos que produzem efeitos de sentido a serem compreendidos nas condições em que apareceram e nas de hoje”

(ORLANDI, 1990, p. 18)

A disciplina: Análise de Discurso nasce para que pudéssemos ultrapassar as fronteiras da gramática e da semântica (BOLÍVAR, 2003) com a finalidade de incrementar o estudo com a inclusão de questões pragmáticas às análises. Entretanto, a analista nos alerta sobre o uso da perspectiva pragmática nos estudos:

¹ BOLÍVAR (2003), tradução nossa.

“Aun así, la pragmática ha mostrado ser insuficiente para ofrecer explicaciones sobre cómo se construyen los significados en la interacción social, y eso se debe, en gran parte, el desarrollo del análisis crítico del discurso. Fairclough (1989, p. 9), por ejemplo, considera que ‘la pragmática con frecuencia para describir el discurso como podría ser en un mundo mejor en vez de describirlo tal como es’.”

(BOLÍVAR, 2003, p. 11)

Comungando da perspectiva da autora, logicamente, nem todos os enfoques podem ser críticos, tampouco linguísticos, mas todas as análises devem partir do pressuposto de que os discursos são, inevitavelmente, sociais, de conhecimento, históricos e dialógicos (BOLÍVAR, 2003).

Seguindo, então, por essa via, a análise crítica de discurso que pretendemos é aquela que leva em consideração a linguagem como prática social dentro de um contexto de uso desta mesma linguagem.

Recorrendo novamente a BOLÍVAR (2003), que enumerou belamente os princípios gerais que regem a análise crítica do discurso, citaremos a autora novamente. Os princípios são, então, os seguintes:

1. el análisis crítico tiene una motivación social y aborda problemas sociales;
2. las relaciones de poder son discursivas;
3. el discurso constituye la sociedad y la cultura;
4. con el discurso se hace trabajo ideológico;
5. el discurso es histórico;
6. la relación entre texto y sociedad es mediada por los órdenes del discurso y por la cognición;
7. el análisis es interpretativo y explicativo;
8. el discurso es una forma de acción social.

(BOLÍVAR, 2003, p. 16)

Assim, a análise de nosso *corpus* vai para além do estudo dos usos lexicais, mas os relacionaremos com o discurso que pairava sobre os ares brasileiros da época. Esses discursos serão imperiosos para mudanças que se iniciariam no século XIX e que

somente se reforçariam com o passar das décadas, uma vez que as tecnologias avançam sem freios pelo tempo.

As questões que moverão nossa análise, então, são as que se relacionam ao estabelecimento de uma nova realidade no Brasil oitocentista; as respostas institucionais para dar conta das demandas sociais; o investimento na ideologia utópica que seria compartilhada pela vontade de e da nação, pelo menos pelas vozes mais audíveis na época; além do que seria preciso para que se estabelecesse uma identidade nacional no imaginário da população brasileira desse novo Brasil que se iniciava no século XIX.

Tentaremos, o tanto quanto for possível, demonstrar os sentidos do que é dito, assim como daquilo que fica encoberto sob o manto do “não dito”, que fica calado, silenciado. Uma vez que o que não é falado também significa².

² ORLANDI (1990), o autor destaca a importância em se notar a “*política do silêncio*” a qual, aliás subdivide em duas formas: “a) O silêncio constitutivo, ou seja, a parte do sentido que necessariamente se sacrifica, se apaga, ao se dizer. Toda fala silencia necessariamente. A atividade de nomear é bem ilustrativa: toda denominação circunscreve o sentido do nomeado, rejeitando para o não-sentido tudo o que nele não está dito; b) O silêncio local: do tipo censura e similares; esse silêncio é que é produzido ao se proibir alguns sentido de circular, por exemplo, num regime político, num grupo social determinado de uma forma de sociedade específica etc.”

1. Metodologia

O nosso objeto de estudos se trata, como dito, de lexemas que adentraram a Língua Portuguesa que nomeiam artefatos ligados às tecnologias, às áreas da medicina da época, como medicamentos e procedimentos médicos, assim como lexemas ligados à cultura. Esses lexemas que nos servem de *corpus* foram levantados a partir de anúncios de jornais que pudemos coletar e que foram impressos durante o século XIX, período em que o Brasil se torna, primeiramente independente de seus colonizadores portugueses, ao menos formalmente e procurava estabelecer-se como nação dentro de suas possibilidades circunstanciais.

A coleta dos anúncios teve como ferramenta utilíssima a obra “*Diachronica*”, “*E Os Preços Eram Commodos... – Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*”, impresso no ano 2000 pela *Copyright 2000* da Humanitas FFLCH/SP, organizada por Marymarcia Guedes e Rosana de Andrade Berlink. Nesta obra as organizadoras dispõem de forma sistemática anúncios transcritos retirados de jornais de algumas regiões do Brasil. Compõe este compêndio: 310 anúncios do estado da Bahia; 142 anúncios do estado de Minas Gerais; 90 anúncios do estado do Paraná; 66 anúncios do estado do Pernambuco; 146 anúncios do estado do Rio de Janeiro; 106 anúncios do estado de Santa Catarina; e 783 anúncios do estado de São Paulo, totalizando 1643 anúncios impressos em jornais do século XIX.

Assim como na pesquisa de iniciação científica, para que se estabelecesse um critério para a análise que não fosse tão largo, os anúncios que utilizamos foram os que correram as mãos dos leitores das cidades de Campinas, São Paulo e Sorocaba, cidades estas em franco desenvolvimento no século XIX devido à produção cafeeira, além da suma importância histórica e econômica dessas cidades para o estado de São Paulo e, posteriormente, para o Brasil. As cidades escolhidas se enquadram perfeitamente na proposta do trabalho por figurar muito bem a dicotomia rural/urbano e o processo civilizatório, além do afã pela modernidade.

Assim, da obra de GUEDES & BELINK foram utilizados 523 anúncios, e a estes foram adicionados mais 61 anúncios levantados a partir do site do ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO, que disponibiliza periódicos digitalizados.

Desses 584 anúncios analisados foram levantados 74 lexemas construídos a partir de raízes gregas. Essas 74 ocorrências figuram em exatos 181 anúncios dos 584

analisados. E se dividem em 42 lexemas que se ligam à linguagem médica, ou relacionada à saúde; 26 nominam objetos de tecnologia maquinal; e, 6 desses se relacionam com questões culturais, ou faziam parte das classes estritamente gramaticais, como se poderá notar nos apêndices do trabalho onde estão digitados todos os anúncios integralmente.

Após a coleta do *corpus*, foi efetuada a análise de cada um dos lexemas de modo a tabelá-los dando a conhecer o periódico de onde foi extraído o anúncio, a data em que o anúncio foi publicado e a cidade de publicação do jornal que serviu como veículo de divulgação; assim como as entradas lexicais em dicionário etimológico e entradas em dicionário de Língua Portuguesa, de modo a se ter um quadro sinótico de cada um dos lexemas que foram tomados como empréstimo.

A isso se seguiu o estudo mais detalhado dos lexemas que deu origem aos textos analíticos que constituem o trabalho.

Sobre as análises, a partir do lexema presente em cada um dos anúncios analisados, procurou-se estabelecer a conexão entre o lexema e a construção do discurso dos anúncios que deles fizeram uso de modo a clarificar a intenção dessa associação nome>novidade tecnológica>modernidade>civilização.

As escolhas para a construção do texto desta dissertação que lhes é apresentado, e a forma como foi idealizado, intenta fazer dele um texto técnico, mas que não fosse maçante de ser lido e que desse algum prazer aos leitores.

Trataremos de inovação tecnológica. Para tanto, foi feito uso de inovações a que nós temos disponibilidade, como a internet, por exemplo, para a construção deste trabalho.

2. Linguagem como distintivo de humanidade.

Quando um beletrista se propõe a analisar sua língua materna, a necessidade de, por um lado, analisar com paixão de trabalhar com um objeto que lhe pertence, por fazer parte de um “si”, do qual é inseparável, indissociável, procurar, por fina força, por outro lado, certo distanciamento para que se imprima em sua pesquisa certo teor de objetividade científica, chacoalha o pesquisador de um modo que, se lhe for permitido, o amalgama da objetividade científica e subjetividade apaixonada poriam, juntas, cada um dos ladrilhos que comporiam a obra final desse pesquisador que se dispõe a discorrer de algo que é tão seu.

Como é possível analisar a relação lógica de uma língua que se propõe a nominar coisas a partir de sua relação direta com essas mesmas coisas, sem levar em consideração as mais variadas ações possíveis no estabelecimento dessas relações que podem ser tão plurais?

Os mitos, as crenças e as religiões nos trazem narrativas que atribuem à origem das linguagens às “forças divinas, aos animais e a seres fantásticos que o homem teria imitado” (KRISTEVA, 1969).

Quando o Deus da mitologia judaico-cristã terminou sua obra de construção da Terra, assim como a criação dos animais e do homem, foi dada a este a responsabilidade pela nomeação de toda a criação que era divina.

“Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles.

Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos;[...]”

(Gênesis, II, 19-20)

A citação nos serve para estabelecermos a diferença entre os humanos e demais animais ainda no que diz respeito a crenças e mitos que justificam a humanidade. A fala é atributo humano, assim como a gama de tecnologias que foram desenvolvidas por causa dela e por ela.

A língua em si é um ato político, pois a língua é algo próprio da humanidade, e, como disse o filósofo Aristóteles, “o homem é um ser político”. Posto dessa forma, talvez seja necessário esclarecer qual a nossa percepção, nossa leitura, dessa frase neste ponto para que não haja ruído algum quando se dispuserem a ler este trabalho.

Tomamos o termo “política” respeitando o sentido primeiro. Aquele expresso por Platão quando pensou, utopicamente, certa organização dos homens que viviam em comunhão na *polis*. Como sabemos, essa comunhão se restringia a um nicho social que não era total; que não assistia todos os que habitavam a Hélade, mas uma classe bem pequena restrita aos nativos, ignorando os estrangeiros e escravos e, mais do que isso, as mulheres atenienses porque foi em Atenas onde esse ideário nasceu.

A vida em clãs e tribos destoa, organizacionalmente, exatamente quando se passa para o nível seguinte da sociabilização. Fazem-se necessárias organizações, tanto estruturais, quanto no que concerne ao mando para com outrem. Política vai além do governo. Antes, se refere à organização dentro de uma sociedade que, de certa forma, é de responsabilidade de todos e cada um. Dessa maneira, as interações cotidianas entre aqueles que dividem os espaços da *polis* são atos políticos. Dentro das famílias, as interações entre pais e filhos, filhos e pais, filhos e filhos, as ideias de paternidade, “filiedade” e fraternidade nada são além de práticas políticas que se enquadram em determinada perspectiva de organização; perspectiva essa da qual comungamos ainda hoje devido nossa história e herança cultural.

Cai-se em equívoco quando se compara o ser humano com os demais animais postos na natureza. Atestamos aqui que não o somos. O ser humano é único. Bem ou mal, bom ou mau, estamos nessa existência para procurar significação e para darmos significação através de nossas ações. Mesmo que estejamos fadados, uns mais que outros, ao esquecimento, e que o que se fique para a posteridade seja apenas para nós mesmos, seres humanos, por meio de nossas instituições, idealizações e práticas políticas.

De comunidade à sociedade, a humanidade se construiu visando a um *status* que se desejasse civilizado. Cada etapa desse processo civilizatório é acompanhada por tecnologias que impulsionaram o *status* anterior ao próximo patamar. Para cada salto além, uma revolução tecnológica.

“Para a fundação de uma sociedade é inevitável que notemos alguns contingenciamentos que conformem as culturas. O primeiro diz respeito à condição biológica humana que a uniformiza. Em virtude desse contingenciamento, as culturas desenvolvem normas uniformes de orientação da “ação adaptativa”, e meios para tirar deles materiais para a sobrevivência e multiplicação da espécie; o segundo é a criação de “pautas culturais” que determinem e propiciem a ordenação e interação social; e, por último, o contingenciamento de natureza psicológica. A tudo isso sobrevém um imperativo elementar de natureza propriamente cultural que consiste na capacidade humana de comunicação simbólica, pois é através da linguagem que todos os outros contingenciamentos podem ser guardados como herança cultural e transmitidos de geração a geração. Desta forma todo desenvolvimento posterior depende de características de patrimônios pré-existentes. Com isso em mente é de se depreender que as culturas se desenvolvem pela acumulação de “compreensões comuns e pelo exercício de opções, como um desdobramento dialético das potencialidades de conduta cultural cuja resultante é o fenômeno humano em toda a sua variedade”. A possibilidade de repassar às novas gerações o que se alcançou tecnologicamente na geração anterior através das linguagens é que possibilita que as culturas não precisem regressar às suas bases iniciais, podendo dar continuidade sequencial às tecnologias ou adaptando-as para garantir seu desenvolvimento.”

(SILVA, 2011, p. 10)

Das tecnologias idealizadas pela humanidade ao longo de sua existência, a mais singular e importante para que se realizasse concretamente seu afã pela procura de significação, sem sombra de dúvidas, foi a linguagem. O desenvolvimento da fala, e, conseqüentemente, da escrita que consolida de forma mais duradoura as expressões do pensamento são ferramentas tecnológicas capazes de atestar a condição humana, por uma via; ademais, essas ferramentas são essenciais para que seja possível o estudo do desenvolvimento histórico da humanidade.

“A comunicação significa o próprio momento da Humanização, naquele sentido de “expressão simbólica”, que, segundo LESLIE WHITE, decorreu do “processo natural da evolução orgânica” e conduziu à “preservação – acumulação e progresso”. RUTH BENEDICT refere-se a esse “processo essencialmente humano de inventar e transmitir suas invenções” como um

fenômeno diretamente relacionado aos seguintes elementos culturais: o domínio do fogo, a linguagem e as ferramentas de pedra”

(MELO, 1973, p. 24)

Reiterando, a cada passo rumo à civilidade dado pela humanidade, de acordo com a perspectiva eurocêntrica, acompanha uma inovação tecnológica; assim como a cada revolução tecnológica, o ser humano dá um passo rumo à civilidade. Por ora, não discorreremos acerca do ser bom ou ruim as inovações ou mesmo a necessidade humana em e distanciar do que é mais natural, afinal, talvez seja da natureza humana a aversão à natureza.

2.1. Investigações relativas à linguagem.

Os estudos de pesquisadores modernos de línguas antigas, aquelas que não possuem registros históricos materiais, e a ambição de determinar com propriedade uma “pré-história”³ da linguagem deram alguns frutos que, apesar de interessantes, até palatáveis, não puderam e não podem ser tomados com propriedade por figurarem como interessantes, não dão conta de responder a todos os questionamentos que surgiram e que ainda surgem com relação à gênese da propriedade linguística humana. A falta de material testemunhal para que se pudesse atestar com veemência uma conclusão impede que esses estudos sejam categóricos.

A questão para esses estudiosos é: há uma língua a partir da qual todas se desdobraram?

Uma questão interessante, que merece estudo, mas o que nos diz respeito é o uso, não o gênese.

O que podemos observar quanto à utilidade social é que toda e qualquer linguagem adquire, assim que postas na vida prática, certa associação e relação com a necessidade de correspondência política, obviamente quando posta numa relação menos privada.

³ Em Kristeva (1969): nesta obra é apresentada certa historicidade do estudo do que aqui chamamos, assim como na essa obra, “pré-história da linguagem” citando estudiosos e momentos distintos dessa investigação; assim como algumas metodologias e levantamento de possibilidades.

Para nós, interessarão as investigações e trabalhos realizados pelos helenos e helenistas no que se refere à teorização acerca da língua e linguagens, pelo menos neste primeiro momento. Os gregos não foram os primeiros, tampouco os únicos a se debruçarem e investigarem os objetos linguísticos. Entretanto, fato é que eles foram os que mais influenciaram as civilizações que se desenvolveram no ocidente, o que nos inclui, durante séculos. Segundo KRISTEVA (1969), “Estabelecendo as bases do raciocínio moderno, a filosofia grega forneceu também os princípios fundamentais segundo os quais a linguagem foi pensada até nossos dias”.

Demócrito, historicamente, foi o primeiro a contestar àqueles filósofos que atribuíam à língua um caráter materialista, como Heráclito, que afirmava que havia certo teor reflexivo entre as coisas nomeadas e seus nomes, como se o nome carregasse consigo partes indissociáveis daquilo a que nomeava. Demócrito atestava que os nomes se davam por convenção social. Em suma, o pensamento desse grego, e de outros pensadores que o procederam, “entende a linguagem como um sistema formal” (KRISTEVA, 1969) que se relaciona ao que está no mundo de maneira distinta, convencionalmente e arbitrariamente. A autonomia da língua estabelece conjuntamente a autonomia do sujeito que faz uso dela.

Uma vez sujeito, o uso que se pode fazer da linguagem pode ser vários. Os sofistas ganhavam a vida transferindo seus saberes acerca da linguagem para a construção de discursos capazes de cumprir seu papel de efetivo convencimento dos interlocutores daqueles que pagavam por suas aulas.

“[...] a escola retórica da Grécia se dedicou ao cuidado da **orthótes**, que aí já não tem o sentido de verdade metafísica; falar de modo justo (**orthós**) é usar uma linguagem correta. As palavras devem ser bem compostas, bem soantes e bem aplicadas.”

(NEVES, 2004, p. 41)

A língua era, no período homérico, uma ferramenta que poderia ser utilizada para transmitir ensinamentos através da criação e transmissão dos mitos visando ao estabelecimento de uma sociedade que dividisse os mesmos ideais espelhados em heróis e homens maiores.

A constituição das *polis* e, em Atenas, o advento da democracia faz surgir uma nova demanda que tinha na linguagem sua ferramenta essencial.

Nas decisões que eram tomadas em assembleias se fazia necessária a exposição de argumentos válidos sobre uma ou outra via que deveriam tomar em conjunto. Convencer o outro, ou outros, era, então, uma necessidade social, pois a decisão influiria na vida de todos. Logo, escolher os termos que comporiam o discurso de forma cuidadosa, procurando a correção na utilização dos nomes e das partes do discurso para que se evitasse qualquer defeito garantiria a efetivação de sua função primordial naquele contexto: convencer.

A construção do discurso, para os sofistas, executava uma função prática: persuadir seu interlocutor com uma construção bem acabada, sim, mas que poderia ser manipulada de acordo com a vontade daquele que o constrói, o que não lhe garante relação com a verdade. As palavras se relacionam dentro do discurso a partir do pensamento humano, segundo idealização sofística, não se estabelecendo qualquer investigação com o mundo externo a ele, para além da palavra. Para os sofistas, devido à preeminência do *logos*, é impossível falar falso. O discurso, para os sofistas, se relaciona somente consigo mesmo, assim o que é dito é verdade, não havendo possibilidade de falseamento discursivo, desde que as formas se associem a conteúdo, de maneira justa.

Mesmo que a relação entre as coisas e os nomes das coisas tenha sido estabelecida de maneira arbitrária através de convenções sociais, quando aceita e posta em uso, a relação *nome>coisa* se torna indissociável para aquela sociedade, mesmo que no decorrer do tempo o nome seja transferido para outra coisa, a relação primeira continua válida por causa da relação estabelecida na hora da escolha do nome.

Para Platão, a palavra não é autônoma, não se encerra em si de maneira reflexiva, mas, antes, se relaciona com algo que lhe é exterior. Dessa forma, contrariando o pensamento sofístico, é possível dizer verdades e mentiras, uma vez que não se respeita a relação *nome>coisa*. A palavra deve ser instrumento para a procura e estabelecimento da verdade porque as palavras são representações da realidade assistida e comungada por todos que fazem parte da sociedade. O exercício da dialética idealizado por Platão se contrapõe ao uso retórico dos sofistas por procurar a verdade através do uso da palavra.

Na obra platônica “Crátilo”, o filósofo trata da questão da justeza dos nomes.

“Contrariando à tese de Protágoras, as coisas existem por si mesmas, de acordo com sua essência natural; há nas coisas mesmas uma certa firmeza, uma essência permanente (386d), que não depende de nós e de nosso modo de vê-las. Há, pois, um *eîdos*, uma “ideia” das coisas. E, se isso ocorre com as coisas, assim também com as ações. [...] Logo, as ações se realizam segundo sua própria natureza, não conforme nossa opinião (387a). Assim, as ações também têm seu *eîdos*. Ora, falar é uma ação e, assim, tem também seu *eîdos*: falará justamente quem disser as coisas como elas devem ser ditas (387c). E, se o nomear é uma parte importante do falar, também há um *eîdos* do nome (387d).”

(NEVES, 2004, p.49)

Havendo, portanto, um *eîdos* em cada palavra que nomeia as coisas, objetos ou ações, entendemos com isso que a linguagem é em si uma arte, e como arte entendemos *téchne* e “a *téchne* é o fazer conforme a natureza, é o fazer de acordo com o *eîdos*” (NEVES, 2004).

O ato de nomear deve se relacionar com o plano do preexistente. Aquele que nomeia deve procurar a melhor maneira de dar nome ao que já faz parte da realidade dele mesmo e dos outros, mesmo que a existência ainda esteja no mundo das ideias, como algo planejado para se dar à luz. “Criar palavras consiste em encontrar um invólucro para essa ideia já existente.” (Kristeva, 1969)

Ora, se assim se pensa, o papel de nomeador, sendo de suma importância, não pode ser destinado a qualquer pessoa, segundo o pensamento Clássico. Essa *moira*, essa responsabilidade é destinada àquele que responsavelmente conhece o *eîdos* dos objetos, das coisas, por se tratar do mais raro dos *demiourgós*, é destinada ao *nomothétes*, ao legislador⁴.

A constituição do léxico de uma língua depende, indubitavelmente, da ação do homem no mundo, pois, é a partir das interações humanas com a realidade que as necessidades surgem; uma vez que essas necessidades precisam ser supridas, formas maquinais são idealizadas para a resolução de situação problema; ainda que a

⁴ KRISTEVA (1969) e NEVES (2004) nos ensinam sobre a importância da figura do legislador no ideário platônico. Dentro da utopia do filósofo, a importância do legislador em nomear aquilo que não possuía nome se pelo seu conhecimento adquirido a partir da sua relação com a natureza das coisas.

maquinação seja imaginativa, como o raciocínio para a solução de um problema, maquinações. Entretanto, a nós interessa mesmo o que se produz de físico como ferramenta construída pela humanidade. Uma vez que a ferramenta seja inovadora, o nome dela também será novo e será incorporado pelo léxico quando essa nova tecnologia se disseminar pela necessidade de outros seres humanos.

2.2. O Léxico da Língua Portuguesa.

A Língua Portuguesa, que é nosso instrumento primeiro de análise, faz parte de um grupo de línguas denominadas românicas, neolatinas, ou línguas latinas. Aqui, quando necessário, será utilizada a primeira nomeação citada. Essas línguas se formaram a partir do contato do Latim com outras línguas em momentos de expansão territorial de Roma. Na época, o latim que se misturava às outras línguas já se diferenciava da língua mãe, em geral, devido a fatores geográficos, e tudo o que se pode notar tendo esse fator como início de diferenciação.

O termo “Léxico” se refere à infinidade de palavras que compõem as línguas, e serve de objeto de muitos estudos por parte daqueles que desejam entender melhor o funcionamento das formas seja num plano macro ou micro; seja na maneira como as formas lexicais são compostas, seja na maneira como as formas lexicais se relacionam entre si.

LÜDTKE (1974) levanta um questionamento quanto a uma perspectiva que antigamente era disseminada entre os lexicógrafos em sua obra “*História del Léxico Románico*”. A perspectiva de que uma palavra só poderia ser considerada parte do léxico de determinada língua quando dicionarizado. Obviamente essa visão é considerada ultrapassada, mas pode nos servir para delinear um raciocínio.

Se uma palavra pode ser tida como parte do léxico de uma língua somente quando dicionarizada, isso quer dizer que somente as comunidades linguísticas com um nível civilizatório que façam uso da modalidade escrita possuem léxico? Há de se notar que os dicionários fazem uso de uma tecnologia que pode não ser comungada por todas as comunidades linguísticas. Há, ainda no século XXI, línguas somente orais, ignorando as técnicas de escrita. Para levarmos esse assunto adiante, demos voz ao próprio especialista.

“Sin embargo, no debemos olvidar los siguientes hechos:

- 1) Muchas lenguas de la tierra, posiblemente la mayoría, no son lenguas escritas, sino sólo habladas. Es más, no hay una lengua que sea sólo escrita. La lengua hablada es universal, la escrita no.
- 2) Todas la lenguas escritas actuales fueron, en alguna época anterior, sólo lenguas habladas, no escritas.
- 3) Incluso en una sociedad altamente civilizada, con gran consumo de papel, no hay persona que, día a día, no hable más de lo que escribe y oiga más de lo que lee”

(LÜDTKE, 1974, p. 12)

Dessa maneira, quando estudamos o léxico, devemos partir, sempre que possível, da língua falada, partir do que “vai na boca do povo”, ou seja, algo que, de fato, já está estabelecido. A fala em si não existe, mas, antes, acontece. Quando se trabalha tendo como objeto o léxico, devemos tê-lo como parte integrante da língua, assim como a fonética, a morfologia, a semântica. Além de ter clara a impossibilidade de se trabalhar com a língua falada como material passível de observação empírica. A fala é fenômeno, não um sistema estabelecido (LÜDTKE, 1974).

Como anteriormente neste trabalho, a Língua Portuguesa faz parte de um grupo de demais línguas que se enquadram no que chamamos de línguas românicas. Esse grupo linguístico pode ser entendido em sentido estrito como as “continuadoras” do latim (LÜDTKE, 1974), assim como “catalão, sardo, italiano francês, espanhol”, ainda podendo abranger alguns dialetos e mesmo outras línguas que com o passar dos vários séculos se extinguiram. Há outra perspectiva mais ampla, a de que as línguas citadas não são filhas do latim, uma vez que este último persiste em Roma como língua, evoluindo, assim como todas as línguas vivas, por estar viva; sofrendo, inclusive, influência das línguas românicas em sua constituição, o que inclui o latim no rol de línguas românicas. Prova disso pode ser a comparação entre o latim atual e o latim do tempo de Cícero (LÜDTKE, 1974).

Perceber a Língua Portuguesa como língua românica nos faz perceber de onde o léxico de nossa língua teve origem, carregando consigo novas possibilidades de se ver o mundo e com este interagir. A parte que mais nos interessa quando olhamos para as

influências de outras línguas no léxico latino é, sem dúvidas, a do mundo helênico e heleno.

A Grécia, antes do estabelecimento de relações com Roma, tinha forte influência econômica e política na região em que se encontra, exatamente por sua posição geográfica privilegiada. A relação entre os macedônios e o mundo grego, principalmente com o mais importante deles dos macedônios, Alexandre, o Grande, que foi responsável pela disseminação do *modus vivendi* helênico dentro do território que vinha a ser seu Império demonstra a importância dada à civilização grega, exatamente por ser, dentre as que a rodeavam a terra natal do imperador, uma das mais civilizadas culturalmente. Conta-se que Alexandre ia às suas incursões levando consigo, sempre, uma edição manuscrita da *Ilíada*, a qual a anedota diz que usava como travesseiro; além, do fato sabido de que seu preceptor era nada mais nada menos que o filósofo que viveu em Atenas, sendo discípulo de Platão, Aristóteles, fundador do Liceu. A importância política da língua grega devido a sua importância política está atrelada.

“Hablemos ahora de la influencia del latín o, dicho de manera más general, del influjo de la cultura mediterránea, en tanto que lengua latina. Esta influencia se extendió fundamentalmente a todas las lenguas del Imperio romano. Bien es verdad que la parte oriental (aproximadamente la mitad oriental) tuvo una situación privilegiada. Antes de la llegada de los romanos era el griego el que dominaba en esta parte, como consecuencia de la conquista de Alexandre Magno. Mantuvo su posición dominante durante todas las épocas del Imperio romano. Los límites entre las zonas de influencia latina y griega estaban en la comarca del bajo Danubio.”

(LÜDTKE, pg. 30)

Muitos territórios que vieram a ser incorporados por Roma eventualmente, à época, eram culturalmente influenciados pelos gregos, claramente a língua era um dos fatores de influência.

Até o século III, a Grécia foi, indubitavelmente, a civilização de maior importância na Europa devido suas relações políticas, econômicas e culturais com as demais civilizações fato que explica, inclusive, porque a língua grega foi, historicamente, a que mais forneceu empréstimos lexicais à língua latina, tanto na língua falada quanto na língua culta. Outra anedota diz que, se fosse real a frase de Júlio César,

após o clímax da conspiração que levou o imperador a ser várias vezes apunhalado pelas costas até mesmo por seu amigo pessoal, Marco Júnio Bruto, ele não diria: “Et tu, Brute?!”; mas, antes: “καί σὺ, βρυτῆ;”, devido a importância que a língua grega na época, servindo, até, como símbolo de *status*.

Fato é que a contribuição lexical grega ao latim foi profícua, seja de forma direta ou indireta. Muitos empréstimos que realizados pelo latim se deu a partir do contato com outros povos que, por sua vez, agregaram a sua própria língua formas lexicais gregas. Caso em que se pode supor este movimento, cita LÜDTKE quando fala da relação entre os gregos e etruscos. A relação entre esses dois povos se deram concomitantemente ao contato dos gregos e romanos, ou, quiçá, anteriormente. Tanto etruscos como romanos receberam influência em seu léxico dos gregos, além daqueles também manterem relações em si, o que, apesar de não se pode afirmar com toda a certeza, nos dar a suposição de que algumas palavras do léxico grego tenham sido passadas indiretamente através dos etruscos.

Os empréstimos lexicais cobrem várias classes gramaticais sendo de várias modalidades (empréstimos vocabulares, de formação e semânticos, assim como aqueles em que há modificação no campo semântico) sobre os quais não nos cabe discorrer aqui e agora, afinal, essa parte do trabalho se presta mais a justificar a relação histórica entre as línguas que refletirá nas demais línguas românicas.

O fenômeno sobre o qual vimos discorrendo até o momento podemos acomodar numa linha temporal inicial, ainda no estabelecimento do latim como uma língua. Na ascensão do latim enquanto dialeto à língua. Nessa linha, é importante notar os empréstimos que vieram num último fenômeno cultural/histórico de suma importância para a língua latina é que o advento do cristianismo, uma vez que, devido à importância da língua grega, foi nela em que se foi procurar por lexemas que dessem conta da nova realidade vivida no império romano.

“Son características del préstamo directo de palabras griegas las denominaciones del edificio para culto cristiano. No se toma **templum**, por estar asociada esta palabra a muchas ideas paganas, sino en su lugar, se usaron las gr. ἐκκλησία y βασιλική.”

(LÜDTKE, 1974, p.59)

Além dos lexemas citados acima pelo autor, ligados ao cristianismo, muitos outros que nominam “cargos” clericais, ou ainda atos litúrgicos, foram adotadas pelo latim para dar conta dessa novidade. Há de se notar que o Novo Testamento foi escrito, não em sua totalidade, mas, essencialmente, em grego; mais especificamente em um dialeto denominado *koiné*, que era o grego falado pelos judeus da época em que foram escritos os livros que compõem a obra religiosa. E, assim como os empréstimos anteriores, os desse tipo também são prolíferos e cobrem muitas classes gramaticais e formas de empréstimos. Sobre esses lexemas pretendemos nos debruçar com mais atenção no decorrer da análise das entradas lexicais na Língua Portuguesa mais a frente.

O Império Romano conheceu seu apogeu no século II d.C, tanto em sua importância militar, quanto política e influência religiosa. O que se nota historicamente no que se segue é a imensa onda de invasões de povos, os quais os romanos denominavam *bárbaros*, que cindiu o Império politicamente por se tratar de um território grande demais para que se pudesse governar de forma centralizada como vinha sendo até então.

“Com as invasões germânicas no Ocidente e eslavas no Oriente, ocorreu uma grande fragmentação política e linguística, e os povos falantes de latim localizados em províncias tão distantes como a Dácia e a Lusitânia mantiveram traços de romanização em graus variados, que dependiam, basicamente, da antiguidade da romanização, do período em que ficaram submissas ao Império, e da profundidade dos contatos; essas províncias, então, acabaram desenvolvendo dialetos mais ou menos próximos ao latim vulgar. O desenvolvimento da România posterior, ou România Medieval, deu-se em parte por causa desses fatores, mas também dependeu dos contatos linguísticos com os povos falantes de outras línguas que já se encontravam nos territórios conquistados (falantes das chamadas línguas de substrato), com os falantes das línguas dos povos que vieram a conquistar os territórios romanizados (falantes das línguas de superestrato) e com os povos falantes de línguas como o grego, que conviveram com os falantes de latim em várias regiões em situação de bilinguismo por muito tempo (falantes de línguas de adstrato).”

(GONÇALVES e BASSO, 2010, p.41)

O que determinou a instituição das línguas românicas, como se diz, foi a forma e o tempo de contato entre o Império e as áreas dominadas. Assim, às áreas de maior contato, uma maior influência, de menor contato, uma menor influência. Com a queda do Império Romano em 476 d.C., regiões como as em que hoje se instauram nações como a Inglaterra, a região dos bascos, parte do que hoje é a Bélgica e outras áreas em que a dominação romana ocorreu de maneira que podemos chamar de fraca, “acabaram desenvolvendo línguas não românicas, ainda que mantivessem influências do latim vulgar em seu substrato” (GONÇALVES, BASSO, 2010). Ainda nas regiões em que o latim mostrou-se mais influente, a distância entre os falantes dessas regiões e o latim original era bastante grande. Dialeto surgiram dentro desses lugares e tomaram força, se distanciavam do latim culto, e mesmo da primeira modalidade de latim vulgar que os influenciaram.

Entre invasões bárbaras e movimentos de reconquista, estão os movimentos inerentes ligados a desenvolvimentos e movimentos linguísticos importantes para nossas análises. A efetiva constituição de Portugal como nação na península Ibérica e a evolução de uma língua portuguesa a partir de todo o movimento que tentamos traçar até este momento neste texto nos mostra como a constituição lexical de nossa língua vem fixando era a era e assim podemos entender sua formação.

“Um dos momentos mais importantes da história de Portugal se deu em virtude das alianças políticas derivadas dos movimentos de Reconquista. Assim, em virtude de seu sucesso na luta contra os árabes, D. Raimundo e seu primo D. Henrique receberam, respectivamente, de D. Afonso VI, rei de Leão e Castela, sua filha Urraca e a região da Galiza, e sua filha bastarda Tareja e a região desmembrada da Galiza chamada Condado Portucalense. D. Henrique administra o condado sob a tutela de D. Raimundo, de modo que o condado ainda fosse submisso à Galiza. No entanto, D. Henrique, ao morrer, deixa o comando do condado a sua mulher, Tareja. Seu filho, D. Afonso Henriques, descontente com a nova vida amorosa de sua mãe, em 1128 vence a batalha de São Mamede e se proclama rei. Em 1143, Afonso VII, rei de Leão, reconhece sua realeza, que foi ratificada pelo papa Alexandre III em 1173. Portugal passa a ser, então, independente da Galiza, e D. Afonso Henriques continua a expansão em direção ao sul, que D. Afonso III completa em 1250, com a conquista do Algarve, de modo a fixar as fronteiras

atuais de Portugal. Durante todo esse período, até o século XIV, a língua de Portugal e da Galiza era a mesma, o galego-português.”

(GONÇALVES, BASSO, 2010, p. 75)

A história das nações europeias enquanto constituição política, tomada de poder por uns, perda de prestígio por outros entre o início do calendário cristão e o ano de fundação do reino de Portugal é marcada por disputas acirradas, de perdas irreparáveis no que tange dialetos e mesmo idiomas que se encontravam nos campos de batalha (GONÇALVES, BASSO, 2010). Mas é preciso darmos alguns passos atrás para justificar o que argumentaremos adiante.

2.3. Projeto de nação português para Portugal.

É importante para o nosso trabalho notar que, obviamente, o Renascimento Cultural ocorrido no século XV foi importantíssimo para a nova onda de empréstimos lexicais devido a sua influencia nas ciências e técnicas que vieram a nascer. No entanto, houve, anteriormente, um fato que nos é crucial. Durante o Império Carolíngio, nos anos finais do século VIII d.C., Carlos Magno conseguiu alcançar muitas vitórias na tentativa de resgatar o Império Romano no Ocidente. Viemos demonstrando a importância do ideário grego na constituição do Império Romano, assim, a nós nos parece clara a retomada de certas práticas gregas que influenciaram os latinos e que influenciariam, por sua vez, os demais povos que se encontravam sob o jugo do Império Carolíngio.

“No final do século VIII Carlos Magno conseguira reunir grande parte da Europa sob seu domínio. Para unificar e fortalecer o seu império, decidiu executar uma reforma na educação. O monge beneditino Alcuíno criou um projeto de desenvolvimento escolar que buscou reviver o saber clássico estabelecendo os programas de estudo a partir das sete artes liberais: o trivium, ou ensino literário (gramática, retórica e dialética) e o quadrivium, ou ensino científico (aritmética, geometria, astronomia e música). A partir do ano 787, foram emanados decretos que recomendavam, em todo o império, a restauração de antigas escolas e a fundação de novas. Institucionalmente, essas novas escolas podiam ser monacais, sob a responsabilidade

dos mosteiros; catedrais, junto à sede dos bispados; e palatinas, junto às cortes.”

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Renascen%C3%A7a_carol%C3%ADngia)

Para o bem ou para o mal, Carlos Magno via a possibilidade de sucesso em suas empreitadas e mesmo a manutenção de seu império ser apoiada em uma elite que, para ele deveria ser culta, uma vez que o aumento gradual de nobres avolumava-se em seus domínios. Para tanto, procurou atrair para seu reino uma quantidade significativa de letrados e estudiosos de várias regiões do Ocidente e do Oriente (VIEIRA, 2010). Notemos que, apesar da forte influência do cristianismo no Império Carolíngio, a quantidade de pensadores e intelectuais nessa época foi vital para que a retomada dos paradigmas da era antiga e clássica pudessem reflorescer nas artes e modo de pensar, como a prática de exercícios retóricos e dialéticos nas escolas, e mesmo, pensamentos mais ligado ao que hoje determinamos como pertencentes à área das exatas, como o da geometria, astronomia e música.

O renascimento carolíngio foi de suma importância para que as formas lexicais ora tomadas por empréstimo de outras línguas que anteriormente tiveram contato com o latim se cristalizassem e fossem lexicalizadas consequentemente pelas demais línguas que posteriormente sofressem influência do Império.

Com esse raciocínio, a forma como as nações europeias se desenvolveram, inegavelmente, se deu com certa influência, mesmo que indireta, de pensamentos que foram idealizados na Grécia clássica e antiga.

Quando lembramos das aulas de literatura e história assistidas na escola e faculdade, uma frase que sempre é martelada quando se fala do Renascimento que aconteceu entre meados do século XIV e o final do século XVI é que este movimento foi influenciado grandemente pela literatura clássica greco-romana, assim como por todo o prisma que se refere às artes. Camões à época fez renascer o gênero épico com sua principal obra, *Os Lusíadas*.

Em *Os Lusíadas* vemos a construção do discurso através dos versos de um imaginário que se devia prestar como grande propaganda dos feitos dos heróis de sua época. A narrativa que retoma o modelo épico, influenciado pelos cantos gregos e, posteriormente romanos, procura nesse gênero literário a grandeza das nações de onde se bebe da água.

Textualmente podemos ler a partir do verso 17 do primeiro canto quais foram as obras a que o poeta recorreu para compor sua obra quando diz:

“Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram,
Calle-se de Alexandre e de Trajano
A fama das victorias que tiverão,
Que eu canto o peito ilustre Lusitano
A quem Neptuno e Marte obedecêrão;
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.”

(CAMÕES, 1639)

A forma, o estilo e ainda o léxico escolhido pelo autor da maior epopeia portuguesa já escrita carrega consigo o atestado da necessidade em ser grande, em mostrar que Portugal era grande, capaz de feitos heroicos através de sua boa gente guerreira.

Discursivamente a obra carrega o ideário pretendido pela nação portuguesa. Mas perceba-se: a comparação entre Portugal e o Império Romano e a Grécia Antiga devia restringir-se enquanto importância de sua grandeza, assim como de seus feitos e de suas figuras heroicas; todavia o que quiseram transmitir foi que a força era de uma nação. Não descabidamente o que se deva cessar fossem os cantos das Musas que eram antigas; tampouco não é sem intenção que o que se “alevanta” é posto em um tempo verbal que se relaciona ao presente. A modernidade e os feitos das personagens no poema se ligam a uma ideia de modernidade que se comungava em Portugal ligada às navegações.

“Sem dúvida, a descoberta de novas terras, a ampliação geográfica do mundo são feitos adequados a uma nova era, que, a partir do incremento do mercantilismo e das decorrentes mudanças sociais, rompe de maneira decidida com o período medieval.”

(PEREIRA, 2000, p. 2)

O mundo europeu renascentista estava em processo de mudança, mudança rápida devido a, exatamente, estar sendo acossado pela ideia de modernização. O feudalismo

estava em crise; as formas de poder vigentes na época estavam em crise. Uma nova classe social apresentava-se ao jogo e, posteriormente, viria modificar completamente as formas de organização e relações políticas do velho mundo. Com o nascimento da classe burguesa e o incremento do mercantilismo, novos ventos sopravam sobre velas de Portugal que na época era uma nação que, devido seu investimento em tecnologias navais e a sorte de sua posição geográfica, se apresentava como uma nação com poder para governo (PEREIRA, 2000). Para tanto, o discurso nacionalista presente n^{Os} *Lusíadas* se apresenta como ferramenta efetiva para atacar o *pathos* e entusiasmar seu povo propagandeando um imaginário.

O papel das epopeias gregas era, sem dúvida, servir como ferramenta que ensinasse seu povo a se espelhar nos heróis que protagonizavam as aventuras proferidas pelos *aedos*. Não em vão, as apresentações dessas obras, ainda quando existiam apenas enquanto tradição oral, aconteciam em situações em que houvesse plateia numerosa, ouvidos que pudessem se deleitar com os cantos que fariam bem às almas enriquecendo-as com conhecimento daquilo que somente as divindades sabiam, segundo o ideário da época. A exortação nos cantos épicos gregos era destinada às musas:

“A ira, Deusa, celebra do Peleio Aquiles,
o irado desvario, que aos Aqueus tantas penas
trouxe, e incontáveis almas arrojou no Hades
de valentes, de heróis, espólio para os cães,
pasto de aves repaces: fez-se a lei de Zeus;
(...)”

(HOMERO, I, 1-5⁵)

“O homem multiversátil, Musa, canta, as muitas
errâncias, destruída Troia, pólis sacra,
as muitas urbes que mirou e mentes de homens
que escrutinou, as muitas dores amargadas
no mar a fim de preservar o próprio alento

⁵ *Ilíada de Homero: vol. I*; tradução de Haroldo de Campos, introdução e organização Trajano Vieira – 4. Ed. – São Paulo: Arx, 2003

e a volta aos sócios(...)”

(HOMERO, I, 1-6⁶)

Os deuses gregos eram perfeitos mesmo com suas imperfeições porque eram eternos. Eram símbolos a serem imitados, assim como seus filhos semideuses como Aquiles, para aproveitar o exemplo citado. As narrativas eram carregadas de fatos e ações que determinavam como os demais seres humanos deviam se comportar dentro da sociedade grega individualmente e para com os outros. Todo herói deveria ser mostrado quando evocado pelo canto de uma maneira que os gregos vislumbrassem seu caráter καλὸς καὶ ἀγαθός (*kalós k'agathós*), *nobre e bom*.

A importância da figura heroica n^os *Lusíadas* é evidente quando aos heróis cabe a cabeceira do canto de abertura. Diferentemente das epopeias gregas e mais próximo à epopeia romana, a exortação às musas vem em segundo plano.

Virgílio, em sua *Eneida*, põe a si mesmo em evidência, no início de sua obra como que para exemplificar a grandeza de seu povo romano que descende do grande Eneias, fundador de Roma.

“Eu, que entoava na delgada avena
Música rude, e egresso das florestas,
Fiz que as vizinhas lavras contentassem
A avidez do colono, a campestinos
Grata empresa; de Marte ora as horríveis
Armas canto e o varão que êxul de Troia,
Primeiro os fados prófugo aportaram
Na Hepéria Lavino(...)”

(VIRGÍLIO, I, 1-7⁷)

⁶ *Odisseia / Homero*; edição bilíngue; tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira; ensaio de Italo Calvino – São Paulo: Ed. 34, 2011. 816 p.

⁷ VIRGÍLIO. *Eneida brasileira: tradução poética da epopeia de Públio Virgílio Maro / Virgílio*; organização: Paulo Sérgio de Vasconcellos e al.; tradução Manuel Odorico Mendes; - Campinas. SP: Editora UNICAMP, 2008.

A presença da musa na epopeia lusitana só se faz presente no verso 25 do canto inaugural. A importância, antes, é dada aos heróis que puderam içar a nação a patamares dignos de nota.

“As armas e os barões assinalados
Que da Occidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passarão ainda além da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificarão
Novo Reino, que tanto sublimarão”

(CAMÕES, I, 1-8)

Comparativamente, podemos analisar a escolha no que se queria dar ênfase em cada uma das epopeias citadas e assim, notamos, claramente, que, mesmo que se quisesse seguir a tradição de se relatar o nascimento e expansão de uma nação, como nos casos da *Eneida* de Virgílio, assim como d*Os Lusíadas* de Camões; ou ainda realizar uma obra que se quisesse exemplar como todas elas, o modelo epopeico traria certa carga de importância para as obras. Os discursos que cada uma das obras carrega se liga diretamente à necessidade de demonstrar através do exemplo como cada um dos concidadãos dos autores deveria se portar para que sua nação se tornasse ou continuasse grande. Cada uma delas vem servir de modelo civilizatório, mesmo que repletas de ações e atitudes, por parte de suas personagens, que para nós possam parecer bárbaras. Importante notar que as realizações fora do contexto civilizado, em cada um dos poemas épicos, aconteciam em lugares distantes das *pólis* e cidades, em ambientes campestres e mesmo selvagens. Ainda, todas essas ações são postas para contrapor o caráter dos heróis às situações porque passaram numa clara dicotomia civilizado versus bárbaro.

As obras literárias nos serviram para que pudéssemos apontar parte do discurso que para nos interessa em nosso trabalho, pois as artes literárias são postas à luz exatamente para dar ênfase, ou por em evidência discursos correntes na sociedade em que estão inseridas.

Em Portugal, a obra de Camões era mais do que entretenimento. Era um ato político; uma ferramenta útil à situação em que se encontrava, uma situação de

afirmação de sua importância como nação dentro de um quadro em que estavam postas outras nações que também vinham participando do jogo que visava ao alcance da modernidade. O fervilhar de novas tecnologias, a necessidade de expansão de mercado, assim como a de ambientes próprios para produção de artefatos que eram de interesse dos mercados consumidores que acossavam as nações na corrida rumo a um *status* que pudesse suprir àquelas demandas.

3. A importância da imprensa no processo civilizatório

A evolução dos gêneros textuais acontece conjuntamente à necessidade humana de expressar e fazer conhecer suas realizações, seja uma epifania espiritual, uma crítica à sociedade ou a cooptação ao *status quo*, ou ainda propagandear um novo artefato que se possa adquirir para que as vidas sejam facilitadas.

A imprensa, ou antes, a tipografia, é em si um aparato tecnológico que trouxe grandes benefícios às sociedades, tornando-se essencial para as demandas de um mundo em que no momento de seu nascimento se distanciava da grande recessão porque passava a Europa Ocidental e experimentava certo progresso.

Entre os séculos IX e XI as modalidades mercantis estavam restritas ao mercado, ainda muito modesto, dentro das cidades, geralmente ladeando as abadias, ou castelos dos senhores feudais, ou convergências fluviais onde se efetuavam trocas de produtos da terra ou artigos manufaturados artesanalmente. O mais próximo que temos de uma transação comercial que para nós nos parece mais comum acontecia pelas mãos de mercadores itinerantes judeus que viajavam de cidade em cidade vindos de territórios mulçumanos trazendo artigos de alto valor e/ou especiarias do oriente (MELO, 2003).

Fato é que, séculos o *modus vivendi* europeu era assaz campestre, campesino, quase envolto em uma penumbra densa que punha a população em um breu de ignorância. Desde a população mais rural aos nobres dos castelos, o número de analfabetos era muito grande, assolando a grande maioria da população geral da Europa. Uma ilha neste vasto mar de desconhecimento era a Igreja Católica que, disputando o poder político com os monarcas, se apresentava como a grande detentora dos conhecimentos de escrita e leitura de modo que “as produções culturais da época confinavam-se aos bispados, abadias e mosteiros” (MELO, 2003).

Conhecimento é poder, um poder que com o nascimento do capitalismo se procurou alcançar para dar conta de demandas que advieram aos processos mercantilistas.

“Não obstante o Império Bizantino tivesse repellido a invasão árabe, continuando sob o domínio as águas do mar Adriático e do mar Egeu, a verdade é que o seu comércio também se enfraqueceu. Isto não impediu, todavia, que Constantinopla e algumas cidades italianas, como Veneza,

procurassem superar as naturais dificuldades para prosseguir o comércio interrompido com as regiões orientais em poder dos mulçumanos. Explica Pirene que isto se deveu ao fato de ser o espírito de cobiça, naquelas cidades, mais poderoso que o escrúpulo religioso. Tanto assim, que o interesse mercantilista levava-os a proclamar: não importa a religião dos clientes, contato que paguem. Dentro de pouco tempo, Veneza e as cidades bizantinas da Itália alcançariam um elevado nível de progresso econômico, o que repercutiria posteriormente na esfera social e cultural.”

(MELO, 2003, p. 29-30)

O século XI é um marco para as mudanças necessárias para o desenvolvimento de novas configurações sociais na Europa. Após anos a fio de estagnação imposta pelas conquistas bárbaras e a invasão dos sarracenos, ao passo que a cada conflito enfrentado realizam-se evoluções e devastações, enriquecimento de uns e empobrecimento de outros, desenvolvimento de um lado e degradação de outro, o advento das cruzadas para o homem europeu pode ser notado como o grande possibilitador da abertura de novos rumos a serem trilhados pelo continente.

O comércio europeu renasce efetivamente e efervescientemente havendo transações de mercadorias, seja por vias aquáticas seja por vias terrestres, que invadem os castelos e os burgos (organização social urbana relativamente nova na época) oferecendo os mais diversos produtos estrangeiros carregados do oriente para o ocidente a muito custo. Com isso originam-se as feiras e funda-se o mercado, que mais se assemelha à constituição de mercado que conhecemos hoje. Um novo grupo social se estabelece nas novas cidades, devido estar em sua maioria residindo em burgos, definindo-se burgueses.

“Esses acontecimentos consolidam a formação de um novo grupo social nas cidades então existentes, sobretudo nas cidades italianas, incluindo marinheiros, prestamistas e os emergentes banqueiros, embrião da burguesia comercial. Concomitantemente, começa a ruir o ‘edifício social do feudalismo’ ao se tornar efetiva a reação dessa ‘nova classe de mercadores e marinheiros contra os velhos agregados senhoriais, possuidores de vastos domínios agrícolas.’”

(MELO, 2003, p. 30-31)

A população que era, anteriormente, basicamente rural vê nas cidades a possibilidade do sentimento de liberdade, poderiam ver a si mesmos livres do julgo dos senhores dos feudos. A cidade oferecia aos seus habitantes mais do que a liberdade de movimento, antes, numa circunstância em que a vida que começa a orbitar o capital, dá-lhes a liberdade de posse, de propriedade. Os homens não necessitavam mais viver presos a uma relação de vassalagem, pagando tributo ao seu senhor. Agora, o homem queria ser dono de seu próprio chão, ter bens que lhe garantissem *status*, imóveis que pudessem, inclusive, hipotecar, se fosse da sua vontade (MELO, 2003).

Essa nova classe, homens livres, visando à ascensão social e econômica, põe em prática seu gênio inventivo melhorando suas produções qualitativa e quantitativamente. Aperfeiçoam suas técnicas para melhor servir ao público. Para além do aperfeiçoamento das técnicas de produção, com o desenvolvimento de novas tecnologias, ainda simplificadas, o homem medieval nota que o que o distinguiria do antigo *status* não estava somente no que tange o material, mas, também, em seu desenvolvimento intelectual. Aqueles que poderiam dar conta de pagar pela educação, naquele momento, dedicavam-se aos estudos da escrita, da numeração, da geografia. Obviamente matérias que poderiam ser utilizadas de maneira pragmática em suas atividades mercantis. Surgem, para suprir essas demandas educacionais, as escolas leigas.

“A partir do século XI, com a expansão e o renascimento do comércio europeu, os mecanismos da atividade mercantil apresentam-se mais e mais complexos (começam a circular as letras de câmbio, surgem as agências bancárias e várias outras formas de agências comerciais), que exigem a escrituração contábil, a correspondência comercial, as informações sobre as flutuações do mercado, como recursos indispensáveis às grandes empresas já constituídas.”

(MELO, 2003, pg. 39)

O serviço burocrático era realizado pelos estudantes das escolas leigas, fundadas por comerciantes ricos justamente para gerar uma casta de “jovens adestrados para o comércio ou a burocracia” (MELO, 2003).

O que era monopolizado pela igreja até então, agora alcança um número maior de indivíduos, claro que longe de uma universalização, mas um número que destoa bastante do que se assistia até o momento. Uma elite se avulta e detêm o conhecimento

relacionado ao funcionalismo especializado inicialmente. As áreas de atuação dos estudantes das chamadas escolas leigas dentro das cidades eram as ligadas às finanças, guerra (que sempre teve seu caráter comercial, por movimentar economias) e direito. Esse tipo de educação se disseminou por várias cidades da Europa, e, com o desenvolvimento cada vez maior das áreas urbanas, os mecanismos de controle populacional também se incrementaram, o que criou a necessidade de uma nova modalidade de servidores. Estes foram buscados entre os letrados formados nas escolas leigas.

Entretanto, é com a criação das universidades europeias que vemos a formação efetiva de uma elite intelectual. No século XII, fundaram-se as universidades de Bolonha e a de Paris. No século seguinte, surgem as de Cambridge, Oxford e Salamanca. O homem livre capitalista tinha sede de conhecimento e, agora, procurava a universalidade do saber dentro, obviamente, de seu nicho social. Por um curto espaço de tempo, mas o bastante para impactar essa nova Europa, as universidades foram gratuitas (MELO, 2003).

Com a efervescência cultural, a demanda de livros manuscritos se tornou muito grande, o que dificultava o acesso. O comércio editorial elevou os preços de suas obras o que não impediu de serem disputadas por estudantes e colecionadores ávidos por mais um livro em suas estantes.

Saídos de uma era em que não se lia porque a leitura era benefício tido por poucos, o contato do homem medieval com a literatura, que traz em seu bojo todo um patrimônio cultural da Antiguidade, o faz vislumbrar uma possibilidade de mundo diferente do qual ele estava inserido. Consequentemente, esse contato influenciou os movimentos civilizatórios. Importante destacar ainda o contato com outras culturas proporcionado pelas viagens que gradualmente ampliavam as rotas comerciais. Conjuntamente, esses dois fatores mostraram a faceta ambiciosa do homem que se letrava e almejava ampliar, assim como as rotas de navegação, seu universo intelectual, pois estava ansioso para obter novo conhecimento acerca de tudo que lhe parecesse intelectualmente instigante e lucrativo.

Com tanto material sendo manuscrito na Europa, livros para os ávidos por conhecimento, estudantes de escolas leigas e universidades; papéis burocráticos para os ávidos pelo comércio, banqueiros, juristas e os demais; a invenção de Gutenberg, a tipografia, permitiu “a reprodução rápida de um mesmo texto e ofereceu à linguagem

escrita as possibilidades de uma difusão que o manuscrito não tinha” (ALBERT, TERROU, 1990).

Podemos dizer que a invenção de Gutenberg surge como uma resposta ou certa correspondência a mecanismos que faziam parte da vida humana num jogo evolutivo, uma vez que a invenção faz uso de tinta, papel, prensa, alfabeto, metal, que se tratam de artigos já usados pelo homem.

“O certo, no entanto, é que a imprensa veio atender às necessidades crescentes de produção de livros, a fim de satisfazer às solicitações da elite intelectual forjada pelas universidades e pelo movimento renascentista.”

(MELO, 2003, p. 42)

Obviamente, a importância dada ao papel do serviço de prensa no que diz respeito à produção de livros para as instituições de ensino realmente é muito grande, mas não exclusiva. A demanda de produção de papéis utilizados pelas atividades mais ligadas ao trabalho comercial e industrial, e onde morava a burocracia, atividades estas que nasceram gêmeas aos burgueses, também propulsionaram o sucesso da tipografia. Ainda, a invenção atendia aos interesses da Igreja na reprodução de imagens de santo, indulgências, orações, entre outros instrumentos utilizados nas liturgias cristãs que serviam a uma maior popularização da religiosidade. E, seguindo a vontade de popularização, talvez o fator mais importante para nosso assunto, o homem renascentista, livre, via na nova tecnologia a possibilidade de satisfazer sua curiosidade quanto ao que lhe era hodierno, o que veio a dar à luz a imprensa periódica.

“[...] o cidadão que deseja conhecer a vida do grupo social ao qual ele pertence e que ultrapassa suas relações primárias; o comerciante burguês e banqueiro que não pode ter sucesso em seus negócios se não estiver informado dos preços das mercadorias e da sua acessibilidade, que depende da conjuntura política; os cidadãos, ansiosos por sua participação no exército da Itália que tem sede de informações precisas; o Rei, para defender sua política, que procura atingir a opinião.”

(MELO, 2003, p. 43)

Fato interessante a se notar é que aqueles estudiosos que se dispuseram a debruçar-se sobre os materiais produzidos pela invenção de Gutenberg escolheram analisar, em sua maioria, as produções ligadas à literatura e ao jornalismo das várias épocas. A literatura, por se tratar de um tipo de produção completamente ligada às artes, demonstra os avanços que a humanidade realizou através dos anos com relação à sua expressão do que lhe era e é mais interior; e o jornalismo em que, por mais que se deseje alcançar certo distanciamento para que se busque imprimir nas notícias graus de imparcialidade, ainda assim, nele, podemos ler muita intenção literária. O que era impresso e se ligava às áreas mais burocráticas do comércio e administração ficou um tanto deixado de lado pelos estudos que utilizaram os produtos de imprensa como *corpus*.

Por sua vez, o gênero propaganda nasce conjuntamente à imprensa periódica procurando imprimir em seus textos algo que chamasse a atenção de possíveis consumidores. Artistas se esmeravam em criar logotipos, assim como se preocupava com a disposição dos textos no afã de imprimir algo de estético que personalizasse as instituições favorecendo-as no novo sistema, que era assaz competitivo, de estrutura capitalista.

Dado o momento histórico, podemos afirmar que a propagação da invenção de Gutenberg foi disseminada pelo continente europeu com grande velocidade. Na Alemanha, a *tipografia* é fundada em 1450, na Itália, 1464, na Suíça, em 1467, na França, foi fundada em 1470, na Holanda 1472, na Hungria e na Espanha, concomitantemente em 1473, na Bélgica, em 1474, na Polônia, 1475, na Inglaterra, 1476, na Áustria, em 1482, assim como na Dinamarca, na Suécia, 1487, e, finalmente, o que nos interessa particularmente, em Portugal a primeira tipografia é instalada em 1487 na cidade do Faro (MELO, 1973) .

Devemos ter em mente, é claro, que os materiais impressos não alcançavam a totalidade das pessoas que compunham as nações que deles faziam uso, mas, sim um nicho restrito no início de sua existência. Afinal de contas, o número de pessoas letradas era muito pequeno, e quanto mais pobre a classe, maior o número, consequentemente, menor o acesso. A imprensa como ferramenta, fosse qual fosse, era prerrogativa de uma minoria que compunha a elite intelectual de cada uma das nações.

Algo que podemos citar como benefício advindo com a imprensa desde sua gênese com aumento gradual ano a ano foi que, contrariando o que pretendia a Igreja, que era

uma Europa unificada sob a égide da religião cristã, o sentimento de nacionalismo anda de mãos dadas com a afirmação das línguas regionais e de certa centralização dos poderes na figura dos monarcas. O uso das línguas regionais nos materiais de imprensa atua conjuntamente com o estímulo de produções literárias vernáculas o que, para Weber, pode ser chamado de “consciência do valor da nacionalidade intrínseca” (MELO,2003). O latim que ainda era usado em atos litúrgicos ainda é a língua dos saberes como a filosofia e as áreas das ciências, mas não impediu que as línguas europeias se desenvolvessem de modo a imprimir sua própria identidade enquanto vernáculo.

Entre idas e vindas, assiste-se à evolução dos serviços de prensa e imprensa. Houve momentos, como durante a inquisição, em que algumas obras foram tachadas e proibidas de serem publicadas. Censuras como a aprovada pelo Concílio de Trento, assim como decisões de alguns monarcas que desejavam manter certo controle do corria por seus domínios. Por outro lado, a censura não era capaz de impedir a existência das gazetas e pasquins clandestinos formadores de opinião, alguns desses eram manuscritos. Esses papéis influenciaram, paulatinamente, uma espécie de tolerância por parte dos governos, uma vez que o seu impedimento era quase impossível. De certa maneira, constituindo o germen da liberdade de imprensa. A Inglaterra, no século XVIII, é a primeira nação europeia a abolir a censura prévia. Fato mais importante para a liberdade de imprensa foi, sem dúvida, a vitória dos libertários que lutaram na Revolução Francesa, que viam na tecnologia uma ferramenta útil e prática para seus intentos políticos e econômicos. O desenvolvimento da imprensa no continente europeu dá seus maiores saltos a partir de então.

3.1. A imprensa e a disseminação de discursos.

As intencões de países europeus em aumentar o lucro e crescer como nação, com a desculpa de um sentimento de patriotismo, fazem várias dessas nações se lançarem para além-mar e em rotas contrárias às que estavam acostumadas a seguir e que já conheciam. Principalmente depois que os turcos invadem e tomam Constantinopla, que impede o acesso comercial aos povos do Oriente, a necessidade de suprir as vontades dos clientes impele às aventuras em mares, até então, desconhecidos.

Portugal foi um pioneiro no que diz respeito ao uso em terras colonizadas, que não americanas, dos serviços de prensa. Principalmente como ferramenta de disseminação da língua pátria, assim como de sua religião que pretendia instaurar em tudo o que era “seu”. Pode-se atestar que a iniciativa concretizou-se no século XVI. Nas colônias africanas, a intensão era, principalmente, impedir as influências turcas, atuando de forma proselitista. O mesmo século é marcado por uma fase de grande desenvolvimento econômico da nação lusitana impulsionado pelas navegações, pelo comércio de artigos orientais garantidos pelo controle das rotas abertas através do Oceano Atlântico. Essa foi exatamente a época em que assistimos um franco progresso da imprensa em território português seguindo a instauração das oficinas em Faro (MELO, 1973).

Verdade que a primeira tipografia a ser instalada na América não foi obra portuguesa, mas espanhola. Trata-se da oficina fundada no México, em 1533; tampouco a segunda, que também foi realizada pelos espanhóis, em 1584, em Lima, onde estava localizado o Vice-Reinado do Peru. A imprensa vinha respondendo às necessidades de cada colônia uma vez que se exigia sua presença para tarefas, logicamente, ligadas à colonização.

A instalação do primeiro serviço de imprensa pelos portugueses, se tratando do Brasil, levou 276 anos porque não era interessante para os colonizadores que houvesse um público bem informado em terras americanas.

A família real portuguesa chegou ao Brasil em 1808, uma vez que as tropas napoleônicas invadiram Portugal e, para salvaguardar a permanência da corte neste mundo, e, para suprir a necessidade de se imprimir uma infraestrutura que pudesse dar conta dos velhos mecanismos políticos na nova corte, foi implantada oficialmente a imprensa no novo Reino Unido em conjunto com outras importantes ferramentas administrativas, como o Banco Nacional do Rio de Janeiro e tribunais para a administração das finanças e da justiça.

A Imprensa Régia, num primeiro momento, tinha como foco executar serviços relativos à administração real. Entretanto, com os acontecimentos que se desenrolavam no velho mundo, não se podia condenar os novos habitantes à total ignorância dos fatos, assim como se deveria deixar conhecer os fatos ocorridos na nova sede do governo português. Ainda, a implantação de escolas de ensino superior, assim como outras instituições culturais, exigiam a produção de livros e diferentes papéis de cunho não

burocrático, o que força a Imprensa Régia a procurar sanar essa demanda completamente social.

Em 10 de setembro de 1808 ocorre a circulação do primeiro jornal produzido e impresso em terras brasileiras, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, serviço que era uma prerrogativa apenas da sede do governo.

Entre os anos de 1808 e 1821 a produção da imprensa no Brasil foi muito pequena, devido a decreto que forçava as tipografias a dar prioridade aos papéis administrativos, imprimindo, inclusive, uma face censória ao trabalho da imprensa praticada em terras americanas. Este decreto era claro quanto ao papel das oficinas:

“[...] e atendendo à necessidade que há da oficina de impressão nestes meus Estados: sou servido, que a casa onde eles se estabelecerão sirvam interinamente da Impressão Régia, onde se imprimam exclusivamente toda a legislação, e Papéis Diplomáticos, que emanarem de qualquer Repartição do meu Real Serviço.”

(Ipanema, 1949, p. 53)

A essa restrição inicial, no mesmo documento, pode ser lida a possibilidade de abertura para a impressão de papéis mais variados. De modo que, poucos dias depois da primeira publicação, uma outra faz-se conhecer as “Instruções Provisórias para o Regimento da Imprensa Régia”, em 24 de junho de 1808, lia-se o estímulo de produção de papéis comerciais e obras populares.

Entre 1808 e 1821, apenas duas oficinas de prensa habitavam terras brasileiras: a do Rio de Janeiro, fundada em 1808 e, a segunda, na Bahia, fundada em 1811.

O atraso na instauração da imprensa em terras brasileiras pode ser explicado pelo desinteresse da monarquia portuguesa em instituir uma população que tivesse acesso às ferramentas modernas da civilização europeia na colônia devido seu papel na economia da corte. Afinal, ignorantes são mais fáceis de conduzir. Os grilhões seriam mais facilmente mantidos. O que se imprime nas oficinas é disseminador de discursos que poderiam incitar dissidência, o que não era interessante para Portugal. Com o desembarque da corte e a necessidade política de tais serviços, a presença real figurava, de certa forma, como instituição que asseguraria, muitas vezes através do uso da força, o controle do que se publicava.

Em 1821, quando é abolida a censura prévia no Reino em consequência da Revolução do Porto, o número de trabalhos editados aumenta exponencialmente. Assim como o número de trabalhos editados, o número de tipografias em território brasileiro também aumentou significativamente após 1821. A partir daquela data quatro outras mais seriam instaladas: em Recife (PE), em São Luís (MA), em Belém (PA) e em Vila Rica (MG). Entre 1824 e 1852 quinze outros estados puderam ter em seus territórios *tipografias*, dentre elas, no que hoje é denominado Estado de São Paulo, tem a implantação oficial datada no ano de 1827 (MELO, 1973).

São Paulo tinha um jornal que tratava de coisas pertencentes a sua realidade, visto que a vida na corte nada tinha de similar aos viveres paulistas. Apesar do grande desenvolvimento experimentado pela região durante todo o século XIX devido à produção cafeeira, a elite paulista não usufruía das mesmas prerrogativas da elite carioca. Mas se constituía como um mercado ávido por bens de consumo que participavam ativamente do pensamento de desruralização, apesar de ter no rural sua maior força, mas mesmo no campo devia-se ser civilizado e para ser civilizado é imperioso que se faça parte do jogo adotando bens simbólicos, principalmente após a independência em 1822.

4. Desejo de ascensão

No início do século XIX, a elite cafeeira emerge no Vale do Paraíba alcançando *status* e trazendo enriquecendo para a região, diferenciando-se do restante do território paulista que ainda dependia da produção de cana de açúcar e do comércio estabelecido na vila de São Paulo para movimentar sua economia. O distrito de São Paulo inicia seu desenvolvimento de forma mais efetiva quando, em 1827, funda-se a faculdade de direito o que influencia a providência de estabelecimentos que recebam os viajantes e os estudantes, assim como aqueles que migravam para a região com o intuito empreendedor, como hotéis e pensões.

O solo do Vale do Paraíba, por volta dos anos de 1860, se mostra exaurido, o que força os agricultores a procurar por terras mais férteis que vão encontrar mais a oeste do território nas redondezas do que hoje conhecemos como Campinas e Itu. À época, as produções não mais escoavam pelos portos do Rio de Janeiro, mas pelo porto de Santos, o que resulta na construção da primeira ferrovia de São Paulo ligando a região de Jundiaí à baixada santista com um entreposto na cidade de São Paulo. Esta cresce, conseqüentemente, em importância, uma vez que era o ponto estratégico que ligava o litoral e o interior. No interior, a cultura do café expandia-se através das terras propícias ao seu cultivo imprimindo notoriedade à região frente ao, então, Império.

O poeta, talvez o mais importante da geração trágica, do *Mal do Século*, Álvares de Azevedo, mesmo tendo nascido em São Paulo, viveu a maior parte de sua vida na sede da corte. Quando na idade formação superior, se negou a fazer medicina e embarcou rumo a São Paulo decidido a fazer Direito na faculdade instalada no Largo São Francisco.

Em suas correspondências, especialmente as destinadas à sua irmã, é recorrente ler sua frustração quanto a sua nova residência. A geografia o incomodava, o pavimento, ou a falta dele, das ruas o incomodavam, a falta de iluminação urbana o incomodava. Para o poeta, afeito à vida urbana, restava a lamúria: “Na minha terra só há formigas e... caipiras”. Sequer poderia receber a alcunha de cidade: “Província intolerável [...]”. A intenção de São Paulo em mostrar-se civilizada e procurar satisfazer sua população, tanto nativa quanto imigrante, no que se refere a práticas sociais e de sociabilização não

impressionavam o jovem estudante. Tampouco o público que ele encontrava nessas situações.

“[...] ir a bailes p.^a dançar com essas bestas minhas patricias, q. só abrem a bocca p.^a dizer asneiras, acho q. é tolice. Não julgue Vmcê. q. fallo com exageração – a moça, senão a mais bonita, a estatua mais perfeita em tudo, uma Belisária (mineira) é uma estúpida q. diz – nós não sabe dançá pôque, etc. e comtudo é uma beleza, mas É uma estátua estúpida e sem vida – Como diz o soneto do Octaviano”

(AZEVEDO, 1976: 106)

Apesar da perspectiva negativa a respeito da realidade paulista que, bem provável, seria da maioria das pessoas que tivessem experimentado níveis de civilidade mais modernos e modernizados, a vontade, o desejo de alcançar patamares elitizados, espelhados nos grandes centros internacionais e na sede da corte, morava nos ideais e intentos das pessoas, assim como nas instituições que habitavam aquela terra que se enriquecia.

5. Nomenclatura especializada e a disseminação das tecnologias na sociedade.

Quando tratamos das tecnologias materiais, a produção de máquinas e artigos relacionados à medicina, diferentemente da cultura que pode ser algo local, lidamos com movimentos de disseminação que ultrapassam os limites impostos geograficamente e politicamente. Visto que a produção de certos artigos é destinada à facilitação da vida das pessoas, inevitavelmente são mercadorias que, para os homens de negócio devem ser adquiridas pelo maior número de compradores possível. De modo que não é interessante que se restrinja somente a um único local, mas, é melhor para a economia que se dissemine por todo o globo, o quanto possível, alcançando, claro, aqueles que possam pagar.

Os meios de produção sofreram incrementos, evoluíram para que se pudesse dar conta das demandas do mercado consumidor, dependendo da utilidade do que fora inventado. O surgimento de fábricas onde o proletariado vendia sua força de trabalho está atrelado à necessidade de produção em massa de produtos tecnológicos ou insumos para assistir a fabricação do produto final.

O tipo de capitalismo que nasceu lá no final do feudalismo, o ligado ao mercantilismo, agora evolui para o que podemos chamar de capitalismo industrial, que nasce na Revolução Industrial iniciada na Inglaterra no século XVIII, mas que se dissemina pelo globo se desdobrando em várias fases durante o século XIX.

Muito embora possamos assistir o sentimento de patriotismo crescendo com o passar dos séculos tendo no estabelecimento e valorização das línguas locais, vernáculos, sua mais clara demonstração, utilizadas em práticas sociais cotidianas, quando se trata das áreas relacionadas às ciências, os lexemas buscados para nominar as invenções e descobertas assim como em algumas áreas do conhecimento acadêmico como a filosofia, gramática e matemática, estes devido à tradição histórica dos estudos correntes no ocidente, são de origem latina ou grega – certos lexemas gregos entram nas línguas modernas de forma indireta através do latim que já os havia incorporado ao seu próprio, como discurremos sobre em momento anterior. Procurava-se no antigo, no passado, a melhor maneira para dar nome ao que era completamente novo, atual em cada época, atestando a importância daquelas civilizações na mudança de pensamento e

demais mudanças porque vinha sofrendo a humanidade no que diz respeito a conhecimento e desenvolvimento.

Se, por um lado, as invenções e descobertas que pudessem ser comercializadas deveriam alcançar o maior número de consumidores possível, por outro deveria se proteger a mente inventora salvaguardando seus direitos sobre o produto. Nasce, então, o direito de patente que incluía, além dos direitos sobre o produto em si, os direitos sobre o nome dado ao produto que fora escolhido com tanto esmero.

As escolhas lexicais feitas nessas áreas, num primeiro momento, mantinham-se restritas ao campo restrito das literaturas especializadas e ao nicho social composto pelos cientistas. Para estes foi dada a liberdade e poder de introduzir novos nomes, novos lexemas às línguas, juntamente com a mudança da realidade dos povos, por meio da disposição de suas invenções que eram destinadas à posse de outrem. Com a profusão dos trabalhos que vem num crescendo século a século, o número de palavras que compõem o léxico das línguas também cresce de maneira arbitrária e não natural. Esse complexo de nomes constitutivos do léxico, por atuar de maneira diferente e em instâncias diferentes dos demais, em estudos que surgem anos depois sobre a língua e seu funcionamento influencia o surgimento da terminologia.

A preocupação quanto à necessidade de certa sistematização dos nomes caminha de mãos dadas com a ideia de normatização uma vez que os especialistas se interessam pela associação precisa entre denominação e conceito científico.

A escolha por neologismos derivados de empréstimo de outras línguas, mesmo que estas já não estejam mais em voga, tenham historicamente caído em desuso, ou, menos drástico, tenham sofrido alterações quanto a sentidos de seu léxico se desenvolvendo naturalmente, apresenta certa especificidade. O lexema já carrega consigo um sentido anterior ao empréstimo. No caso, então, da adoção para nomear um objeto novo de um lexema que já se lhe tenha atribuído um sentido em algum momento da sua história assim o faz para acessar em certo grau esse significado. Muitas vezes, atrelando a novidade ao antigo significante exatamente para que o nome seja facilmente identificado e compreendido.

O estudo de léxico especializado, aqueles adotados em áreas de conhecimento específico, como as ligadas ao campo científico, por exemplo, é praticado desde o século XVIII, perpassando o século XIX, conquanto tenha ganhado maior visibilidade e

importância real no século XX. Neste século, há um delineamento mais acertado da ciência terminológica.⁸

Importante notar que, de acordo com o incremento dos avanços tecnológicos numa linha diacrônica, cada vez mais se nota a necessidade de uma harmonização dos termos. Essa necessidade culmina no pensamento de normalização pregada por Wüster na primeira metade do século XX sobre a qual discorre em sua tese de doutorado intitulada “*A normalização internacional da terminologia técnica*”, em 1931. O pensamento do engenheiro é difundido e faz sentido se ignorarmos certas circunstâncias intrinsecamente humanas.

“A difusão da versão russa da tese de Wüster suscita um maior interesse pela Terminologia nos domínios especializados e influencia a criação do Comitê Técnico 37 “Terminologia” (TC37) da ISA (International Standardization Association) da Federação Internacional das Associações Nacionais de Normalizadores, a precursora da atual ISO (International Standardization Organization) (Cabré, 1993:22; 1996:11).”

(ALMEIDA, p. 2)

A representação e a prescritividade, aquela para etiquetar de forma justa e inequívoca o produto, a segunda para certificar que houvesse controle sobre as escolhas das nomenclaturas, foram duas características determinantes na teoria de Wüster, a TGT (Teoria Geral da Tecnologia). Os conceitos se estruturam lógica e ontologicamente de maneira hierárquica. O terminólogo, em oposição aos linguistas, acreditava que a evolução das línguas poderia sim se dar de maneira espontânea, mas não só assim. Ao desenvolvimento espontâneo Wüster chamava norma descritiva, em oposição à norma prescritiva, empregada pelos cientistas, pois, para ele:

“Sin embargo, en terminología, con la tremenda productividad de conceptos y términos, una evolución libre de la lengua llevaría a una confusión

8 ALMEIDA, “*O Percurso Da Terminologia: De Atividade Prática À Consolidação De Uma Disciplina Autônoma*”, trata-se de um artigo em que discorre sobre certa historiografia da disciplina Terminologia, desde os primeiros expoentes no século XVIII até sua maior sistematização no século XX quando ganha maior notoriedade devido a aumento exponencial de novos termos adotado pelas línguas modernas.

intolerable. Para evitar esta situación, desde principios de siglo, e incluso antes en el caso de algunas especialidades, los terminólogos empezaron a unificar, por consenso, algunos conceptos y términos”.

(CABRÉ)

Dentro do ambiente restrito em que se encontram os cientistas, a determinação exata de um termo é muito importante, assim a teoria se mostra bem acertada se dentro destes limites, mas pouco efetiva para dar conta das questões que envolvem uma situação de comunicação real.

Entendemos os neologismos provenientes do campo científico-tecnológico como terminologias especializadas, que realmente foram impostas pelos cientistas, mas que não ficaram presas às literaturas especializadas por serem artefatos ou conceitos que eram destinados ao grande público. A mostra disso pode ser percebida no pelo deslizamento que essas terminologias sofreram no que diz respeito à tipologização textual na qual encontramos o uso desses lexemas.

Se levarmos em consideração os ensinamentos de CIAPUSCIO (2003), que faz uma divisão muito perspicaz quanto aos tipos de textos, podemos entender esse deslizamento. A autora separa os textos em dois tipos principais: *formas primárias* e *formas derivadas*, que se subdividem. As *formas primárias* corresponderiam às formas textuais que trazem contribuições originais, informações técnicas sobre um artigo completamente novo. Além de possuir um formato textual predeterminado em outras escolhas lexicais são estabelecidas de antemão, havendo pouca variedade em sua edição. Não podemos negar que a construção textual dos textos especializados possam variar de acordo com a época, ou mesmo sofrer variações dependentes da cultura em que esteja sendo produzidos; mas a fórmula tende a ser mais estanque exatamente pela necessidade da área em evitar desacordos, ou ininteligibilidade. Esse tipo de texto se destinaria ao público especializado, obviamente. As *formas derivadas* baseiam-se em textos subjacentes que dependem dos textos fontes que figuram as *formas primárias*. Aquelas formas poderiam ser chamadas também de *formas semiespecializadas*, uma vez que os textos para estudantes, por exemplo, fazem parte do da lista que a compete.

Podemos entender os anúncios de jornal como textos de um terceiro tipo, o *divulgativo*, pois são textos que dão à luz um produto trazendo informações a serem

conhecidas pelo público, que, para tanto, são constituídos por discursos que visam persuadir ao leitor de que o artefato anunciado é útil e que deve ser adquirido:

“En la noticia de prensa, con las modalidades propias del género, domina el propósito informativo que se traduce en indicios lingüísticos claros; en este texto también es muy perceptible el esfuerzo por la presentación positiva de la información.”

(CIAPUSCIO, 2003)

O conhecimento necessário ao público nada tem de técnico, a não ser no que diz respeito à utilidade do produto.

Assim, os termos adentram o léxico do homem comum e, eventualmente, sofrerá as mudanças impostas pelo uso comum em situações reais podendo desdobrar-se em outros lexemas enriquecendo a língua.

6. Projeto de uma nação brasileira

A primeira metade do século XIX no Brasil pode ser vista como o momento de instalação e instauração de uma sociedade civilizada de maneira mais efetiva e atrelada aos moldes europeus. Os passos morosos dados pela Colônia apressaram-se somente quando, no século XIX, fugindo das tropas napoleônicas, D. João acompanhado de sua família e, aproximadamente, 20 mil portugueses, constituintes da corte lusitana desembarcam no Rio de Janeiro. O ano era 1808 e a chegada dos novos habitantes, quase que da mesma forma como os primeiros europeus em 1500, guardadas as devidas proporções, impactaram tremendamente a paisagem das terras americanas. A partir de 1808, o Rio de Janeiro já não era mais uma cidade da colônia, mas a sede do Império.

“Transformado em Reino Unido já em 1815, o Brasil distanciava-se aos poucos de seu antigo estatuto colonial, ganhando uma autonomia relativa, jamais conhecida naquele contexto. O Estado português, humilhado, perseguido e transplantado, reproduziu no Brasil o seu aparelho administrativo, e do Rio de Janeiro o regente, denominado também “rei do Brasil”, administrava todo o seu Império.”

(SCHWARCZ, 1998, p. 36)

O Brasil que vinha, desde a primeira chegada dos portugueses, por questões políticas que assegurassem o domínio, sofrendo com as limitações do que poderia ou não ser implementado à vida cotidiana de seus residentes, devido à nova situação assiste mudanças que influenciariam posteriormente todo o seu caminhar rumo ao futuro. A abertura dos portos para material estrangeiro, assim como os processos de urbanização que acompanhavam a instauração das novas instituições políticas e comerciais em solo brasileiro impulsionaram a adesão de novas filosofias constitutivas de ideologias no imaginário daqueles que chamavam o Brasil de sua terra.

Enquanto colônia, as políticas praticadas não intentavam a união entre as províncias que, quando deparadas com qualquer situação que lhes fugia do controle, recorriam ao reino sem antes procurar auxílio nas vizinhanças. As figuras dos governadores das capitanias procuravam de certa forma, através de manobras, estar mais próximas do rei. Historiadores relatam “os destinos de Rodrigo Cesar de Menezes”

que, em São Paulo, enviava falsas informações ao rei diretamente a fim de granjear merecimento e força política (SODRÉ, 1998). Não interessava, de qualquer modo, que se nutrisse qualquer sentimento de unidade na colônia.

“Dessa forma, a tradição não era de coesão mas de dispersão. Não era de união mas de dissociação. E tudo contribuía para isso: as distâncias, os tempos das viagens, a diversidade de lavouras, a vantagem do entendimento direto com Lisboa.”

(SODRÉ, 1998, p. 40)

Ao final do século XVIII uma grave crise econômica assola o Brasil. Crise essa que se estende ao início do século seguinte, inclusive durante os anos em que a família real desembarca nessas terras.

A mineração estava entrando em decadência no Brasil, produtos que eram considerados inextinguíveis rareavam a cada ano que adentra o século XIX. Além das riquezas naturais retiradas da terra, a lavoura de cana brasileira e a indústria açucareira sofrem com o golpe da produção de açúcar na Europa a partir da beterraba. Dois fatores que influenciam fortemente o sentimento de desagrado, de descontentamento com relação à situação.

Esse sentimento de desagrado se reforça e soma-se a insegurança imposta pelas mudanças políticas iniciadas em 1808. Por todo território pipocam insurreições pouco conectadas entre si a não ser pela vontade e pelo sentimento que se assemelhavam. Os levantes aconteciam particularmente, a partir de peculiaridades locais.

A unidade poderia não ocorrer com relação aos espaços, mas o sentimento era comungado graças à proximidade ideológica e de princípios que impulsionavam a vontade de libertação. Os líderes dos levantes bebiam das águas libertadoras que moveram os moinhos da revolução ocorrida na França no século XVIII, ainda nos livros que tratavam da democracia instaurada em terras americanas e todo o discurso que acompanhava o nascimento dos Estados Unidos com relação ao progresso e estabelecimento de uma civilização, “uma sorte de paraíso estatal definitivo” (SODRÉ, 1998).

“[...] Livros e jornais fizeram essa obra de solapamento intelectual, tão fácil de penetrar o caráter ainda maleável da nossa gente, cuja credulidade política não tem limites em se tratando de coisas importadas. Parece que uma indolência enorme em pesquisar objetivamente os fundamentos da nossa sociedade é que nos impulsiona em mandar vir de fora as ideologias já prontas, já montadas, já acabadas, faltando, apenas, o necessário esforço para implantá-las.”

(SODRÉ, 1998, p. 43-44)

A classe mais abastada da nova sociedade brasileira, aquela que já havia angariado certa riqueza e alçado certo *status* beberavam das filosofias europeias através dos livros pelos quais podia pagar. Fato que a curiosidade intelectual não era prerrogativa de todos, mas o gosto pela leitura ganhava mais adeptos a cada passar de ano. Dessa feita, a massa dos medianos e aqueles que não se davam muito aos livros, tinham contato com os ensinamentos por via da imprensa que na época era por vezes até violenta.

Esses movimentos só foram possíveis pela quantidade crescente de tipografias que cobriram nosso território, muitas com vida bastante curta, efêmera até.

A crise econômica açucareira e da área da mineração, o descontentamento político e todas as circunstâncias que levaram à independência, embebida pelas filosofias estrangeiras podem nos dar o vislumbre da intenção das ações oligárquicas que pretendiam um país independente.

Interessante notar que o deslizamento que ocorre com os lexemas quanto à tipologia textual também ocorre com os discursos em voga. Se se desejava uma terra que abraçasse a ideologia de crescimento e mudança de certos hábitos que fossem considerados desconectados do imaginário ideal, a melhor forma de se alcançar os objetivos era: primeiro, propagandear essa ideologia. Em segundo lugar, propagandear os objetos que se ligam intrinsecamente ao *status*. O povo deveria ser civilizado tanto verbalmente quanto substantivamente, num jogo dialético da palavra.

A exemplo do que se assistia no exterior, uma nação civilizada deve consumir bens que simbolizam essa civilidade. Para tanto, temos um mercado consumidor ávido e as mentes bem empregadas dos cientistas, na Europa principalmente, que produzem avidamente para dar conta das necessidades de seu público. Fazendo o intercâmbio, faz com que a situação encontrasse nos jornais a maneira mais efetiva para levar ao

conhecimento do mercado consumidor as novas tecnologias recém-saídas do forno apresentadas da maneira mais positiva quanto possível apelando para a civilidade tanto almejada.

7. Passos mecânicos

A vida civilizada dos centros urbanos baseia-se na sociabilização entre habitantes. As pessoas precisam conhecer e serem conhecidas. As maneiras para se fazerem conhecidas diziam respeito tanto ao pessoal quanto ao profissional. A agenda dos bailes era movimentada na corte, nas cidades que se estabeleciam nos demais estados, e no que nos interessa especialmente, o que conhecemos como São Paulo, apesar de menos badalada, não se relegava a total inatividade.

A cidade de Campinas que crescia devido à cultura do café estabelecida na região era dessas cidades pequenas, mas que se via dentro do jogo civilizatório, disposta a corresponder aos atributos e pagar seus tributos às práticas civilizadas. É de Campinas o primeiro exemplo que analisaremos:

- 14 de junho de 1870. Campinas. Gazeta de Campinas.

KX|Vende-se uma **machina** propria para marcar papel, cartão de visita e casamento, e bem assim um sortimento de cartões bordados e dourados tudo de 1ª qualidade. Para tratar com o QUIM SIMÕES.

Em um espaço urbano, é natural que a quantidade de profissionais como médicos, advogados, professores particulares e outros tantos que não podem se dar ao luxo de fazer uma assinatura de propaganda com o jornal local por um tempo muito prolongado, precisa arrumar outras maneiras para acessar possíveis empregadores. Ademais a quantidade desses profissionais crescia de acordo com o crescimento das cidades e o contingente populacional.

O que está à venda no anúncio obviamente não se destinava a uma pessoa somente. Não se trata de um artigo para uso individual, o que nos leva a crer que o possível comprador devesse ser uma empresa tal qual uma gráfica, uma tipografia. A essa instituição era dado o papel de confeccionar os cartões de visita dos profissionais que desejassem se “autopropagandear”.

Mas essa máquina não estava posta apenas para o mundo do trabalho. A escolha feita pelo anunciante foi frisar que ela também se prestava à confecção de cartões para convite a casamentos. Essa prática é historicamente um evento social que marca

gerações por ser, no mínimo, o início da possibilidade de uma nova. O casamento além de unir duas pessoas une duas famílias; garante o incremento das posses e o estabelecimento de certo teor de poder se o acontecimento se dá entre pessoas que poderiam pagar por convites que a nós parece ser bastante valorizados. Afinal são papeis “*bordados e dourados tudo de 1ª qualidade*”.

A região de Campinas, berço dessa propaganda, se destacou, até por alguns anos, mais do que a vila de São Paulo que viria a ser a capital do estado, economicamente. ALONSO (2002), diz:

“O processo de revigoração econômico que acompanhou a crescente produção de café no oeste – as novas lavouras entre as duas grandes ferrovias abertas, a Paulista e a Mogiana – gerou uma “refundação” da cidade de São Paulo, sintetizada por Morse (1970: 235-6) como transformação “de comunidade em metrópole”. O boom da economia do café fez crescer seu comércio e sua população, expandiu os contornos urbanos, deu-lhes iluminação pública, bondes, casarões e obras de saneamento. A capital finalmente ultrapassava Campinas e se tornava o centro econômico e nervoso da província.”

(ALONSO, 2002, p. 149)

O importante para nós nessa citação, para o momento, é corroborar a afirmação de que a região se mostrava pareada ao afã civilizatório. Os movimentos políticos, sociais e econômicos na região de São Paulo foram determinantes em vários momentos da história brasileira. Nessa região, um grupo nasce beberando de ideologias e filosofias positivistas, liberalistas e federalistas. Muitos vinham da região de Campinas e do oeste paulista e, como nos diz ALONSO (2002): “*aderiram às atividades cafeicultura pelo casamento*”. Essa classe emergente via no manutenção das famílias a segurança do *status*. E para fazer com que a união seja bem celebrada, o primeiro passo é garantir que os convidados recebessem convites para o casamento que fizessem jus aos nomes das famílias.

Máquina é uma forma que já fazia parte do léxico latino e que não sofreu mudanças de sentido até ser incorporada ao português, quando seu sentido foi reduzido.

No grego antigo temos o sentido que foi transmitido ao latim:

μηχανή, Dor. μαχανά, ἤ, (μῆχος) – Lat. machina: **I.** *an instrument, machine for lifting weights and the like*, Hdt.; **μ. Ποσειδῶνος**, *of the trident*, Aesch.; **λαοπόροις μ.**, *of Xerxes' bridge of boats*, Id. **2.** *an engine of war*, Thuc. **3.** *a theatrical machine, by which gods were made to appear in the air*, Plat.: hence proverb. *Of any sudden appearance*, ὥσπερ ἀπὸ μηχανῆς (cf. Lat. *deus ex machine*), Dem. **II.** *any contrivance for doing a thing*, Hdt. etc.: in pl. **μηχαναί**, *shifts, devices, arts, wiles*, Hes., Att.; **μηχαναῖς Διός** *by the arts of Zeus*, Aesch.; proverb., **μηχαναὶ Σιζύφου** Ar.: - phrases, **μηχανήν** or **μηχανὰς προσφέρειν** Eur.; **εὕρισκειν** Aesch., etc.: - c. gen., **μ. κακῶν** *a contrivance against ills*, Eur.; but, **μ. σωτηρίας** *a way of providing safety*, Aesch. **2.** **οὐδεμία μηχανή [έστι]** *όπως οὐ*, c. fut., Hdt.; also, **μὴ οὐ**, c. inf., Id. **3.** in adverb. phrases, **ἐκ μηχανῆς τινος** *in some way or other*, Id. ; **μεδεμιῇ μηχανῇ** *by no means whatsoever*, Id. (LIDDLE & SCOTT, *Greek-English Lexicon*)

Devemos, antes de tudo, notar as diferentes formas dialetais μηχανή (*mechané*) e μαχανά (*machaná*), a primeira pertencente ao dialeto ático e a segunda ao dialeto dórico. A diferença principal entre esse dois dialetos é, como podemos notar, a predominância no dialeto dórico da vogal α, que equivale em português ao nosso /a/, enquanto no ático a vogal predominante é o η, que equivale em português ao nosso /ε/.

Notamos que, em grego antigo, o significado para μηχανή (*mechané*) liga-se ao engenho mental, método o qual se aplica para alcançar determinado fim independentemente se esse meio é físico ou não, podendo ser traduzido por *wiles* (logro, engano) ou *arts* (arte, indústria, habilidade, manha), como vemos em alguns exemplos de frases dadas pelo próprio dicionário: “**μηχαναῖς Διός** (*mechanáís Diós* = *pela arte de Zeus*)”; a forma, no grego, não se dissocia, assim como no português, do sentido intrínseco de mecanismo, maneira, meio (*way*). E junto a esse sentido está o que foi acolhido pelo léxico português de utensílio físico o qual se usa para alcançar determinado fim, como os mecanismos de guerra, como instrumentos em geral, máquinas. O dicionário Liddell and Scott dá o exemplo do artifício que Xerxes usou para alcançar a Hélade, quando, para da Ásia chegar à Grécia, construiu uma ponte feita

de barcos interligados por cordas ligando as duas porções de terra no Helesponto. Para isso Heródoto, o historiador que relatou a invasão persa à Grécia, denomina essa indústria de Xerxes: λαοπόροις μαχαναί (*laopórois machanaí*). “Λαοπόρος” (*laopóros*) dicionariza-se como: “*que serve como uma passagem para um povo, condutor de homens*”. Dessa forma o sintagma pode ser entendido porque foi esse o mecanismo que o rei persa usou para alcançar seu alvo junto com seu imenso exército e, assim, λαοπόροις μαχαναί pode ser traduzido para o português simplesmente como “ponte”. Esse sentido amplo do morfema μηχανή (*mechané*) passa ao latim com exatidão:

machina, ae f. Cic. a machina militar, o engenho, v g.: de levantar pesos, de moinho, etc. Cic. a catasta, ou o logar em que se expunham os escravos para se venderem. Cic. A machina, astúcia, o artifício, engano. Ulp. Jctus. O andaime do pedreiro. Machinari machinam: Plaut. Armar, machinar, ou idear, engano. Adhibere machinas as aliquid: Cic. Aplicar toda a astucia para conseguir alguma cousa. Mundi machina: Lucr. A machina do mundo. (Souza, F. A. de. Novo Dicionario Latino-Portuguez)

O sentido com o qual *máquina* chegou ao português é muito reduzido se comparado com o sentido que esse lexema possuía no grego ou latim, guardando somente parte de suas possíveis traduções, mais objetivo e objetivado:

máquina. *S.f.* **1.** Aparelho ou instrumento próprio para comunicar movimento ou para aproveitar, pôr em ação ou transformar uma energia ou agente natural. **2.** O conjunto orgânico das peças dum instrumento; maquinismo, mecanismo. **3.** veículo locomotor. **4.** utensílio, instrumento. **5.** *fig.* Estrutura orgânica e harmônica. **6.** *fig.* Construção importante, complexa, ou suntuosa. **7.** *fig.* Entidade ou organismo complexo. **8.** *fig.* Multiplicidade de coisas que se relacionam entre si. **9.** *fig.* Pessoa sem idéias próprias e que procede como autômato. (...). (Aurélio, 1988)

O uso do morfema se restringe a nomear os utensílios físicos que se usam para alcançar determinado fim, e mesmo quando usado conotativamente: “*fig. Pessoa sem ideias próprias e que procede como autômato*”, a ideia é de alguém que é usado por outro como um utensílio físico, como algo não orgânico e objetificado. Assim o lexema

máquina geralmente vem associado a um outro lexema que lhe dê sentido ou algum sintagma que o explique, que instrumentalize o lexema *máquina*, pois nota-se que esse lexema torna-se geral como um determinante de algo mutável, que não possui um sentido restrito por haver várias espécies e tipos de *máquinas*. Exemplo da segunda constatação é o uso do lexema *machina* que em seguida, para apresentar sua utilização lemos o sintagma “*propria para marcar papel*”. O pronome “*própria*” que acompanha o sintagma nos dá a entender que haviam outros tipos de máquinas, inclusive dentro dos trabalhos com o papel, como máquinas de furar papel, por exemplo. Além, obviamente, de outros tipos que não se assemelhavam à função.

O anúncio apresentado acima traz uma *máquina* que seria utilizada em um ambiente especializado e bastante restrito. Em termos de quantidade, tratava-se de um produto de produção sazonal certo de que a procura não seria intensa. O artefato era único, inclusive, leia-se a quantidade expressa no anúncio: “*Vende-se uma machina propria para marcar papel*”. Ainda que seu produto se destine a um número maior do que aquele que faz uso da máquina, era um grupo restrito aquele que usufruía dele.

A constituição das civilizações se deu, historicamente, nos entornos de alguma fonte de água, uma vez que esse é um produto natural vital para o sucesso da vida na terra. A cada aumento populacional, a cada passo dado rumo a uma vida mais urbana distanciando-se da natureza, o homem produziu um artefato tecnológico para trazer a água cada vez mais para perto e cada vez de uma maneira menos trabalhosa. Famosos eram os canais artificiais da antiguidade no Nilo e o sistema de aqueduto romano. Quanto mais poder o homem tem sobre os recursos naturais, maior o nível de civilidade a ele é outorgado.

Para a sociedade brasileira oitocentista não poderia ser diferente e nos anos idos do século em questão podia se encontrar máquinas idealizadas exatamente para que a facilidade em se obter água fosse maximizada.

- 28 de janeiro de 1872. Campinas. Gazeta de Campinas.

BÉLIER HIDRAULIQUE (**Machinas** para suspender agua) ||Na Imperial Officina **Machina** de A.C. Sampaio Peixoto construe-se as **machinas** acima, de diversos tamanhos para suspender agua a qualquer altura. |Estas **Machinas** são de muita vantagem para quem tem agua distante da moradia, podendo com o emprego d'ellas, trazel-a para aonde quizer, e trabalham noite e dia

sem ser necessario meio algum para movel-a. se não a propria agua que entrando por um tubo escapa parte, e pela compressão do ar dá impulso a que fica em outro fazendo-a subir a altura desejada. | São de contrução simples e duravel, o que se garante. | Na officina acima construiu-se uma muito pequena que está exposta ali, para quem quizer vêr, e trabalha perfeitamente bem, suspendendo 23 pollegadas cubicas de agua por minuto á altura de 18 pés (25 palmos)

“Bélier Hidraulique” era o nome fantasia de um tipo de máquina feita em território nacional. Há uma oficina especializada para a produção em escala dessa tecnologia. Note-se que o que segue o nome do artefato é uma explicação entre parênteses para que o público se certificasse do que se trataria: “*Machinas para suspendere agua*”. A relação com a água, muito embora venha expressa pelo lexema “*hidraulique*”, necessitava, segundo o anunciante, ser atestada para que não houvesse dúvidas. O sintagma ocorre da mesma forma que a construção do anúncio anterior a esse, uma construção: *lexema + a preposição ‘para’ + infinitivo*, uma forma de explicar o uso do objeto.

Seja para o conforto de ter água perto de casa para o uso cotidiano, seja para levar água à lavoura, ter o poder sobre o elemento é uma demonstração clara do afã progressista que imperava no ideário paulista da época que via na ciência um degrau seguro para alcançar a modernidade.

ALONSO (2003) citando Pereira Barreto nos diz o seguinte:

“Acho-mo-nos, portanto, neste dilema: ou optar pela ciência e seguir resolutamente a vereda aberta pelos países emancipados, ou com fervor nos lançamos sobre os braços da fé e nos resignamos a não ser ocupar senão o último lugar na retaguarda da civilização”

(BARRETO, 1876: VII)

O consumo dessa modernidade, principalmente depois da década de 70 vem num crescendo que impele, conseqüentemente, o incremento das possibilidades de produção, assim como bem atesta a propaganda do produto de A.C Sampaio Peixoto. A máquina desse artífice tinha grande variedade de tamanhos e que poderiam variar também quanto à capacidade de acordo com a vontade, veja bem! Vontade porque ele não diz que leva a

água aonde precisar, mas antes pode “*com o emprego d'ellas, trazel-a para aonde quizer*”. A demonstração de poder sobre algo tão natural casa-se com o ideário positivista da época.

Ao passo que novas tecnologias maquinais são postas em jogo, notamos que a relação sintática também se inova. Ao que nos parece, os nomes que são compostos pelo lexema *máquina/machina* quando mais antigos ou de tradição mais antiga, como os que nos serviram com exemplo nos anúncios anteriores seguem o padrão *lexema + a preposição ‘para’ + infinitivo*; quando temos um artigo intermediário em se tratando da linha histórica, vemos uma nova construção que pode ser lida equivalentemente em seu sentido, uma vez que tem a função de identificar o uso do tipo de *máquina/machina*. A construção que se utiliza de complemento nominal com a construção: *lexema (máquina) + preposição ‘de’ + lexema (nome)*, formando uma palavra complexa para especificar o tipo de máquina de que se trata.

De São Paulo, levantamos um anúncio de um tipo de *machina* que pode exemplificar o que fora expresso no último parágrafo:

- 29 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano.

Machinas de costura|A. Frederico Schulze & Companhia|Importadores de **Machinas** de Costura.|Pedem ao respeitavel publico se digne visitar o seu estabelecimento para examinar o que há de melhor em **machinas** de costura dos afamados auctores e com todos os aperfeiçoamentos|úteis adoptados pela technica moderna.| Os seus preços são extremamente módicos e ao alcance de todas as bolsas. Aqui encontrará sempre o publico grande sortimento|de **machinas** para tocar á mão, á pé, á pé e mão, com caixa ou sem| caixa, próprias e perfeitas para todas as costuras, desde a mais fina|cambraia até o mais en corpado algodão.|Os *Senhores* Alfaiates, sapateiros, selleiros, correeiros, etc.,| tambem encontrarão nesta casa as mais aperfeiçoadas **machinas**, já|com accessorios que só a mechanica do progresso hodierno|poderia adeptar para que taes **machinas** produzam trabalhos|maravilhosos, não só pela perfeição como pelo pouco tempo consumido|e pelo pequeno incommodo de quem as manejar para produzirem|taes resultados. Todas as **machinas** de nosso estabelecimento são garantidas, porque só importaremos o que houver de bom, solido, elegante|e perfeito nesta industria. Também ahi encontrará o respeitavel|publico artigos concernento ás **machinas** de costura, como agulhas,|retroz, oleo, almotolias,

correias, peças avulsas, etc., tudo de | superior qualidade a preço módico. |
Rua de São Bento, 62 | São Paulo.

As “Machinas de costura de A. Frederico Schulze & Companhia” é um dos anúncios mais interessantes que encontramos pela riqueza de detalhes quanto ao produto e lexemas que se ligam ao produto assim como com o discurso positivista dos artigos tecnológicos modernos da época.

Podemos começar notando que, diferentemente das *machinas* hidráulicas, esse produto tratava-se de um item que havia necessidade de importação, não sendo produzido em solo brasileiro. Esse é um fator a ser notado que demonstra a forma de comércio que só pode ser instaurado após as transformações políticas e as políticas econômicas que se instauraram no Brasil. A abertura dos portos para produtos importados ocorrida no século XIX é o que possibilitou a entrada, inclusive, desse tipo de maquinário em terras brasileiras. A modernidade estrangeira estava sendo incorporada, uma vez que elas serviam como modelo. Os importadores traziam para a nação brasileira o que havia de melhor em machinas de costura de produtores afamados mundo afora que se alinhavam ao que havia de *technica* mais moderna!

Esse tipo de maquinário se punha disponível para todas as bolsas, para todos os tipos de trabalhadores (alfaiates, sapateiros, selleiros, correeiros, etc.), de várias sortes de funcionamento, além de tratarem-se das mais aperfeiçoadas **machinas**, já com acessórios que só a *mechanica* do progresso hodierno. Importante notarmos o teor ufanista presente nesse anúncio no que condiz com a perspectiva acerca do momento histórico em que se encontravam; julgavam-no como o ápice do *status* moderno. A ideia é reforçada pela forma adverbial de “só”.

Os importadores garantem o seu produto como sendo do melhor tipo, independente do tipo de *machina*. Atestam com suas próprias palavras dizendo que: “só importaremos o que houver de bom, solido, elegante e perfeito nesta indústria”. A gradação nas escolhas dos adjetivos culmina no lexema “perfeito”. A raiz desse adjetivo aparece constituindo várias outras palavras durante o texto. Fala-se do *aperfeiçoamento* adotados pela técnica hodierna; das *machinas* que são *perfeitas* para a costura; das *machinas* que se podem achar no estabelecimento que são as mais *aperfeiçoadas*; ainda da *perfeição* com que se pode produzir trabalhos com essas *machinas*; e alcança o trabalho, finalmente, realizado pela indústria de maquinas de costura os que serão

importados porque são *perfeitos*. Vejamos que a tentativa do anunciante era a de que, textualmente, seu produto se mostrasse intrinsecamente atrelado ao julgamento de que se tratava de algo *perfeito*.

Há um outro ponto nesse anúncio ao qual recorreremos mais adiante quando este se refere a questão do tempo.

As duas formas de construções sintáticas apresentadas até este ponto neste texto podem ser lidas equivalentemente. De tal modo que parafraseando ‘*machina de costura*’, temos em bom português: ‘*machina para costurar*’; ou no sentido contrário para ‘*machina para suspender água*’, temos como frase equivalente: ‘*machina de suspensão de água*’, comparando os dois anúncios que apresentamos até agora e a maneira como operam com o léxico.

Quando o lexema *machina* aparece isolado, sem qualquer tipo de associação para a formação de palavras complexas, ou sintagmas que expliquem o seu uso, se refere a uma gama de tipos desse artefato, ou se trata de retomadas reduzidas do tipo de máquina já mencionada no texto dos anúncios. Para exemplificar essa última afirmação, podemos tomar parte do anúncio logo acima transcrito:

“- 29 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano.

(...)Aqui encontrará sempre o publico grande sortimento|de **machinas** para tocar á mão, á pé, á pé e mão, com caixa ou sem| caixa, próprias e perfeitas para todas as costuras, desde a mais fina|cambraia até o mais en corpado algodão (...)”

Abrindo aqui um parêntese, ALENCASTRO⁹ nos conta sobre a tentativa do Brasil do século XIX de procurar se espelhar em certas nações já constituídas na Europa, principalmente a França. O autor nos fala sobre um certo “*franceismo*” experimentado pela sociedade brasileira tanto no que tange a vida urbana quanto à vida rural.

⁹ Alencastro, Luis Felipe de. “*Vida Privada e Ordem Privada no Império*”, artigo que se encontra na obra “*História da Vida Privada no Brasil*”. Esta obra se propõe a nos dar um panorama da vida no Império, assim, assim como as ideias sobre o processo civilizatório experimentada pelo Brasil no século XIX.

“Um modo de vida caracterizado por uma cultura rica, menos desequilibrada que a da Itália, menos rústica que a da Espanha e Portugal, mais densa que a da Inglaterra, mais presente do que a da América no Norte”.

(ALENCASTRO, 1997)

Há de se ter em mente que a população urbana em comparação à rural no Brasil do século XIX era, em termos de grandeza numérica, menor e, por isso, mais presente na vida enquanto sociedade. Tendo então como fonte de parâmetro civilizado a França, através de folhetins, operetas e romances que desembarcavam no Império, a elite brasileira se mostrava uma grande consumidora do modelo escolhido. Assim, os modelos de máquinas de costura vinham para incrementar “*as atividades domésticas das mulheres livres e escravas*” (ALENCASTRO, 1997), respeitando seu espelho.

Uma ferramenta muito útil para atestados de discursos surgiu no início do século XIX e foi recebida de maneira bastante calorosa. Em 1826 o francês Nicéphore Niépce, militar e cientista amador, fascinado pela ideia da possibilidade do registro visual, consegue alcançar a façanha, ainda que para ele não tenha sido uma mostra de sucesso, de produzir o que hoje é considerada a primeira fotografia da história. Devido a técnica inicialmente utilizada pelo inventor, que através da luz capturava a imagem em oito horas enquanto a luz do sol muda, assim como as sombras, o resultado final dessa primeira fotografia era algo muito borrado, mas promissor. A associação de Niépce e Louis Daguerre, que via o potencial da tecnologia, resultou, após a morte do primeiro e com mais investimentos pelo segundo, no incremento da técnica possibilitando a criação de máquinas capazes de fotografar com mais perfeição aquilo que se julgasse digno de registro, ao que o inventor nomeou *daguerreotipo*. Outros inventores em outros lugares do mundo vinham trabalhando em invenções que procuravam o mesmo resultado: Talbot e Herschel, na Inglaterra; Hercules Florence, que viveu no Brasil entre 1824 e 1879 na vila de São Carlos, onde hoje é conhecido como Campinas, que se utilizou da própria urina para alcançar resultados satisfatórios em seus experimentos em 1833. Sobre este último, apesar de não ter dado nenhum nome específico para sua invenção, aos resultados obtidos pela sua técnica foi dado o nome de *fotografia*.

Uma vez obtido sucesso, a produção de máquinas fotográficas poderia se tornar produto para o mercado.

- 22 de janeiro de 1879. São Paulo. Correio Paulistano.

PHOTOGRAFIA|AMERICANA|RUA DA IMPERATRIZ|São PAULO| O
proprietário deste estabelecimento, de volta de sua viagem á Europa, continua
a trabalhar no mesmo estabelecimento, o qual se acha augmentado com
machinas e utensílios os| mais modernos.|Neste estabelecimento, que conta
16 annos de existencia (o mais antigo deste província) continua-se a
trabalhar por todos|os sistemas de photographias, desde o retrato em a|mais
pequena miniatura até o tamanho natural.|Encarrega-se de mandar pintar em
Pariz pelos melhores pintores, qualquer retrato em|busto, ou corpo inteiro, a
oleo, pastel ou aquarella, bastando para isso um pequeno retrato|da pessoa
que se quizer retratar.|Trabalhar-se todos os dias, das 10 horas da manhã, ás 4
horas da tarde, não importa o tempo chuvoso.|OS **SENHORES**
PHOTOGRAFOS|encontrarão neste estabelecimento tudo que é mister á
mesma arte, e pelos preços do Rio de Janeiro|Retratos de até Réis 5\$ a
dúzia!!!

Incrível é notar a rapidez com que as tecnologias se põe feitas, logo são consumidas em sanha terrível.

O lexema *machina*, neste anúncio, diferentemente das utilizações sintáticas analisadas antes, não vem acompanhado de complemento que explique a sua utilização, como em *machina de costura* ou *machina para suspender água*. O lexema se apresenta sozinho, o que nos faz crer que a familiaridade com o produto na época era bastante avançado.

O proprietário importava não só as *machinas e utensílios mais modernos*, mas trazia consigo o conhecimento dos sistemas pelos quais se poderia modernizar as práticas artísticas da fotografia.

Photografia foi um lexema adotado pela língua portuguesa em 1858.

fot(o) *elem. Comp.*, do gr. *Photo-*, de *phos photós* 'luz', que se documenta em numerosos compostos introduzidos nas línguas modernas de cultura, a partir do séc. XIX, como *fotografia*, *fotometria*, *fotosfera* etc. Pelo modelo de *fotografia*, cuja forma abreviada *foto* veio a constituir novo elemento de composição, formaram-se dezenas de outros compostos, tais como *fotocarta*, *fotonovela*, *fototeca* etc. (...) **fotografia** | *photographia* 1858. (CUNHA, 2007)

Podemos notar como foi grande a aceitação pública dessa nova tecnologia no Brasil oitocentista como podemos notar pela quantidade de anúncios que se fizeram na época de casas especializadas nessa arte.

- 24 de abril de 1870. Campinas. Gazeta de Campinas.

PHOTOGRAPHIA CAMPINENSE DE HENRIQUE ROSEN|| 28-RUA DIREITA-28||Tira retratos todos os dias e por todos os systemas. Para familia - os preços são reduzidos consideravelmente.

A *photografia* é importante para nós pois se trata de um registro que vai além do comezinho, não é algo simplesmente para guardar um momento. Antes carrega consigo um discurso.

“É preciso compreender, por exemplo, que dentro de uma fotografia, se revela não só a imagem em si, ela traz consigo um contexto histórico social. Expressa também o olhar particular do fotógrafo, que tem um objetivo em seu registro, e este olhar é também uma construção social, o fotógrafo é uma construção social. Portanto, revela o autor da obra, e revela aquele que vê a imagem, que para interpretá-la fará uso de conhecimentos já adquiridos em sociedade. Todo esse enredo dentro de uma fotografia demonstra a amplitude do ato de fotografar e a reação da imagem gerada para terceiros.”

(FREITAS, 2018, p. 5)

As fotografias de D. Pedro II, para tomarmos o exemplo mais expressivo, carregavam sempre consigo algo a mais do que a imagem em si, mas antes vinha repleto de intenção dependendo da razão da fotografia. Mais do que uma construção social, no caso das fotografias do século XIX, muitas delas se prestavam para a construção de uma sociedade, aquela idealizada pela circunstância.

Na obra *As Barbas do Imperador*, de Schwarcz, há um capítulo intitulado “A revolução do daguerrétipo entre nós”. Sobre a corte é dito que o imperador do Brasil, além de grande entusiasta da tecnologia e das técnicas fotográficas, ele mesmo se tornou um fotógrafo precoce: “o primeiro fotógrafo brasileiro, o primeiro soberano-fotógrafo do mundo”. Leia-se ainda: “Na verdade, d. Pedro fará da fotografia o grande

instrumento de divulgação de sua imagem: moderna como queria que fosse o reino” (SCHWARCZ, 1998, pg. 345).

Entre agosto de 1839, quando o daguerreotipo foi anunciado na Academia de Belas-Artes e de Ciências, em Paris e janeiro de 1840, tempo bastante curto para a época, diga-se, no Brasil a tecnologia estava introduzida exercitando a arte e a curiosidade de nosso povo. A arte fotográfica era vista como o grande marco da modernidade

No produto avistava-se o casamento com a modernidade atestando o *status* civilizado, além de figurar como um negócio para o enriquecimento pessoal, uma vez que os retratos a óleo apresentavam preços cada vez mais altos. A procura por retratos fotográficos, que eram feitos às dúzias e que poderia ser dados como presentes ou mesmo trocados, se tornaram uma saída muito cômoda para aqueles que desejassem seu retrato, ou do que quer que fosse. Através dos retratos poderia se mostrar o quanto civilizadamente moderno se era, pelo produto e pela forma como eram realizados os retratos. Assim, todos eram um pouco como o imperador, propagandeando.

Como se vê nos exemplos dados, *machina* e modernidade se expõem de forma associada e inseparáveis ideologicamente.

Uma vez incorporado o lexema à língua, inevitavelmente, sofre fenômenos morfológicos, principalmente por fazer parte de uma área tão produtiva quanto o campo de novas tecnologias. Dessa forma a partir do lexema *machina* e do *fenômeno derivacional*, que “consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos” (BECHARA, 2007), novas palavras são criadas (*neologismos*) para dar conta das novas áreas que surgem a partir da adoção de novas tecnologias. Assim, da “palavra simples” *machina* com a adição do sufixo derivacional agentivo “-ista” temos a denominação da pessoa que opera máquinas, o *machinista*. Segundo Cunha, a adoção deste neologismo se deu em 1813:

máquina sf. Qualquer utensílio ou instrumento' | machina 1572 | do lat. Machina, deriv. Do gr. Dor. Machana 'meio engenhoso para se conseguir um fim (...) **maquinista** 1813. do fr. *Machiniste*(...) (Cunha, 2010)

Temos assim o exemplo dessa nova palavra em nosso *corpus*:

- 27 de fevereiro de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.

Engelberg, Siciliano & Companhia|Machinas para lavoura|privilegiadas pelo governo imperial|São Paulo|No empenho de tornar cada vez mais conhecidas as vantagens que sobre|quaesquer outras offerecam as nossas excellentes machinas para a lavoura,|chamamos a atenção do senhores fazendeiros para o seguinte:|descascador de café do “engelberg”|O descascador “Engelberg” é o unico que absolutamente não quebra café,|apresentando, além desta incontestavel vantagem, outras muitas, taes como:--|grande simplicidade e solidez, dispensando os tantos concertos que são|precisos em outras; beneficio perfeitissimo, devido ao seu excepcional e |unico systema, pelo qual o café se descasca brandamente, sem estragar-se, conservando por muito tempo a sua côr natural e sendo por isso muito apreciado e procurado em todos os mercados; não se perde nenhum grão de café porque a palha sahe de tal modo moída que é impossivel envolver café algum,|não acontecendo o mesmo com outros descascadores, os quaes, apezar de|moerem o café, deixam a palha quase inteira, envolvendo-se nella grande|quantidade de grãos que afinal se perdem por na poderem ser separados;|occupa menor força do que qualquer outro descascador para beneficiar a|mesma quantidade, havendo além disso grande economia de lenha e tempo.| Enfim, os numerosos attestados que recebemos diariamente de illustrados|fazendeiros e as experiencias feitas por muitas vezes em cotejo com outras|machinas, em cujas experiencias tem-se observado que os nossos descascadores|sugmentam a safra até dez por cento, são elementos mais que sufficientes para |comprovar o que dizemos.|E se isso ainda não fôr bastanto, nos obrigamos a pagar a quantia de réis 50\$000|por arroba de café que sahir quebrado de nossa machina, condição essa que nos | poderá impor qualquer comprador.|Ainda mais: -- faremos presente de um descascador de qualquer tamanho|dos de nossa invenção, a quem quizer nos dar em troca o café que sobrar do cotejo com outro descascador de differente systema, tomando-se como base|quantidade igual de café em côco, calculada para dar dez mil arrobas|beneficiadas.|Quer isto dizer que o nosso descascador, nas primeiras mil arrobas de café que | beneficia, já proporciona para o fazendeiro uma economia cujo valor é superior|ao seu custo.|Diante de vantagem tão reaes e incontestaveis, excusado é encarecer os meritos desta machina, e para sua significativa importancia nos limitamos a reclamar em|geral a atenção da lavoura do paiz, a favor da qual revertem os seus beneficios.|Ventilador de café em côco|Apartador de pedras|Esta machina, tambem muito simples de tão solida construcção como a|precedente, torna se egualmente necessaria por ser de grande vantagem e de|reconhecia utilidade, notadamente nas fazendas

situadas em terrenos|pedregosos.|Atenuando consideravelmente a penosa lide da lavagem do café, proporciona ao|fazendeiro uma grande economia de tempo em relação áquelle prejudicial|systema.|O nosso – Ventilador para café em côco “Apartador de pedras,” duas machinas|adaptadas n’uma só peça, pelo que dispensa completamente o antigo ventilador|para café em côco, preencheu perfeitamente a lacuna que existia na lavoura,|e tanto é isso verdade, que continuamos a receber constantemente pedidos dessa excelente, única e tão invejada machina.|Machina de beneficiar arroz Evaristo Conrado|Este prodigioso producto da machina é superior a todo o encômio que se lhe|possa fazer, e para comprovar o que avançamos basta nos-á lembrar o imenso|sucesso que acaba de obter nos Estados Unidos da America, onde cauzou|assombro a sua apresentação um publico, organizando-se desde logo uma|companhia com o elevado capital de um milhão de dollars para desenvolver o|seu fabrico em grande escala, conforme reclama a procura.|A superioridade desta machina sobre qualquer outra é tão sensível, que a torna unica no mundo. De uma solidez e simplicidade extremas, dispensa o serviço|de **machinista** profissional para dirigil-a, sem prejudicar nem mesmo de leve|este resultado:-- não quebra arroz, brune-o com admirável perfeição e|toda a casca, pondo-a em condições de prestar-se a diversos misteres de grande|utilidade.|Além disto a machina “Evaristo Conrado” só occupa um pequeno espaço para | seu funcionamento, quando as outras existentes, sobre serem deficientes em|seus resultados são de grandes complicações e de preço extraordinariamente|maior, sendo ainda de dispendiosissima montagem.

Temos anúncio de um tipo de máquina que de tão moderna e de tal autonomia que “*dispensa o serviço de machinista profissional para dirigil-a*”. Lê-se nas entrelinhas algo que vai além. Nesse momento existe um profissional especializado em “dirigir” esse tipo de máquina, mas que com a evolução tecnológica, se torna dispensável.

Reiteramos aqui todo o empenho dos paulistas em se mostrar cada vez mais adepto do cientificismo e das técnicas científicas. O campo era a mina de onde se retirava a riqueza desse povo. A preocupação com esse campo de pesquisa era grande de modo a civilizar o campo modernizando-o assim como as cidades.

O mundo cultuava a tecnologia. Desde o início da segunda metade do século XIX, exposições chamadas de Exposições Universais ocorriam mundo afora em grandes centros demonstrando toda sorte de trabalhos, festejando o progresso.

“É nessa mesma época que nosso imperador começa a investir, mais e mais, em uma imagem ‘progridida’ para o país no exterior. O ‘monarca inventor’ e adepto das vogas científicas combinava com o cidadão do mundo que viajava como um turista, que se quer, qualquer’.”

(SCHWARCZ, 1998, p. 385)

A época é a década de 80. O público das exposições crescia a cada evento e se destinava a propaganda das nações e seus trabalhos. O que cada nação tinha a oferecer ao mercado externo. Ser sede de uma dessas feiras era garantir visibilidade além do grande retorno financeiro. Participar como expositor também, obviamente, trazia visibilidade ao país dono do estande e, a partir da terceira exposição que aconteceu em Londres, em 1862, o Brasil foi *presença cativa* (SCHWARCZ, 1998).

O Brasil queria se mostrar civilizado e levava para os seus estandes o que era produto do país: café, seu carro chefe, chá, erva mate, guaraná, arroz, borracha, tabaco, madeira entre outros produtos agrícolas. Além do que era mais rural, também se apresentavam produtos mais modernos, tecnológicos até, como maquinaria em geral, materiais para estrada de ferro e construção civil, telégrafos armamentos militares. Produtos estes que seriam mais simbólicos no que tange a modernidade, contudo eram vilipendiados pelos visitantes do estande que premiavam o café e a cerâmica marajoara e mantinham a opinião de que o Brasil era um país exótico.

Ao menos a agricultura era premiada devido à excelência de seus produtos. Retomemos o anúncio. Este era destinado aos *senhores fazendeiros* para que conhecessem um descascador de café que, diferentemente, daquelas que recheavam o mercado, trabalhava de modo a manter a integridade dos grãos, da mesma sorte que apenas o que saíria da máquina era o grão sem resquícios de palha. O que era um problema. A adjetivação utilizada para esta máquina e seu sistema de funcionamento não podia ser outro que não *perfeitíssimo*. Os vendedores punham tanta fé em sua tecnologia que se propunham a pagar pelas sacas de café que saíssem quebrados da máquina.

A máquina que dispensava *machinista* era uma destinada ao trato com o arroz após a colheita, e esta ausência não prejudicaria “*nem mesmo de leve este resultado:-- não quebra arroz, brune-o com admirável perfeição e toda a casca, pondo-a em condições de prestar-se a diversos misteres de grande utilidade*”.

7.1. Arte mecânica

Quando, anteriormente, chamamos a atenção para as duas formas dialetais existentes do lexema *machina*, μηχανή e μαχανά, no grego, não foi de maneira nenhuma sem um propósito. Ambas as formas influenciaram o léxico da língua portuguesa tendo formas lexicais adotadas em momentos distintos, obviamente formando radicais distintos, mas logicamente associados quanto ao sentido.

A forma dórica, μαχανά, como pode parecer claro, influenciou a adoção no léxico latino e ao radical que forma o lexema *machina*, assim como palavras que dela derivaram. A forma faz parte de uma gama de outros lexemas que serviram de empréstimos dos mais antigos respeitando o fluxo *grego > latim* por questões histórico-geográficas. As colônias dóricas situavam-se na Grécia ocidental; parte delas, mais precisamente, no sul da Itália na antiguidade. Devido essa proximidade física entre as línguas, a influencia entre si acontecia naturalmente.

A forma ática, μηχανή (*mechané*), já no grego, era muito mais produtiva na formação de palavras, influenciando outro ramo lexicográfico: o que nos presenteou com a forma *mechanica*. Essa segunda forma dialetal pôde ser mais produtiva muito devido a sua origem. A partir século IV a.C., o dialeto falado em Atenas alcançou a promoção à língua modelo devido sua importância no processo civilizatório do território (LÜDTKE, 1974). Como o francês falado em Paris que nos dias de hoje tem sua importância internacional ou, em um grau reduzido, podemos exemplificar esse fato fazendo uma associação com o português falado no Brasil e o dialeto (ou dialetos) do sudeste que pode não ser tido como modelo explicitamente, mas ainda hoje é o dialeto no território nacional com maior prestígio, o dialeto preferido para o uso na televisão, por exemplo, sendo o mais difundido.

Como dito, a forma ática era muito mais produtiva do que a forma dórica no próprio grego antigo dando origem a palavras como: μηχανήμα (*mechánema*), μηχανητέον (*mechanetéon*), μηχανητικός (*mechanetikós*), μηχανικός (*mechanikós*), μηχανική (*mechaniké*), etc. Atentemos para este último. Este lexema faz parte de uma lista específica de substantivos criados no grego para nomear *artes, técnicas*. O sufixo κή (*ké*) foi amplamente utilizado por Platão e seus discípulos, como Aristóteles, para nomear áreas de estudo que abrangiam campos de conhecimento e esse

conhecimento deveria ser focado e especificado, para que dessa forma esse conhecimento pudesse ser transmitido. Assim, vários outros neologismos foram adotados ainda no grego por volta do século V a.C. a partir desse fenômeno que aplica a sufixação como: γραμματική (*gramatiké*), ποιητική (*poietiké*), ῥητορική (*retoriké*), e o caso que nos interessa μηχανική (*mechaniké*), entre outros, que se dicionarizam, respectivamente, *arte gramática*, *arte poética*, *arte retórica* e, conseqüentemente, *arte mecânica*. É fato que a adoção μηχανική (*mechaniké*) é posterior à grande profusão de neologismos utilizada por Platão, mas que segue as mesmas diretrizes para a criação de novos lexemas. Sendo uma matéria de estudo, naturalmente surgiram tratados e compêndios sobre os assuntos, ainda na Grécia clássica e posteriormente, visto que toda τέχνη (*téchne*) supõe ensinamento e aprendizado.

Desta sorte, o sentido já presente no grego chega, através do latim, ao português:

mecânica s.f. **1.** Ciência que investiga os movimentos e as forças que os provocam. **2.** obra, atividade ou teoria que trata de tal ciência. **3.** o conjunto das leis do movimento **4.** estrutura e funcionamento orgânico. **5.** aplicação prática dos princípios de uma arte ou ciência. **6.** tratado ou compêndio de mecânica. **7.** exemplar de um desses tratos ou compêndios. **8.** fig. combinação de meios, de recursos; mecanismo. (...) (Aurélio, 1988)

O termo, segundo CUNHA (2010), em seu “*Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*”, teve sua primeira ocorrência no século XVI:

mecânico adj. 'relativo à Mecânica, parte da Física' 'maquinal' 'versado em Mecânica' 'operário que se ocupa da conservação e conserto de motores' 'artista, artesão'. (...) **mecânica** XVI. Do lat. *mechanica*, deriv. do gr. *mechaniké*

(Cunha, 2010)

Assim como o lexema *machina*, *mechanica* carrega consigo um peso grande, difícil de dissociar da ideia de modernidade, por serem obviamente associados no que tange ao campo de aplicação e familiaridade. A *ciência mecânica* desdobra-se acompanhando lado a lado os novos inventos, sempre sendo ampliado para dar conta de novos movimentos; movimentos que vão ao encontro da modernidade. Pois é por essa

técnica, por essa *arte*, por essa *ciência*, que os novos inventos, inventos *mecânicos*, podem vir à luz.

O lexema realmente já fazia parte do léxico da língua portuguesa para definir uma ciência que evoluía a passos lentos. Contudo, é no século XVIII, na Inglaterra, que com a dita “Revolução Industrial”, e depois no século XIX com a propagação desta revolução pelo mundo, além do advento de uma segunda fase, que esse lexema toma novas cores, também se associando a palavra *revolução*, em voga na época, chegando-se mais à ideia de inovação, de modernidade. Podemos notar o discurso ufanista em relação às novidades tecnológicas e à ciência que possibilita sua existência e avanço nos anúncios que analisamos.

Em anúncio analisado anteriormente neste mesmo trabalho, chamamos a atenção para a palavra *mechanica* utilizada para dizer da modernidade como as *machinas* de costura vinham sendo produzidas na época em estudo. Naquela análise demonstramos a relação entre a técnica e os avanços civilizatórios.

Além dos avanços tecnológicos práticos, que podem ser usados como ferramentas para um maior conforto, seja no momento do trabalho, seja na organização social comungada pela elite da época, o Brasil punha-se a consumir o que havia de inovação cultural, ou ferramenta cultural, como é o caso do nosso próximo exemplo do uso do lexema *mechanica*:

- 12 de julho de 1828. São Paulo. O Farol Paulistano.

João Pedro Latzon tem a honra de participar| ao respeitavel Publico, que elle proxivamente che|gou de Londres á esta Capital, onde pertende exhi|bir algumas Artes Liberaes, ou Optica **Mechanica**,| com toda subtileza, perfeição, e delicadeza a que| é possível chegar, na casa da Opera d'esta mesma| Cidade, no dia 13 do corrente mez de Julho. Todos| os Senhores e Senhoras que quizerem honrar o dic|to espectaculo com as suas presenças, queirão se| dirigir á casa do *Senhor* Guilherme Hopkins, morador| na Ponte de Lorena, d'esde as 10 horas da manhã| até as 4 da tarde do referido dia 13, onde acharão| os Bilhetes não só dos Camarotes, como da Pla|tea; em cuja occasião espera o Representante rece|ber a competente esportula_Principiará às 8 horas.| *Note Bem* A esportula dos Camarotes, Platea,| e Varanda é a do costume.

O exemplo desse anúncio vem dialogar com um avanço importantíssimo quanto ao trato que a humanidade realizava com o que lhe é próprio e distintivo.

No mundo grego a distinção entre as *artes* punha as *mecânicas* num patamar de menor importância do que aquelas que são realizadas acessando a subjetividade. Aristóteles dividia as ciências de sua época como sendo de três tipos: as teóricas, as práticas e as poéticas. Elas respeitavam certa hierarquia que se relacionava com o que é mais interior e mais próximo do espírito. As que tocavam o que era mais interior eram consideradas superiores às aquelas mais *mecânicas*.

Se por um lado a *téchne*, segundo se relaciona com a esperteza, com a astúcia, assim como com as habilidades nas produções humanas. Por outro a *epistémé* se relaciona com o saber fazer algo, com o conhecimento. Logicamente a *téchne* também se relacionava com o conhecimento teórico para que se possa explicar como funciona cada um dos procedimentos postos em prática.

“Para Platão, *téchne* consistia em compreender o procedimento de determinada coisa, mas que não se reduzia ao mero jeito de fazer. Já para Aristóteles, *téchne* referia-se à produção de algo, enquanto *epistémé*, à construção de um discurso racional demonstrativo com a finalidade de comunicar o conhecimento. A *téchne* não tinha em si mesma uma finalidade, era sempre instrumental, o meio com o qual se atingia alguma coisa.”

(SILVA, 2014, p. 3)

Houve trabalhos durante o medievo que procuraram aproximar as ciências estreitando a relação entre o *homo sapiens* e o *homo artifex* de modo a clarificar o que é inseparável para a humanidade: a inteligência sagaz e a engenhosidade técnica. A partir da idade média e suas mudanças com relação à educação, novos modelos do dístico ensino / aprendizagem são praticados que se distanciavam das antigas práticas de passagem de conhecimento entre artesãos > aprendizes. Toda forma de aprendizagem na Era Medieval era uma escola, mas com o desenvolvimento e surgimento de novas técnicas, a relação evoluiu demandando inovação.

A educação profissional no Brasil no século XIX foi foco de reflexões e ações para corresponder às expectativas de um mundo que se modernizava em velocidade muito grande. Na época, notava-se a necessidade de uma educação mais universal, não apenas como uma prerrogativa da elite. Por exemplo, para que existisse um maquinista

especialista que operasse as máquinas era necessário que se realizasse uma ação em que se fixasse um aprendizado sobre seu funcionamento.

“A sociedade já não estava mais baseada numa economia latifundiária, das grandes propriedades, mas no “[...] regime da pequena propriedade e a supremacia da riqueza móvel. A condensação de ontem cede o domínio à difusão de hoje: o bem estar intelectual e econômico generaliza-se [...]” (SOUZA FILHO, 1887, p. 8). A defesa por uma educação de todos é convicção moderna, não observada na Antiguidade nem na Idade Média. Para Souza Filho (1887), o ensino e a educação, cotilédones da mesma semente, “[...] são os princípios vitais da civilização [...] Sem ensino e educação tornam-se inviáveis a ordem moral, os meios de se assegurar o desenvolvimento humano, o progresso, a justiça e uma sociedade de paz. A democracia e a evolução econômica exigem educação e ‘progresso da instrução’”

(SILVA, 2014, p. 5)

Numa nação que vinha investindo pesadamente em um futuro dentre os grandes, o investimento da educação servia para fazer coro com o discurso de progresso. Entretanto, o sistema educacional brasileiro carecia de certa atualização. Era formada toda casta de funcionários públicos, advogados, médicos, políticos nas salas das escolas brasileiras, mas deixava-se de lado uma área que carecia de profissionais ligadas à agricultura, comércio e indústria que se ligavam diretamente ao progresso econômico, pelo menos até a primeira metade do século XIX. As mudanças aconteceram lentamente e truncada por discussões e ações de ordem partidárias. Mas as artes mecânicas foram sendo introduzidas na realidade do país a fim de assegurar mão de obra especializada que pudesse corresponder ao mercado de trabalho que, por sua vez, asseguravam os passos rumo à modernidade.

O anúncio, então, nos serve para vem fazer conhecer os serviços de João Pedro Latzon que vinha apresentar, com *perfeição e delicadeza* algumas dessas *artes liberais* ou *optica mecânica*; saberes esses trazidos do exterior, pois este vinha de viagem realizada à Londres.

Podemos deduzir, a partir da raiz, que o uso do lexema como adjetivo é posterior ao uso do mesmo lexema como substantivo, e uma vez adjetivado se põe no jogo gramatical podendo sofrer todas as operações no que diz respeito ao uso de um adjetivo,

como, por exemplo, as flexões de gênero e número. Dessa forma o adjetivo, *mechanica*, é flexionado respeitando o gênero do substantivo o qual determina. Sendo um adjetivo com tema em -o, a alternância de gênero para o feminino se faz com a adição do sufixo flexional -a.

Notemos que o sintagma vem parafraseado anteriormente por “*artes liberais*”, um tipo de arte específico que visa o ensinamento, a formação pessoal do indivíduo. Esse pensamento acompanha as ideias de formação de nação em voga na época. Para se construir uma nação é importante formar cidadãos. Assim a arte liberal é uma ferramenta que deve ser usada para essa formação, arte liberal ou “*optica mechanica*”, um mecanismo.

Acreditamos que este seja o momento de explanarmos que esse sintagma é construído a partir de duas palavras que possuem raízes gregas. “*Optica*” tem sua raiz em ὄψις (*ópsis*) e esta se dicionariza da seguinte forma:

ὄψις, ἡ, gen. εως Ion. ιος: (from ΟΠ, Root of ὄψομαι) : I. *look, appearance, aspect of a person or thing*, Lat. *Species oris, aspectus*, II., Soph.; εἰκάζεσθαι ἀπὸ τῆς φανεῖας ὄψεως Thuc.: - acc. Absol. In *appearance*, Pind., Att. 2. *the countenance, face*, Eur., etc. 3. = θέαμα, *a sight*, Aesch., Eur., etc.; ἄλλην ὄψιν οἰκοδομημάτων other architectural sight, Hdt.; τῇ ὄψει from what they saw, Thuc. 4. *a vision, apparition*, Hdt., Trag. II. *Eyesight, vision*, Hom., Hdt., Att.: in pl. the organs of sight, the eye, Soph., Xen. 2. *view, sight*, Lat. *Conspectus*, ἀπικέσθαι ἐς ὄψιν τινί to come into one's sight, i.e. *presence*, Hdt.; εἰς ὄψιν τινός or τινί ἡκεῖν, μολεῖν, ελθεῖν, περᾶν Aesch., Eur. (Liddle & Scott, *Greek-English Lexicon*)

A partir da raiz, assim como é o caso de μηχανή (*machina*) e μηχανική (*mechanica*) um substantivo derivado, se formou o neologismo ὀπτική (*optikê*) a partir do uso do sufixo κή (*kê*). Como explicado anteriormente, a esse sufixo agrega-se o sentido de arte, técnica. Essa palavra foi adotada pelo latim médio com o sentido de arte:

optice, es f. *Vitr.* a óptica: parte da mathematica que trata da luz e da visão directa. (Souza, F. A. de. *Novo Diccionario Latino-Portuguez*)

Uma vez constituinte da língua latina e com o passar dos anos o lexema sofreu algumas alterações no que tange ao sentido, aumentando o seu campo de conceitualização e dessa forma é dicionarizado por Aurélio:

óptica. S.f. **1.** parte da física que investiga os fenômenos de produção, transmissão e detecção eletromagnética de comprimento de onda compreendido aproximadamente entre 10 Å e 1 mm. **2.** tratado ou compêndio acerca dessa matéria. **3.** exemplar de um desses tratados ou compêndios. **4.** aspecto ou perspectiva dos objetos vistos. **5.** estabelecimento onde se vendem e/ou fabricam instrumentos ópticos, sobretudo óculos ou lunetas. **6.** fig. Maneira de ver, de julgar, de sentir; conceito ou ideia particular. (Aurélio, 1988)

Cunha nos atesta que a primeira ocorrência deste lexema no português se deu em 1813, o que nos dá a certeza de que a arte mecânica daquele tempo, realmente fazia uso de tudo o que era de novo para a época e se disseminava com uma considerável velocidade, como dito pelo anunciante no anúncio anterior ao que estamos analisando por ora: “*accessorios que só a **mechanica** do progresso hodierno poderia adoptar*”.

7.2. Dono de seu próprio tempo

Há séculos, talvez milênios, o homem, procurando se tornar atuante e dono de seu tempo, tanto da época em que viviam, quanto de seus momentos vividos no cotidiano, a ponto de hoje em dia haver capitalizado seu tempo e expresso isso com a máxima *time is money*, vem procurando maneiras de marcar o tempo com a invenção de diversas formas de determiná-lo. Desde a clepsidras às ampulhetas, relógios solares e os das torres das igrejas, invenções que visavam uma organização social de acordo com as horas do dia, a ideia de relógio servia como predeterminação dos compromissos dos cidadãos. Sem dúvida a invenção veio para moldar uma nova forma de medida temporal.

O lexema relógio tem em sua raiz e origem uma palavra que determinava as estações do ano, assim, mais tarde, atrela-se ao sentido da palavra e de outras que dela derivariam qualquer divisão temporal:

ώρα, Ion. ὥρη, ή : Ep. gen. pl. ὥράων, Ion. ὥρέων : poet. dat. pl. ὥραισι: Lat. hora : *any time or period*, whether of the year, month, or day (νυκτός τε ὥραν καὶ μηνός καὶ ἐνιαυτοῦ Xen.) : hence I. *A part of the year, a season; in pl. the seasons.* (...) (Liddle & Scott, *Greek-English Lexicon*)

Assim, com essa ideia de divisão temporal e tendo o grande marcador de tempo a sua disposição, os primeiros relógios foram os solares. Inclusive Liddell and Scott mencionam em seu dicionário a existência de um relógio solar. Outros dicionários trazem a evolução da palavra ὥρα (*hóra*) que nos dá o lexema que nos serve para análise.

ὥρολόγιον , τό, A. *an instrument for telling the time, a dial or clock*, ὥ. σκιοθηρικόν the sun-dial of Anaximenes, **Plin.HN2.187**; a sun-dial (ὥρολόγιον) at Zea (Piraeus) mentioned in *PHaw.81* (Att. periegesis of iii B. C., pap. of ii A. D.); “ἀπὸ τοῦ σκιακοῦ ὥρολογίου” *IGRom.4.293ai35* (Pergam., prob. 127/6 B.C.), cf. *Cleom.1.10sq.*, *Gem.8.23*, *Plu.2.1006f*, *CIG1947* (loc. inc.), *Inscr.Cos57*, *Suid.* (who writes it ὥρολογεῖον) ; ὥ. ὕδραυλικόν a water-clock, = κλεψύδρα, cf. *Aristocl. ap.Ath.4.174c*, **Plin.HN7.213**, *Bato 2.14*; “μηχανικὰ ὥ.” *Ach.Tat. Intr.Arat.25.6*; the dimensions of a water(?) -clock are given in *POxy.470.31* (iii A. D.). (Perseus online)

E assim Liddell and Scott dicionarizam ὥρολόγιον (*horológion*) como um instrumento que diz as horas, um mostrador e menciona o relógio solar de Anaxímenes localizado no Pireus.

Com a grafia *horologium*, esse lexema passa ao latim com a ideia ainda de relógio solar advinda dos gregos, que era a forma mais prática para se determinar o tempo naquele tempo.

Contudo, ainda nos atestam Liddel and Scott, outras formas de medida temporal imediata - quando digo imediata me refiro às horas do dia. Há o uso de um ὥρολόγιον ὑδροαυλικόν (*hopológion hydraulikón*), um relógio que utilizava em seu mecanismo a água, nomeado de κλεψύδρα (*clepsidra*), que eram usados para determinar o tempo de cada orador nas assembleias, principalmente na Acrópole de Atenas. Há de se notar que a democracia ateniense é a maior demonstração de civilidade e sociabilização dentre os gregos.

Acompanhando a evolução humana, o *relógio* é desenvolvido adotando novos mecanismos para seu funcionamento mais exato e o relógio na torre da igreja, que se localizava no centro das cidades, determinava o andamento dos viveres das sociedades que rumavam para a civilidade. Do relógio da torre ao relógio de algibeira, num movimento individualizador, o homem tem o tempo em suas mãos. O homem livre era dono do seu tempo. Durante muitos anos, os relógios de bolsos eram uma forma determinante de status social, sendo considerados verdadeiras joias com correntes de ouro, pedrarias e afins, destinado às elites.

No início do século XIX brasileiro as horas diurnas que, como diz ALENCASTRO, costumavam ter sua medida ajustada aleatoriamente e até desnecessária, com a chegada dos relógios de bolso, as horas agora necessitam de certo acerto e os seus tempos poderiam ser “*marcados passo a passo, de cebolão na mão, nas casas, nas fazendas, nas estradas*”, enfim, em todos os lugares onde houvesse homens livres.

Em 1829 chega a São Paulo um relojoeiro que pretendia instalar-se na cidade e prover à sociedade paulistana *relógios de todas as qualidades*:

- 11 de janeiro de 1829. São Paulo. O Farol Paulistano.

He chegado nesta Cidade vindo de París Bont|te Dillon, Fabricante de **relógios** de todas qualidades,| e também faz todos os concertos aos ditos **relógios**, e| traz também bastantes feitos, porisso faz publico a todos| os Senhores que quizerem utilizar-se do supplicante| para alguma obra, o que fará muito comodo, e mora na| Rua do Ouvidor numero 49, onde também tem fazendas e modas Francezas.

A vida social daqueles que queriam alcançar o patamar civilizado deveria se adequar ao que era o modelo, a vida social europeia. Alencastro nos conta sobre a inauguração, em 1850, *de uma linha regular de navio a vapor entre Liverpool, na Inglaterra, e o Rio de Janeiro*. Dessa forma, os horários deveriam estar adequadamente sincronizados. Os navios ingleses atracavam no porto do Rio com tal pontualidade, saindo todo dia 24 do mês para chegar exatamente no dia 21 do mês seguinte, mexendo com o imaginário de toda a corte.

A ânsia pela modernidade e pelo *status* civilizado é o maior motor para o consumo de bens como o relógio. Assim, principalmente após a segunda metade do século XIX, a demanda desse tipo de bem aumenta em grande escala, do mesmo modo que profissionais para suprir a demanda tanto no que diz respeito à venda quanto no que diz respeito a concertos.

- 5 de outubro de 1852. São Paulo. Aurora Paulistana.

- 15 de outubro de 1852. São Paulo. Aurora Paulistana.

JOSE' PHILIPPE SALMAN mora | dor na rua de São Bento número 16, participa | ao respeitavel publico e especialmente | aos seus freguezes, que elle tem para | vender um completo sortimento do | oculos de todas as qualidades, lunetas, | vidros avulsos, oculos de alcance, di- | tos para theatro, bengallas &c. &c.; | na mesma casa continua-se a vender | e concertar **relogios** de todas as qua- | lidades.

O poder sobre seu próprio tempo ultrapassa os limites do urbano e as fronteiras das cidades. Inventar máquinas para as lavouras que não prescindisse de um maquinista é retirar o homem do trabalho braçal, subtrair o agente da *arte mecânica* para que seu tempo pudesse ser investido em *artes liberais* mais dignificantes.

Em anúncios já analisados, notamos muitas vezes que o diferencial das novidades maquinais era o tempo gasto no trabalho dessas máquinas. Quando fora anunciado as *machinas de costura*, textualmente se fala não somente da *perfeição* de seus trabalhos, mas, também da economia de tempo para que o trabalho seja efetivado.

- 29 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano

[...] Os *Senhores* Alfaiates, sapateiros, selleiros, correeiros, etc.,| também encontrarão nesta casa as mais aperfeiçoadas machinas, já|com accessorios que só a mechanica do progresso hodierno|poderia adeptar para que taes machinas produzam trabalhos|maravilhosos, não só pela perfeição **como pelo pouco tempo consumido**|e pelo pequeno incommodo de quem as menejar para produzirem|taes resultados. [...]

Quando se anunciam as *machinas* importadas por Engelberg, Siciliano & Companhia, máquinas para lavoura, a preocupação em especializar o maquinário da área econômica que movimentava o comércio interno e externo do Brasil via-se como melhoramento dos trabalhos a economia de tempo gasto nele como fator importante.

- 27 de fevereiro de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.

[...] Atenuando consideravelmente a penosa lide da lavagem do café, proporciona ao fazendeiro uma grande economia de tempo em relação áquelle prejudicial systema. [...]

O trabalho árduo, *penoso*, que antes era feito pelos braços e corpos do fazendeiro (e de seus escravos e, posteriormente, empregados) poderia ser atenuado pelo uso das *machinas* que lhe renderia uma grande *economia de tempo* se comparado com outros *systemas* já ultrapassados pela excepcional *mechanica hodierna*.

O homem livre dono de seu tempo para conquistar o poder de ter seus passos marcados pelo *relógio* em suas mãos se dirigia às lojas, de início, que tinha uma vasta gama de produtos a serem adquiridos.

Neste momento ainda nota-se que o artigo é vendido em algumas lojas não especializadas, como no caso do anúncio de 5 de outubro de 1852 do jornal *Aurora Paulistana* em que o senhor José Philippe Salman além de vender outros artigos destinados à vida cultural da província, também concertava e vendia *relogios*. Mas, assim com aconteceu com a fotografia, torna-se notável a necessidade de fundar um novo comércio no Brasil: lojas especializadas em relógios, com um nome relacionado ao artigo tão especial e que necessitaria de profissionais especializados. O lexema já fazia parte da língua portuguesa desde o século XVIII, como nos atesta CUNHA, mas é no século XIX que se faz maior uso dessa palavra nos anúncios de jornais e nas placas em frente às lojas brasileiras: *Relojoaria*.

- 14 de outubro de 1874. Campinas. A Mocidade.

RELOJOARIA || DO || REGULADOR CAMPINENSE ||Penteado & Nunes
|| LARGO DA MATRIZ VELHA Número 39.|| Acaba de receber um
completo sortimento de relógios de parede e algibeira de lindos gostos, sendo
vendidos por commodo preço, affiançados por um anno. Rcebeu mais lindo
sortimento de pince-nez tanto de vidro de cor como de grao, despertadores,
correntes de ouro, prata, plaquet. | Relógios | Para torres ou fazendas
encarregando-se os donos do estabelecimento da sua collocação e
affiançando a boa marcha por cinco annos.|| CONCERTOS PERFEITOS E
AFFIANÇADOS|| POR UM ANNO.

Neste anúncio se faz perceber o cuidado que se tinha na manufatura desse tipo de artefato e que vem re-afirmar o que mencionei anteriormente, sobre os relógios de algibeira ser destinados às elites, aos homens de bem. Por se tratar de uma *relojoaria*, ou seja, uma loja especializada em *relógios*, além de comercializar o produto, comercializa todo o tipo de material relacionado, como as correntes que prendem os relógios à roupa de seu usuário. Mas não são quaisquer tipos de correntes, são correntes de ouro, de prata, ou no pior dos casos revestidas com plaquê. Claro que essa gradação de valor monetário refletia o valor que era preciso desprender ao portador de dado artefato.

A partir do momento em que o homem deixa de ser dependente da hora natural imposta pela luz do sol e dentro de uma comunidade civilizada onde as responsabilidades excediam às horas do dia, noite adentro, é de extrema necessidade o desenvolvimento de mecanismos que possibilitem a vida social noturna. Iluminação artificial é a saída. Archotes, luz de velas foram por anos a fio utilizados pelas sociedades que vieram antes da chegada do lampião que iluminavam os passeios públicos e as residências do século XIX.

O lexema liga-se pelo radical com lâmpada, que chegou através do latim à língua portuguesa. O original grego é *λαμπάς* (*lampás*) no nominativo singular, possuindo uma raiz diferente para as demais declinações com a adição de uma dental sonora (δ), desta forma a raiz para as demais formas declinadas que não o nominativo é *λαμπαδ*-. Liddell and Scott define o lexema da seguinte forma:

λαμπάς, ἄδος, ἥ (λάμπω) a torch, Aesch., Soph., etc.: a beacon-light, Aesch.: - later, an oil-lamp, N.T., Anth. 2. metaph. of the sun, Soph., Eur., etc.; ἡ ἐπιούσα λ. the coming light, i.e. the next day, Eur. II. the torch-race, like λαμπαδηδρομία, Hdt.; λαμπάδα δραμεῖν to run the race, Ar. (Liddle & Scott, *Greek-English Lexicon*)

Os lampiões do século XIX nada mais eram do que pequenas tochinhas dentro de invólucros de vidro muito rudimentares, ou, ainda, pequenos candeeiros que tinham como combustível óleo, azeite e, posteriormente, *kerosene*, que serviam, sobretudo, para iluminação de interiores.

As cidades que nos servem para análise de seus anúncios em nosso trabalho possuíam, no século XIX, uma precária iluminação pública que foi sendo melhorada paulatinamente através dos anos. Mas, quando olhamos para as vidas particulares de dentro das casas dos cidadãos brasileiros oitocentistas, lhes eram oferecida a possibilidade da aquisição de *lampeões* àqueles que desejassem comprar, imbuídos do sentimento civilizada e de descolamento do que é rústico.

- 17 de maio de 1874. Campinas. A Mocidade.

ATENÇÃO|| Attenção [espaço] Attenção|| Prospero Bellinfanti participa ao respeitavel publico campeneiro que recebeu um grande e completo sortimento de generos norte americanos, constando de machinas de costura com todos os pertences linhas agulhas e oleos, arados completos, separados de zinco para café, machinas para manteiga, ditas para café, gaiolas de arame e muitos outros artigos de mesma procedencia.| Na mesma casa encontra-se **lampeões** de todos os tamanhos, tocidas, vidros para os mesmos e Kerosenes, fogões de ferro completo, camas de ferro, banheiras, tens de cosinhas estanhados francezes, torradores para café de todos os tamanhos e grande sortimento de cestos de vime.| O Proprietario deste estabelecimento te á Rua da ponte sem Santa Cruz Número 15 uma officina de caldeireiro e funileiro, aonde se encarrega de todas as obras com cobre, zinco, folha, etc.| Faz os mais perfeitos alambiques para distilação de espiritos.| Incumbe-se de qualquer encanamento em casas, etc. | Faz banheiras de folha de todas as dimensões.| Assenta bombas, simples e de pressão, levando a agua onde se quizer.| Faz finalmente todas as obras

concernentes á profissão, acudindo aos chamados para qualquer parte, onde seus serviços forem precisos.| Concerta e renova todos os objetos estragados.| Tudo por preços commodos.

O dono desse estabelecimento, além de comerciante voraz, tendo em vista a quantidade e diversificação de seus produtos, estes importados e de manufatura própria, ainda se propagandeia como um profissional versátil. Assentador de *bombas* d'água, essa *machina* que pode levar água para *onde se quizer*, também trabalha com os encanamentos internos às casas. Se a água já estava dentro das casas, algo que era retirado da natureza, a luz deveria também estar dentro e individualizada.

O público poderia comprar o produto *lampeão*, assim como seu combustível: o *kerosene*, neste estabelecimento comercial. O novo produto combustível teve o lexema adotado pela língua portuguesa, segundo CUNHA em 1873:

querosene *sm.* '(Quim.) líquido resultante da destilação do petróleo' | *kerosene* 1873 | Do fr. *kérosène*, do gr. *keros* 'cera'. (Cunha, 2010)

Contudo, podemos notar a existência de propagandas do produto em anúncios anteriores à datação estipulada pelo lexicógrafo:

- 07 de julho de 1870. Campinas. Gazeta de Campinas.

Abrio-se!| O QUE É QUE ABRIO-SE?|| A Casa commercial de Francisco Alvaro de Souza Camargo, o qual participa a seus parentes, amigos e freguezes, que acaba de receber um completo sortimento de ferragens, drogas, tintas, miudezas de armarinho, **kerosene**, chá, cêra, sementes de hortaliças etc.|Recommenda aos amadores um bonito sortimento de espingardas, rewolvers, facas de caça, etc, etc.|Espera merecer confiança das pessoas que honrarem seu novo estabelecimento, estando o annunciante resolvido a vender por commodos preços.|Rua Direita, canto da Cadêa.

Como bem atesta Cunha sobre a procedência do lexema, *Kerosene* tem sua raiz em κηρός (*kerós*):

κηρός, ó, *bee-wax*, Lat. Cera, Od., Pl. (Liddle & Scott, *Greek-English Lexicon*)

O *kerosene* é o produto mais pastoso obtido com a destilação do petróleo que, liquefeito, torna-se um combustível seguro, diferenciando-se da forma como a raiz da palavra foi concebida no grego. O produto que foi, em meados do século XIX, produzido em escala industrial foi o principal fator para a decadência do mercado de óleos produzidos pela indústria baleeira.

Entretanto, tão largos eram os passos dos avanços tecnológicos e tão apressados que em curtos espaços de tempo uma novidade era trocada por outra. Assim, do anúncio citado acima, datado de 1870, em que o *kerosene* era vendido para que servisse de combustível para os *lampeões*, dezoito anos depois, um prazo de tempo muito curto, diga-se de passagem, temos o anúncio de um pacote a vapor que possuía sua iluminação interna a luz *electrica*:

- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.

REAL COMPANHIA | DE | Paquetes a vapor | DE | SOUTHAMPTON || O
MAGNIFICO VAPOR | TAGUS | Sahirá no dia 19 de Maio as 4 horas | da
tarde com escalas pelo | Rio de Janeiro,| Bahia, | Pernambuco, | Lisboa | Vigo
e | Saouthampton | O pacote a vapor | NILE | Esperado de Southampton e
escalas no | dia 1 de Junho. || Sahirá depois da indispensavel demo- | ra para |
Montevidéo e | BuenosAyres || Todos estes vapores são illumidaos a luz |
electrica. || N. B. – Na agencia tomam-se seguros | sobre as mercadorias
embarcadas por | estes vapores || Para passageiros, carga e mais informações |
com os agentes | Holworthy, Ellis & Companhia || RUA DE SANTO
ANTONIO, 40 | SANTOS

A iluminação pública elétrica chega à cidade de São Paulo somente no ano de 1891, década final do século.

Como demonstração de civilização, São Paulo investia em símbolos urbanos que embelezavam a cidade. Construíram-se praças, lojas como as que anunciam nos jornais, palacetes que transformavam os passeios públicos. A primeira mudança quanto à iluminação pública ocorrida na capital paulista ocorreu na rua Barão de Itapetininga, no centro da cidade, que era repleta por um centro comercial fervilhante disposto a socorrer os quereres da elite emergente paulistana.

Para dar conta das demandas dos clientes nas cidades ou no campo, a comunicação entre as partes interessadas em firmar negócio era imprescindível. Os jornais se apresentavam como uma ferramenta utilíssima para por em contato os vendedores e seu público. Contudo, havia negócios que demandariam um contato mais urgente e direto. O *telegrapho* nasce da necessidade do contato imediato.

- 14 de outubro de 1874. Campinas. A Mocidade.

PEDE-SE TODA||ATENÇÃO|| Aos senhores fazendeiros|| Ferreira Novo & Filho participarão aos senhores fazendeiros e negociantes que continuam a comprar café em maior quantidade do que faziam até hoje, achando-se para isso habilitados por acabarem de contractar com algumas das principais casas exportadoras, a fazerem grandes compras. Nosso systema de compras, será: Comprar toda e qualquer quantidade de café quando beneficiado o prompto recebemos, ou com poucos dias de demora depois da venda. Pedimos a todos os senhores fazendeiros qua quando tenham café em qualquer quantidade promptoe queirão vender; a bondade de nos procurarem pagando sempre no dia da venda maior preço que permitir o estado do café nos principais mercados do paiz, da America e da Europa; habilitando-nos para podermos fazer tão grande vantagem aos senhores lavradores, o **telegrapho** que acaba de collocar em comunicação diaria esta florescente cidade com aqueles principaes mercados.

A fim de incrementar os negócios agrícolas dos territórios produtores de café a disponibilização de um artigo tão moderno quanto o *telegrapho* é mais uma mostra que atesta o quanto moderno se queria e se poderia ser o homem de negócios da época, mesmo no campo. Estar conectado ao mercado agilizava os negócios garantindo rentabilidade maior, inclusive economizando o tempo tão valorizado.

Entre 1854 e 1858, juntamente com as estradas de ferro, foram esticados os primeiros fios telegráficos. As linhas telegráficas que em 1873 percorriam 3.460 quilômetros em solo brasileiro vê-se avolumar de forma extraordinária chegando, em 1888, a 18.000 quilômetros com direito a conexões submarinas com a Europa (SODRÉ, 1998).

8. Para garantir a vida

Há de se levar em consideração um dos motores propulsionais de organização ideológica em funcionamento no Brasil do século XIX. Havia na época um discurso positivista corrente na, até então, corte, um discurso que só cresce com o passar dos anos. Com a independência do país em 1822, o sentimento antilusitano e o ideal de fundação de uma nação autônoma só vem a se tornar mais pujante com a aproximação da metade do século. O sentimento lusópho leva à troca de nomes de batismos por nomes ora indígenas, ora por nomes de grandes pensadores e celebridades do mundo antigo, grego e latino. E o Brasil elege um novo modelo ideal, já citado neste trabalho quando tratamos do lexema *machina*. A França torna-se para o Brasil um paradigma de civilização, de nação a ser copiada, quando possível. Desta sorte, nos relata Alencastro, “*autores franceses e círculos francófilos*” vêm influenciar correntes de pensamento e práticas sociais, principalmente na época do Segundo Reinado; seriam eles: o positivismo, o kardecismo e a homeopatia. Aqui então nós chegamos ao ponto que mais interessa a esta seção. O positivismo é, sem dúvida, como sabemos, a base para os experimentos científicos, e os experimentos ligam-se as inovações da medicina. Assim, a pajelança e curandeirismo dão lugar a tratamentos através de drogas ou tratamentos homeopáticos, que faziam uso de magnetismo, mas que também poderiam fazer uso de preparados de ervas, podendo ser enquadrados no substantivo *droga*. Esses preparados e drogas eram comercializados em drogarias ou *pharmacias*.

O lexema já fazia parte da língua portuguesa desde o século XVII, como nos atesta CUNHA:

farmácia *sf.* 'local em que se estocam e se vendem medicamentos' 'tratado científico sobre os medicamentos' XVII. Do lat. tard. *Pharmacia*, deriv. do gr. *Pharmakéia* (...) (Cunha, 2010)

Como notamos pela designação dada por Cunha, farmácia se relaciona a medicamento, sendo o local de estoque e venda desses medicamentos. A mesma associação faz Aurélio:

farmácia. *S.f.* **1.** Parte da farmacologia que trata da maneira de preparar, caracterizar e conservar os medicamentos. **2.** Estabelecimento onde se preparam e vendem medicamentos. **3.** Profissão do farmacêutico. **4.** Coleção de medicamentos. **5.** Conjunto de medicamentos que se têm em casa, num colégio, numa repartição, etc., para uso no tratamento de leves indisposições, ou em primeiros socorros. (Aurélio, 1988)

Ao associar farmácia com medicamento somos impelidos a ter uma visão positiva com relação ao sentido atribuído ao lexema, pois, *medicamento* é hoje dicionarizado como *substância ou preparo que se utiliza como remédio*; e *remédio* tem um sentido benéfico carregando consigo a ideia desse benefício como algo que *sara as doenças, dor ou males, aquilo que serve pra curar*¹⁰. Quando usado metaforicamente, essa ideia de benefício também se faz presente. Da mesma forma não se dava no grego, ao menos não especificamente. *Pharmacia*, como bem atesta Cunha, tem como raiz *φαρμακεία* (*pharmakéia*), lexema ao qual Liddell and Scott dicionarizam como a seguir:

φαρμακεία, ἡ (φαρμακεύω) the use of drugs, potions, spells, Plat. 2. poisoning, witchcraft, Lat. veneficium, Dem. II remedy, cure, Arist. (Liddle & Scott, Greek-English Lexicon)

Claro que o sentido que chegou ao português fazia parte, já no grego, do significado do lexema, mas é preciso esclarecer que esse sentido é posterior à adoção da palavra pelos gregos, sentido este que se agregou ao lexema com o advento da medicina na Grécia antiga, por volta do século V a.C. Além do sentido ligado à medicina – *remedy, cure* –, àquele tempo podia-se associar o lexema a toda e qualquer poção utilizada em ritos místicos, como a palavra *poção*, nos dias de hoje, que remete a ciências obscuras. Dessa forma Liddell and Scott, em seu dicionário nos dão o sentido de *witchcraft* (feitiçaria), *spells* (feitiço, encanto), também presente no significado do lexema em sua origem. Mesmo ao sentido dado pelos helenistas de *drugs*, está claramente ligado o sentido de veneno.

¹⁰ **remédio** *sm* **1.** Aquilo que combate o mal, a dor ou uma doença. **2.** Aquilo que serve para curar ou aliviar dor ou enfermidade. **3.** Recurso, expediente, solução. **4.** Ajuda, auxílio, socorro, proteção. **5.** Correção, retificação, emenda. **6.** *Jur.* Meio adequado e lícito para se alcançar determinado fim de direito. (Aurélio, 1988.)

Se recordarmos a tragédia de Eurípedes, *Medeia* – representada pela primeira vez em 431 a. C –, a protagonista, que inclusive nomeia a peça, para se vingar da traição imposta pelo seu amado, Jasão, tece um plano funesto. A heroína trama contra a vida da filha de Creonte, regente de Corinto, Glauce, enviando-lhe, por intermédio dos próprios filhos um presente *envenenado*; vestimentas e uma “coroa” aos quais incutiu um φάρμακον (*phármakon*), um *veneno*. Ao enviar esse presente à sua rival, *Medeia*, conscientemente, condena seus próprios filhos à morte, ao terem contato com o φάρμακον; assim como a Creonte, pai da vítima principal, que, ao ver a filha sofrendo as dores causadas pelo veneno, corre para socorrê-la entrando também em contato com o ardil da heroína, condenando-se à morte. O mensageiro relata o que ocorreu no castelo de Creonte para *Medeia* e para o público dizendo o seguinte:

“ὄλωλεν ἡ τύραννος ἀρτίως κόρη
Κρέων θ’ ὁ φύσας φαρμάκων τῶν σῶν ὕπο.”

A essa passagem Flávio Ribeiro de Oliveira traduz para o português belamente desta forma:

“Morre há pouco a jovem soberana
e o pai, Creonte, pelas drogas tuas.”

Entenda-se que essa droga nada mais era do que um preparado nocivo destinado a pôr fim a vida de uma pessoa e que foi extremamente bem sucedido.

Medeia era uma forasteira, uma bárbara levada à Corinto por Jasão após a incursão deste e demais heróis, denominados *argonautas*, que partiram da Grécia para a Cólquida visando à obtenção do *Velo de Ouro*. A traição à família e à pátria pela honra do amado a fazia esperar nada mais do que a reciprocidade por parte do herói, mas este, de modo egoísta e oportunista, vê no matrimônio com a filha do rei coríntio a possibilidade de engrandecimento pessoal.

A ação de *Medeia* pode ser vista de forma repugnante: pôr fim a vida de sua rival e filhos. Contudo, devemos ressaltar que eram também filhos de Jasão, objeto de sua revolta e, se deixarmos de lado o politicamente correto e tentarmos olhar o fado de *Medeia* pelo seu prisma, entenderemos que o mecanismo usado não deixa de ser um

remédio para seus males. Ela que havia, por amor a Jasão, deixado a pátria depois de trair seu pai e matado seu irmão na fuga, agora tinha a *timé* (a honra) ultrajada ao ser vilipendiada e trocada por interesses pessoais do herói. Algo a estava fazendo mal. Seu coração e sua honra estavam feridos, era preciso um remédio para suas dores e, impelida pela sua natureza feminina, pôs em ação duas coisas das quais era perita: o dolo e a arte mágica, na fomentação de seu plano ardiloso¹¹.

Entendendo desta forma podemos ligar o lexema *pharmacia* ao que vise o bem estar das pessoas. O remédio de Medeia foi um remédio muito amargo, mas, que para a heroína, era o mais certo a se tomar.

Após esta breve digressão, podemos voltar ao nosso assunto central. A vida humana é desde sua origem atacada por pequenos animais, parasitas, pestes.

Dentre os anúncios coletados há a propaganda de produtos destinados à exterminação de pestes como pulgas, mosquitos e percevejos. Num grau de comparação muito reduzido, esses venenos para outros seres vivos se ligam ao remédio de Medeia. Usam-se esses *venenos* para por fim a algo que nos faz mal ou incomodam. Ainda hoje se fala em *remédio* para ratos. Assim temos a associação mais clara dos sentidos do lexema *pharmacia* ao sentido original no grego, temos o sentido mais expandido presente no entendimento atual.

O anúncio citado acima diz o seguinte:

- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.

Mosquitos || PERCEVEJOS, PULGAS ETC. || desaparecem infallivelmente com o uso | do bem conhecido e verdadeiro 60 6 || O' DA PERSIA || Chegou nova remessa á || **Pharmacia** Ypiranga || Número 25 – RUA DIREITA – Número 25 || EM || SÃO PAULO || Preço de um pacote 1\$000 || A dúzia 9\$000 || Cada pacote do verdadeiro Pó da | Pérsia leva detalhada ex- | plicação de seu uso || Remette-se para o interior.

Na *Pharmacia Ypiranga* vendia-se um veneno para essas pragas que faziam com que desaparecessem “*infallivelmente*” e que não era prerrogativa dos centros urbanos, pois, deixa-se claro que, à época, “*Remette-se para o interior*”.

¹¹ Medéia, Eurípedes (2006) - pg. 173, texto analítico sobre a tragédia assinado pela *equipe de filólogos da Kaktos*.

Esses estabelecimentos, com a profusão de medicamentos descobertos e desenvolvidos, recebem de fora do país ou de *pharmaceuticos* nacionais uma vasta gama de remédios e tem na imprensa a maior ferramenta para que se façam conhecer.

- 28 de fevereiro de 1875. Campinas. A Mocidade.

NOVA||**PHARMACIA** CAMPINENSE|| 31 - Rua do Commercio - 31||Tendo este estabelecimento recebido um grande sortimento de drogas, acha-[s]e em condições de satisfazer quaesquer pedidos e receituarios medicos que lhe forem dirigidos.| Garante-se a boa qualidade das drogas e promptidão nas remessas que lhe forem pedidas, esperando por isso a concorrência do respeitavel publico.

Diferentemente do caso citado anteriormente com relação ao lexema *machina*, que, para nomear o agente, o profissional que poria em prática a técnica de se operar o maquinário, o neologismo *machinista* foi criado na língua portuguesa; no caso de do lexema *pharmacia*, o substantivo que denomina o agente técnico já existia no grego, uma palavra complexa criada através da incorporação ao radical um sufixo agentivo:

φαρμακ-ευτικός , ή, όν, **A.** *of or by means of drugs or pharmacy*, “κάθαρσις” **Pl.Ti.89b**: ή -κή (sc. τέχνη), = φαρμακεία, opp. surgery. *Gal.15.425*, **D.L. 3.85**; “φ. ιατρός” *one who prescribes drugs*, *Gal.Thras.24*. (Perseus online)

É bem provável que a derivação no grego tenha se dado por *conversão*. A primeira citação em outro dicionário especializado em grego antigo, o dicionário Liddell and Scott, é de um diálogo platônico, *Timeu*, quando Platão prognostica o não uso de medicamentos que possam prolongar a vida de uma pessoa doente, pois seria antinatural. É de costume, desse dicionário, usar de uma certa cronologia para distribuir suas citações nas entradas lexicais, quase como um trabalho etimológico. A obra platônica data do século V a. C., logo, sendo anterior a segunda citação feita por Liddell and Scott quando fala sobre *Diogenes Laertius*, filósofo de vida pouco conhecida que viveu no século III a. C.; e ainda à terceira citação: *Galen* estudioso que trouxe muitas contribuições às ciências como fisiologia, anatomia, patologia e farmacologia.

Conhecido como Galen de Pergamo, viveu nasceu em 129 d. C. e morreu em 217 d. C. Este romano que possuía descendência grega foi muito influenciado pelo grande nome da medicina grega Hipócrates. Pela distância temporal entre as citações do dicionário, é bem certo que se possa atestar o desdobramento dos sentidos deste lexema de um adjetivo para um substantivo.

Notamos pelo sentido dicionarizado por Liddell o alcance do lexema às classes de palavras *adjetivo* e *substantivo*, como aquilo concernente às drogas, à farmácia, assim como o lexema nomeia aquele que prescreve drogas. Esse lexema é adotado pelo latim, contudo, preservando apenas seu caráter adjetivo:

pharmaceuticus , a, um, adj., φαρμακευτικός, **I.** of or belonging to drugs, pharmaceutical, *Cael. Aur. Tard.* 5, 10, 126. (Perseus online)

Na língua portuguesa o lexema retoma o sentido presente no grego antigo, adotado para nomear o profissional farmacêutico:

- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.

Medico e **pharmaceutico** | Doutor Ulysses Cruz || com longa pratica de hospitaes e for- | mado em ambas as faculdades de medi- | cina do Brazil, é encontrado em seu con- | sultorio na rua do Thezouro número 9, | sobrado, do meio dia as 3 da tar- | de e sua residência para o largo do | Arouche número 39. || ESPECIALIDADE || Molestias de crianças, de senhoras, da | pelle e shyphiliticas. Gratis aos pobres

O anunciante é uma figura que pode traduzir muito bem o pensamento que perpassa o século XIX: ânsia de se alcançar o estatuto de nação, por isso munir os cidadãos com subsídios para um “bem viver”, formar médicos no próprio território, assim como *farmacêuticos*; além de figurar como exemplo do sentimento antilusitano que traz em seu nome. “Gilberto Freire observou a mudança dos nomes cristãos para nomes gregos e romanos, e depois ingleses e franceses, na sequência da desruralização das classes dominantes no século XIX”¹². O médico e *pharmaceutico* preserva, de certa forma, a dicotomia entre o novo e o descolamento com a tradição em seu nome: *Ulysses*

¹² Alencastro. *Vida Privada e Ordem Privada no Império*. In História da Vida Privada no Brasil

Cruz. Se por um lado o primeiro nome remete ao herói grego conhecido por suas navegações no retorno para casa e que é um herói pagão, por outro a cristandade ainda permanece com o sobrenome que remete a uma das figuras mais fortes do cristianismo, a cruz. Esse fato ilustra muito bem o período de transição experimentada no século XIX.

O médico e farmacêutico, Ulysses Cruz, que possui um vasto currículo, é “*formado em ambas as faculdades de medicina do Brazil*”, de certo a faculdade de medicina da Bahia e a do Rio de Janeiro, visto que a faculdade de medicina de São Paulo ainda não havia sido fundada, vem fazer a conhecer seu trabalho pelo anúncio de jornal praticando, além de tudo, um trabalho filantrópico: “*Gratis aos pobres*”, uma prática bastante usual à época.

O movimento científico de desenvolvimento, de descobertas e a tentativa de sanar certas debilidades na nação em organização que era o Brasil no século XIX impulsiona as mentes para o trabalho de criação desse novo país. O discurso ufanista com relação às inovações se faz presentes na técnica médica, assim como apontado nas “técnicas maquinais”. O anúncio analisado anteriormente data de 1888, mas, anteriormente a essa data, *pharmaceuticos* já se propunham a curar com maestria as doenças que assolavam a população:

- 4 de março de 1853. São Paulo. Aurora Paulistana.

CURA CERTA | e em pouco tempo de todas as enfermidades provenientes de vicio san- | guineo, como –escrophulas, tube[r]- | culos, lepra, syphylis, etc. etc.e [ilegível] | particular as affecçoens de pape[ilegível] | em seu principio. || Etienne Lagarde. || **Pharmaceutico** e cirurgião das faculdades | Pariz e do Rio de Janeiro, ex-preparad[o] | do Curso de Chimica da escola de medic[i]- | na e pharmacia de Poi[furo]jiers, membro da s[o]- | ciedade medica da mesma cidade e corres- | pondente de algumas sociedades scientificas. || Attenção! || A experiencia junto á perseverança qu[e] | hoje tem sido meus únicos guias no trata[men]- | to das enfermidades acima mencionadas, os | caracteres horriveis que ellas apresentam, | desgostos que sobrevem as pessoas que são de | las attaccadas devião naturalmente attrahir | attenção de todo o homem amigo da huma- | nidade. || Antigamente estas enfermidades se consi- | deravão com um principio contagioso, o que | obrigava os doentes a buscar longe das povo- | ações uma morada tranquilla, que lhes permi- | tisse esperar com paciencia a hora que [o] | Creador tivesse determinado para pôr term[] a todos os seus soffrimentos; hoje porem assim | não acontece: os progressos

que tem feito [a] | sciencia medica com os numerosos trabalhos | e
 investigações da chimica, tem em fim intro- | duzido na therapeutica e posto á
 disposição | dos homens da sciencia um meio prophylati- | cos contra estas
 crueis enfermidades fazendo | assim esperar uma prompta cura a todos |
 aquelles que o quizerem abraçar. || Penetrado do sentimento o mais sincero da
 | philanthropia, do amor á sociedade offereço o[s] | meus recursos médicos e
pharmaceuticos ad- | quiridos por um aturado e longo estudo da na- | tureza
 humana, E' pois com os medicamen- | tos preparados por minhas próprias
 mãos qu[e] | me proponho a curar a todos aquelles que m[e] | quizerem
 procurar. || Estou certo que os epithetos de – charlatão | e especulador – ser-
 me-hão lançados por al- | guns ao lerem este meu annuncio: porem não | será
 por homens sensatos que serei assim [ilegível] | xado. O sabio indaga,
 consulta, ouve, [ilegível] | entre vós (como eu creio) existe algum
 rec[ilegível] | conhecimento recebi de antemão toda a mi- | nha gratidão. || A
 vós, enfermos, eu dirijo meus offereci- | mentos; eu saberei consolar-vos, e
 talvez da[r]- | vos a panacéa benéfica da saude que tan[furo] | desejaes. || Seja
 o reconhecimento o fructo de meu[s] | trabalhos e o único tributo que desejo
 obte[r] | daquelles que me quizerem honrar com sua[s] | consultas.|| Dirijão-se
 ao Hotel Paulistano, na rua d[e] | São Bento número 35.

Notemos, mas sem nos aprofundar, que a nomeação das moléstias, assim como grande parte do léxico ligado à medicina é proveniente de radicais gregos, como, por exemplo, *lepra*, presente neste anúncio. É enorme a quantidade de nomes de doenças as quais os médicos, farmacêuticos e novos remédios prometem curar, desta sorte não nos deteremos demoradamente em cada um desses nomes a não ser que seja preciso para elucidar um ou outro ponto. As fichas presentes nos apêndices detalharão cada uma das ocorrências destes lexemas.

Tratando especificamente do anúncio, notamos que, assim como no nome do farmacêutico no anúncio anterior, a presença de um nome afrancesado e, neste caso, não tem a ligação com o cristianismo. É difícil determinar com certeza a nacionalidade deste anunciante, contudo pela sua formação e retórica podemos inferir que se trate de um dos casos citados por ALENCASTRO de adoção de nomes franceses. O *pharmaceutico* e *cirurgião* formado pelas faculdades de Paris e do Rio de Janeiro, e que tem em seu currículo ainda os cursos de *chimica* e *pharmacia* propõe seu trabalho à sociedade paulistana com um discurso mais que ufanista sobre sua arte, sua técnica. Ele que possui uma formação superior de peso se propõe a curar as moléstias da sociedade paulistana

do século XIX pondo em prática seus conhecimentos assim como suas próprias mãos: “*E’ pois com os medicamen- / tos preparados por minhas próprias mãos qu[e] / me proponho a curar a todos aquellos que m[e] / quizerem procurar.*” O discurso de Etienne Lagarde parafraseia sua profissão expressa anteriormente. *Cirurgião* é um lexema que possui sua raiz em um lexema grego: χειρουργία (*cheirourgía*), dicionarizado da seguinte forma:

χειρουργία, ἡ, *a working by hand, practice of a handicraft or art, skill herein, Plat., etc. II a handicraft, Id.: - esp. the practice of chirurgery, surgery.* (Liddle & Scott, *Greek-English Lexicon*)

O discurso do *pharmaceutico* mostra o quanto sua segunda profissão está encarnada em si, tanto na prática médica quanto na fomentação de medicamentos. Além de servir como corporificação do pensamento nacional, a construção de uma nação pelas mãos de seus cidadãos. Um trabalho que somente nos dias que lhe eram atuais poderia ser feito, visto que o anunciante dispõe duas formas de tratamento às doenças: uma anterior, uma forma como enfrentariam as doenças, que “*obrigava os doentes a buscar longe das povoações uma morada tranquilla, que lhes permitisse esperar com paciencia a hora que [o] Creador tivesse determinado para pôr term[.]a todos os seus soffrimentos*”, ligada fortemente ao fado estipulado pelo “*Creador*”; e o seu tempo, quando o homem tenta por força de seu cérebro poderosos e suas mãos hábeis tomar as rédeas de sua existência. Assim, em seu tempo, é possível que seja dito: “*hoje porem assim não acontece: os progressos que tem feito [a] sciencia medica com os numerosos trabalhos e investigações da chimica, tem em fim introduzido na therapeutica e posto á disposição dos homens da sciencia um meio prophilaticos contra estas crueis enfermidades*”.

Por se tratar de um texto criado tendo como pano de fundo a medicina e seus avanços no combate às doenças, e reforçando o que fora dito acima, além dos nomes das doenças, o texto se constrói utilizando-se uma gama de palavras de raízes gregas, neologismos adotados no século XIX, no geral, para dar conta das novas práticas médicas e que o nosso cirurgião faz uso indiscriminado, pois há de se pensar o quanto esses novos lexemas faziam parte da vida cotidiana dos leitores desse anúncio.

Além das palavras *pharmaceutico* e *cirurgião*, analisadas há pouco, temos ainda: *therapeutica* que provêm do verbo grego θεραπεύω (*therapéuo*) + o sufixo κή, o mesmo utilizado nos exemplos dados anteriormente para neologismos presentes no grego que carregavam junto às palavras o sentido de tecnicidade; e *prophylatico* de προφυλάσσω (*prophyláссо*).

θεραπεύω, f. –εύσω, (θεράπων) *to be an attendant, do service*, Od. **2.** *to do service to the gods*, Lat. *colore deos*, Hes., Hdt., Att.: - *to do service or honour to one's parents or masters*, Eur., Plat. **3.** *to serve, court, pay court to*, τινά Hdt., Ar., etc.; and in bad sense, *to flatter, wheedle*, Thuc.: *to conciliate*, Id.; τὸ θεραπεύον = οἱ θεραπεύοντες, Id. **4.** *of things, to consult, attend to*, Lat. *inservire*, Id.; ἡδονὴν θεῶ. *to indulge one's love of pleasure*, Xen.; τὰς θύρας τινὸς θεῶ. *to wait at a great man's door*, Id. **II.** *to take care of, provide for men, of the gods*, Thuc., estv. **3.** θεῶ. τὸ σώμα *to take care of one's person*, Lat. *cutem curare*, Plat. **4.** *to treat, medically, to heal, cure*, Thuc., Xen. **5.** θ. ἡμέρην *to observe a day, keep it as a feast*, Hdt.; θ τὰ ἱερά = Lat. *sacra procurare*, Thuc. **6.** *of land, to cultivate*, Xen.; δένδρον θεῶ. *to train a tree*, Hdt. (Liddle & Scott, *Greek-English Lexicon*)

Notamos, dentre o vasto campo de sentidos da palavra (que de certa forma preservam o sentido de *assistência*), as possibilidades de tradução dadas em “**3.** *to take care of one's person*”, e “**4.** *to treat, medically, to heal, cure*”, sentidos esses presentes no entendimento da palavra uma vez adotada pela língua portuguesa. Cunha nos dá o momento da adoção deste lexema na língua portuguesa, assim como o sentido com o qual foi adotado:

terapêutica. sf. ‘parte da medicina que estuda e põe em prática os meios adequados para aliviar ou curar doenças’ | *the-* XIX | do fr. *thérapeutique*, deriv. do lat. tard. *therapeutica* e, este, do gr. *therapeutiké*, de *therapéuo* ‘eu curo’ (...) (Cunha, 2010)

Podemos entrever no texto do anúncio a distinção a que se faz do que viria a ser a chamada *therapeutica* por ele citado. Somente em seu tempo, não anteriormente, é que

através dos desenvolvimentos da *sciencia medica* poderiam ser introduzidos na arte de *aliviar ou curar doenças*, que é a *therapeutica*, um meio *prophilatico* contra as moléstias que danavam a sociedade novecentista paulistana. A ideia de profilaxia pode ser notada e atestada pela quantidade de *tônicos*, *elixires*, xaropes, como os prometidos pelo *pharmaceutico* Lagarde, os quais fariam “*cirurgicamente*”.

Como já adiantado acima, *prophilatico* tem sua origem no verbo grego προφυλάσσω (*prophiláссо*), uma palavra composta pelo lexema φυλάσσω (*assistir e guardar, defender, guardar*) + a preposição πρό, preposição esta que também foi adotada pela língua portuguesa sendo muito utilizada em formações de palavras com o sentido já presente no grego de *anterioridade, em defesa de* ou *por*. Dessa forma temos o sentido de προφυλάσσω:

προφυλάσσω, Att. -ττω, f. ξω, *to keep guard before, to guard a place or house, c. acc., h. Hom. (in the Ep. 2 pl. imperat. προφύλχθε, for προφυλάσσετε), Xen.; προφυλάσσειν ἐπί τινι to keep guard over a person or place, Hdt.: - absol. to be on guard, keep watch, ἢ προφυλάσσουσα (sc. ναῦς) = προφυλακίς, Id.: - Med. to guard oneself, to be on one's guard, take precautions, Id., Thuc.: - c. acc. To be on one's guard or take precautions against, Lat. Cavere, Hdt., Xen. (Liddle & Scott, Greek-English Lexicon)*

Segundo Cunha, *prophilatico* é um lexema incorporado à língua portuguesa no século XIX, sendo, para nós, um poderoso exemplo de como a arte médica estava se desenvolvendo a ponto de influenciar a linguagem cotidiana. Em seu dicionário etimológico Cunha no explana o verbete:

profilaxia. Sf. ‘emprego de meios para evitar doenças’ | *prophilaxia* 1873 | do fr. *prophilaxie*, deriv. do lat. cient. *prophylaxis* e, este do gr. *prophýlaxis* ‘precaução’ || **profilático** | *prophilactico* 1858 | do fr. *prophylactique*, do gr. *prophylaktikós*. (Cunha, 2010)

O verbete atesta que o lexema teve sua primeira ocorrência em 1858, mas notamos pela datação do anúncio que a palavra já fazia parte do jargão médico em datas anteriores à citada pelo lexicógrafo.

Podemos ainda apontar alguns usos lexicais neste anúncio que escapam à linguagem médica ou especializada, um uso lexical que pode espelhar o nível de conhecimento do “*medico e pharmaceutico*” Etienne Lagarde. Seu discurso é todo carregado de um ufanismo quanto à arte, como já mostrado anteriormente. A pessoa que se dispõe a ter essa arte como profissão, segundo o anunciante, nada mais é do que um amante da população, um amigo da humanidade, por dela cuidar e, quem sabe, sarar. Assim “*penetrado do sentimento o mais sincero da philanthropia, do amor á sociedade*” é que ele pode oferecer seus trabalhos. Notemos que o substantivo *philantropia* vem parafraseado logo em seguida de modo explicativo. Ainda como demonstração de seu belo vocabulário, sobre as possíveis descrenças daqueles que teriam contato com o anúncio, ele diz: “*Estou certo que os epithetos de – charlatão e especulador – ser-me-hão lançados por alguns ao lerem este meu annuncio (...)*”. Penso que a escolha de certos lexemas para a fomentação de seu discurso, como *philantropia* que logo vem parafraseado, ou mesmo *epithetos*, em vez de qualquer outra palavra, como cognome, ou ainda uma paráfrase para o lexema, é feita para, de certa forma, mostrar ao público que a pessoa que anuncia tem um nível considerável de instrução. Pela palavra ele demonstra o que fora anunciado quanto a sua formação: “*cirurgião das faculdades Pariz e do Rio de Janeiro, ex-preparad[o] do Curso de Chimica da escola de medic[i]na e pharmacia de Poi[furo]riers*”.

As preocupações com a saúde pública refletem-se nas tentativas de contenção de pestes, como explanado anteriormente, havendo, também, a preocupação com a saúde pessoal, como acabamos de notar nos anúncios que analisamos, e ainda na profusão de elixires e tônicos vendidos, logicamente, nas *pharmacias*.

A maioria dos anúncios onde aparece o lexema *pharmacia*, que faz parte de nosso *corpus*, faz propaganda dos novos xaropes, *elixires* e *tônicos* que são verdadeiros remédios mágicos contra os mais variados tipos de moléstias os quais poderia assolar a população brasileira do século XIX.

O lexema *elixir* chega à língua portuguesa através do árabe segundo Cunha. No árabe o lexema possuía um sentido muito ligado ao misticismo e a faceta mágica atribuída aos medicamentos em uma época em que a medicina ainda não possuía um status técnico nessa cultura. Contudo, no grego o sentido era de medicamento:

elixir *sm.* 'bebida medicamentosa, balsâmica ou confortadora' XVIII. Do fr. *Élixir*, deriv. Do deriv. Do ár. *El'iksir* 'pedra filosofal' e, este, do gr. *Kseron* 'medicamento'. (Cunha, 2010)

Segundo o lexicógrafo, a primeira ocorrência deste lexema na língua portuguesa foi no século XVIII, mas como dito pelo *pharmaceutico* Etienne Lagarde, somente com “*os progressos que tem feito [a] | sciencia medica*” no século XIX é que se podem encontrar anúncios de elixires como o seguinte:

- 03 de janeiro de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.

Grande descoberta|O maior sucesso da época que atravessámos é a descoberta do prodigioso vegetal, cujo vegetal em si, a acção maravilhosa de destruir todos os virus de syphilitico. A descoberta deste remedio que é Vegetal Por|Excellencia; é a verdadeira Maravilha Do Seculo XIX !! Os sábios|estudos de muitos annos e as sucessivas experiências do illustrado e intelligente|senhor M. Morato, deram em resultado que o grande remedio, pura exclusiva|e unicamente vegetal a que deu o nome de “**Exilir** depurativo de M. Morato”|cura completa e rapidamente toda syphilis, curo o rheumatismo, com uma|felicidade espantosa, cura a asthma, e, usado convenientemente, tem, com | espanto de centenas de pessoas, curado o terrivel mas a|Morphèa !!!|A grande descoberta deste esplendoroso remédio é a felicidade da|humanidade, é o passo mais gigantesco dado na medicina. Procurar: “**Exilir**|depurativo de M. Morato” propagado por Doutor Carlos.|Agente Depositário Em São Paulo|Peixoto Estella & Companhia|Rua de São Bento número 11|Preços|20 **Exilir** – frasco. 5\$000 Duzia. 50\$000

O medicamento revolucionário, “*a verdadeira Maravilha Do Seculo XIX !!*”, advém de uma “*Grande descoberta*” que pode ser vista como o maior sucesso da época que atravessavam, destinado a *destruir* todos os vírus *syphiliticos*. O anúncio ainda faz propaganda do árduo trabalho em que essa descoberta se fundou, pois essa maravilha se deve aos “*sábios/estudos de muitos annos e as sucessivas experiências*” e que figuravam, segundo o anunciante: “*o passo mais gigantesco dado na medicina*”.

Se por um lado o texto vem dar à luz o conhecimento de um novo e revolucionário medicamento *therapeutico*, destinado a curar *toda syphilis, rheumatismos, asthmas*, a descoberta ainda se enraíza em estudos e práticas

experimentais anteriores, visto que, à época (1889), experiências já davam conta de fomentações de medicamentos sintéticos. Dessa forma temos o discurso ligado à *descoberta*, ligado à novidade de um lado, e de outro temos o discurso ligado ao já conhecido e que de certa forma dá segurança. Assim o medicamento é de origem vegetal, “*pura exclusiva/e unicamente vegetal*”.

Os elixires como medicamento *prophylatico e therapeuticos* destinavam-se a sarar as doenças e assim dar novas forças, revitalizar, *tonificar* os debilitados. Dessa forma, forma-se como um sinônimo, um neologismo adotado, segundo Cunha, em 1858: *Tonico*, para também dar nome a esse tipo de medicamento alimentício:

- 01 de fevereiro de 1888. Campinas. Diário de Campinas.

O Elixir alimenticio Ducro e muito agradavel ao paladar e as pessoas a quem mais repugnam os alimentos, o tomam até por gosto. | É um **tonico** poderosissimo, aconselhado para as mulheres e a crianças delicadas, os velhos, os convalescentes em que desperta o appetite e restabelece as forças. | Convem sobretudo nos paizes quentes, onde as forças diminuem pela transpiração, e onde se esta sujeito a molestias contagiosas. - Para mais detalhes. leia-se o prospecto que acompanha cada vidro. | Pariz 20, Place des Vosges | E EM TODAS AS PHARMACIAS

Como dito acima e seguindo com nossos estudos, Cunha nos dá verbete:

tom. *Sm.* 'tensão, tono' 'altura de um som' 'tonalidade' | XIV *toom* XV | do lat. *Tonus* -i, deriv. Do gr. *Tónos* 'músculo, tendão' 'tendão, intensidade, força, energia' 'tensão de uma corda' 'som de instrumento' (...) **tônico** *adj.* 'relativo ao tom' 'tonifica ou dá energia' 'diz-se do elemento que recebe o acento de intensidade' 1858. do fr. *tonique*, deriv. do gr. *tonikós* (...) (Cunha, 2010)

A associação *elixir* = *tonico*, quando se diz: *o Elixir Ducro é um tonico poderosíssimo*, é o que nos leva a fazer uma associação sinonímica entre os lexemas. Dessa forma há um desdobramento de sentidos em ambos os lexemas dando-lhes novos sentidos. Se por um lado temos no dicionário Aurélio (1988) a denominação de *elixir*:

elixir. *S. m.* **1.** confeitão farmacêutica de xaropes com alcoolatos. **2.** bebida deliciosa, balsâmica ou confortadora. **3.** *Fig.* Aquilo que tem efeito mágico ou miraculoso; filtro. (Aurélio, 1988)

E de *tônico*:

tônico. *Adj.* **1.** relativo a som (1). **2.** que tonifica ou dá energia. **3.** *gram.* Diz-se do elemento (vogal, sílaba) que recebe acento de intensidade, ou icto. • *s.m.* **4.** medicamento ou cosmético tônico, revigorante. (Aurélio, 1988)

Temos nos sentidos de ambos os lexemas significações que se tocam levemente no que diz respeito à ação do medicamento no corpo daquele que o ingere, se tomarmos os sentidos de forma o mais aberta quanto possível: o *elixir* conforta enquanto bebida balsâmica, lenitiva e o *tonico* dá energia, revigora. Contudo, se tomarmos o sentido de equivalência que o anunciante faz entre os dois lexemas, notamos no uso uma aproximação muito maior do que a dicionarizada. O *tonico* tem atributos dados pelo dicionário apenas ao *elixir*: “*O Elixir alimenticio Ducro e muito agradável ao paladar e as pessoas a quem mais repugnam os alimentos, o tomam até por gosto*” e se o *elixir* “*É um tonico poderosíssimo*”, logo também é *muito agradável ao paladar*. Mas, segundo o dicionário Aurélio, somente o *elixir* pode ter o atributo de *bebida deliciosa*. Da mesma forma o *elixir* é mais do que um medicamento destinado a dar somente o conforto, afinal ele é *um tonico poderosíssimo* que “*desperta o appetite e restabelece as forças*”. Assim o medicamento *therapeutico* é destinado para os ares brasileiros, pois este faz parte dos “*paizes quentes, onde as forças diminuem pela transpiração, e onde se esta sujeito a molestias contagiosas*”.

E aqui temos o gancho para tratarmos de um assunto já mencionado em capítulos anteriores sucintamente, das práticas sociais e das correntes de pensamento dos brasileiros do século XIX influenciados por iguais franceses. Apesar de não abertamente, notamos no discurso do anunciante anterior a vertente médica que rapidamente foi divulgada na época, a *homeopathia*. Fundamentada nos estudos hipocráticos que acreditava que a saúde se associa aos *quatro humores* e estes ao meio em que vive o homem, de modo que o clima pode influenciar na saúde deste homem, assim a *homeopathia* entendia a condição humana. Não há menção clara a essa prática no discurso do anunciante, porém quando este diz que o *elixir* convêm *sobretudo nos*

paizes quentes, podemos mais que rapidamente ligar as crenças tidas pelos homeopatas ao anunciante.

A *homeopatia* fazia grande sucesso entre os cidadãos brasileiros do século XIX a ponto de, em Campinas, cidade do último anúncio, de cada cinco médicos atuantes na cidade, dois eram homeopatas¹³. Essa filosofia médica era demasiadamente nova à época, Cunha data a entrada desse lexema na língua portuguesa de 1858:

homeo- *elem. comp.*, do gr. *homoios* 'da mesma natureza' 'igual, semelhante', que se documenta em alguns compostos introduzidos, a partir do séc. XIX, na linguagem científica internacional (...) **homeopatia** | -*thia* 1858 | Do fr. *homéopathie*, deriv. do al. *Homöopathie*, voc. criado em 1796 pelo médico alemão S.C.F.Hahnemann (...). (Cunha, 2010)

O Aurélio o dicionariza da seguinte forma:

homeopatia *S. f. Med.* Sistema terapêutico criado por Christian Friederich Samuel Hahnemann (1755-1843), que consiste em tratar as doenças por meio de substâncias ministradas em doses diluídas a ponto de se tornarem, por vezes, infinitésimas, capazes de produzir, em indivíduos sãos, quadros clínicos semelhantes aos que apresentam os doentes a serem tratados. (...). (Aurélio, 1988)

A *homeopatia* veio associar-se no Brasil à fitoterapia nacional. Dessa forma “*por meio da homeopatia – e da valorização da fitoterapia tropical -, a medicina científica europeia vinculava-se à medicina popular indígena e afro-brasileira*”¹⁴.

Temos assim de um lado o pensamento científico dos químicos que produzem seus medicamentos também se utilizando da fitoterapia sendo influenciados por pensamentos homeopáticos. Assim como temos os que têm um pensamento claro de sua prática e anuncia:

- 15 de outubro de 1852. São Paulo. Aurora Paulistana.

- 31 de outubro de 1852. São Paulo. Aurora Paulistana.

¹³ Alencastro. *Vida Privada e Ordem Privada no Império*. In História da Vida Privada no Brasil.

¹⁴ Idem.

HOMŒOPATHIA PURA | RUA DIREITA NÚMERO 17. | O medico-cirurgião José Maria de | Souza, tem a honra de declarar a to- | das aquellas pessoas que quizeres | honrar com sua confiança, que elle se | acha novamente residindo nesta ci- | dade, rua Direita número 17, onde continúa | a exercer a sua profissão pelo syste- | ma homœopathico, e onde será encon- | trado a qualquer hora do dia ou da | noite. O annunciante tambem arran- | ca, lima e chumba dentes, e faz todas | as outras operações que diz respeito | a esta arte com a maior perfeição.|| Os pobres serão tratados gratuita- | mente.

A prática *philantropica* é muito comum entre os homeopatas da época tratando dos enfermos *pobres gratuitamente*. Alencastro nos relata que o pensamento dos homeopatas era “*fazer no Brasil ‘novos Matusaléns [...] e concorrendo para o bem geral da humanidade’*”. Com o advento dessa prática médica fundam-se, no Brasil do século XIX, escolas destinadas a formar novos praticantes, assim como a fomentação de toda uma bibliografia que assistisse a esse público:

- 05 de fevereiro de 1867. São Paulo. Correio Paulistano.

NA CASA GARRAUX || LARGO DA SÉ || Encontra-se os artigos seguintes
||Papel para desenho || Papel de luto || Papel de peso || Papel almasso || Papel
florete || Papel Hollanda || Papel de phantasia || Papel de cartas || Enveloppes
brancos || Enveloppes de cores || Enveloppes de luto || Enveloppes
commerciaes || Enveloppes forrados de panno || Cartões de visita || Ditos para
casamentos || Tinteiro de vidro || Tinteiro de crystal || Tinteiro de bronze ||
Tinteiro ricos de phantasia || Pennas de aço, de varias qualidades || Pennas de
ave || Sinetas || Canivetes || Pacas de cortar papel || Lacre || Obreiras ||
Imagens || Quadros de devoção || Desenhos || Albuns para desenhos || Álbuns
para photographia || Quadros para photographia || Carteiras || Estojos de
viagem || Caixas de perfumaria || Caixas de papelaria || Caixas de costura com
musica || Caixa de mathematicas || Caixas de tintas || Tintas de escrever ||
Livro de direito || Livros de litteratura || Livros de devoção || Livros de
educação || Livros de **homœopathia** || Livros de missa || Horas Marianas ||
Livros de luxo para presentes || Objectos de phantasia para presentes || Lapis ||
Baralho de cartas || Baralhos de cartas de phantasia || Bengallas || Livros para
apontamentos || Stereoscopos || Folhinhas do anno || Pastas || E muito mais
objectos || Grande sortimento de papel pintado | para forrar casas, fabricados
em Paris | desde 500 réis a peça para cima | Guarnição, roda-pé, paisagens

etc. | Esta casa recebe directamente da Europa todos seus livros e mercado- |
rias, e dest'arte póde offerecer ás pessoas que a Ella se dirigem considera- |
veis vantagens.

Assim, na casa Garraux, dentre várias outras literaturas e materiais de papelaria, podia-se encontrar *Livros de homæopathia*.

Seguindo a ordem natural dos neologismos que possuem uma história de uso abundante, como é lógico, medicamentos adjetivado pelo neologismo criado a partir do substantivo *homeopathia*, *homeopathicos*:

- 26 de maio de 1872. Campinas. Gazeta de Campinas.

Medicamentos **Homeopathicos**|No estabelecimento do Roso & Filho em liquidação, á rua do Commercio número 45, encontra-se sempre grande sortimento destes medicamentos, em tinturas, globulos, e opodeldoc de Bryonia, Rhux para rheumatismo, do laboratoio do doutor Cochrane & Pinho, do Rio de Janeiro, bem assim livros **homeopathicos**.

Esses remédios concorriam pela preferência do público com os medicamentos produzidos pelos químicos fitoterápicos licenciados pela *junta de Hygiene do Imperio do Brazil*¹⁵ vendidos nas *pharmacias* destinados aos tratamentos das mesmas moléstias, como o *rheumatismo*, *diabete*, *cystites*, *epilepsia*, *gonorrhea*¹⁶ e muitas outras.

Munindo a população brasileira de possibilidades de cura às doenças, mesmo aos pobres que, não podendo pagar pelo tratamento, tinham a saúde assegurada pelos *philantropos*, é que se poderia garantir uma civilização disposta a avançar em direção ao *status* de nação que o país queria alcançar.

¹⁵ Nos apêndices estão as fichas das palavras analisadas neste trabalho. Notarão que na ficha destinada ao lexema *hygiene* há uma recorrente menção a *junta de hygiene do Imperio do Brazil* nos anúncios de medicamentos não homeopáticos. Podemos entender essa menção como um aval de um órgão público a fomentação de medicamentos a partir de uma prática que possa ser vista como mais científica em oposição às práticas homeopáticas.

¹⁶ Ver apêndices.

9. Conclusões

O trabalho não dá conta de todas as entradas lexicais levantadas que são apresentadas nos apêndices. Essas estão postas na sessão para servir de amostragem do *corpus*. Porém, julgamos que o retrato, mesmo que 3/4, das entradas lexicais e a influência dessas adoções no léxico da Língua Portuguesa alcançou o que nos propusemos a fazer quando foi pensado o projeto.

Tentamos neste trabalho, e esperamos que a contento, apontar alguns movimentos da sociedade brasileira rumo à civilidade em seu projeto de nação.

Comungamos da crença muito bem apresentada por KRISTEVA (1969), em sua *História da Linguagem*, quando esta, dizendo sobre as novas formas de entendermos o homem, apresenta-nos uma nova ferramenta, a linguagem, nos ensina:

“Quanto à concepção da linguagem como <<chave>> do homem e da história social, como via de acesso às leis do funcionamento da sociedade, essa talvez constitua uma das mais importantes características da nossa época”

Acreditamos que desenvolver o raciocínio a partir da historiografia da evolução humana dentro da perspectiva eurocêntrica nos deixa perceber alguns passos escolhidos, assim como os discursos que foram adotados para justificar aqueles passos. Mostramos como o imaginário de projeto de nação ocorrido em Portugal, de certa forma se repete no Brasil do século XIX. O discurso que atrela civilidade e modernidade é recorrente nos dois momentos.

A escolha por partir dos anúncios de jornais, acreditamos, conseguiu dar conta da proposta de levantar uma amostragem real dos discursos que corriam como ideário no Brasil.

Então, através dos discursos ocorridos no século XIX, tentamos explicar um pouco da *história social* brasileira. Notamos as passagens do velho para novo, quando as leis que se faziam operantes não deixam de existir, mas se modificam, ora se modificando totalmente, ora se complementando e se expandindo. Artefatos novos para velhos trabalhos, palavras formadas por raízes morfológicas antigas para nomear a novidade. E dessa forma temos pelo estudo da linguagem uma possibilidade de leitura de um mundo.

Pode-se chegar a determinados pontos por diversos caminhos. Verdade. Escolhemos trabalhar com os lexemas de base morfológica grega por uma equação até que bem fácil de entender. Sabemos que as inovações tecnológicas são os motores mais importantes para os avanços do homem no processo civilizatório. E as tecnologias, até meados do século XX, buscavam no grego as suas terminologias. Assim as ligações ficam explícitas, e justificamos o trabalho.

10. Bibliografia

- ALBERT, P. e Terrou, F. *História da Imprensa*. Tradução de Edison Darci Heldt. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- ALENCASTRO, L. F. (Org. 1997). *História da Vida Privada no Brasil*, vol. II, Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras. (cap. 1).
- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *O percurso da terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma*.
<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr004.htm?/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr004.htm>
- ALVES, José Eustáquio Diniz. *Análise de conjuntura: teoria e método*.
http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/analiseconjuntura_teoriametodo_01jul08.pdf
- ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. – São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ATHAYDE, Wesley Rodrigues. *As Artes Liberais E Mecânicas, Uma via para o conhecimento da Sapiência, segundo Hugo de São Vítor*. Dissertação apresentada ao Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BOLÍVAR, Adriane. *Análisis Del Discurso Y Compromiso Social*. Universidad Central de Venezuela. Texto online sem publicação in:
<file:///C:/Users/Hp/Downloads/iv.%20Adriana%20Bolivar%20-%20ACD.pdf>
- CÂMARA, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, Editora Vozes, 2005.

- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição comentada pelo prof. Otoniel Mota. 13ª edição. Editora Melhoramentos.

- CIAPUSCIO, E. G. *Los Términos em el Texto: Hacia una Tipología de los Textos de Especialidad*, in *Textos Especializados y Terminología*. . Barcelona, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 2003.

- CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4ª Ed. Revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

- EURÍPEDES. *Medeia*. Tradução e organização Flávio Ribeiro de Oliveira. São Paulo: Odysseus Editora, 2006. – (Coleção Kouros).

- FAIRCLOUGH, Norman. *Language and Power*, British Library Cataloguing in Publication, 1941.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

- FREITAS, Fernanda Simplicio Petri Branco de et SILVA, Jorge Lúzio Matos. *Um Manifesto Imagético: A Imagem Como Contribuição Para A Construção Do Ser Político E Intervenção Político-Social*. São Paulo, 2018. Artigo sem publicação

- GONÇALVES, Rodrigo Tadeu et Basso, Renato Miguel. *História da língua*. – Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2010.

- GUEDES, MARYMARCIA e BERLINCK, Rosane de Andrade (orgs.). *E os preços eram commodos...: Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*. São Paulo, Humanitas / FFLCH / USP, 2000.

- HERNANDEZ, Marcos Martinez. *Historia Del Léxico Románico*. Madri: Biblioteca Románica Hispánica, Editorial Gredos, 1974.

- *Ilíada de Homero: vol. I* / Homero; tradução de Haroldo de Campos, introdução e organização Trajano Vieira – 4. Ed. – São Paulo: Arx, 2003.

- KRISTEVA, Julia. *História da Linguagem*. Coleção Signos 6. Tradução Maria Margarida Barahoma. Lisboa. Edições 70, 1969.

- LIDDELL and SCOTT. *An Intermediate Greek-English Lexicon*. The seventh edition of Liddell and Scott's Greek-English Lexicon. Oxford University Press, printed in India by Gopsons Paper Ltd., Noid – 201 301.

- MELO, José Marques de. *História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil* / José Marques de Melo. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

- MELO, José Marques de. *Sociologia da Imprensa Brasileira: a implantação*. Prefácio de Luiz Beltrão. Petrópolis, Vozes 1973.

- *Odisseia* / Homero; edição bilíngue; tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira; ensaio de Italo Calvino – São Paulo: Ed. 34, 2011.

- ORLANDI, E. P. (1990) *Terra à Vista. Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo*. Campinas/São Paulo, Ed. Unicamp/ Cortez.
- _____ (1999) *Análise do Discurso – Princípios e Procedimentos*. Campinas, Pontes.

- PEREIRA, Rui Abel. *Unidades Greco-Latinas na Língua Portuguesa*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Católica Portuguesa, 2005.

- PEREIRA, Terezinha Maria Scher. *História e linguagem em Os Lusíadas*
file:///C:/Users/Hp/Downloads/49613-Texto%20do%20artigo-60952-1-10-20130108%20(1).pdf

- RANAURO, Hilma. *LEXICOGRAFIA E INCORPORAÇÃO ORTOGRÁFICA DE EMPRÉSTIMOS*^[1] a solução brasileira. Texto online sem publicação in: <http://www.filologia.org.br/hilmaranauro/lexicograficaeincorporacao.html> (11/03/2019 às 9:30 hrs)

- RIBEIRO, Darcy. *O Processo Civilizatório*. São Paulo. Companhia das Letras; Publifolha, 2000.

- RODRÍGUEZ-TAPIA, Sergio. *Los textos especializados, semiespecializados y divulgativos: una propuesta de análisis cualitativo y de clasificación cuantitativa*. UNED Revista Signa 25 (2016), pags. 987-1006.

- SILVA, Maxwell F. *O Embate Entre Artes Liberais E Artes Mecânicas E O Discurso Da Educação Profissional No Brasil No Final Do Século XIX E Início Do Século XX*. Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.23, n.1, p.160-168, jan.-jun. 2014

- Syndicate of the University of Cambridge. *Reading Greek*. Cambridge: Typeset in Bembo, 1999.

- SHWARCZ, L. M. (1998) *As Barbas do Imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras.

- SOUZA, Francisco Antonio de. *Novo Dicionario – Latino-Portuguez*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, s/d.

- SOUZA, Patrícia Aparecida Guimarães de. *As personagens das cartas de Álvares de Azevedo*

- Syndicate of the University of Cambridge. *Reading Greek*. Cambridge: Typeset in Bembo, 1999.

- VIEIRA, Fábio Antunes. *O Império e o Renascimento Carolíngio: uma abordagem*. UNIMONTES CIENTÍFICA Montes Claros, v.12, n1/2 - jan./dez. 2010.

-VIRGÍLIO. *Eneida brasileira: tradução poética da epopeia de Púbico Virgílio Maro* / Virgílio; organização: Paulo Sérgio de Vasconcellos et al.; tradução Manuel Odorico Mendes; - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

- WÜSTER, Eugen. *Introducción la Teoría General de la Terminología y a la Lexicografía Terminológica*. Barcelona, Institut Universitari de Lingüística Aplicada Universitat Pompeu Fabra, 1998. (Responsable de la edición: M. Teresa Cabré).

10.1 Bibliografia online

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.04.0057%3Aentry%3Dw%28rolo%2Fgion> – dia 21/09/2018 às 20:50hrs.

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.04.0057%3Aentry%3Dfarmakeutiko%2Fs> – 09/07/2018 às 15:32hrs.

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.04.0059%3Aentry%3Dpharmaceuticus> - 09/07/2018 às 16:11hrs.

<http://en.wikipedia.org/wiki/Galen> - 09/07/2018 às 16:53hrs.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Homeopatia> - 23/07/2018 às 13:46hrs.

<http://www.infoescola.com/quimica/querosene/> - 23/07 às 17:32hrs.

<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr004.htm?/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr004.htm> (25/03/2019)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Renascen%C3%A7a_carol%C3%ADngia

<http://www.museudaenergia.org.br/media/63153/11.pdf>

<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr004.htm?/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr004.htm> (25/03)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Renascen%C3%A7a_carol%C3%ADngia

11. Apêndices

11.1 Lexemas ligados à cultura

PALAVRA	<i>BIOGRAPHIA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	- bio- <i>elem. Comp.</i> , do Gr. <i>bíos</i> ‘vida’, que se documenta em numerosos compostos da linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX. (...) biografia <i>-phia</i> 1825. (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	biografia. <i>S.f.</i> descrição ou história da vida de uma pessoa.
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	- 25 de abril de 1852. Aurora Paulistana. São Paulo. ATENÇÃO! A Farrapeida. Recebem-se nesta typogra phia assignaturas para um opusculo, que breve sahirá á luz com o titulo acima, e con- terá cerca de 120 paginas. E’ um poema em que se descre- vê a biographia dos princi- paes membros do partido - Venda-grande –

	<p>nesta provin- cia, e dividido em 5 cantos dos quaes estão já na typogra- phia os tres primeiros cujos titulos são: I. A CARA-SUGEIDA, precedida de uma estampa representando um individuo desejando surprehender os segredos de uma bella Con- deça. II. A CARRON'IHEI- DA ou as magicaturas, pre- cedida igualmente de uma ca- ricatura. III A JANISTROQUEI- DA, ou factos historicos: bio- graphia completa de um ca- valheiro muito conhecido, a caricatura que precede este canto é muito curiosa. Preço de cada exemplar 1\$ reis. pagos ao receber o exemplar.</p>
--	---

PALAVRA	EPITHETO
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>epíteto. <i>sm.</i> ‘palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa’ ‘cognome’ <i>epytheton</i> XVI do fr. <i>épithète</i>, deriv. do lat. <i>epitheton</i> –i e, este, do gr. <i>epítheton</i> (...)</p>

<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>epíteto. <i>s.m.</i> 1. palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa. 2. V. cognome.</p>
<p>PERIÓDICO,</p> <p>DATA</p> <p>E</p> <p>CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>- 4 de março de 1853. São Paulo. Aurora Paulistana.</p> <p>CURA CERTA e em pouco tempo de todas as enfermidades provenientes de vicio san- guineo, como –escrophulas, tube[r]- culos, lepra, syphylis, etc. etc.e [ilegível] particular as affecções de pape[ilegível] em seu principio. Etienne Lagarde. Pharmaceutico e cirurgião das faculdades Pariz e do Rio de Janeiro, ex-preparad[o] do Curso de Chimica da escola de medic[i]- na e pharmacia de Poi[furo]iers, membro da s[o]- ciedade medica da mesma cidade e corres- pondente de algumas sociedades scientificas. Attenção! A experiencia junto á perseverança qu[e] hoje tem sido meus únicos guias no trata[men]- to das enfermidades acima mencionadas, os caracteres horriveis que ellas apresentam, desgostos que sobrem as pessoas que são de las atacadas devião naturalmente attrahir attenção de todo o homem amigo da huma- nidade. Antigamente estas enfermidades se consi- deravão com um</p>

	<p> princípio contagioso, o que obrigava os doentes a buscar longe das povo- ações uma morada tranquilla, que lhes permi- tisse esperar com paciencia a hora que [o] Creador tivesse determinado para pôr term[] a todos os seus soffrimentos; hoje porem assim não acontece: os progressos que tem feito [a] sciencia medica com os numerosos trabalhos e investigações da chimica, tem em fim intro- duzido na therapeutica e posto á disposição dos homens da sciencia um meio prophilati- cos contra estas crueis enfermidades fazendo assim esperar uma prompta cura a todos aquelles que o quizerem abraçar. Penetrado do sentimento o mais sincero da philanthropia, do amor á sociedade offereço o[s] meus recursos médicos e pharmaceuticos ad- quiridos por um aturado e longo estudo da na- tureza humana, E' pois com os medicamen- tos preparados por minhas próprias mãos qu[e] me proponho a curar a todos aquelles que m[e] quizerem procurar. Estou certo que os epithetos de – charlatão e especulador – ser-me-hão lançados por al- guns ao lerem este meu annuncio: porem não será por homens sensatos que serei assim [ilegível] xado. O sabio indaga, consulta, ouve, [ilegível] entre vós (como eu creio) existe algum rec[ilegível] conhecimento recebei de antemão toda a mi- nha gratidão. A </p>
--	---

	vós, enfermos, eu dirijo meus offereci- mentos; eu saberei consolar-vos, e talvez da[r]- vos a panacéa benéfica da saude que tan[furo] desejaes. Seja o reconhecimento o fructo de meu[s] trabalhos e o único tributo que desejo obte[r] daquelles que me quizerem honrar com sua[s] consultas. Dirijão-se ao Hotel Paulistano, na rua d[e] São Bento número 35.
--	--

PALAVRAS	SYSTEMA
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	sistema <i>sm.</i> 'conjunto de elementos, materiais ou ideais, entre os quais se possa encontrar ou definir alguma relação' 'método, processo' <i>sys-</i> 1810 do fr. <i>Système</i> , deriv. Do lat. Tard. <i>Systema</i> e, este, do gr. <i>Sýstema</i> .
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	sistema. <i>S.m.1.</i> conjunto de elementos, materiais ou ideias, entre os quais se possa encontrar ou definir alguma relação. 2. disposição das parts ou dos elementos de um todo, coordenados entre si, e que

	<p>funcionam como estrutura organizada. 3. reunião de elementos naturais da mesma espécie, que constituem um conjunto intimamente relacionado. 4. o conjunto das instituições políticas e/ou sociais e dos métodos por elas adotados, encarados quer do ponto de vista teórico, quer do de sua aplicação prática. 5. reunião coordenada e lógica de princípios ou idéias relacionadas de modo que abranjam um campo de conhecimento. 6. conjunto ordenados de meios ou idéias, tendente a um resultado; plano, método. 7. técnica ou método empregado para um fim precípuo. 8. modo, maneira, forma. 9. complexo de regras ou normas. 10. hábito particular, costume. 11. <i>anat.</i> conjunto de órgãos compostos do mesmo tecido e que desempenham funções similares. 12. <i>biol.</i> coordenação hierárquica dos seres vivos em um esquema lógico e metódico, segundo o princípio de subordinação dos caracteres. 13. <i>comun.</i> conjunto particular de instrumentos e convenções adotados com o fim de dar uma informação. 14. <i>fís.</i> parte limitada do universo, sujeita a observação imediata ou mediata, e que, em geral, pode caracterizar-se por um conjunto finito de variáveis associadas a grandezas físicas que a identificam univocamente. 15. <i>geol.</i> conjunto de terrenos que correspondem a um período geológico. 16. <i>ling.</i> conjunto de elementos</p>
--	--

	<p>linguísticos solidários entre si. 17. ling. a própria lingua quando encarada sob um aspecto estrutural. 18. mús. qualquer série determinada de sons consecutivos. (...)</p>
<p>PERIÓDICOS,</p> <p>DATAS</p> <p>E</p> <p>CIDADES DE ORIGEM</p>	<p>- 24 de abril de 1870. Campinas. Gazeta de Campinas.</p> <p>PHOTOGRAPHIA CAMPINENSE DE HENRIQUE ROSENI 28-RUA DIREITA-28 Tira-se retratos todos os dias e por todos os systemas. Para familia - os preços são reduzidos consideravelmente.</p> <hr/> <p>- 29 de setembro de 1870. Campinas. Gazeta de Campinas.</p> <p>E. Athouguia, cirurgião dentista aprovado pela academia de medicina do Rio de Janeiro, colloca dentaduras pelos systemas melhores e mais mdernos (como já annunciou), limpa e chumba os dentes cariados, cauteriza-os com antecedencia afim de tirar-lhes toda a sensibilidade nervosa, tira os defeito provenientes de uma má regularidade desses órgãos, cura</p>

	<p>todas as molestias da bocca e faz obturadores, aparelhos essenciaes tanto para o asseio da mesma, como para a boa pronunciação; tendo pleno conhecimento das molestias e de sua applicação offerece seus prestimos gratuitamente ás pessoas menos abastadas. Quem precisar dirija-se ou por escripto, ao largo da Matriz Velha, junto do sino grande.</p> <hr/> <p>- 25 de fevereiro de 1872. Campinas. Gazeta de Campinas.</p> <p>Grande sortimento de garampos para prender o cabello, novo systema. Em casa de Leon Hertz -66</p> <hr/> <p>- 08 de agosto de 1872. Campinas. Gazeta de Campinas.</p> <p>ESPECIALIDADE Acha-se aberto no largo da Matriz-nova número 2C, um armazem de assucar de todas as qualidades. Recebe-se mensalmente grande porção de assucar de Pernambuco, das melhores qualidades, desde o alvo</p>
--	---

	<p> finó até o mascavo. Recebe assucar refinado de 1ª e 2ª qualidade, pelo processo de crestalisação, bastante conceituado entre os que conhecem esses systemas de clarear, depurar e cristalisar. Recebe igualmente refinado a braços pelo systhema comum e das mais acreditadas refinações do Rio de Janeiro. Vende-se o assucar crú de meia arroba para mais, havendo grande abatimento comprando em saccos. Vende-se o refinado também de meia arroba para mais, havendo grande abatimento comprando embarricada. </p> <hr/> <p> - 14 de junho de 1874. Campinas. A Mocidade. </p> <p> O retratista photographo Evaristo Brasileiro de Campos Mello, esperando uma nova officina que lhe vem directamente da Europa, previne a seus amigos e fregezes, que continuará a tirar retratos por qualquer systema, pelos preços do costume, garantindo um grande melhoramento em seu trabalho; espernado por isso merecer sempre confiança deste cavalheiro e generoso povo Campineiro. A 5:000 A DUZIA </p>
--	---

	<p>- 14 de outubro de 1874. Campinas. A Mocidade.</p> <p>PEDE-SE TODA ATENÇÃO Aos senhores fazendeiros Ferreira Novo & Filho participarão aos senhores fazendeiros e negociantes que continuam a comprar café em maior quantidade do que faziam até hoje, achando-se para isso habilitados por acabarem de contractar com algumas das principais casas exportadoras, a fazerem grandes compras. Nosso systema de compras, será: Comprar toda e qualquer quantidade de café quando beneficiado o prompto recebemos, ou com poucos dias de demora depois da venda. Pedimos a todos os senhores fazendeiros qua quando tenham café em qualquer quantidade promptoe queirão vender; a bondade de nos procurarem pagando sempre no dia da venda maior preço que permitir o estado do café nos principais mercados do paiz, da America e da Europa; habilitando-nos para podermos fazer tão grande vantagem aos senhores lavradores, o telegrapho que acaba de collocar em comunicação diaria esta florescente cidade com aqueles</p>
--	--

	<p>principaes mercados.</p> <hr/> <p>- 21 de outubro de 1874. Campinas. A Mocidade.</p> <p>Photographia Campinense DE HENRIQUE ROSEN 50 - RUA DIREITA - 50 Em consequencia de novos melhoramentos introduzidos no salão de vidro deste bem conhecido estabelecimento photographico, o mais antigo da provincia, tira-se de hoje em diante retratos perfeitos das 7 horas da manhã até 5 da tarde, e com qualche[r] tempo, "sendo preferidos os dias cobertos e chuvosos." Trabalha-se todos os dias e por todos os systemas. Especialidades - Retratos coloridos a Crozat e aquarela. Esmaltados, Bombé, Cabinet e Mezzo Tinto, dos quaes os ultimos, imitando porcellana, forão introduzidos nesta provincia pelo annunciante e são tirados "sómente no estabelecimento do mesmo". Os retratos da phptographia simples tirão- se ainda pelo preço baratíssimo de 6\$000 a duzia, pagando adeantado. O annunciante esera contrinuar a merecer a affluencia e valiosa protecção dos seus numerosos amigos e freguezes, - convida</p>
--	---

	<p>ao respeitavel publico em geral para examinar sua extense e variada galeria. CASA FILIAL A' PHOTOGRAPHIA CAMPINENSE <i>São</i> João do Rio-Claro 20 - RUA DO COMMERCIO - 20 (Perto da Collectoria)</p> <hr/> <p>- 01 de fevereiro de 1888. Campinas. Diário de Campinas.</p> <p>Officina de espingardeiro RUA GENERAL OZORIO 102 A Nesta antiga e muito conhecida officina continuam-se a trabalhar com perfeição e solidez em consertos de armas de fogo de qualquer systema. Envernizam-se espingardas, com perfeição tal, de competir comas novas. Bem como fabricam-se qualquer peça nova e tudo que diz respeito a essa arte. Facas de prata trabalhadas á capricho. Garante-se a maxima perfeição na execução dos trabalhos que a esta casa forem confiados. PREÇOS MODICOS BALTHASAR BRUNI RUA GENERAL OZORIO 102 A CAMPINAS</p> <hr/> <p>- 10 de dezembro de 1828. São Paulo. O</p>
--	--

	<p style="text-align: right;">Farol Paulistano.</p> <p>João Francisco Espingardeiro de Paris, avisa ao Respeitavel Público d'esta Cidade, que elle tem um sortimento de espingardas de um novo systema chamado <i>Pistão</i> cuja superioridade é incontestavel a respeito das de pedra._Tambem poem as de pedra ao systema novo e faz com o maior cuidado todos os concertos de sua profissão, sua residência é na Rua do Rozario <i>número</i> 24.</p> <hr/> <p style="text-align: right;">- 22 de janeiro de 1879. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>PHOTOGRAFIA AMERICANA RUA DA IMPERATRIZ <i>São</i> PAULO O propretário deste estabelecimento, de volta de sua viagem á Europa, continua a trabalhar no mesmo estabelecimento, o qual se acha augmentado com machinas e utensílios os mais modernos. Neste estabelecimento, que conta 16 annos de existencia (o mais antigo deste província) continua-se a trabalhar por todos os sistemas de photographias, desde o retrato</p>
--	--

	<p>em a mais pequena miniatura até o tamanho natural. Encarrega-se de mandar pintar em Pariz pelos melhores pintores, qualquer retrato em busto, ou corpo inteiro, a óleo, pastel ou aquarella, bastando para isso um pequeno retrato da pessoa que se quizer retratar. Trabalhar-se todos os dias, das 10 horas da manhã, ás 4 horas da tarde, não importa o tempo chuvoso. OS <i>SENHORES</i> PHOTOGRAFOS encontrarão neste estabelecimento tudo que é mister á mesma arte, e pelos preços do Rio de Janeiro Retratos de até Réis 5\$ a dúzia!!!</p> <hr/> <p>- 13 de julho de 1879. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>SALÃO CONIMBRICENSE 30 A – Rua da Imperatriz – 30 A Neste bem montado estabelecimento encontrarão as <i>excelentíssimas</i> famílias um grande e variado sortimento de postigos de cabelos de todas as cores, como sejam : tranças, coques, caêche-peignes, topetes e grampos frisados, penteados pelos systemas mais modernos. Os preços são sempre mais baratos do que em qualquer outra parte. SALÃO</p>
--	---

	<p>CONIMBRICENSE 30 A – Rua da Imperatriz – 30 A José da Cunha Fachadas São Paulo.</p> <hr/> <p>- 27 de fevereiro de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Engelberg, Siciliano & Companhia Machinas para lavoura privilegiadas pelo governo imperial São Paulo No empenho de tornar cada vez mais conhecidas as vantagens que sobre quaesquer outras offerecam as nossas excellentes machinas para a lavoura, chamamos a atenção do senhores fazendeiros para o seguinte: descascador de café do “engelberg” O descascador “Engelberg” é o unico que absolutamente não quebra café, apresentando, além desta incontestavel vantagem, outras muitas, taes como:-- grande simplicidade e solidez, dispensando os tantos concertos que são precisos em outras; beneficio perfeitissimo, devido ao seu excepcional e unico systema, pelo qual o café se descasca brandamente, sem estragar-se, conservando por muito tempo a sua côr natural e sendo por isso muito apreciado e procurado em todos os mercados; não se</p>
--	---

	<p>perde nenhum grão de café porque a palha sahe de tal modo moída que é impossivel envolver café algum, não acontecendo o mesmo com outros descascadores, os quaes, apezar de moerem o café, deixam a palha quase inteira, envolvendo-se nella grande quantidade de grãos que afinal se perdem por na poderem ser separados; occupa menor força do que qualquer outro descascador para beneficiar a mesma quantidade, havendo além disso grande economia de lenha e tempo. Enfim, os numerosos attestados que recebemos diariamente de illustrados fazendeiros e as experiencias feitas por muitas vezes em cotejo com outras machinas, em cujas experiencias tem-se observado que os nossos descascadores sugmentam a safra até dez por cento, são elementos mais que sufficientes para comprovar o que dizemos. E se isso ainda não fôr bastanto, nos obrigamos a pagar a quantia de réis 50\$000 por arroba de café que sahir quebrado de nossa machina, condição essa que nos poderá impor qualquer comprador. Ainda mais: -- faremos presente de um descascador de qualquer tamanho dos de nossa invenção, a quem quizer nos dar em troca o café que sobrar do cotejo com outro descascador de differente systema, tomando-se como base quantidade igual de café em côco,</p>
--	---

	<p>calculada para dar dez mil arrobas beneficiadas. Quer isto dizer que o nosso descascador, nas primeiras mil arrobas de café que beneficia, já proporciona para o fazendeiro uma economia cujo valor é superior ao seu custo. Diante de vantagem tão reaes e incontestaveis, excusado é encarecer os meritos desta machina, e para sua significativa importancia nos limitamos a reclamar em geral a atenção da lavoura do paiz, a favor da qual revertem os seus beneficios. Ventilador de café em côco Apartador de pedras Esta machina, tambem muito simples de tão solida construcção como a precedente, torna se egualmente necessaria por ser de grande vantagem e de reconhecia utilidade, notadamente nas fazendas situadas em terrenos pedregosos. Atenuando consideravelmente a penosa lide da lavagem do café, proporciona ao fazendeiro uma grande economia de tempo em relação áquelle prejudicial systema. O nosso – Ventilador para café em côco “Apartador de pedras,” duas machinas adaptadas n’uma só peça, pelo que dispensa completamente o antigo ventilador para café em côco, preencheu perfeitamente a lacuna que existia na lavoura, e tanto é isso verdade, que continuamos a receber constantemente pedidos dessa excellente, única e tão</p>
--	---

	<p>invejada machina. Machina de beneficiar arroz Evaristo Conrado Este prodigioso producto da machina é superior a todo o encômio que se lhe possa fazer, e para comprovar o que avançamos basta nos-á lembrar o imenso sucesso que acaba de obter nos Estados Unidos da America, onde cauzou assombro a sua apresentação um publico, organizando-se desde logo uma companhia com o elevado capital de um milhão de dollars para desenvolver o seu fabrico em grande escala, conforme reclama a procura. A superioridade desta machina sobre qualquer outra é tão sensível, que a tornaunica no mundo. De uma solidez e simplicidade extremas, dispensa o serviço de machinista profissional para dirigil-a, sem prejudicar nem mesmo de leve este resultado:-- não quebra arroz, brune-o com admirável perfeição e toda a casca, pondo-a em condições de prestar-se a diversos msisters de grande utilidade. Além disto a machina “Evaristo Conrado” só occupa um pequeno espaço para seu funcionamento, quando as outras existentes, sobre serem deficientes em seus resultados são de grandes complicações e de preço extraordinariamente maior, sendo ainda de dispendiosissima montagem.</p>
--	---

- 15 de outubro de 1852. São Paulo.

Aurora Paulistana.

HOMŒOPATHIA PURA | RUA
DIREITA NÚMERO 17. | O medico-
cirurgião José Maria de | Souza, tem a
honra de declarar a to- | das aquellas
pessoas que quizeres | honrar com sua
confiança, que elle se | acha novamente
residindo nesta ci- | dade, rua Direita
número 17, onde continúa | a exercer a sua
profissão pelo **syste-** | **ma** homœopathico,
e onde será encon- | trado a qualquer hora
do dia ou da | noite. O annunciante
tambem arran- | ca, lima e chumba dentes,
e faz todas | as outras operações que diz
respeito | a esta arte com a maior
perfeição.|| Os pobres serão tratados
gratuita- | mente.

- 5 de fevereiro de 1867. São Paulo.

Correio Paulistano.

ATENÇÃO || Chegou á rua da

	<p>Imperatriz <i>número</i> 4 os seguintes instrumentos de musicas, os quaes serão ven- didos a preços ainda menores que os do Rio de Janeiro. Grandes sortimentos de clarinetas de ébano e buxo, com 13, 10 e 17 chaves, em si b. Ditas de ébano com 13 chaves, em dó e lá. Grandes sortimentos de palhetas para as mes- mas, e requinta. Flautins de ébano e buxo, com 4, 5 e 6 cha- vês de prata, e diversos tons. Completo sortimento de instrumentos de me- tal para banda militar e orchestra, sendo tudo pelo systema sax, o mais moderno que ha. Arvores de campainhas, bumbos, flautas di- versas, cavaletes para rabecão, estandartes para violão-cello, surdinas para rabeca, metronomos para marcar compasso, diferentes bocaes para instrumentos de metal, violões, diapasão nor- mas etc. etc. Na mesma casa ha sempre grande sortimento de musicas para piano e canto, orchestra, e to- dos os instrumentos. N. B. Para qualquer instrumento comprado nesta casa ha methods e escallas.</p>
--	--

PALAVRA	<i>THEATRO</i>
----------------	-----------------------

<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>teatro. <i>Sm.</i> '<i>orig.</i> local onde se representam obras dramáticas, óperas etc.' '<i>ext.</i>a arte de representar, o palco' <i>the-</i> XV do lat. <i>Theatrum</i> -e (...)</p>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>teatro. <i>S.m.</i> 1. edifício onde se apresentam obras dramáticas, óperas, etc. 2. A arte de representar; o palco. 3. coleção das obras dramáticas de um autor, época ou nação. 4. lugar onde se passa algum acontecimento memorável; palco. (...)</p>
<p>PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>- 01 de outubro de 1879. São Paulo. O Constituinte.</p> <p>THEATRO SÃO JOSÉ Companhia Lyrica Italiana EMPRESA ANGELO FERRARI O empresário Angelo Ferrari desejando corresponder ao gracioso convite de muitas pessoas d'essa culta cidade de São Paulo, resolveu dar uma série de 12 récitas apresentando n'este numero as operas mas applaudidas de seu repertorio, incluindo O GUARANY do</p>

	<p> distincto CARLOS GOMES. As apreiações da imprensa d'esta côrte, cuja critica tem-se referido á exhibição de cada opera dispensa elogio aos artistas que compõe o elenco da companhia, e cujos nomes são sobejamente conhecidos tanto na Europa como na America. Aos illustríssimos senhores A. L. Garraux & Companhia podem dirigir-se os senhores que assignaram para as 12 récitas que devem começar nos primeiros dias de Novembro e aquelles senhores acham-se auctorisados para receberem a respectiva entrada. O elenco é composto dos artistas da companhia já conhecidos pelas publicações nas folhas d'esta côrte, inclusive a primeira dama soprano Maria Durand e o primeiro tenor F. Tamagno. A orchestra contando hábeis professores, e regida pelo distincto maestro CAVALHEIRO N. BASSI Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1870 A. Ferrari </p> <hr/> <p> - 5 de outubro de 1852. São Paulo. Aurora Paulistana. </p> <p> - 15 de outubro de 1852. São Paulo. Aurora Paulistana. </p>
--	--

	<p>JOSE' PHILIPPE SALMAN mora dor na rua de <i>São Bento número 16</i>, participa ao respeitavel publico e especialmente aos seus freguezes, que elle tem para vender um completo sortimento do oculos de todas as qualidades, lunetas, vidros avulsos, oculos de alcance, di- tos para theatro, bengallas &c. &c.; na mesma casa continua-se a vender e concertar relógios de todas as qua- lidades.</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano</p> <p>Theatro <i>São José</i> GRANDE COMPANHIA DE OPERA-COMICA E OPERETAS DO Theatro Sant'Anna da Côrte EMPREZA HELLER Continuação dos festejos da Abolição HOJE HOJE Terça-feira, 15 de Maio de 1888 4ª récita de assignatura Representar-se-ha pela primeira vez nesta capital a opera-comica fantastica de grande espectaculo em 3 actos e 7 quadors de Dumanoir e d. Ennery, tra- ducção de Eduardo Garrido e do doutor Mo- reira Sampaio, musica original do dis- tincto maestro brasileiro Miguel</p>
--	--

	<p> Cordozo O Ramo de Ouro Título dos quadros 1 a herança do tio André, 2 a caçada real, 3 a Burra de Martinho. 4 o poder do Ramo, 5 O genio e a fada, 6 o amo de Branca, 7 o palácio encantado. Os scenarios novos são devidos ao habil pincel do distincto scenographo Car- rancine. Os vestuarios são todos novos e riquis- simos, feitos nas officinas do theatro Sant'Anna, sob a direcção do <i>senhor</i> Lisboa e de Mm. Victorina Pezanna. Todos os adereços novos, feitos tam- bem nas officinas do theatro sob a direc- ção dos <i>senhores</i> José Dias e Jardim. A musica é ensaiada pelo maestro da comanhia do <i>senhor</i> Miguel Cardoso e pelo distincto professor Tavares. Todas as cabelleiras são feitas pelo muito habil cabelleireiro do theatro o <i>senhor</i> João Lima Campos. Mise-em-scene do artista HELLER A's 8½ horas. Os bilhetes á venda na Casa Garraux até ás 4 horas da tarde e das 5 horas em diante na bilheteria do theatro. Preços Camarote e 1ª e 2ª ordem 15\$000 Camarote e 3ª ordem 8\$000 Poltronas 3\$000 Cadeiras 2\$000 Galeria 1\$000 AMANHAN Quarta-feira, 16 de Maio 5ª Récita de assignatura com a opera comica em 3 actos e 4 quadras OS SIGNOS DE CORNEVILLE </p>
--	--

--	--

PALAVRA	<i>PHILANTROPIA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>-fil(o)-, -fil(o), fil(o)- elem. Comp., derivados do grego, mas de étimos distintos: (i) <i>-fil(o)-</i>, do gr. <i>Phil(o)-</i>, de <i>phílos</i> 'amigo', que ocorre em vários compostos já formados no próprio grego, como <i>filosofo</i>, por exemplo, e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XVIII; (...); <i>-fil(o)-</i>, do gr. <i>phyl(o)-</i>, de <i>phýlon</i>, <i>phyle</i>, 'tribo, grupo de famílias da mesma raça', bem menos frequentado que os dois elementos anteriores, ocorre em alguns poucos vocs. da linguagem científica internacional (...) filantropia (i) XVIII, <i>ph-</i> XVIII do fr. <i>philanthropie</i>, deriv. do gr. <i>philanthropía</i>.</p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p>filantropia. <i>s.f.</i> 1. amor à humanidade; humanitarismo. [Antôn.: <i>misanthropia</i> (1), <i>antropofobia</i>.] 2. caridade (1).</p>

<p>PERIÓDICO,</p> <p>DATA</p> <p>E</p> <p>CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>- 4 de março de 1853. São Paulo. Aurora Paulistana.</p> <p>CURA CERTA e em pouco tempo de todas as enfermidades provenientes de vicio san- guineo, como –escrophulas, tube[r]- culos, lepra, syphylis, etc. etc.e [ilegível] particular as affecçoens de pape[ilegível] em seu principio. Etienne Lagarde. Pharmaceutico e cirurgião das faculdades Pariz e do Rio de Janeiro, ex-preparad[o] do Curso de Chimica da escola de medic[i]- na e pharmacia de Poi[furo]iers, membro da s[o]- ciedade medica da mesma cidade e corres- pondente de algumas sociedades scientificas. Attenção! A experiencia junto á perseverança qu[e] hoje tem sido meus únicos guias no trata[men]- to das enfermidades acima mencionadas, os caracteres horriveis que ellas apresentam, desgostos que sobrevem as pessoas que são de las atacadas devião naturalmente attrahir attenção de todo o homem amigo da huma- nidade. Antigamente estas enfermidades se consi- deravão com um principio contagioso, o que obrigava os doentes a buscar longe das povo- ações uma morada tranquilla, que lhes permi- tisse esperar com paciencia a hora que [o]</p>
--	---

	<p> Creador tivesse determinado para pôr term[] a todos os seus soffrimentos; hoje porem assim não acontece: os progressos que tem feito [a] sciencia medica com os numerosos trabalhos e investigações da chimica, tem em fim intro- duzido na therapeutica e posto á disposição dos homens da sciencia um meio prophilati- cos contra estas crueis enfermidades fazendo assim esperar uma prompta cura a todos aquelles que o quizerem abraçar. Penetrado do sentimento o mais sincero da philantropia, do amor á sociedade offereço o[s] meus recursos médicos e pharmaceuticos ad- quiridos por um aturado e longo estudo da na- tureza humana, E' pois com os medicamen- tos preparados por minhas próprias mãos qu[e] me proponho a curar a todos aquelles que m[e] quizerem procurar. Estou certo que os epithetos de – charlatão e especulador – ser-me-hão lançados por al- guns ao lerem este meu annuncio: porem não será por homens sensatos que serei assim [ilegível] xado. O sabio indaga, consulta, ouve, [ilegível] entre vós (como eu creio) existe algum rec[ilegível] conhecimento recebei de antemão toda a mi- nha gratidão. A vós, enfermos, eu dirijo meus offereci- mentos; eu saberei consolar-vos, e talvez da[r]- vos a panacéa benéfica da saude que tan[furo] desejaes. Seja o</p>
--	---

	<p>reconhecimento o fructo de meu[s] trabalhos e o único tributo que desejo obte[r] daquelles que me quizerem honrar com sua[s] consultas. Dirijão-se ao Hotel Paulistano, na rua d[e] São Bento <i>número</i> 35.</p>
--	--

11.2 Lexemas ligados às tecnologias

PALAVRA	<i>ASPHALTO</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	Asfalto. <i>sm.</i> ‘designação comum aos pirobetumes asfálticos, utilizados para pavimentação de estradas e impermeabilização’ <i>-ph-</i> XVI do fr. <i>Asphalte</i> , deriv. Do b. lat. <i>Asphaltus</i> e, este, do Gr. <i>ásphaltos</i> ‘asfalto, betume’
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	Asfalto. <i>s. m.</i> 1. designação comum aos pirobetumes asfálticos, naturais ou artificiais, utilizados para a pavimentação de estradas e impermeabilização. 2. pavimentação asfáltica; asfaltamento.
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	- 15 de junho de 1852. Aurora Paulistana. São Paulo. Flecheux, participa ao publico que elle estabeleceo sua fabrica d’ asfalto no caminho de S. Caetano, e está prompto para executar os trabalhos que se lhe encommendam. Ro- ga portanto as

	<p> pessoas que precisarem desta nova industria, hajão de dirigir-se á fabrica , ou deixar os seus nomes em casa do <i>Senhor</i>. Ce- lestino Bouroult, rua do Rosario, para ser pro- curado. Avisa igualmente que os annuncios feitos pelo <i>Senhor</i> Bastide são nullos porque o annunciante é o unico dono e proprietário da dita fabrica. </p>
--	--

PALAVRAS	<i>BICYCLETA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p> cicl(o)- <i>elem. Comp.</i>, do gr. <i>Kyklo-</i>, de <i>kýklos</i> 'círculo', que se documenta em alguns compostos formados no próprio grego (como <i>cíclico</i>) e em muitos outros introduzidos, a partir do séc. XIX, na linguagem erudita (...) bicicleta <i>sf.</i> 'veículo constituído por um quadro montado em duas rodas, alinhadas uma atrás da outra' XIX. Do fr. <i>bicyclette</i> // </p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p> bicicleta (é) <i>s.f.</i> 1. veículo constituído por um quadro (14), montado em duas rodas, originariamente grades, alinhadas uma </p>

	atrás de outra e com raios metálicos, e que é dotado de selim e manobrado por guidom e pedais (...)
PERIÓDICOS, DATAS E CIDADES DE ORIGEM	<p align="center">- Dezembro de 1898. São Paulo. A Notícia</p> <p>BICYCLETAS Monarch' e [Ppiao] Fortes, Resistentes, Elegantes Vende-se em prestações semanaes.</p>

PALAVRA	<i>ELECTRICA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>ele(o)tr(o)- <i>elem. Comp.</i>, do gr. <i>Elektro-</i>, de <i>elektron</i> 'âmbar amarelo', que se documenta em numerosos vocs. Eruditos , com a noção de 'eletricidade', em razão da propriedade que possui o âmbar de, quando atritado, atrair pequenos corpos que lhe estão próximos; esse fenômeno, que os cientistas do séc. XVII atribuíram a um fluido, foi posteriormente indentificado como um novo tipo de energia: a eletricidade. (...) ele(c)trico </p>

	<i>electr-</i> 1813 (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	eletrico <i>adj.</i> 1. Relativo ou pertencente à eletricidade. 2. que se move ou se põe em funcionamento pela eletriciade. (...)
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>REAL COMPANHIA DE Paquetes a vapor DE SOUTHAMPTON O MAGNIFICO VAPOR TAGUS Sahirá no dia 19 de Maio as 4 horas da tarde com escalas pelo Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Lisboa Vigo e Saouthampton O paquete a vapor NILE Esperado de Southampton e escalas no dia 1 de Junho. Sahirá depois da indispensavel demo- Ra para Montevidéo e BuenosAyres Todos estes vapores são illumidaos a luz electrica. N. B. – Na agencia tomam-se seguros sobre as mercadorias embarcadas por estes vapores Para passageiros, carga e mais informações com os agentes Holworthy, Ellis & Companhia RUA DE SANTO</p>

	ANTONIO, 40 SANTOS
--	----------------------

PALAVRAS	<i>HYDRAULICOS</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	hídr(o)- elem. comp., do gr. hydro-, de hýdor-atos 'água', que se documenta em vocs. formados no próprio grego, como hidrofobia, por exemplo, e me vários outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX, (...) hidráulico <i>adj.</i> / <i>hy-</i> 1813 do lat. <i>hidraulicus</i> , deriv. do gr. <i>hydraulikós</i> (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	hidráulico. <i>Adj.</i> 1. referencia a qualquer movimento de líquidos, especialmente a água. 2. relativo à hidráulica. (...)
PERIÓDICOS, DATAS E CIDADES DE ORIGEM	- 22 de janeiro de 1879. São Paulo. Correio Paulistano. FABRICA de mosaicos hydraulicos , de Betons agglomérés, brancos e de cores, próprios para terreiros de café, calçadas, varan das, corredores, vestíbulos, igrejas,

	etc.
--	------

PALAVRAS	KEROSENE
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	querosene <i>sm.</i> '(Quim.) líquido resultante da destilação do petróleo' <i>kerosene</i> 1873 Do fr. <i>kérosène</i> , do gr. <i>keros</i> 'cera'.
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	querosene. <i>S.m. quím.</i> Líquido resultante da destilação do petróleo, com temperatura de ebulição entre 150 e 300 graus centesimais, fração entre a gasolina e o óleo diesel, usado como combustível e como base de certos inseticidas (...).
PERIÓDICOS, DATAS E CIDADES DE ORIGEM	<p>- 17 de maio de 1874. Campinas. A Mocidade.</p> <p>ATENÇÃO Attenção [espaço] Attenção Prospero Bellinfanti participa ao respeitavel publico campeneiro que recebeu um grande e completo sortimento de generos norte americanos, constando de machinas de costira com todos os</p>

	<p> pertences linhas agulhas e oleos, arados completos, separados de zinco para café, machinas para manteiga, ditas para café, gaiolas de arame e muitos outros artigos de mesma procedencia. Na masma casa encontra-se lampeões de todos os tamanhos, tocidas, vidors ara os mesmos e Kerosenes, fogões de ferro completo, camas de ferro, banheiras, tens de cosinhas estanhados francezes, torradores para café de todos os tamanhos e grande sortimento de cestos de vime. O Propretario deste estabelecimento te á Rua da ponte sem Santa Cruz Número 15 uma officina de caldeireiro e funileiro, aonde se encarrega de todas as obras com cobre, zinco, folha, etc. Faz os mais perfeitos alambiques para distilação de espiritos. Incumbe-se de qualquer encanamento em casas, etc. Faz banheiras de folha de todas as dimensões. Assenta bombas, simples e de pressão, levando a agua onde se quizer. Faz finalmente todas as obras concernentes á profissão, acudindo aos chamados para qualquer parte, onde seus serviços forem precisos. Concerta e renova todos os objetos estragados. Tudo por preços commodos </p> <hr/> <p> - 07 de julho de 1870. Campinas. Gazeta </p>
--	---

	<p>de Campinas.</p> <p>Abrio-se! O QUE É QUE ABRIO-SE? A Casa commercial de Francisco Alvaro de Souza Camargo, o qual participa a seus parentes, amigos e freguezes, que acaba de receber um completo sortimento de ferragens, drogas, tintas, miudezas de armarinho, kerosene, chá, cêra, sementes de hortaliças etc. Recommenda aos amadores um bonito sortimento de espingardas, rewolvers, facas de caça, etc, etc. Espera merecer confiança das pessoas que honrarem seu novo estabelecimento, estando o annunciante resolvido a vender por commodos preços. Rua Direita, canto da da Cadêa.</p> <hr/> <p>- 08 de agosto de 1872. Campinas. Gazeta de Campinas.</p> <p>PRESUNTOS Carne secca, Assucar, Vinhos e Louça 15-RUA DIREITA-15 Largo do Rosario SAMPAIO Chegaram ultimamente novos generos de todas as qualidades por preços muito commodos: Velas de composição, de sebo, kerosene, azeite doce, licores e</p>
--	--

	<p>charutos a comissão; assim como chrystaes da Bohemia, porcellanas, catiças de Leclopate e cera em velas. 15-RUA DIREITA-15</p> <hr/> <p>- 17 de maio de 1874. Campinas. A Mocidade.</p> <p>ATENÇÃO Attenção [espaço] Attenção Prospero Bellinfanti participa ao respeitavel publico campineiro que recebeu um grande e completo sotimento de generos norte americanos, constando de machinas de costira com todos os pertences linhas agulhas e oleos, arados completos, separadores de zinco para café, machinas para manteiga, ditas para café,gaiolas de arame e muitos outros artigos da mesma procedencia. Na mesma casa encontra-se lampeões de todos os tamanhos, torcidas, vidros para os mesmos e Kerozenes, fogões de ferro completo, camas de ferro, banheiras, trens de cozinhas entanhados frencezes, torradores para café de todo os tamanhos e grande sortimento de cestos de vime. O Proprietario deste estabelecimento te á Rua da ponte em Santa Cruz Número 15 uma officina de caldeireiro, aonde se</p>
--	--

	<p>encarrega de todas as obras em cobre, zinco, folha, etc. Faz os mais perfeitos alambiques para destilação de espiritos. Incumbe-se de qualquer encanamento em casas, etc. Faz banheiras de folha de todas as dimensões. Assenta bombas, simples e de pressão, levando a agua onde se quizer. Faz finalmente todas as obras concernentes á sua profissão, acudindo aos chamados para qualquer parte, onde seus serviços forem precisos. Concerta e renova todos os objetos estragados. Tudo por preços commodos.</p>
--	---

PALAVRAS	LAMPEÃO
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>lâmpada <i>sf.</i> 'aparelho de iluminação' XII, <i>lampaa</i> XIV <i>Do lat. Lampăda -ae, de lampas -ădis e, este, do gr. Lampás -ados</i> 'archote' (...) lampião <i>-peão</i> 1813 (...);</p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p>lampião <i>S.m.</i> 1. Tipo de lanterna de grandes dimensões, elétrica ou reservatória para combustível, portátil ou</p>

	fixa em um teto, esquina ou parede. 2. p. ext. Poste de iluminação das ruas.;
PERIÓDICOS, DATAS E CIDADES DE ORIGEM	<p>- 17 de maio de 1874. Campinas. A Mocidade.</p> <p>ATENÇÃO Attenção [espaço] Attenção Prospero Bellinfanti participa ao respeitavel publico campeneiro que recebeu um grande e completo sortimento de generos norte americanos, constando de machinas de costira com todos os pertences linhas agulhas e oleos, arados completos, separados de zinco para café, machinas para manteiga, ditas para café, gaiolas de arame e muitos outros artigos de mesma procedencia. Na mesma casa encontra-se lampeões de todos os tamanhos, tocidas, vidors para os mesmos e Kerosenes, fogões de ferro completo, camas de ferro, banheiras, tens de cosinhas estanhados francezes, torradores para café de todos os tamanhos e grande sortimento de cestos de vime. O Propretario deste estabelecimento te á Rua da ponte sem Santa Cruz <i>Número</i> 15 uma officina de caldeireiro e funileiro, aonde se encarrega de todas as obras com cobre, zinco, folha, etc. Faz os mais perfeitos</p>

	<p>alambiques para destilação de espiritos. Incumbe-se de qualquer encanamento em casas, etc. Faz banheiras de folha de todas as dimensões. Assenta bombas, simples e de pressão, levando a água onde se quizer. Faz finalmente todas as obras concernentes á profissão, acudindo aos chamados para qualquer parte, onde seus serviços forem precisos. Concerta e renova todos os objetos estragados. Tudo por preços commodos.</p>
--	--

PALAVRA	LITROS
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>litro <i>sm.</i> 'unidade fundamental de capacidade de sistema métrico decimal, equivalente à capacidade de um decímetro cúbico' 'o conteúdo de um litro' 1844. do fr. <i>Litre</i>, do fr. Ant. <i>litron</i>, deriv. Do lat. Med. <i>Litra</i> e, este, do gr. <i>Lítra</i> 'peso de doze onças'. litro 1836 sc .</p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p>litro. <i>S.m.1.</i> unidade de medida de capacidade, igual a um decímetro cúbico. [Símb.: l.] 2. garrafa de litro.</p>

PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 05 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulista.</p> <p>Alcatrão de Guyot Gordon de Guyot Purifica o sangue, aumenta o apetite, levanta as forças e é efficaz em todas as doenças dos pulmões, catarrhas da bexiga e affecções das mucosas. O Alcatrão de Guyot foi experimentado som vantagem real, nos principaes hospitães de França, da Bélgica e Espanha. Durante os calôres e em tempo epidemico é uma bebida hygienica e preservadora. Um só vidro basta para preparar doze litras d'uma bebida salutarissima. O Alcatrão de Guyot Authentico é vendido em vidras trazendo na rotulo e com trez cores a assgnatura. Venda a varejo na mor parte das pharmacias. Fabricação em atacado: Casa L. Frere.</p>

PALAVRAS	MACHINAS
ENTRADA NO DICIONÁRIO	máquina. <i>sf.</i> Qualquer utensílio ou

ETIMOLÓGICO	instrumento' <i>machina</i> 1572 do lat. <i>Machina</i> , deriv. Do gr. Dor. <i>Machana</i> 'meio engenhoso para se conseguir um fim.
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	máquina. <i>S.f.</i> 1. Aparelho ou instrumento próprio para comunicar movimento ou para aproveitar, pôr em ação ou transformar uma energia ou agente natural. 2. O conjunto orgânico das peças dum instrumento; maquinismo, mecanismo. 3. veículo locomotor. 4. utensílio, instrumento. 5. <i>fig.</i> Estrutura orgânica e harmônica. 6. <i>fig.</i> Construção importante, complexa, ou suntuosa. 7. <i>fig.</i> Entidade ou organismo complexo. 8. <i>fig.</i> Multiplicidade de coisas que se relacionam entre si. 9. <i>fig.</i> Pessoa sem idéias próprias e que procede como autômato. (...)
PERIÓDICOS, DATAS E CIDADES DE ORIGEM	- 14 de junho de 1870. Campinas. Gazeta de Campinas. KX Vende-se uma machina propria para marcar papel, cartão de visita e casamento, e bem assim um sortimento de

	<p>cartões bordados e dourados tudo de 1ª qualidade. Para tratar com o QUIM SIMÕES.</p> <hr/> <p>- 28 de janeiro de 1872. Campinas. Gazeta de Campinas.</p> <p>BÉLIER HIDRAULIQUE (Machinas para suspender agua) Na Imperial Officina Machina de A.C. Sampaio Peixoto construe-se as machinas acima, de diversos tamanhos para suspender agua a qualquer altura. Estas Machinas são de muita vantagem para quem tem agua distante da moradia, podendo com o emprego d'ellas, trazel-a para aonde quizer, e trabalham noite e dia sem ser necessario meio algum para movel-a. se não a propria agua que entrando por um tubo escapa parte, e pela compressão do ar dá impulso a que fica em outro fazendo-a subir a altura desejada. São de contrução simples e duravel, o que se garante. Na officina acima construiu-se uma muito pequena que está exposta ali, para quem quizer vêr, e trabalha perfeitamente bem, suspendendo 23 pollegadas cubicas de agua por minuto á altura de 18 pés (25 palmos)</p>
--	---

	<p>- 17 de maio de 1874. Campinas. A Mocidade.</p> <p>ATENÇÃO Attenção [espaço] Attenção Prospero Bellinfanti participa ao respeitavel publico campineiro que recebeu um grande e completo sotimento de generos norte americanos, constando de machinas de costira com todos os pertences linhas agulhas e oleos, arados completos, separadores de zinco para café, machinas para manteiga, ditas para café,gaiolas de arame e muitos outros artigos da mesma procedencia. Na mesma casa encontra-se lampeões de todos os tamanhos, torcidas, vidros para os mesmos e Kerozenes, fogões de ferro completo, camas de ferro, banheiras, trens de cozinhas entanhados frencezes, torradores para café de todo os tamanhos e grande sortimento de cestos de vime. O Proprietario deste estabelecimento te á Rua da ponte em Santa Cruz Número 15 uma officina de caldeireiro, aonde se encarrega de todas as obras em cobre, zinco, folha, etc. Faz os mais perfeitos alambiques para destilação de espiritos. Incumbe-se de qualquer encanamento em casas, etc. Faz banheiras de folha de todas</p>
--	--

	<p>as dimensões. Assenta bombas, simples e de pressão, levando a agua onde se quizer. Faz finalmente todas as obras concernentes á sua profissão, acudindo aos chamados para qualquer parte, onde seus serviços forem precisos. Concerta e renova todos os objetos estragados. Tudo por preços commodos.</p> <hr/> <p style="text-align: right;">- 22 de janeiro de 1879. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>PHOTOGRAFIA AMERICANA RUA DA IMPERATRIZ São PAULO O proprietário deste estabelecimento, de volta de sua viagem á Europa, continua a trabalhar no mesmo estabelecimento, o qual se acha augmentado com machinas e utensílios os mais modernos. Neste estabelecimento, que conta 16 annos de existencia (o mais antigo deste província) continua-se a trabalhar por todos os sistmas de photographias, desde o retrato em a mais pequena miniatura até o tamanho natural. Encarrega-se de mandar pintar em Pariz pelos melhores pintores, qualquer retrato em busto, ou corpo inteiro, a oleo, pastel ou aquarella, bastando para isso um pequeno retrato da</p>
--	--

	<p> pessoa que se quizer retratar. Trabalhar-se todos os dias, das 10 horas da manhã, ás 4 horas da tarde, não importa o tempo chuvoso. OS <i>SENHORES</i> PHOTOGRAFOS encontrarão neste estabelecimento tudo que é mister á mesma arte, e pelos preços do Rio de Janeiro Retratos de até Réis 5\$ a dúzia!!! </p> <hr/> <p> - 05 de julho de 1879. São Paulo. Correio Paulistano. </p> <p> LENHA RACHADA POR MACHINA Vende-se a 3\$000 a carrada posta em casa do comprador, e a 2\$600 na fabrica á Travessa da Moóca proximo a rua do Braz. Recebem se encomendas no Café Americano e Café de Londres. A fabrica tendo obtido grandes melhoramento está prompta a fazer forenecimentos com toda a pontualidade possível. </p> <hr/> <p> -12 de julho de 1879. São Paulo. Correio Paulistano. </p>
--	---

	<p>ESTRADA DE FERRO DE São PAULO Vende-se uma machina fixa de força de 10 cavallos; para ver e mais informações dirijam-se ao chefe da estação, nas officinas da companhia, na Luz. As pessoas que a pretenderem comprar farão sua propostas em cartas fechadas a esta superintendencia. São Paulo, 11 de Julho de 1879. W. Speers, Superintendente</p> <hr/> <p>- 29 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Machinas de costura A. Frederico Schulze & Companhia Impotadores de Machinas de Costura. Pedem ao respeitavel publico se digne visitar o seu estabelecimento para examinar o que há de melhor em machinas de costura dos afamados auctores e com todos os aperfeiçoamentos úteis adoptados pela technica moderna. Os seus preços são extremamente módicos e ao alcance de todas as bolsas. Aqui encontrará sempre o publico grande sortimento de machinas para tocar á mão, á pé, á pé e mão, com caixa ou sem caixa, próprias e</p>
--	---

	<p>perfeitas para todas as costuras, desde a mais fina cambraia até o mais en corpado algodão. Os <i>Senhores</i> Alfaiates, sapateiros, selleiros, correeiros, etc., tambem encontrarão nesta casa as mais aperfeiçoadas machinas, já com accessorios que só a mechanica do progresso hodierno poderia adeptar para que taes machinas produzam trabalhos maravilhosos, não só pela perfeição como pelo pouco tempo consumido e pelo pequeno incommodo de quem as menejar para produzirem taes resultados. Todas as machinas de nosso estabelecimento são garan tidas, porque só importaremos o que houver de bom, solido, elegante e perfeito nesta industria. Também ahi encontrará o respeitavel publico artigos concerneto ás machinas de costura, como agulhas, retroz, oleo, almotolias, correias, peças avulsas, etc., tudo de superior qualidade a preço módico. Rua de São Bento, 62 São Paulo.</p> <hr/> <p>- 27 de fevereiro de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Engelberg, Siciliano &</p>
--	---

	<p>Companhia Machinas para lavoura privilegiadas pelo governo imperial São Paulo No empenho de tornar cada vez mais conhecidas as vantagens que sobre quaesquer outras offerecam as nossas excellentes machinas para a lavoura, chamamos a atenção do senhores fazendeiros para o seguinte: descascador de café do “engelberg” O descascador “Engelberg” é o unico que absolutamente não quebra café, apresentando, além desta incontestavel vantagem, outras muitas, taes como:-- grande simplicidade e solidez, dispensando os tantos concertos que são precisos em outras; beneficio perfeitissimo, devido ao seu excepcional e unico systema, pelo qual o café se descasca brandamente, sem estragar-se, conservando por muito tempo a sua côr natural e sendo por isso muito apreciado e procurado em todos os mercados; não se perde nenhum grão de café porque a palha sahe de tal modo moída que é impossivel envolver café algum, não acontecendo o mesmo com outros descascadores, os quaes, apezar de moerem o café, deixam a palha quase inteira, envolvendo-se nella grande quantidade de grãos que afinal se perdem por na poderem ser separados; occupa menor força do que qualquer outro descascador para beneficiar a mesma quantidade, havendo além disso grande economia de lenha e</p>
--	--

	<p>tempo. Enfim, os numerosos attestados que recebemos diariamente de illustrados fazendeiros e as experiencias feitas por muitas vezes em cotejo com outras machinas, em cujas experiencias tem-se observado que os nossos descascadores sugmentam a safra até dez por cento, são elementos mais que sufficientes para comprovar o que dizemos. E se isso ainda não fôr bastante, nos obrigamos a pagar a quantia de réis 50\$000 por arroba de café que sahir quebrado de nossa machina, condição essa que nos poderá impor qualquer comprador. Ainda mais: -- faremos presente de um descascador de qualquer tamanho dos de nossa invenção, a quem quizer nos dar em troca o café que sobrar do cotejo com outro descascador de differente systema, tomando-se como base quantidade igual de café em côco, calculada para dar dez mil arrobas beneficiadas. Quer isto dizer que o nosso descascador, nas primeiras mil arrobas de café que beneficia, já proporciona para o fazendeiro uma economia cujo valor é superior ao seu custo. Diante de vantagem tão reaes e incontestaveis, excusado é encarecer os meritos desta machina, e para sua significativa importancia nos limitamos a reclamar em geral a attenção da lavoura do paiz, a favor da qual reverterem os seus</p>
--	---

	<p>benefícios. Ventilador de café em côco Apartador de pedras Esta machina, também muito simples de tão sólida construção como a precedente, torna-se igualmente necessária por ser de grande vantagem e de reconhecida utilidade, notadamente nas fazendas situadas em terrenos pedregosos. Atenuando consideravelmente a penosa lide da lavagem do café, proporciona ao fazendeiro uma grande economia de tempo em relação àquella prejudicial systema. O nosso – Ventilador para café em côco “Apartador de pedras,” duas machinas adaptadas n’uma só peça, pelo que dispensa completamente o antigo ventilador para café em côco, preencheu perfeitamente a lacuna que existia na lavoura, e tanto é isso verdade, que continuamos a receber constantemente pedidos dessa excelente, única e tão invejada machina. Machina de beneficiar arroz Evaristo Conrado Este prodigioso producto da machina é superior a todo o encômio que se lhe possa fazer, e para comprovar o que avançamos basta nos-á lembrar o imenso sucesso que acaba de obter nos Estados Unidos da America, onde causou assombro a sua apresentação um publico, organizando-se desde logo uma companhia com o elevado capital de um milhão de dollars para desenvolver o seu fabrico em grande escala, conforme</p>
--	--

	<p>reclama a procura. A superioridade desta machina sobre qualquer outra é tão sensível, que a torna única no mundo. De uma solidez e simplicidade extremas, dispensa o serviço de maquinista profissional para dirigi-la, sem prejudicar nem mesmo de leve este resultado: -- não quebra arroz, brune-o com admirável perfeição e toda a casca, pondo-a em condições de prestar-se a diversos usos de grande utilidade. Além disto a machina “Evaristo Conrado” só ocupa um pequeno espaço para seu funcionamento, quando as outras existentes, sobre serem deficientes em seus resultados são de grandes complicações e de preço extraordinariamente maior, sendo ainda de dispendiosíssima montagem.</p>
--	---

PALAVRAS	<i>MACHINISTA</i>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>maquina sf. Qualquer utensílio ou instrumento' machina 1572 di lat. Machina, deriv. Do gr. Dor. Machana 'meio engenhoso para se conseguir um fim (...) maquinista 1813. do fr. <i>machiniste</i>.</p>

<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>maquinista <i>s.</i> 2 <i>g.</i> 1. pessoa que inventa, constrói ou conduz máquinas, principalmente locomotivas e máquinas de navios a vapor. 2. <i>teat.</i> Contra-regra ou operário encarregado da manipulação dos mequinismos de um teatro.</p>
<p>PERIÓDICOS,</p> <p>DATAS</p> <p>E</p> <p>CIDADES DE ORIGEM</p>	<p>- 27 de fevereiro de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Engelberg, Siciliano & Companhia Machinas para lavoura privilegiadas pelo governo imperial São Paulo No empenho de tornar cada vez mais conhecidas as vantagens que sobre quaesquer outras offerecam as nossas excellentes machinas para a lavoura, chamamos a atenção do senhores fazendeiros para o seguinte: descascador de café do “engelberg” O descascador “Engelberg” é o unico que absolutamente não quebra café, apresentando, além desta incontestavel vantagem, outras muitas, taes como:-- grande simplicidade e solidez, dispensando os tantos concertos que são precisos em outras; beneficio perfektissimo, devido ao seu excepcional e unico systema, pelo qual o café se</p>

	<p>descasca brandamente, sem estragar-se, conservando por muito tempo a sua côr natural e sendo por isso muito apreciado e procurado em todos os mercados; não se perde nenhum grão de café porque a palha sahe de tal modo moída que é impossivel envolver café algum, não acontecendo o mesmo com outros descascadores, os quaes, apezar de moerem o café, deixam a palha quase inteira, envolvendo-se nella grande quantidade de grãos que afinal se perdem por na poderem ser separados; occupa menor força do que qualquer outro descascador para beneficiar a mesma quantidade, havendo além disso grande economia de lenha e tempo. Enfim, os numerosos attestados que recebemos diariamente de illustrados fazendeiros e as experiencias feitas por muitas vezes em cotejo com outras machinas, em cujas experiencias tem-se observado que os nossos descascadores sugmentam a safra até dez por cento, são elementos mais que sufficientes para comprovar o que dizemos. E se isso ainda não fôr bastanto, nos obrigamos a pagar a quantia de réis 50\$000 por arroba de café que sahir quebrado de nossa machina, condição essa que nos poderá impor qualquer comprador. Ainda mais: -- faremos presente de um descascador de qualquer tamanho dos de nossa invenção, a quem</p>
--	---

	<p> quizer nos dar em troca o café que sobrar do cotejo com outro descascador de differente systema, tomando-se como base quantidade egual de café em côco, calculada para dar dez mil arrobas beneficiadas. Quer isto dizer que o nosso descascador, nas primeiras mil arrobas de café que beneficia, já proporciona para o fazendeiro uma economia cujo valor é superior ao seu custo. Diante de vantagem tão reaes e incontestaveis, excusado é encarecer os meritos desta machina, e para sua significativa importancia nos limitamos a reclamar em geral a atenção da lavoura do paiz, a favor da qual revertem os seus beneficios. Ventilador de café em côco Apartador de pedras Esta machina, tambem muito simples de tão solida construcção como a precedente, torna se egualmente necessaria por ser de grande vantagem e de reconhecia utilidade, notadamente nas fazendas situadas em terrenos pedregosos. Atenuando consideravelmente a penosa lide da lavagem do café, proporciona ao fazendeiro uma grande economia de tempo em relação áquelle prejudicial systema. O nosso – Ventilador para café em côco “Apartador de pedras,” duas machinas adaptadas n’uma só peça, pelo que dispensa completamente o antigo ventilador para café em côco, preencheu </p>
--	--

	<p> perfeitamente a lacuna que existia na lavoura, e tanto é isso verdade, que continuamos a receber constantemente pedidos dessa excellente, única e tão invejada machina. Machina de beneficiar arroz Evaristo Conrado Este prodigioso producto da machina é superior a todo o encômio que se lhe possa fazer, e para comprovar o que avançamos basta nos-á lembrar o imenso sucesso que acaba de obter nos Estados Unidos da America, onde cauzou assombro a sua apresentação um publico, organizando-se desde logo uma companhia com o elevado capital de um milhão de dollars para desenvolver o seu fabrico em grande escala, conforme reclama a procura. A superioridade desta machina sobre qualquer outra é tão sensível, que a tornaunica no mundo. De uma solidez e simplicidade extremas, dispensa o serviço de machinista profissional para dirigit-a, sem prejudicar nem mesmo de leve este resultado:-- não quebra arroz, brune-o com admirável perfeição e toda a casca, pondo-a em condições de prestar-se a diversos msisters de grande utilidade. Além disto a machina “Evaristo Conrado” só occupa um pequeno espaço para seu funcionamento, quando as outras existentes, sobre serem deficientes em seus resultados são de grandes complicações e de preço </p>
--	---

	extraordinariamente maior, sendo ainda de dispendiosíssima montagem.
--	--

PALAVRAS	<i>MECHANICA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	mecânico <i>adj.</i> 'relativo à Mecânica, parte da Física 'maquinal' 'versado em Mecânica' 'operário que se ocupa da conservação e conserto de motores' 'artista, artesão'. (...) mecânica XVI. Do lat. <i>mechanica</i> , deriv. do gr. <i>mechaniké</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	mecânica <i>s.f.</i> 1. Ciência que investiga os movimentos e as forças que os provocam. 2. obra, atividade ou teoria que trata de tal ciência. 3. o conjunto das leis do movimento 4. estrutura e funcionamento orgânico. 5. aplicação prática dos princípios de uma arte ou ciência. 6. tratado ou compêndio de mecânica. 7. exemplar de um desses tratos ou compêndios. 8. <i>fig.</i> combinação de meios, de recursos; mecanismo. (...)

<p>PERIÓDICOS,</p> <p>DATAS</p> <p>E</p> <p>CIDADES DE ORIGEM</p>	<p>- 12 de julho de 1828. São Paulo. O Farol Paulistano.</p> <p>João Pedro Latzon tem a honra de participar ao respeitavel Publico, que elle proxivamente che gou de Londres á esta Capital, onde pertende exhi bir algumas Artes Liberaes, ou Optica Mechanica, com toda subtileza, perfeição, e delicadeza a que é possível chegar, na casa da Opera d'esta mesma Cidade, no dia 13 do corrente mez de Julho. Todos os Senhores e Senhoras que quizerem honrar o dic to espectaculo com as suas presenças, queirão se dirigir á casa do <i>Senhor</i> Guilherme Hopkins, morador na Ponte de Lorena, d'esde as 10 horas da manhã até as 4 da tarde do referido dia 13, onde acharáõ os Bilhetes não só dos Camarotes, como da Pla tea; em cuja ocasião espera o Representante rece ber a competente esportula_Principiará às 8 horas. <i>NoteBem</i> A esportula dos Camarotes, Platea, e Varanda é a do costume.</p> <hr/>
---	--

	<p>- 29 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Machinas de costura A. Frederico Schulze & Companhia Impotadores de Machinas de Costura. Pedem ao respeitavel publico se digne visitar o seu estabelecimento para examinar o que há de melhor em machinas de costura dos afamados auctores e com todos os aperfeiçoamentos úteis adoptados pela technica moderna. Os seus preços são extremamente módicos e ao alcance de todas as bolsas. Aqui encontrará sempre o publico grande sortimento de machinas para tocar á mão, á pé, á pé e mão, com caixa ou sem caixa, próprias e perfeitas para todas as costuras, desde a mais fina cambraia até o mais en corpado algodão. Os <i>Senhores</i> Alfaiates, sapateiros, selleiros, correeiros, etc., tambem encontrarão nesta casa as mais aperfeiçoadas machinas, já com accessorios que só a mechanica do progresso hodierno poderia adeptar para que taes machinas produzam trabalhos maravilhosos, não só pela perfeição como pelo pouco tempo consumido e pelo pequeno incommodo de quem as menejar para produzirem taes resultados. Todas as machinas de nosso estabelecimento são garantidas, porque só</p>
--	--

	<p>importaremos o que houver de bom, solido, elegante e perfeito nesta industria. Também ahi encontrará o respeitavel publico artigos concerneto ás machinas de costura, como agulhas, retroz, oleo, almotolias, correias, peças avulsas, etc., tudo de superior qualidade a preço módico. Rua de São Bento, 62 São Paulo.</p>
--	--

PALAVRAS	OPTICA
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>óptico <i>adj. sm.</i> ‘respeitante à óptica’ ‘especialista em óptica’ XVI, <i>ótico</i> XX do lat. med. <i>opticus</i>, deriv. do gr. <i>optikós</i>. Empregas-se, modernamente, com certa frequência, a var. <i>ótico</i>¹, que apresenta a inconveniência de se confundir com <i>ótico</i>² ‘ relativo ou pertencente ao ouvido’ óptica ‘parte da física que investiga os fenômenos da visão e da luz 1813, <i>ótica</i> XX do lat. <i>optice</i> –es, deriv. do gr. <i>optiké</i></p>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO</p>	<p>óptica. <i>S.f.</i> 1. parte da física que investiga os fenômenos de produção, transmissão e</p>

<p>COMUM</p>	<p>detecção eletromagnética de comprimento de onda compreendido aproximadamente entre 10 Å e 1 mm. 2. tratado ou compêndio acerca dessa matéria. 3. exemplar de um desses tratados ou compêndios. 4. aspecto ou perspectiva dos objetos vistos. 5. estabelecimento onde se vendem e/ou fabricam instrumentos ópticos, sobretudo óculos ou lunetas. 6. <i>fig.</i> Maneira de ver, de julgar, de sentir; conceito ou idéia particular.</p>
<p>PERIÓDICOS,</p> <p>DATAS</p> <p>E</p> <p>CIDADES DE ORIGEM</p>	<p>- 12 de julho de 1828. São Paulo. O Farol Paulistano.</p> <p>João Pedro Latzon tem a honra de participar ao respeitavel Publico, quye elle proximamente che gou de Londres á esta Capital, onde pertende exhi bir algumas Artes Liberaes, ou Optica Mechanica, com toda subtileza, perfeição, e delicadeza a que é possível chegar, na casa da Opera d'esta mesma Cidade, no dia 13 do corrente mez de Julho. Todos os Senhores e Senhoras que quizerem honrar o dic to espectaculo com as suas presenças, queirão se dirigir á casa do <i>Senhor</i> Guilherme Hopkins, morador na</p>

	<p>Ponte de Lorena, d'esde as 10 horas da manhã até as 4 da tarde do referido dia 13, onde acharáõ os Bilhetes não só dos Camarotes, como da Pla tea; em cuja ocasião espera o Representante rece ber a competente esportula_Principiará às 8 horas. <i>Note Bem</i> A esportula dos Camarotes, Platea, e Varanda é a do costume.</p>
--	---

PALAVRA	<i>PHOSPHOREIRAS</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>fósforo sm. 'orig. substância que resplandece, que brilha no escuro' 1813; 'palito provido de uma cabeça composta de fósfora e outras substâncias químicas que se inflamam quando atritadas numa superfície áspera' phosphoro 1860 (...)</p> <p>SEM REGISTRO***</p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	Fosforeira. <i>S.f.</i> caixa onde se guardam fósforos.

PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	- 17 de setembro de 1879. São Paulo. O Constituinte. REABRIO-SE A charutaria Do Ponto dos Bonds Á Rua Municipal número 67 COM Um variado sortimento de todos artigos para fumantes, como sejam: charutos de todas as marcas, cigar ros, fumos, palhas para cigarros, ponteiras para charutos e cigarros, phosphoreiras ; e muitos outros ar tigos que achando-se em viagem da côrte para esta, poderemos, breve mente offerecer a nossos amigos e freguezes: muitas especialidades deste genero, o quaes sendo do bom e melhor, venderemos por preços sem competencia. Em poucos dias en contrarão os afa mados cigar ros de Santa Branca CHARUTARIA DO Ponto dos Bonds Á RUA MUNICIPAL NUMERO 67 Em frente ao Café Americano SÃO PAULO Mriano & Companhia
---	---

PALAVRAS	PHOTOGRAPHIA
ENTRADA NO DICIONÁRIO	fot(o) elem. Comp., do gr. Photo-, de phos

ETIMOLÓGICO	<p><i>photós</i> 'luz', que se documenta em numerosos compostos introduzidos nas línguas modernas de cultura, a partir do séc. XIX, como <i>fotografia</i>, <i>fotometria</i>, <i>fotosfera</i> etc. Pelo modelo de <i>fotografia</i>, cuja forma abreviada <i>foto</i> veio a constituir novo elemento de composição, formaram-se dezenas de outros compostos, tais como <i>fotocarta</i>, <i>fotonovela</i>, <i>fototeca</i> etc. (...) fotografia <i>photographia</i> 1858.</p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p>fotografia <i>S.f.</i> 1. processo de formar e fixar sobre uma emulsão fotossensível a imagem dum objeto, e que compreende, usualmente, duas fases distintas: na primeira, a emulsão é impressionada pela luz, e sobre ela se forma, por meio dum sistema óptico, a imagem do objeto; na segunda, a emulsão impressionada é tratada por meio de reagentes químicos que revelam e fixam, permanentemente, a imagem desejada. 2. imagem obtida por esse processo. (...)</p>
PERIÓDICOS, DATAS	<p>- 24 de abril de 1870. Campinas. Gazeta de Campinas.</p>

<p>E</p> <p>CIDADES DE ORIGEM</p>	<p>PHOTOGRAPHIA CAMPINENSE DE HENRIQUE ROSEN 28-RUA DIREITA-28 Tira retratos todos os dias e por todos os systemas. Para familia - os preços são reduzidos consideravelmente.</p> <hr/> <p>- 21 de outubro de 1874. Campinas. A Mocidade.</p> <p>Photographia Campinense DE HENRIQUE ROSEN 50 - RUA DIREITA - 50 Em consequencia de novos melhoramentos introduzidos no salão de vidro deste bem conhecido estabelecimento photographico, o mais antigo da provincia, tira-se de hoje em diante retratos perfeitos das 7 horas da manhã até 5 da tarde, e com qualche[r] tempo, "sendo preferidos os dias cobertos e chuvosos." Trabalha-se todos os dias e por todos os systemas. Especialidades - Retratos coloridos a Crozat e aquarela. Esmaltados, Bombé, Cabinet e Mezzo Tinto, dos quaes os ultimos, imitando porcellana, forão introduzidos nesta provincia pelo annunciante e são tirados "sómente no estabelecimento do mesmo". Os retratos da phptographia simples tirão-se ainda pelo preço baratíssimo de</p>
---	--

	<p>6\$000 a duzia, pagando adeantado. O annunciante esera contrinuar a merecer a affluencia e valiosa protecção dos seus numerosos amigos e freguezes, - convida ao respeitavel publico em geral para examinar sua extense e variada galeria. CASA FILIAL A' PHOTOGRAPHIA CAMPINENSE <i>São</i> João do Rio-Claro 20 - RUA DO COMMERCIO - 20 (Perto da Collectoria)</p> <hr/> <p>- 22 de janeiro de 1879. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>PHOTOGRAFIA AMERICANA RUA DA IMPERATRIZ <i>São</i> PAULO O propretário deste estabelecimento, de volta de sua viagem á Europa, continua a trabalhar no mesmo estabelecimento, o qual se acha augmentado com machinas e utensílios os mais modernos. Neste estabelecimento, que conta 16 annos de existencia (o mais antigo deste província) continua-se a trabalhar por todos os sistemas de photografias, desde o retrato em a mais pequena miniatura até o tamanho natural. Encarrega-se de mandar pintar em Pariz pelos melhores pintores, qualquer retrato em busto, ou corpo</p>
--	--

	<p>inteiro, a óleo, pastel ou aquarella, bastando para isso um pequeno retrato da pessoa que se quizer retratar. Trabalhar-se todos os dias, das 10 horas da manhã, ás 4 horas da tarde, não importa o tempo chuvoso. OS <i>SENHORES</i> PHOTOGRAFOS encontrarão neste estabelecimento tudo que é mister á mesma arte, e pelos preços do Rio de Janeiro Retratos de até Réis 5\$ a dúzia!!!</p> <hr/> <p>- 05 de fevereiro de 1867. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>NA CASA GARRAUX LARGO DA SÉ Encontra-se os artigos seguintes Papel para desenho Papel de luto Papel de peso Papel almasso Papel florete Papel Hollanda Papel de phantasia Papel de cartas Envelppes brancos Enveloppes de cores Enveloppes de luto Enveloppes commerciaes Enveloppes forrados de panno Cartões de visita Ditos para casamentos Tinteiro de vidro Tinteiro de crystal Tinteiro de bronze Tinteiro ricos de phantasia Pennas de aço, de varias qualidades Pennas de ave Sinetas Canivetes Pacas de cortar papel Lacre Obreiras Imagens </p>
--	---

	<p>Quadros de devoção Desenhos Albuns para desenhos Álbuns para photographia Quadros para photographia Carteiras Estojos de viagem Caixas de perfumaria Caixas de papelaria Caixas de costura com musica Caixa de mathematicas Caixas de tintas Tintas de escrever Livro de direito Livros de litteratura Livros de devoção Livros de educação Livros de homœopathia Livros de missa Horas Marianas Livros de luxo para presentes Objectos de phantasia para presentes Lapis Baralho de cartas Baralhos de cartas de phantasia Bengallas Livros para apontamentos Stereoscopos Folhinhas do anno Pastas E muito mais objectos Grande sortimento de papel pintado para forrar casas, fabricados em Paris desde 500 réis a peça para cima Guarnição, roda-pé, paisagens etc. Esta casa recebe directamente da Europa todos seus livors e mercado- rias, e dest'arte póde offerecer ás pessoas que a Ella se dirigem considera- veis vantagens.</p> <hr/> <p>- 5 de fevereiro de 1867. São Paulo. Correio Paulistano.</p>
--	---

	<p>RETRATOS da Augusta Família Imperial para albuns e quadros, tirados ultimamente com a maior ni- tidez e perfeição, e também dos generaes prus- sianos celebres na guerra do anno proximo passado. Photographia academica e commercial. Rua do Imperador número 14.</p>
--	--

PALAVRAS	<i>PHOTOGRAPHICO</i>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>fot(o) <i>elem. Comp.</i>, do gr. <i>Photo-</i>, de <i>phos photós</i> 'luz', que se documenta em numerosos compostos introduzidos nas línguas modernas de cultura, a partir do séc. XIX, como <i>fotografia</i>, <i>fotometria</i>, <i>fotosfera</i> etc. Pelo modelo de <i>fotografia</i>, cuja forma abreviada <i>foto</i> veio a constituir novo elemento de composição, formaram-se dezenas de outros compostos, tais como <i>fotocarta</i>, <i>fotonovela</i>, <i>fototeca</i> etc. (...) fotográfico <i>photographico</i> 1858</p>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>fotográfico <i>adj.</i> 1. relativo à fotografia. 2. <i>fig.</i> Que lembra a fotografia pela</p>

	fidelidade de reprodução; muito fiel ao modelo.
PERIÓDICOS, DATAS E CIDADES DE ORIGEM	<p>- 21 de outubro de 1874. Campinas. A Mocidade.</p> <p>Photographia Campinense DE HENRIQUE ROSEN 50 - RUA DIREITA - 50 Em consequencia de novos melhoramentos introduzidos no salão de vidro deste bem conhecido estabelecimento photographico, o mais antigo da provincia, tira-se de hoje em diante retratos perfeitos das 7 horas da manhã até 5 da tarde, e com qualche[r] tempo, "sendo preferidos os dias cobertos e chuvosos." Trabalha-se todos os dias e por todos os systemas. Especialidades - Retratos coloridos a Crozat e aquarela. Esmaltados, Bombé, Cabinet e Mezzo Tinto, dos quaes os ultimos, imitando porcellana, forão introduzidos nesta provincia pelo annunciante e são tirados "sómente no estabelecimento do mesmo". Os retratos da phptographia simples tirão-se ainda pelo preço baratíssimo de 6\$000 a duzia, pagando adeantado. O annunciante esera conrinuar a merecer a</p>

	<p>affluencia e valiosa protecção dos seus numerosos amigos e freguezes, - convida ao respeitavel publico em geral para examinar sua extense e variada galeria.</p> <p>CASA FILIAL A' PHOTOGRAPHIA CAMPINENSE São João do Rio-Claro 20 - RUA DO COMMERCIO - 20 (Perto da Collectoria)</p>
--	---

PALAVRAS	<i>PHOTOGRAPHO</i>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>fot(o) <i>elem. Comp.</i>, do gr. <i>Photo-</i>, de <i>phos</i> <i>photós</i> 'luz', que se documenta em numerosos compostos introduzidos nas línguas modernas de cultura, a partir do séc. XIX, como <i>fotografia</i>, <i>fotometria</i>, <i>fotosfera</i> etc. Pelo modelo de <i>fotografia</i>, cuja forma abreviada <i>foto</i> veio a constituir novo elemento de composição, formaram-se dezenas de outros compostos, tais como <i>fotocarta</i>, <i>fotonovela</i>, <i>fototeca</i> etc. (...) fotógrafo <i>photographo</i> 1858. (...)</p>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>fotógrafo <i>s.m.</i> aquele que pratica a fotografia, ou a exerce como profissão.</p>

<p>PERIÓDICOS,</p> <p>DATAS</p> <p>E</p> <p>CIDADES DE ORIGEM</p>	<p>- 14 de junho de 1874. Campinas. A Mocidade.</p> <p>O retratista photographo Evaristo Brasileiro de Campos Mello, esperando uma nova officina que lhe vem directamente da Europa, previne a seus amigos e freguezes, que continuará a tirar retratos por qualquer systema, pelos preços do costume, garantindo um grande melhoramento em seu trabalho; espernado por isso merecer sempre confiança deste cavalheiro e generoso povo Campineiro. A 5:000 A DUZIA</p> <hr/> <p>- 22 de janeiro de 1879. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>PHOTOGRAFIA AMERICANA RUA DA IMPERATRIZ São PAULO O propretário deste estabelecimento, de volta de sua viagem á Europa, continua a trabalhar no mesmo estabelecimento, o qual se acha augmentado com machinas e utensílios os mais modernos. Neste</p>

	<p>estabelecimento, que conta 16 annos de existencia (o mais antigo deste província) continua-se a trabalhar por todos os sistemas de photographias, desde o retrato em a mais pequena miniatura até o tamanho natural. Encarrega-se de mandar pintar em Pariz pelos melhores pintores, qualquer retrato em busto, ou corpo inteiro, a oleo, pastel ou aquarella, bastando para isso um pequeno retrato da pessoa que se quizer retratar. Trabalhar-se todos os dias, das 10 horas da manhã, ás 4 horas da tarde, não importa o tempo chuvoso. OS SENHORES PHOTOGRAFOS encontrarão neste estabelecimento tudo que é mister á mesma arte, e pelos preços do Rio de Janeiro Retratos de até Réis 5\$ a dúzia!!!</p>
--	--

PALAVRAS	RELOGIO
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>relógio <i>sm.</i> 'designação comum a diversos tipos de instrumentos ou mecanismos para medir intervalo de tempo' / <i>relogio</i> XV Do lat. <i>Horologium</i> -ii, deriv. Do gr. <i>Horológion</i></p>

<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>relógio. <i>S. m.</i> 1. Designação comum a diversos tipos de instrumentos ou mecanismos para medir intervalos de tempo. 2. relógio (1) mecânico, dotado, em geral, de rodas dentadas movidas por pêndulos, molas, eletricidade, pilhas, etc., e de mostrador de ponteiros, apresentando-se nas mais variadas formas e dimensões.(...)</p>
<p>PERIÓDICOS, DATAS E CIDADES DE ORIGEM</p>	<p>- 14 de outubro de 1874. Campinas. A Mocidade.</p> <p>RELOJOARIA DO REGULADOR CAMPINENSE Penteado & Nunes LARGO DA MATRIZ VELHA Número 39. Acaba de receber u completo sortimento de relogios de parede e algibeira de lindos gostos, sendo vendidos pos commodo preço, affiançados por um anno. Rcebeu mais lindo sortimento de pince-nez tanto de vidro de cor como de grao, despertadores, correntes de ouro, prata, plaquet. Relogios Para torres ou fazendas encarregando-se os donos do estabelecimento da sua collocação e affiançando a boa marcha por cinco annos. CONCERTOS PERFEITOS E</p>

	<p>AFFIANÇADOS POR UM ANNO.</p> <hr/> <p>- 28 de agosto de 1870. Campinas. Gazeta de Campinas.</p> <p>MUITA ATENÇÃO Offerece-se a quantia de 50\$000, a quem der noticia dos seguintes objectos, roubados na noute do dia 8 para 9 do corrente: 5libras esterllinas, 1 alfinete de brilhante, 1 par de oculos de ouro n. 24, com caixa (marca Henrique Fox, <i>São Paulo</i>), 1 botão feito de um dolar, cujo pé está rachado, 1 corrente de relogio, de ouro de 14 quilates, 1 abotuadura de ouro francez para punhos, tendo dois pés e sendo esmaltado de preto, 1 collete e uma calça de casimira de côr bem cala, uma calça de casimira um pouco mais escura, uma calça de casimira côr de havana, e 1 collete de panno preto sem golla. Chama-se a attenção dos <i>senhores</i> ourives para taes objectos. Desconfia-se que foram levados para serem negociados com os trabalhadores da estrada de ferro. Quem dos mesmos souber póde dirigir-se a Thomaz Gleeson, alfaiate, largo da Matriz Velha, em frente ao sino grande Campinas.</p>
--	---

	<hr/> <p>- 14 de outubro de 1874. Campinas. A Mocidade.</p> <p>RELOJOARIA DO REGULADOR CAMPINENSE Penteado & Nunes LARGO DA MATRIZ VELHA Número 39. Acaba de receber um completo sortimento de relogios de parede e algibeira de lindos gostos sendo vendidos pos commodos preços, affiançados por um anno. Recebeu mais lindo sortimento de pince-nez tanto de vidro de cor como de grao, despertadores, correntes de ouro, prata plaquet. Relogios Para torres ou fazendas encarregando-se os donos do estabelecimento da sua collocação e affiancado a boa marcha por cinco annos. </p> <p>CONCERTOS PERFEITOS E AFFIANÇADOS POR UM ANNO.</p> <hr/> <p>- 11 de janeiro de 1829. São Paulo. O Farol Paulistano.</p> <p>He chegado nesta Cidade vindo de París Bont te Dillon, Fabricante de relógios de</p>
--	---

	<p>todas qualidades, e também faz todos os concertos aos ditos relógios, e traz também bastantes feitos, porisso faz publico a todos os Senhores que quizerem utilizar-se do supplicante para alguma obra, o que fará muito comodo, e mora na Rua do Ouvidor numero 49, onde também tem fazendas e modas Francezas.</p> <hr/> <p style="text-align: right;">- 5 de outubro de 1852. São Paulo. Aurora Paulistana.</p> <p style="text-align: right;">- 15 de outubro de 1852. São Paulo. Aurora Paulistana.</p> <p>JOSE' PHILIPPE SALMAN mora dor na rua de <i>São Bento número</i> 16, participa ao respeitavel publico e especialmente aos seus freguezes, que elle tem para vender um completo sortimento do oculos de todas as qualidades, lunetas, vidros avulsos, oculos de alcance, di- tos para theatro, bengallas &c. &c.; na mesma casa continua-se a vender e concertar relogios de todas as qua- lidades.</p> <hr/>
--	---

	<p>- 17 de novembro de 1852. São Paulo. Aurora Paulistana.</p> <p>PERDEO-SE no dia 1º de novem- bro os seguintes objetos: uma corrente de relógio, de ouro, quebrada, uma den- tadura de pressão de pressão ar, com tres den- tes em uma chapa de ouro, tudo em um embrulhos; e bem assim uma carteira de marroquim verde contendo vários pa- peis que só pôdem servir ao dono, e algumas notas miudas. Roga-se por isso á pessoa que tiver achado os men- cionados objectos, o obsequio de os en- regar em casa do <i>Senhor</i> Joaquim Sertorio, pelo que será gratificado se o exigir.</p> <hr/> <p>- 05 de fevereiro de 1867. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>CORBISIER <i>Número</i> 10 RUA DA IMPERATRIZ (*isso escrito dentro de um desenho de relógio) Garante seu trabalho por um anno Encarrega-se de qualquer encom- menda de relogios por mais complicada possivel Participa ao respeitavel publico que continúa a</p>
--	---

	<p>concertar relogios de todas as qualidades, sendo a sua especialidade refazer peças quebra- das por mais difficeis que sejam; tem em sua casa em escolhido sortimento de relogios de ouro e prata que vende por preços commodos.</p>
--	--

PALAVRAS	RELOJOARIA
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>relógio <i>sm.</i> 'designação comum a diversos tipos de instrumentos ou mecanismos para medir intervalo de tempo' <i>relogio</i> XV Do lat. <i>Horologium</i> -ii, deriv. Do gr. <i>Horológion</i> relojoaria relogiaria XVIII</p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p>relojoaria. <i>S.f.</i> 1. Arte de relojoeiro. 2. Loja que fabrica ou conserta relógios. (...)</p>
PERIÓDICOS, DATAS E	<p>- 14 de outubro de 1874. Campinas. A Mocidade.</p> <p>RELOJOARIA DO REGULADOR</p>

<p>CIDADES DE ORIGEM</p>	<p>CAMPINENSE Penteado & Nunes LARGO DA MATRIZ VELHA Número 39. Acaba de receber u completo sortimento de relógios de parede e algibeira de lindos gostos, sendo vendidos pos commodo preço, affiançados por um anno. Rcebeu mais lindo sortimento de pince-nez tanto de vidro de cor como de grao, despertadores, correntes de ouro, prata, plaquet. Relógios Para torres ou fazendas encarregando-se os donos do estabelecimento da sua collocação e affiançando a boa marcha por cinco annos. CONCERTOS PERFEITOS E AFFIANÇADOS POR UM ANNO.</p> <hr/> <p>- 14 de outubro de 1874. Campinas. A Mocidade.</p> <p>RELOJOARIA DO REGULADOR CAMPINENSE Penteado & Nunes LARGO DA MATRIZ VELHA Número 39. Acaba de receber um completo sortiemento de relógios de parede e algibeira de lindos gostos sendo vendidos pos commodos preços, affiançados por um anno. Recebeu mais lindo sortimento de pince-nez tanto de vidro de cor como de grao, despertadores, correntes de ouro,</p>
---------------------------------	--

	prata plaquet. Relogios Para torres ou fazendas encarregando-se os donos do estabelecimento da sua collocação e affiancado a boa marcha por cinco annos. CONCERTOS PERFEITOS E AFFIANÇADOS POR UM ANNO.
--	--

PALAVRA	<i>RELOJOEIRO</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	relógio <i>sm.</i> 'designação comum a diversos tipos de instrumentos ou mecanismos para medir intervalo de tempo' <i>relogeo</i> XV Do lat. <i>Horologium</i> -ii, deriv. Do gr. <i>Horológion</i> relojoaria relogiaria XVIII relojoeiro <i>relojeiro</i> 1813.
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	relojoeiro. <i>Adj.</i> 1. relativo a relojoaria, ou a relógio. • <i>s. m.</i> 2. aquele que fabrica ou concerta relógios.
PERIÓDICO, DATA	- 29 de novembro de 1852. São Paulo. Aurora Paulistana.

<p>E</p> <p>CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>BAZAR FLUMINENSE Rua da Quintana <i>número</i> 48. RIO DE JANEIRO</p> <p> Co aquella denominação, e neste local acaba de abrir-se um Es- tabehecimento que apresenta um mercado prompto, variadissimo, e ao alcance de todas as fortunas: dos ricos, porque tem por onde esco- lher; das classes menos abastadas, porque hão-de encontrar bom e barato. Este Estabelecimento é o unico de seu genero nesta corte, porque nelle se reúnem muitos dos objectos que constituem o sortimento das lojas de fazendas e de armarinho, de louça e de ferragem, de ourives e relojoeiro, de roupa e de calçado, de mobília, de livros e papel. &c. &c.: é uma Bazar de variados artefactos, tanto nacionaes como es- trangeiros; e é ainda o unico nesta Corte quanto á modicidade dos preços, porque todos os effeitos ahi serão vendidas por custo muito inferior ao geralmente estabelecido. Para satisfazer religiosamente a esta condição, base em que deve repousar a confiança publica, os proprietários deste Estabelecimento não procurão para sortimento de sua casa determinados objectos: elo les comprão somente quando possão obter por preços muitos modicos- e neste empenho lançarão mão de todos os meios que lhes</p>
--	---

	<p>ministrão; os recursos pecuniários de que dispõem, e a sua longa pratica de commercio. Suas compras serão sempre feitas em primeira mão; nos grandes armazéns, por junto, e com dinheiro á vista; não aban- donando tambem as que vantajosamente poderem realizar em arre- matações judiciaes, n'Alfandega, nos Trapiches, em Casa de leilão, e em toda a parte onde a palavra – barato – for uma realidade: mandarão vir por sua conta remessas de fóra; invidarão emfim todas as suas forças para que o diminuto preço das compras facilite a barateza das ven- das. Desejao vender muito, embora seja diminutissimo o seu lucro em cada objecto. Nenhum dos artigos próprios das casas de seccos e molhados terá cabida em seus armazens; porem ahi acharão os habitantes desta ci- dade, e os negociantes do interior, fazendas de seda, lãa, linho e al- godão – objectos de ouro, prata e outros metaes – vidros, crystaes, lou- ça e porcellana – livros em todas as linguas, papel, estampas e ob- jectos d'escriptorio – roupa, chapéos e calçados – trastes para o serviço e ornamentos de casas – objectos de armarinho e muitos outros, tudo barato, por preços fixos e dinheiro á vista, pois é incontestavel que o Bazar não póde vender a praso pelos módicos preços que tem esta- belecido. Todas as vendas serão acompanhadas de</p>
--	--

	<p>uma conta a mais cir- cunstandiada, maximé quando forem feitas por intermedio de criados ou escravos, a fim de que os <i>Senhores</i> compradores a possam combinar com catálogos que o Bazar for publicando, e reconhecer sempre a lealdade deste Estabelecimento. Bondade de gênero – probidade nas transacções – pontualidade nas encomendas – sortimento variadissimo – e barateza das vendas, eis o programma do BAZAR FLUMINENSE. O Publico decidiráse es- e Estabelecimento é digno da sua confiança. Aviso aos Habitantes dos Municipios da Provincia do Rio de Janeiro, e das Provincias centraes. A Direcção do Bazar Fluminense encarrega-se de mandar encai- xotar, e remetter aos seus destinos quaesquer objectos, que lhe forem encomendados e promptamente pagos; e tambem de comprar por commissão os que não houverem neste Estabelecimento, compra a que drocederá com a mais severa economia, e de maneira que a impor- tancia dessa commissão (que nunca excederá de 5 por cento, por mais limitadas que sejam as encomendas) não absorva o abatimen- to, que a favor dos nossos freguezes se obtiver em taes compras e nos preços geralmente estabelecidos. As pessoas que se dignarem honrar o Estabelecimento com a sua confiança podem dirigir-se</p>
--	---

	<p>nesta Corte, pessoalmente ou por escrito, ao abaixo assignado, e em Minas podem igualmente dar suas ordens ao <i>Senhor</i> Sebastião Augusto Pinto de Souza, Director da casa filial estabelecida na Cidade do Ouro Preto, Capital d'aquella Província. Rio de Janeiro 7 de Novembro de 1852. Bernardo Xavier Pinto de Souza. N. B. A Direcção do Bazar encarrega-se igualmente de mandar apromptar pelos últimos preções tudo que pertence ao fardamento e uniformes dos <i>Senhores</i> Officiaes da Guarda Nacional.</p>
--	--

PALAVRA	<i>STEREOSCOPOS</i>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>estéreo. <i>sm.</i> ‘medida de volume para lenha, equivalente a um metro cúbico’ <i>estere</i> 1881 do fr. <i>stère</i>, deriv. do gr. <i>stereós</i> ‘sólido, firme’. O voc. ocorre na formação de inúmeros derivados. (...) estereoscópio <i>stereoscopo</i> 1858 do fr. <i>stéréoscopie</i> (...)</p>

ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	???? SEM REGISTRO
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 05 de fevereiro de 1867. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>NA CASA GARRAUX LARGO DA SÉ Encontra-se os artigos seguintes Papel para desenho Papel de luto Papel de peso Papel almasso Papel florete Papel Hollanda Papel de phantasia Papel de cartas Envelppes brancos Enveloppes de cores Enveloppes de luto Enveloppes commerciaes Enveloppes forrados de panno Cartões de visita Ditos para casamentos Tinteiro de vidro Tinteiro de crystal Tinteiro de bronze Tinteiro ricos de phantasia Pennas de aço, de varias qualidades Pennas de ave Sinetas Canivetes Pacas de cortar papel Lacre Obreiras Imagens Quadros de devoção Desenhos Albuns para desenhos Álbuns para photographia Quadros para photographia Carteiras Estoijos de viagem Caixas de perfumaria Caixas de papelaria Caixas de costura com musica Caixa de mathematicas Caixas de tintas Tintas de escrever Livro de direito Livros de litteratura </p>

	<p>Livros de devoção Livros de educação Livros de homœopathia Livros de missa Horas Marianas Livros de luxo para presentes Objectos de phantasia para presentes Lapis Baralho de cartas Baralhos de cartas de phantasia Bengallas Livros para apontamentos Stereoscopos Folhinhos do anno Pastas E muito mais objectos Grande sortimento de papel pintado para forrar casas, fabricados em Paris desde 500 réis a peça para cima Guarnição, roda-pé, paisagens etc. Esta casa recebe directamente da Europa todos seus livros e mercado- rias, e dest'arte póde offerecer ás pessoas que a Ella se dirigem considera- veis vantagens.</p>
--	--

PALAVRAS	<i>TACHYGRAPHIA</i>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>taqueo- (taco-), taqu(i)- <i>elem. Comp.</i>, do gr. <i>Tachy-</i>, de <i>tachýs</i>, <i>tachós</i> 'rápido, célere', que se documenta em alguns compostos introduzidos, a partir do séc. XIX, na linguagem erudita (...) taquigrafia <i>tachygraphia</i> 1844 (...).</p>

<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>taquigrafia. <i>S.f.V.</i> estenografia = escrita abreviada e simplificada, na qual se empregam sinais que permitem escrever com a mesma rapidez com que se fala; taquigrafia, logografia.</p>
<p>PERIÓDICOS, DATAS E CIDADES DE ORIGEM</p>	<p>- 24 de abril de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Questionário da arte tachygraphica ensinada no Brasil pelo professor Sebastião Mestrinho 1 O que é a Tachugraphia? - É a Arte de escreverse tão veloz como se fala. 2 Em quantas partes se divide a Tachygraphia? - Alfabeto, terminações, convenções ou signaes particulares. 3 De quantas letras se compõe o Alfabeto? - De 16 que são: b d f g h l m n p q r s t v x z. 4 De quantos caracteres se compõe as terminações? - De 18 que são: - Avel, Ario, Ando, Asto, Anto, Ança, Arte, Amos, Ei, Au, Menta, Ismo, A õ Bilidade, A I U, (para os artigos), Em, Eu. 5 Quantos alfabetos? - Um, que reproduz-se por 4 formas: simples, ligado, simples e composto e circulo. 6 De onde é retirada a Tachygrafia? - De um circulo e seus</p>

	<p>raios. 7 O que é Alphabeto Tachygraphico? - É uma convenção feita do circulo e raios de que se compõe os nomes. 8 O que são as terminações? - Uma colleção de caracteres que abreviãõ letras e syllabas. 9 Ha regra certa ou base na Tachygraphia? Sim, quando para provarmos que sabemos a arte: Não, quando acompanhamos a palavrapor que abandonamos a arte e abraçamos as convenções. 10 Para que servem os signaes particulares, ou convenções? - Para facilitar o acompanhamento da palavra. 11 Quantos methodos conta a Arte Tachygraphica? - Uma infinidade delles. Cada discípulo depois de habilitado pôde tomar por base o circulo e crear uma arte. 12 Qual é o melhor methodo Tachygraphico? – Aquelle que contiver os caracteres mais necessarios nos pontos de mais facilidade nos traços. 13 Quaes são as qualidades essenciaes do Tachygrapho? Bom ouvido, agilidade manual, a necessaria intelligentcia e fina penetração. 14 Todo homem que sabe Tachygraphian pôde ser Tachygrapho? – Não, por que, pôde reunir todas as qualidades communs e não dispor da precisa espeditez para auxilial-os nos conhecimentos que tem a arte. 15 Para que servem as cruzetas ou espaços em branco? – Para indicar ponto final, oração interrompida, ou falha etc. 16 O nome</p>
--	--

	<p>escripto em Tachygraphia póde variar? – Sim, porque, com o mesmo signal, podemos traduzir nomes mui decerso (fazendo-o pelo sentido da oração). 17 Temos masculino ou feminino? – Não – Classificamos pelo sentido. 18 Temos singular, ou plural? – Não – Distinguimos pelo precedente e os números são os mesmos. 19 Temos ortographia? – Não: escrevemos pelos sons, como se vê Casa, Quis, Quaes, Cossa etc. que fazemos em QZ ou QS.</p>
--	--

PALAVRA	<i>TACHYGRAPHICO(A)</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>taqueo- (taco-), taqu(i)- <i>elem. Comp.</i>, do gr. <i>Tachy-</i>, de <i>tachýs</i>, <i>tachós</i> 'rápido, célere', que se documenta em alguns compostos introduzidos, a partir do séc. XIX, na linguagem erudita (...) taquigráfico <i>tachygraphico</i> 1844 (...)</p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p>Taquigráfico. <i>Adj.</i> Referente à taquigrafia; estenográfico.</p>

<p>PERIÓDICO,</p> <p>DATA</p> <p>E</p> <p>CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>- 24 de abril de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Questionário da arte tachygraphica ensinada no Brasil pelo professor Sebastião Mestrinho 1 O que é a Tachugraphia? - É a Arte de escreverse tão veloz como se fala. 2 Em quantas partes se divide a Tachygraphia? - Alfabeto, terminações, convenções ou signaes particulares. 3 De quantas letras se compõe o Alfabeto? - De 16 que são: b d f g h l m n p q r s t v x z. 4 De quantos caracteres se compõe as terminações? - De 18 que são: - Avel, Ario, Ando, Asto, Anto, Ança, Arte, Amos, Ei, Au, Menta, Ismo, A õ Bilidade, A I U, (para os artigos), Em, Eu. 5 Quantos alphabetos? - Um, que reproduz-se por 4 formas: simples, ligado, simples e composto e circulo. 6 De onde é retirada a Tachygrafia? - De um circulo e seus raios. 7 O que é Alfabeto Tachygraphico? - É uma convenção feita do circulo e raios de que se compõe os nomes. 8 O que são as terminações? - Uma colleção de caracteres que abrevião letras e syllabas. 9 Ha regra certa ou base na Tachygraphia? Sim, quando para</p>

	<p>provarmos que sabemos a arte: Não, quando acompanhamos a palavra por que abandonamos a arte e abraçamos as convenções. 10 Para que servem os signaes particulares, ou convenções? - Para facilitar o acompanhamento da palavra. 11 Quantos methodos conta a Arte Tachygraphica? - Uma infinidade delles. Cada discípulo depois de habilitado póde tomar por base o circulo e crear uma arte. 12 Qual é o melhor methodo Tachygraphico? – Aquelle que contiver os caracteres mais necesarios nos pontos de mais facilidade nos traços. 13 Quaes são as qualidades essenciaes do Tachygrapho? Bom ouvido, agilidade manual, a necessaria intelligentcia e fina penetração. 14 Todo homem que sabe Tachygraphia pôde ser Tachygrapho? – Não, por que, pôde reunir todas as qualidades communs e não dispor da precisa espeditez para auxilial-os nos conhecimentos que tem a arte. 15 Para que servem as cruzetas ou espaços em branco? – Para indicar ponto final, oração interrompida, ou falha etc. 16 O nome escripto em Tachygraphia póde variar? – Sim, porque, com o mesmo signal, podemos traduzir nomes mui decerso (fazendo-o pelo sentido da oração). 17 Temos masculino ou feminino? – Não – Classificamos pelo sentido. 18 Temos singular, ou plural? – Não – Distinguimos</p>
--	--

	pelo precedente e os números são os mesmos. 19 Temos ortographia? – Não: escrevemos pelos sons, como se vê Casa, Quis, Quaes, Cossa etc. que fazemos em QZ ou QS.
--	---

PALAVRA	<i>TACHYGRAPHO</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	taqueo- (taco-), taqu(i)- <i>elem. Comp.</i> , do gr. <i>Tachy-</i> , de <i>tachýs</i> , <i>tachós</i> 'rápido, célere', que se documenta em alguns compostos introduzidos, a partir do séc. XIX, na linguagem erudita (...) taquígrafo <i>tachygrapho</i> 1844 (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	Taquigrafo. <i>sm.</i> V. estenógrafo.
PERIÓDICO, DATA E	- 24 de abril de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.

<p>CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>Questionário da arte tachygraphica ensinada no Brasil pelo professor Sebastião Mestrinho 1 O que é a Tachugraphia? - É a Arte de escreverse tão veloz como se fala. 2 Em quantas partes se divide a Tachygraphia? - Alfabeto, terminações, convenções ou signaes particulares. 3 De quantas letras se compõe o Alfabeto? - De 16 que são: b d f g h l m n p q r s t v x z. 4 De quantos caracteres se compõe as terminações? - De 18 que são: - Avel, Ario, Ando, Asto, Anto, Ança, Arte, Amos, Ei, Au, Menta, Ismo, A õ Bilidade, A I U, (para os artigos), Em, Eu. 5 Quantos alfabetos? - Um, que reproduz-se por 4 formas: simples, ligado, simples e composto e circulo. 6 De onde é retirada a Tachygrafia? - De um circulo e seus raios. 7 O que é Alfabeto Tachygraphico? - É uma convenção feita do circulo e raios de que se compõe os nomes. 8 O que são as terminações? - Uma colleção de caracteres que abrevião letras e syllabas. 9 Ha regra certa ou base na Tachygraphia? Sim, quando para provarmos que sabemos a arte: Não, quando acompanhamos a palavrapor que abandonamos a arte e abraçamos as convenções. 10 Para que servem os signaes particulares, ou convenções? - Para facilitar o acompanhamento da palavra. 11 Quantos methodos conta a</p>
--------------------------------	--

	<p>Arte Tachygraphica? - Uma infinidade delles. Cada discípulo depois de habilitado pôde tomar por base o circulo e crear uma arte. 12 Qual é o melhor methodo Tachygraphico? – Aquelle que contiver os caracteres mais necesarios nos pontos de mais facilidade nos traços. 13 Quaes são as qualidades essenciaes do Tachygrapho? Bom ouvido, agilidade manual, a necessaria intelligentia e fina penetração. 14 Todo homem que sabe Tachygraphia pôde ser Tachygrapho? – Não, por que, pôde reunir todas as qualidades commons e não dispor da precisa espeditez para auxilial-os nos conhecimentos que tem a arte. 15 Para que servem as cruzetas ou espaços em branco? – Para indicar ponto final, oração interrompida, ou falha etc. 16 O nome escripto em Tachygraphia pôde variar? – Sim, porque, com o mesmo signal, podemos traduzir nomes mui decerso (fazendo-o pelo sentido da oração). 17 Temos masculino ou feminino? – Não – Classificamos pelo sentido. 18 Temos singular, ou plural? – Não – Distinguimos pelo precedente e os números são os mesmos. 19 Temos orthographia? – Não: escrevemos pelos sons, como se vê Casa, Quis, Quaes, Cossa etc. que fazemos em QZ ou QS.</p>
--	--

	<p>- 5 de junho de 1852. Aurora Paulistana.</p> <p>São Paulo.</p> <p>Post-Scriptum. Demoramos a publicação desta folha, por que pelo contrato para a publicação das dis- cussões da Assembléa provincial, só nos corre a obrigação de publical-a quando o material fornecido pelo tachygrapho preencha as tres primeiras paginas.</p>
--	--

PALAVRAS	TELEGRAPHO
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>tel(e)- <i>elem. comp.</i>, do gr. <i>Tele-</i>, de tele 'longe, ao longe, de longe', que se documenta em inúmeros compostos introduzidos, a partir de séc. XIX, na linguagem erudita (...) <i>telégrafo</i> 1813. do fr. <i>télégraphe</i>, voc. criado por Miot no final do séc. XVIII</p>

<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>telégrafo. <i>S.m.</i> 1. Qualquer sistema sistema de transmissão de mensagens entre pontos distantes por meio de sinais. 2. casa ou lugar onde ele funciona.</p>
<p>PERIÓDICOS, DATAS E CIDADES DE ORIGEM</p>	<p>- 14 de outubro de 1874. Campinas. A Mocidade.</p> <p>PEDE-SE TODA ATENÇÃO Aos senhores fazendeiros Ferreira Novo & Filho participarão aos senhores fazendeiros e negociantes que continuam a comprar café em maior quantidade do que faziam até hoje, achando-se para isso habilitados por acabarem de contractar com algumas das principais casas exportadoras, a fazerem grandes compras. Nosso systema de compras, será: Comprar toda e qualquer quantidade de café quando beneficiado o prompto recebemos, ou com poucos dias de demora depois da venda. Pedimos a todos os senhores fazendeiros quando tenham café em qualquer quantidade promptoe queirão vender; a bondade de nos procurarem pagando sempre no dia da venda maior preço que permitir o estado do café nos principais mercados do paiz, da America e da Europa; habilitando-nos para podermos</p>

	fazer tão grande vantagem aos senhores lavradores, o telegrapho que acaba de collocar em comunicação diaria esta florescente cidade com aqueles principaes mercados.
--	---

PALAVRAS	<i>TELEPHONE</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	tel(e)- <i>elem. Comp.</i> , do gr. <i>Tele-</i> , de <i>tele</i> 'longe, ao longe, de longe', que se documenta em inúmeros compostos introduzidos, a partir de séc. XIX, na linguagem erudita (...) telefone - <i>pho</i> - 1899 Do fr. I <i>téléphone</i> . O voc. Já se documenta em alemão (<i>Telephon</i>), desde 1796.
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	telefone <i>S. m.</i> 1. Aparelho para transmitir a distância a palavra falada. 2. <i>Restr.</i> Telefone (1) de uso corrente, que consta de um mecanismo elétrico capaz de efetuar a ligação entre duas linhas, e peça(s) distinta(s) a emitir e receber mensagens faladas.(...)

<p>PERIÓDICOS,</p> <p>DATAS</p> <p>E</p> <p>CIDADES DE ORIGEM</p>	<p>- 31 de dezembro de 1896. Campinas. Cidade de Campinas.</p> <p>LIXIVIA PHENIX Agente de diferentes casas de <i>São Paulo</i>, de cujas casas tem amostras de artigos. Tem a venda a esplendida farinha de aveia Knorr. Abre ás 6½ da manhã e fecha ás 5 horas da tarde. Telephone, 247 Caixa postal, 89 RUA GENERAL OSORIO <i>Número</i> 59 B.F. NEGRÃO CAMPINAS</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano</p> <p>Doutor CARLOS PENNA MEDICO OPERADOR ESPECIALISTA DAS MOLESTIAS DOS OLHOS Consultorio – Rua da Imperatriz, 35, de 1 ás 3 horas. Telephono 190 Residencia – Rua Aurora 76 – Telephono <i>número</i> 42. Dispõe de excellentes aposentos para o tratamento de clientes de QUAL- QUER classe. Attende a chamados para qualquer ponto da provincia.</p>

--	--

PALAVRA	<i>TYPOGRAPHIA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	tipo <i>sm.</i> 'orig. modelo, exemplar, símbolo' 'ext. (Tip.) letra de forma, de imprimir' XVII. Do lat. <i>typus</i> -i, deriv. Do gr. <i>týpos</i> (...) tipografia <i>typographia</i> 1813
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	tipografia. <i>S.f.</i> 1. Arte que compreende as várias operações conducentes à impressão de textos, desde a criação dos caracteres à sua composição e impressão, de modo que resulte num produto gráfico ao mesmo tempo adequado, legível e agradável. 2. <i>Restr.</i> Sistema de imprimir com fôrmas em relevo; impressão tipográfica. 3. Estilo ou arranjo do texto tipográfico. 4. Estabelecimento tipográfico.
PERIÓDICO, DATA E	- 25 de abril de 1852. Aurora Paulistana. São Paulo.

<p>CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>ATENÇÃO! A Farrapeida. Recebem-se nesta typogra phia assignaturas para um opusculo, que breve sahirá á luz com o titulo acima, e con- terá cerca de 120 paginas. E' um poema em que se descre- vê a biographia dos princi- paes membros do partido - Venda-grande – nesta provin- cia, e dividido em 5 cantos dos quaes estão já na typogra- phia os tres primeiros cujos titulos são: I. A CARA-SUGEIDA, precedida de uma estampa representando um individuo desejando surprehender os segredos de uma bella Con- deça. II. A CARRON'IHEI- DA ou as magicaturas, pre- cedida igualmente de uma ca- ricatura. III A JANISTROQUEI- DA, ou factos historicos: bio- graphia completa de um ca- valheiro muito conhecido, a caricatura que precede este canto é muito curiosa. Preço de cada exemplar 1\$ reis. pagos ao receber o exemplar.</p> <hr/> <p>- 25 de abril de 1852. Aurora Paulistana. São Paulo.</p> <p>A Illustríssima. Senhora Dona Joaquina Maria das Dores d'Oliveira tem uma carta no es- criptorio d'esta typographia, que ainda se não mandou entregar por</p>
--------------------------------	--

	<p>ignorar-se a sua residencia.</p> <hr/> <p>- 29 de maio de 1852. Aurora Paulistana. São Paulo.</p> <p>- 5 de junho de 1852. Aurora Paulistana. São Paulo.</p> <p>- 15 de junho de 1852. Aurora Paulistana. São Paulo.</p> <p>ATENÇÃO! Typographia Liberal. de J. R. d’Azevedo Marques. LARGO DA SE’ N. 3. Joaquim Roberte d’Azevedo Marques, tem a honra de participar ao respeitavel publico, que acaba de montar em maior escala a Ty- pographia Liberal se sua propriedade, com um variado e novo sortimento de typos, vi- nhetas, emblemas, florões &c., e com um dos mais aperfeiçoados prélos de ferro dos que ul- timamente se fabricação em Paris, e achando-se por esta forma habilitado para desempenhar com promptidão e aceio qualquer trabalho ty- pographico, por este offerece o seu estabeleci mento ao illustrado publico desta capital e pro- vincia, a quem assegura que alem da nitidez e gosto que distinguirão os seus trabalhos, se- rão</p>
--	--

	<p>feitos com a brevidade que actualmente lhe proporcionão os recursos do estabeleci- mento, e pelos preços os mais commodos.</p> <hr/> <p>- 5 de outubro de 1852. São Paulo. Aurora Paulistana.</p> <p>AVISO Roga-se aos nossos assi- gnantes que não quizerem continuar sua assignatura, e áquellas pessoas a que ago- ra remettemos a nossa folha e não acceitarem o nosso affe- recimento, tenham a bondade de reverter á typographia este numero, ou declarar ao dis- tribuidor que a não acceitão na entrega do seguinte.</p> <hr/> <p>- 15 de outubro de 1852. São Paulo. Aurora Paulistana.</p> <p>ALUGA-SE um servente, para ser- viço dentro desta cidade, quem o tiver póde comparecer nesta typographia para tratar a respeito.</p>
--	---

--	--

PALAVRA	<i>TYPOGRAPHICO</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	tipo <i>sm.</i> 'orig. modelo, exemplar, símbolo' 'ext. (Tip.) letra de forma, de imprimir' XVII. Do lat. <i>typus</i> -i, deriv. Do gr. <i>týpos</i> (...) tipográfico <i>typographico</i> 1813 (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	**Tipografico <i>adj.</i> Relativo à tipografia.
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 29 de maio de 1852. Aurora Paulistana. São Paulo.</p> <p>- 5 de junho de 1852. Aurora Paulistana. São Paulo.</p> <p>- 15 de junho de 1852. Aurora Paulistana. São Paulo.</p> <p>ATENÇÃO! Typographia Liberal. de J. R. d'Azevedo Marques. LARGO DA SE' N. 3. Joaquim Roberte d'Azevedo Marques, tem a honra de participar ao</p>

	<p> respeitavel publico, que acaba de montar em maior escala a Ty- pographia Liberal se sua propriedade, com um variado e novo sortimento de typos, vi- nhetas, emblemas, florões &c., e com um dos mais aperfeiçoados prélos de ferro dos que ul- timamente se fabricão em Paris, e achando-se por esta forma habilitado para desempenhar com promptidão e aceio qualquer trabalho ty- pographico, por este offerece o seu estabeleci mento ao illustrado publico desta capital e pro- vincia, a quem assegura que alem da nitidez e gosto que distinguirão os seus trabalhos, se- rão feitos com a brevidade que actualmente lhe proporcionão os recursos do estabeleci- mento, e pelos preços os mais commodos. </p>
--	---

11.3 Lexemas ligados à saúde

PALAVRA	<i>AMENORRHEA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	Amenorréia. <i>Sf.</i> ‘ausência de menorreia ou menstruação’ 1899, <i>amenorrhêa</i> 1858 do fr. <i>Amenorrhée</i> , deriv. Do lat. Cient. <i>amenorrhea</i> (<Gr. <i>a</i> -[v. <i>A</i> -(iv)] + <i>men</i> ‘mês’ + <i>-rhoia</i> ‘fluxo’) (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	Amenorréia. <i>Sf.</i> ausência de menorreia ou menstruação; amenia.
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	- 05 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano. Tónico Fevrifugo Regenerador vinho do doutor johanno Quina, Coca, Extracto de Carne e Hypophosphito Recommendo-nos nos casos que necessitam tónicos para reconstruir e regenerar o organismo arruinado por molestias, excessos, natureza do clima, anemia, chlorosis, amenorrhea , cachexia, fluxo branco, que tanto arruinam a saude das mulheres,

	pobreza de sangue, fraqueza geral, debilidade, etc. H. Vivien, Droguista, 50, Boulevard de Strasboug, em Paris
--	--

PALAVRAS	ANEMIA
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	anemia <i>sf.</i> 'diminuição de hemoglobina do sangue circulante' 1858. Do fr. <i>anémie</i> , deriv. do gr. <i>anaimía</i> <i>anêmico</i> 1871
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	anemia <i>S. f. Patol.</i> 1. Deficiência de hemácias ou hemoglobina no sangue circulante. 2. <i>fig.</i> Debilidade, fraqueza
PERIÓDICOS, DATAS E CIDADES DE ORIGEM	- 01 de fevereiro de 1888. Campinas. Diário de Campinas PRODUCTOS DE J.,-P. LAROZE APROVADOS pela junta de Hygiena do Brasil 2, RUA DES LIONS-SAINT-PAUL, 2, PARIS Xarope Depurativo de Casca de Laranja amarga

	<p> aos Ioduretos de Potassio contra escrephulosas, cancerosas, syphiliticas, tumores brancos, da agrura do sangue, etc. Xarope Ferruginoso de Casca de Laranja e Quassia amara, ao Proto- Iodureto de Ferro contra as cores pallidas, chlorose, anemia, doenças de langor, rachitismo, etc. Xarope Sedativo de Casca de Laranja amarga, ao Bromureto de Potassio calmante certo contra as nevralgias, a epilepsia, o hystericico, insonia das crianças, todas as affecções nervosas. Deposito em todas as boas Drogarias e Pharmacias </p> <hr/> <p> - 05 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano. </p> <p> Tonico Fevrifugo Regenerador vinho do doutor johanno Quina, Coca, Extracto de Carne e Hypophosphito Recommendação- no nos casos que necessitam tónicos para reconstruir e regenerar o organismo arruinado por molestias, excessos, natureza do clima, anemia, chlorosis, amenorrhea, cachxia, fluxo branco, que tanto arruinam a saude das mulheres, pobreza de sangue, fraqueza geral, debilidade, etc. H. Vivien, Droguista, 50, </p>
--	---

	<p>Boulevard de Strasboug, em Paris</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>VINHO Tonico-Nutritivo DEFRESNE Com Peptons. (Carne assimilavel) FERRO E LACTO-PHOSPHATO DE CAL NATURAES Sendo o Vinho Defresne d'um gosto delicioso, tambem é o unico reconsti- tuinte natural e completo. É o mais precioso de todos os tonicos; sob a sua influencia, desvanecem-se os accidentes febris, renasce o appetite, forta- lecem-se os musculos e voltam as forças. Emprega-se com êxito contra a inappe- tencia, os crescimentos rápidos, com ra- lecoenças, molestias de estomago, a anemia e [ilegível]. DEFRESNE, Fornecedor dos Hospitaes, Paris. E todas as Pharmacias</p>
--	---

PALAVRA	<i>ANTIPHOLOGISTICO</i>

<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>flox <i>sm.</i> ‘(Bot.) gênero de polemoniáceas ornamentais’ 1899. Do lat. <i>phlox –gis</i> e, este, do gr. <i>phlóx –gós</i> ‘flama’ flogístico <i>phlo-</i> 1844 do fr. <i>phlogisitque</i>, do lat. cient. <i>phlogisticum</i>, voc. criado pelo químico alemão Becker (1628-1685)</p> <p>(antiplogístico SEM REGISTRO)</p>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>antiflogístico <i>adj.</i> e <i>s.m.</i> diz-se de, ou substância aplicável contra inflamações; antiinflamatório.</p>
<p>PERIÓDICO,</p> <p>DATA</p> <p>E</p> <p>CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>CONSTIPAÇÕES e MOLESTIAS do PEITO XAROPE ANTIPHLOGISTICO BRIANT PARIS, Pharmacia BRIANT, 150, rua de Rivoli, PARIS. As celebridades medicas de Paris recommendão ha mais de 30 annos o XAROPE BRIANT como o medicamento peitoral de gosto mais agradável e de efficacia mais certa de Defluxos, Constipações, Catharros, etc. Este Xarope nunca [ilegível] – Deve-se</p>

	exigir a Brochura em nove linguas com a assignatura bem lisivel do inventor: DEPOSITO EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS.
--	--

PALAVRA	<i>APPOPLEXIA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	apoplexia <i>sf.</i> ‘(Med.) afecção cerebral que se manifesta imprevistamente, acompanhada de privação dos sentidos e do movimento’ XVI. Do lat. <i>apoplexia</i> , deriv. do gr. <i>apoplíxía</i> (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	apoplexia. (cs). <i>S.f. med.</i> 1. afecção cerebral que se manifesta imprevistamente, acompanhada de privação dos sentidos e do movimento. 2. qualquer das afecções resultantes da formação rápida de um derrame sanguíneo ou seroso no interior de um órgão.
PERIÓDICO,	- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio

DATA	Paulistano.
E	
CIDADE DE ORIGEM	<p><i>Santo</i> JEAN de La Croix [gravura] AGUA DE MELISSA dos CAMELITAS BOYER Unico successor dos Carmelitas SAINTE THERESE [gravura] PARIS – 14, Rua de l'Abbaye, 14 – PARIS EAU DES CARMES RUE TARANNE Número 14 TRANSFÉRÉE 14 RUE DE L'ABBAYE PARIS [brazão] CONTRA Apoplexia Cholera Enjôo do mar Faltos Cólicas Indigestões Febre amarella, etc. Ler o prospecto no qual vai envolvido cada vidro Deve-se exigir o letreiro branco e preto, em todos os vidros, seja qual fôr o tamanho. Desconfiar AS FALSIFICAÇÕES e Exigir a assignatura de [assinatura] DEPOSITO EM TODAS AS PHARMACIAS DO Universo.</p>

PALAVRA	<i>ASTHENIA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>astenia <i>sf.</i> 'debilidade, fraquesa' <i>-th-</i> 1844. do fr. <i>Asthénis</i>, deriv. Do gr. <i>Asthéneia</i> 'falta de vigor'. (...)</p>

ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	astenia <i>s.f.med.</i> Fraquesa orgânica; debilidade, fraqueza. [antôn. <i>Estenia</i>]
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 29 de janeiro de 1899. São Paulo</p> <p>A Notícia.</p> <p>A EMULSÃO DE SCOTT de Oleo de Fígado de Bacalhau com Hipophos phitos de Cal e Soda É UM REMÉDIO-ALIMENTOPOR EXCELENCIA Porque o Oleo de Fígado de Bacalhau como alimento é d'um valor importantissimo,- fortalece e engorda-Como remedio rico,-é magnifico creador d sangue assim como um bom remedio alterante. espinha dorsal e systema osseo, e a combinação d'estes preciosos componentes produz o melhor reconstituente, tonico e purificador de sangue, que a sciencia medica conhece. Não te rival para todas as molestias debilitantes. "ha annos emprego a Emulsão de" Ha mais de 20 annos que emprego Scott, e seguro contra affecções do em minha clinica, sempre com muito aparelho respiratorioe para vantagem nos casos em que é combater a asthenia em</p>

	<p>geral." Diz indicada" Diz o deistincto Doutor José o illustrado Doutor Bacellar, do Rio Justino de Mello, de Paranaguá Grande do Sul. Cautella com Imitações A' venda em todas as Drogarias Falsificações. e Pharmacias. Exija-se a Legitima Scott & Bowne, Chimicos, New York, E.U.A.</p>
--	---

PALAVRA	<i>ASTHMA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>asma. <i>Sf.</i> 'doença caracterizada por ataques repetitivos de dispneia' XV. Do lat. <i>Asthma -atis</i> e, este, do gr. <i>Ásthma -tos</i></p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p>asma. <i>S.f.patol.</i> Condição que se caracteriza por acessos recorrentes de dispnéia paroxíptica, tosse e sensação de constrição, por efeito da contração espasmódica dos brônquios. Em casos é de natureza alérgica.</p>

<p>PERIÓDICO,</p> <p>DATA</p> <p>E</p> <p>CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>- 03 de janeiro de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Grande descoberta O maior sucesso da época que atravessámos é a descoberta do prodigioso vegetal, cujo vegetal em si, a acção maravilhosa de destruir todos os virus de syphilitico. A descoberta deste remedio que é Vegetal Por Excellencia; é a verdadeira Maravilha Do Seculo XIX ! ! Os sábios estudos de muitos annos e as sucessivas experiências do illustrado e intelligente senhor M. Morato, deram em resultado que o grande remedio, pura exclusiva e unicamente vegetal a que deu o nome de “Exilir depurativo de M. Morato” cura completa e rapidamente toda syphilis, curo o rheumatismo, com uma felicidade espantosa, cura a asthma, e, usado convenientemente, tem, com espanto de centenas de pessoas, curado o terrivel mas a Morphèa !!! A grande descoberta deste esplendoroso remédio é a felicidade da humanidade, é o passo mais gigantesco dado na medicina. Procurar: “Exilir depurativo de M. Morato” propagado por Doutor Carlos. Agente Depositário Em São Paulo Peixoto Estella & Companhia Rua de São Bento <i>número</i> 11 Preços 20 Exilir – frasco. 5\$000 Duzia. 50\$000</p>
--	---

--	--

PALAVRA	<i>BLÉNORRAGIA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	Blen(o)- <i>elem. Comp.</i> , do Gr. <i>blenno-</i> , de <i>blénna</i> –os ‘muco’, ou <i>blénnos</i> ‘ humor viscoso’, que se documenta em alguns compostos da linguagem médica internacional a partir do séc. XIX (...) blenorragia <i>bennorrhagia</i> 1844
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	Blenorragia. <i>S.f. patol.</i> 1. eliminação excessiva de muco. 2. V. <i>gonorréia</i> .
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	- 04 de abril de 1889. São Paulo. Correio Paulistano. Capsulas Mathey-Caylus Preparados pelo doutor clin Premio Montyon As Capsulas Mathey – Caylus com Envolucro delgado de Gluten não fadiga nunca o estomago e são recommendadas pelos Professores das Faculdades de Medicina e os Hospitales de

	<p>Paris, Londres e New-York, para a cura rápida dos: Corrimentos antigos ou recentes, a Gonorrhea, a Blenorrhagia, a Cystite Du Collo, o Catarrho e as Molestia da Bexigas dos órgãos genito urinarios. Uma explicação detalhada acompanha cada Frasco. Exigir Verdadeiras Capsulas Mathey – Caylus de clin & Compagnie, de Paris, que se achão em casa dos Droguistas e Pharmaceuticos.</p>
--	---

PALAVRA	<i>CHLOROSIS</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>clor(o) <i>elem. comp.</i>, do gr. <i>chloro-</i>, de <i>chlorós</i> 'verde, esverdeado', que se documenta em vários compostos introduzidos, a partir do sé. XIX, na linguagem científica internacional. (...) <i>clorose</i> <i>chlo-</i> 1858 Do fr. <i>chlorose</i>, deriv. do lat. cient. <i>chlorosis -osticus</i> (...)</p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p>clorose <i>S. f. 1. Patol.</i> anemia peculiar à mulher, assim chamada pelo tom amarelo-esverdeado que imprime à pele.(...)</p>

PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 01 de fevereiro de 1888. Campinas. Diário de Campinas.</p> <p>PRODUCTOS DE J.-P. LAROZE APROVADOS pela junta de Hygiena do Brasil 2, RUA DES LIONS-SAINT-PAUL, 2, PARIS Xarope Depurativo de Casca de Laranja amarga aos Ioduretos de Potassio contra escrephulosas, cancerosas, syphiliticas, tumores brancos, da agrura do sangue, etc. Xarope Ferruginoso de Casca de Laranja e Quassia amara, ao Proto-Iodureto de Ferro contra as cores pallidas, chlorose, anemia, doenças de langor, rachitismo, etc. Xarope Sedativo de Casca de Laranja amarga, ao Bromureto de Potassio calmante certo contra as nevralgias, a epilepsia, o hystérico, insonia das crianças, todas as affecções nervosas. Deposito em todas as boas Drogarias e Pharmacias</p> <hr/> <p>- 05 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano.</p>

	<p>Tonico Fevrifugo Regenerador vinho do doutor johanno Quina, Coca, Extracto de Carne e Hypophosphito Recommendação- no nos casos que necessitam tónicos para reconstruir e regenerar o organismo arruinado por molestias, excessos, natureza do clima, anemia, chlorosis, amenorrhea, cachxia, fluxo branco, que tanto arruinam a saude das mulheres, pobreza de sangue, fraqueza geral, debilidade, etc. H. Vivien, Droguista, 50, Boulevard de Strasboug, em Paris</p>
--	---

PALAVRA	<i>CHOLERA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	cólera. <i>Sf.</i> 'ira, raiva, fúria' '(Pat.) doença infecciosa aguda' XV. Do lat. <i>cholera</i> , deriv. Do gr. <i>Choléra</i> .
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	cólera. <i>Sf.</i> (...) 4. <i>Patol.</i> Doença infecciosa aguda , contagiosa, que pode manifestar-se sob forma epidêmica,

	<p>caracterizada, em sua apresentação clássica, por diarreia abundante, prostração e câimbras; cólera-morbo.</p>
<p>PERIÓDICO,</p> <p>DATA</p> <p>E</p> <p>CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p><i>Santo</i> JEAN de La Croix [gravura] AGUA DE MELISSA dos CAMELITAS BOYER Unico successor dos Carmelitas SAINTE THERESE [gravura] PARIS – 14, Rua de l’Abbaye, 14 – PARIS EAU DES CARMES RUE TARANNE Número 14 TRANSFÉRÉE 14 RUE DE L’ABBAYE PARIS [brazão] CONTRA Apoplexia Cholera Enjôo do mar Faltos Cólicas Indigestões Febre amarella, etc. Ler o prospecto no qual vai envolvido cada vidro Deve-se exigir o letreiro branco e preto, em todos os vidros, seja qual fôr o tamanho. Desconfiar AS FALSIFICAÇÕES e Exigir a assignatura de [assinatura] DEPOSITO EM TODAS AS PHARMACIAS DO Universo.</p>

PALAVRA	<i>CIRURGIÃO</i>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>cirurgia <i>sf.</i> ‘(Med.) medicina operatória’ 1611, <i>celorgia</i> XIII, <i>cilurgia</i> XIII, <i>selorgia</i> XIV etc. do lat. med. <i>chirurgia</i>, deriv. do gr. <i>cheiourgía</i> ‘operação manual’ (gr. <i>cheir</i> ‘mão’ e <i>ergón</i> ‘trabalho’; V. –ERG- e QUIR(O)- cirugião <i>sm.</i> ‘operador’ XVI, <i>celorgião</i> XIII, <i>solyrgiães</i> pl. XIV, <i>sirurgiães</i> pl. XIV, <i>selergião</i> XV etc. do lat. *<i>chirurgianus</i> cirúrgico 1758. Do lat. <i>chirurgicus</i>.</p>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>cirurgião. <i>S. m.</i> médico que exerce a cirurgia; médico-cirurgião, operador. (...)</p>
<p>PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>- 4 de março de 1853. São Paulo. Aurora Paulistana.</p> <p>CURA CERTA e em pouco tempo de todas as enfermidades provenientes de vicio san- guineo, como –escrophulas, tube[r]- culos, lepra, syphylis, etc. etc.e [ilegível] particular as affecções de</p>

	<p>pape[ilegível] em seu principio. Etienne Lagarde. Pharmaceutico e cirurgião das faculdades Pariz e do Rio de Janeiro, ex-preparad[o] do Curso de Chimica da escola de medic[i]- na e pharmacia de Poi[furo]iers, membro da s[o]- cidade medica da mesma cidade e corres- pondente de algumas sociedades scientificas. Attenção! A experiencia junto á perseverança qu[e] hoje tem sido meus únicos guias no trata[men]- to das enfermidades acima mencionadas, os caracteres horriveis que ellas apresentam, desgostos que sobrem as pessoas que são de las atacadas devião naturalmente attrahir attenção de todo o homem amigo da huma- nidade. Antigamente estas enfermidades se consi- deravão com um principio contagioso, o que obrigava os doentes a buscar longe das povo- ações uma morada tranquilla, que lhes permi- tisse esperar com paciencia a hora que [o] Creador tivesse determinado para pôr term[] a todos os seus soffrimentos; hoje porem assim não acontece: os progressos que tem feito [a] sciencia medica com os numerosos trabalhos e investigações da chimica, tem em fim intro- duzido na therapeutica e posto á disposição dos homens da sciencia um meio prophilati- cos contra estas crueis enfermidades fazendo assim esperar uma prompta cura a todos aquelles que o quizerem abraçar.</p>
--	--

	<p> Penetrado do sentimento o mais sincero da philanthropia, do amor á sociedade offereço o[s] meus recursos médicos e pharmaceuticos ad- quiridos por um aturado e longo estudo da na- tureza humana, E' pois com os medicamen- tos preparados por minhas próprias mãos qu[e] me proponho a curar a todos aquelles que m[e] quizerem procurar. Estou certo que os epithetos de – charlatão e especulador – ser-me-hão lançados por al- guns ao lerem este meu annuncio: porem não será por homens sensatos que serei assim [ilegível] xado. O sabio indaga, consulta, ouve, [ilegível] entre vós (como eu creio) existe algum rec[ilegível] conhecimento recebei de antemão toda a mi- nha gratidão. A vós, enfermos, eu dirijo meus offereci- mentos; eu saberei consolar-vos, e talvez da[r]- vos a panacéa benéfica da saude que tan[furo] desejaes. Seja o reconhecimento o fructo de meu[s] trabalhos e o único tributo que desejo obte[r] daquelles que me quizerem honrar com sua[s] consultas. Dirijão-se ao Hotel Paulistano, na rua d[e] São Bento número 35. </p>
--	--

PALAVRA	<i>CYSTITE</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>Cist(i) elem. Comp., do lat. <i>Cystis</i>, deriv. Do Gr. <i>ky' stis'</i> – <i>eos –idos</i> ‘bexiga, vesícula’, que se documenta em alguns compostos introduzidos, a partir do séc. XIX, na linguagem da medicina. (...) cisitite <i>cys-</i> 1844 do fr. <i>Cystite</i>.</p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p>Cistite. <i>S.f.patol.</i> inflamação na bexiga.</p>
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 04 de abril de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Capsulas Mathey-Caylus Preparados pelo doutor clin Premio Montyon As Capsulas Mathey – Caylus com Envolucro delgado de Gluten não fátigão nunca o estomago e são recommendadas pelos Professores das Faculdades de Medicina e os Hospitales de Paris, Londres e New-York, para a cura rápida dos: Corrimentos antigos ou recentes, a Gonorrhea, a Blenorrhagia, a Cystite Du Collo, o Catarrho e as</p>

	Molestia da Bexigas dos órgãos genito urinarios. Uma explicação detalhada acompanha cada Frasco. Exigir Verdadeiras Capsulas Mathey – Caylus de clin & Compagnie, de Paris, que se achão em casa dos Droguistas e Pharmaceuticos.
PALAVRA	<i>DARTRES</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	dartos. <i>Sm.</i> 'membrana que envolve os testículos, situada abaixo da pele do escroto, à qual adere intimamente' 1858. do gr. <i>Dartós (chitón)</i> 'membrana do escroto', por via erudita.
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	darto. <i>S.m. Anat.</i> Membrana que envolve os testículos, situada sob a pele do escroto, à qual adere intimamente.
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	- 20 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano. - 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.

	<p>Syphilis Adquirida ou Hereditária, em todo os periodos, accidentes secundarios e terciários que resultão d'ella: Ulceração da bocca e da garganta, gommas, exostoses, carie dos ossos, rheumatismos, ulceras, impotencia, etc, etc. Scrofulas, vícios do sangue, molestias da pelle (Dartres, eclémas, lepra, herpes).- Cura certa, rápida e radical pelos celebres BISCOUTOS DEPURATIVOS do D'OLLIVIER, o mais poderoso anti-syphilitico, e receitado, há mais de 60 annos, pelos mais illustrados profissionaes; é o unico remedio, no mundo inteiro, approved pela Academia de Medicina de Paris; unico premiado com Recompensa Nacional de 24.000 Francos. Deposito Geral: 62, Rua de Rivali, Paris. Em São Paulo: Martins Labre & Companhia.</p> <hr/> <p>- 11 de abril de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>syphilis Adquirida ou Hereditária, em todo os periodos, accidentes secundarios e terciários que resultão d'ella: Ulceração da bocca e da garganta, Gommas, </p>
--	---

	<p>Exostoses, Carie dos ossos, Rheumatismos, Ulceras, Impotencia, etc, etc. Scrofulas, Vícios do Sangue, Molestias da pelle (Dartres, Eczémas, Lepra, Herpes).- Cura certa, rápida e radical pelos celebres biscoutos depurativos do d’ollivier, o mais poderoso anti-syphilitico, e receitado, há mais de 60 annos , pelos mais illustrados profissionaes; é o unico remedio, no mundo inteiro, Aprovado pela Academia de Medicina de Paris; unico premiado com Recompensa Nacional de 24.000 Francos. Deposito Geral: 62, Rua de Rivolli, Paris. Em São Paulo: Martins Labre & [Companhia].</p>
--	--

PALAVRA	<i>DIABETE</i>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>dianbete(s) <i>sm.</i> e <i>f.</i> ‘(Med.) estado patológico que se caracteriza por um acréscimo anormal do volume da urina’ 1813. Provavelmente do fr. <i>diabete</i>, do lat. tard. <i>diabetes</i> e, este, do gr. <i>diabetes</i> ‘sifão’, de <i>diabaínen</i> ‘traspor, atravessar’. Modernamente, com o avanço das pesquisas médicas, a diabetes terá outra</p>

	conceituação. (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	diabetes <i>s.m. e f. patol.</i> 1. Síndrome caracterizada por uma eliminação exagerada e permanente de urina. 2. restr. V. diabetes melito. [var.: <i>diabete</i>] ♦ diabetes açúcarada. <i>Patol. V. melitúria.</i> diabetes açúcarado. <i>Patol. V. melitúria</i>
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano. CURA CERTA DAS MOLESTIAS NERVOSAS Epilepsia – Hysteria Choreã Hystero-Epilepsia Molestias do Cerebro e do Espinhaço Diabete assucarado PELO XAROPE DE HENRY MURE com Bromureto de Potassium chimicamente puro BOM EXITO VERIFICADO POR 15 ANNOS DE EXPERIENCIAS NOS HOSPITAES DE PARIS Uma Noticia muito importante será dirigida a quem a pedir HENRY MURE, em Pont-St-Esprit (França) Deposito em todas as principaes Pharmacias.

--	--

PALAVRA	<i>ECZÊMAS</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	Eczema. <i>sm.</i> ‘(patol.) dermatose inflamatória caracterizada pela formação de vesículas confluentes, exsudatos e crostas’ 1881. do lat. Cient. <i>eczema</i> , deriv. Do Gr. <i>ekzema</i> –atos (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	Eczema. <i>S.m. patol.</i> Dermatose inflamatória caracterizada pela formação de vesículas confluentes, exsudatos e crostas, e provocada por diferentes causas.
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 20 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Syphilis Adquirida ou Hereditária, em todos os períodos, accidentes secundários e terciários que resultão d’ella: Ulceração</p>

	<p>da bocca e da garganta, gommas, exostoses, carie dos ossos, rheumatismos, ulceras, impotencia, etc, etc. Scrofulas, vícios do sangue, molestias da pelle (Dartres, eclémas, lepra, herpes).- Cura certa, rápida e radical pelos celebres BISCOUTOS DEPURATIVOS do D’OLLIVIER, o mais poderoso anti-syphilitico, e receitado, há mais de 60 annos, pelos mais illustrados profissionaes; é o unico remedio, no mundo inteiro, aprovado pela Academia de Medicina de Paris; unico premiado com Recompensa Nacional de 24.000 Francos. Deposito Geral: 62, Rua de Rivali, Paris. Em São Paulo: Martins Labre & Companhia.</p> <hr/> <p>- 11 de abril de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>syphilis Adquirida ou Hereditária, em todo os periodos, accidentes secundarios e terciários que resultão d’ella: Ulceração da bocca e da garganta, Gommas, Exostoses, Carie dos ossos, Rheumatismos, Ulceras, Impotencia, etc, etc. Scrofulas, Vícios do Sangue, Molestias da pelle (Dartres, Eczémas,</p>
--	---

	<p>Lepra, Herpes).- Cura certa, rápida e radical pelos celebres biscoutos depurativos do d'ollivier, o mais poderoso anti-syphilitico, e receitado, há mais de 60 annos , pelos mais illustrados profissionaes; é o unico remedio, no mundo inteiro, Aprovado pela Academia de Medicina de Paris; unico premiado com Recompensa Nacional de 24.000 Francos. Deposito Geral: 62, Rua de Rivolli, Paris. Em São Paulo: Martins Labre & [Companhia].</p>
--	---

PALAVRA	<i>ELIXIR</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>elixir <i>sm.</i> 'bebida medicamentosa, balsâmica ou confortadora' XVIII. Do fr. <i>Élixir</i>, <i>deriv.</i> Do <i>deriv.</i> Do ár. <i>El'iksir</i> 'pedra filosofal' e, este, do gr. <i>Kseron</i> 'medicamento'.</p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p>elixir. <i>S. m.</i> 1. confeitão farmacêutica de xaropes com alcoolatos. 2. bebida deliciosa, balsâmica ou confortadora. 3. <i>Fig.</i> Aquilo que tem efeito mágico ou</p>

	miraculoso; filtro.
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 01 de fevereiro de 1888. Campinas. Diário de Campinas.</p> <p>O Elixir alimenticio Ducro e muito agradável ao paladar e as pessoas a quem mais repugnam os alimentos, o tomam até por gosto. É um tonico poderosissimo, aconselhado para as mulheres e a crianças delicadas, os velhos, os convalescentes em que desperta o appetite e restabelece as forças. Convem sobretudo nos paizes quentes, onde as forças diminuem pela transpiração, e onde se esta sujeito a molestias contagiosas. - Para mais detalhes. leia-se o prospecto que acompanha cada vidro. Pariz 20, Place des Vosges E EM TODAS AS PHARMACIAS</p> <hr/> <p>- 03 de janeiro de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Grande descoberta O maior sucesso da época que atravessámos é a descoberta do</p>

	<p>prodigioso vegetal, cujo vegetal em si, a acção maravilhosa de destruir todos os virus de syphilitico. A descoberta deste remedio que é Vegetal Por Excellencia; é a verdadeira Maravilha Do Seculo XIX !</p> <p>! Os sábios estudos de muitos annos e as sucessivas experiências do illustrado e intelligente senhor M. Morato, deram em resultado que o grande remedio, pura exclusiva e unicamente vegetal a que deu o nome de “Exilir depurativo de M. Morato” cura completa e rapidamente toda syphilis, curo o rheumatismo, com uma felicidade espantosa, cura a asthma, e, usado convenientemente, tem, com espanto de centenas de pessoas, curado o terrivel mas a Morphèa !!! A grande descoberta deste esplendoroso remédio é a felicidade da humanidade, é o passo mais gigantesco dado na medicina.</p> <p>Procurar: “Exilir depurativo de M. Morato” propagado por Doutor Carlos. Agente Depositário Em São Paulo Peixoto Estella & Companhia Rua de São Bento número 11 Preços 20 Exilir – frasco. 5\$000 Duzia. 50\$000</p>
--	--

PALAVRA	<i>EPILEPSIA</i>
----------------	-------------------------

<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>epilepsia <i>sm.</i> (Patol.) doença nervosa, com manifestações ocasionais, súbitas e rápidas, entre as quais sobressaem convulsões e distúrbios da consciência' XVII. Do lat. Tard. <i>Epilepsia -ae</i>, deriv. Do gr. <i>Epilepsía</i></p>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>epilepsia <i>s.f.Patol.</i> Afecção de que há alguns tipos, que incide no homem e em vários animais (alguns quadrúpedes e certas aves), e consiste em acessos recidivantes de distúrbios de consciência ou de outras funções psíquicas, movimentos musculares involuntários e perturbações do sistema nervoso autônomo. Estes sintomas de repetição são concomitantes a descarga disrítmica de neurônios encefálicos registrados por eletrencefalogramas. [em termos de distúrbio funcional, a epilepsia é uma disritmia cerebral paroxística sintomática] (...)</p>
<p>PERIÓDICO, DATA</p>	<p>- 01 de fevereiro de 1888. Campinas. Diário de Campinas.</p>

<p>E</p> <p>CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>PRODUCTOS DE J.,-P. LAROZE APROVADOS pela junta de Hygiena do Brasil 2, RUA DES LIONS-SAINT-PAUL, 2, PARIS Xarope Depurativo de Casca de Laranja amarga aos Ioduretos de Potassio contra escrephulosas, cancerosas, syphiliticas, tumores brancos, da agrura do sangue, etc. Xarope Ferruginoso de Casca de Laranja e Quassia amara, ao Proto-Iodureto de Ferro contra as cores pallidas, chlorose, anemia, doenças de langor, rachitismo, etc. Xarope Sedativo de Casca de Laranja amarga, ao Bromureto de Potassio calmante certo contra as nevralgias, a epilepsia, o hysteric, insonia das crianças, todas as affecções nervosas. Deposito em todas as boas Drogarias e Pharmacias</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>CURA CERTA DAS MOLESTIAS NERVOSAS Epilepsia – Hysteria Choreã Hystero-Epilepsia Molestias do Cerebro e do Espinhaço Diabetes assucarado PELO XAROPE DE HENRY MURE com Bromureto de</p>
--	---

	<p>Potassium chimicamente puro BOM EXITO VERIFICADO POR 15 ANNOS DE EXPERIENCIAS NOS HOSPITAES DE PARIS Uma Noticia muito importante será dirigida a quem a pedir HENRY MURE, em Pont-St-Esprit (França) Deposito em todas as principaes Pharmacias.</p>
--	---

PALAVRA	<i>EPILEPSIA-HYSTERIA</i>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>?????? SEM REGISTRO DO COMPOSTO</p> <p>hister(o) <i>elem. Comp.</i>, do gr. <i>Hystéra</i> 'útero', que se documenta em alguns vocs. Formados no próprio grego, como <i>histérico</i>, por exemplo, e em vários outros introduzidos, a partir do séc. XIX, na linguagem científica internacional. (...) histeria 1858.</p> <p style="text-align: center;">+</p>

	<p>epilepsia <i>sm.</i> (Patol.) doença nervosa, com manifestações ocasionais, súbitas e rápidas, entre as quais sobressaem convulsões e distúrbios da consciência' XVII. Do lat. Tard. <i>Epilepsia -ae</i>, deriv. Do gr. <i>Epilepsía</i></p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p>???? SEM REGISTRO DO COMPOSTO</p> <p>Histeria. <i>S.f. psiq.</i> Afecção mental cujos sistemas se baseiam em conversão, e caracterizada por falta de controle sobre atos e emoções, ansiedade, sentido mórbido de autoconsciência, exagero do efeito de impressões sensoriais, e por simulação de diversas doenças.</p> <p style="text-align: center;">+</p> <p>epilepsia <i>s.f.Patol.</i> Afecção de que há alguns tipos, que incide no homem e em vários animais (alguns quadrúpedes e certas aves), e consiste em acessos recidivantes de distúrbios de consciência ou de outras funções psíquicas, movimentos musculares involuntários e perturbações do sistema nervoso autônomo. Estes</p>

	<p>sintomas de repetição são concomitantes a descarga disrítica de neurônios encefálicos registrados por eletrencegalogramas. [em termos de distúrbio funcional, a epilepsia é uma disritmia cerebral paroxística sintomática] (...)</p>
<p>PERIÓDICO,</p> <p>DATA</p> <p>E</p> <p>CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>- 07 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Cura Certa das Molestias Nervosas Epilepsia-Hysteria Molestias do Cerebro e do Espinhaço Choreã Diabete Assucarado Hystero-Epilepsia Xarope de Henry Bom exito verificado por 15 annos de experiencia nos Hos pitaes de Paris.[Uma notícia muito importante será dirigida a quem a pedir] depositos em todas as principaes Pharmacias.</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>CURA CERTA DAS MOLESTIAS</p>

	<p>NERVOSAS Epilepsia – Hysteria Choreã Hystero-Epilepsia Molestias do Cerebro e do Espinhaço Diabetes assucarado PELO XAROPE DE HENRY MURE com Bromureto de Potassium chimicamente puro BOM EXITO VERIFICADO POR 15 ANNOS DE EXPERIENCIAS NOS HOSPITAES DE PARIS Uma Noticia muito importante será dirigida a quem a pedir HENRY MURE, em Pont-St-Esprit (França) Deposito em todas as principaes Pharmacias.</p>
--	---

PALAVRA	<i>EXOSTOSES</i>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>Ex(o)- <i>elem. Comp.</i>, do Gr. <i>éxo</i> ‘fora, fora de, para fora’, que já se documenta em vcs. formados no próprio grego, como <i>êxodo</i>, e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX (...) exostose <i>sf.</i> ‘(Med.) proliferação óssea na superfície de um osso’ “(Bot.) excrescência no tronco de algumas árvores’ <i>-sis</i> 1844 do fr. <i>Exostose</i>, deriv. Do lat. Cient. <i>exostosis</i> e, este, do Gr. <i>exóstosis</i> (...)</p>

ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	Exostose (z) <i>s.f.</i> 1. med. Proliferação óssea na superfície de um osso. 2. morfol. Veg. Excrescência no tronco de algumas árvores.
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 20 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Syphilis Adquirida ou Hereditária, em todos os periodos, accidentes secundarios terciários que resultão d'ella: Ulceração da bocca e da garganta, gommas, exostoses, carie dos ossos, rheumatismos, ulceras, impotencia, etc, etc. Scrofulas, vícios do sangue, molestias da pelle (Dartres, eclémas, lepra, herpes).- Cura certa, rápida e radical pelos celebres BISCOUTOS DEPURATIVOS do D'OLLIVIER, o mais poderoso anti-syphilitico, e receitado, há mais de 60 annos, pelos mais illustrados profissionaes; é o unico remedio, no mundo inteiro, aprovado pela Academia de Medicina de Paris; unico premiado com Recompensa Nacional de 24.000 Francos. Deposito Geral: 62, Rua de</p>

	<p>Rivali, Paris. Em São Paulo: Martins Labre & <i>Companhia</i>.</p> <hr/> <p>- 11 de abril de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>syphilis Adquirida ou Hereditária, em todos os periodos, accidentes secundarios e terciários que resultão d'ella: Ulceração da bocca e da garganta, Gomas, Exostoses, Carie dos ossos, Rheumatismos, Ulceras, Impotencia, etc, etc. Scrofulas, Vícios do Sangue, Molestias da pelle (Dartres, Eczémas, Lepra, Herpes).- Cura certa, rápida e radical pelos celebres biscoutos depurativos do d'ollivier, o mais poderoso anti-syphilitico, e receitado, há mais de 60 annos , pelos mais illustrados profissionaes; é o unico remedio, no mundo inteiro, Approvado pela Academia de Medicina de Paris; unico premiado com Recompensa Nacional de 24.000 Francos. Deposito Geral: 62, Rua de Rivolli, Paris. Em São Paulo: Martins Labre & [Companhia].</p>
--	--

--	--

PALAVRA	<i>GONORRHÉA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	-gon(o)²- <i>elem. Comp.</i> , deriv. Do Gr. <i>gono-</i> , de <i>gónos</i> (<i>goné</i>) ‘geração, órgão genitais’ ‘semente, esperma’, que já se documenta em compostos formados no próprio grego, como <i>gonorréia</i> , por exemplo, e em alguns vocs. introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX (...) gonorréia <i>-rrhea</i> XVIII (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	Gonorréia. <i>S.f. patol.</i> Infecção venérea purulenta que surge com poucos dias de incubação e localiza, inicialmente, na uretra, donde pode estender-se a outras estruturas urinárias e genitais, no homem ou na mulher. Além das precedentes, pode ter localização no reto, articulações e conjuntiva ocular. [<i>sin.: blenorragia</i>]
PERIÓDICO,	- 04 de abril de 1889. São Paulo. Correio

DATA	Paulistano.
E	
CIDADE DE ORIGEM	<p>Capsulas Mathey-Caylus Preparados pelo doutor clin Premio Montyon As Capsulas Mathey – Caylus com Envolucro delgado de Gluten não fadiga nunca o estomago e são recommendadas pelos Professores das Faculdades de Medicina e os Hospitais de Paris, Londres e New-York, para a cura rápida dos: Corrimentos antigos ou recentes, a Gonorrhea, a Blenorragia, a Cystite Du Collo, o Catarrho e as Molestias da Bexiga dos órgãos genitais urinarios. Uma explicação detalhada acompanha cada Frasco. Exigir Verdadeiras Capsulas Mathey – Caylus de clin & Compagnie, de Paris, que se achão em casa dos Droguistas e Pharmaceuticos.</p>
PALAVRA	<i>HERPES</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>Herpes. <i>sm. pl.</i> ‘(med.) erupção aguda de vesículas agrupadas em número variado e de localização cutânea ou mucosa’ <i>erpes</i> do fr. <i>Herpes</i>, deriv. Do lat. <i>Herpes –etis</i> e, este, do Gr. <i>herpes</i>. (...)</p>

<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>Herpes. <i>sm. 2.n. 1. patol.</i> Dermatose inflamatória caracterizada pela formação de pequenas vesículas que se apresentam em grupo. <i>2. fig.</i> Mal contagioso; estrago, podridão.</p>
<p>PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>- 20 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Syphilis Adquirida ou Hereditária, em todos os periodos, accidentes secundarios e terciários que resultão d'ella: Ulceração da bocca e da garganta, gommas, exostoses, carie dos ossos, rheumatismos, ulceras, impotencia, etc, etc. Scrofulas, vícios do sangue, molestias da pelle (Dartres, eclémas, lepra, herpes).- Cura certa, rápida e radical pelos celebres BISCOUTOS DEPURATIVOS do D'OLLIVIER, o mais poderoso anti-syphilitico, e receitado, há mais de 60 annos, pelos mais illustrados profissionaes; é o unico remedio, no mundo inteiro, aprovado pela Academia de Medicina de Paris; unico premiado com Recompensa Nacional de 24.000 Francos. Deposito Geral: 62, Rua de</p>

	<p>Rivali, Paris. Em São Paulo: Martins Labre & <i>Companhia</i>.</p> <hr/> <p>- 11 de abril de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>syphilis Adquirida ou Hereditária, em todos os periodos, accidentes secundarios e terciários que resultão d'ella: Ulceração da bocca e da garganta, Gommias, Exostoses, Carie dos ossos, Rheumatismos, Ulceras, Impotencia, etc, etc. Scrofulas, Vícios do Sangue, Molestias da pelle (Dartres, Eczémas, Lepra, Herpes).- Cura certa, rápida e radical pelos celebres biscoutos depurativos do d'ollivier, o mais poderoso anti-syphilitico, e receitado, há mais de 60 annos, pelos mais illustrados profissionaes; é o unico remedio, no mundo inteiro, Approvado pela Academia de Medicina de Paris; unico premiado com Recompensa Nacional de 24.000 Francos. Deposito Geral: 62, Rua de Rivolli, Paris. Em São Paulo: Martins Labre & [Companhia].</p>
--	--

PALAVRA	<i>HOMEOPATHIA</i>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>homeo- <i>elem. comp.</i>, do gr. <i>homoios</i> 'da mesma natureza' 'igual, semelhante', que se documenta em alguns compostos introduzidos, a partir do séc. XIX, na linguagem científica internacional (...)</p> <p>homeopatia <i>-thia</i> 1858 Do fr. <i>homéopathie</i>, deriv. do al. <i>Homöopathie</i>, voc. criado em 1796 pelo médico alemão S.C.F.Hahnemann (...).</p>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>homeopatia <i>S. f. Med.</i> Sistema terapêutico criado por Christian Friederich Samuel Hahnemann (1755-1843), que consiste em tratar as doenças por meio de substâncias ministradas em doses diluídas a ponto de se tornarem, por vezes, infinitesimas, capazes de produzir, em indivíduos sãos, quadros clínicos semelhantes aos que apresentam os doentes a serem tratados. (...).</p>
	<p>- 15 de outubro de 1852. São Paulo.</p>

<p>PERIÓDICO,</p> <p>DATA</p> <p>E</p> <p>CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>Aurora Paulistana.</p> <p>- 31 de outubro de 1852. São Paulo.</p> <p>Aurora Paulistana.</p> <p>HOMŒOPATHIA PURA RUA DIREITA NÚMERO 17. O medico-cirurgião José Maria de Souza, tem a honra de declarar a to- das aquellas pessoas que quizeres honrar com sua confiança, que elle se acha novamente residindo nesta ci- dade, rua Direita número 17, onde continúa a exercer a sua profissão pelo syste- ma homœopathico, e onde será encon- trado a qualquer hora do dia ou da noite. O annunciante tambem arran- ca, lima e chumba dentes, e faz todas as outras operações que diz respeito a esta arte com a maior perfeição. Os pobres serão tratados gratuita- mente.</p> <hr/> <p>- 05 de fevereiro de 1867. São Paulo.</p> <p>Correio Paulistano.</p> <p>NA CASA GARRAUX LARGO DA SÉ Encontra-se os artigos seguintes Papel para desenho Papel de luto Papel de peso Papel almasso Papel florete </p>
--	--

	<p> Papel Hollanda Papel de phantasia Papel de cartas Envelppes brancos Enveloppes de cores Enveloppes de luto Enveloppes commerciaes Enveloppes forrados de panno Cartões de visita Ditos para casamentos Tinteiro de vidro Tinteiro de crystal Tinteiro de bronze Tinteiro ricos de phantasia Pennas de aço, de varias qualidades Pennas de ave Sinetas Canivetes Pacas de cortar papel Lacre Obreiras Imagens Quadros de devoção Desenhos Albuns para desenhos Álbuns para photographia Quadros para photographia Carteiras Estoijos de viagem Caixas de perfumaria Caixas de papelaria Caixas de costura com musica Caixa de mathematicas Caixas de tintas Tintas de escrever Livro de direito Livros de litteratura Livros de devoção Livros de educação Livros de homœopathia Livros de missa Horas Marianas Livros de luxo para presentes Objectos de phantasia para presentes Lapis Baralho de cartas Baralhos de cartas de phantasia Bengallas Livros para apontamentos Stereoscopos Folhinhas do anno Pastas E muito mais objectos Grande sortimento de papel pintado para forrar casas, fabricados em Paris desde 500 réis a peça para cima Guarnição, roda-pé, paisagens etc. Esta casa recebe directamente da Europa todos seus livors e </p>
--	--

	mercado- rias, e dest'arte póde offerecer às pessoas que a Ella se dirigem considera- veis vantagens.
--	---

PALAVRA	<i>HOMEOPHATICOS</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	homeo- <i>elem. comp.</i> , do gr. <i>homoios</i> 'da mesma natureza' 'igual, semelhante', que se documenta em alguns compostos introduzidos, a partir do séc. XIX, na linguagem científica internacional (...) homeopatico <i>-thico</i> 1858. (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	homeopático <i>adj.</i> 1. Relativo ou pertencente à homeopatia [Antôn.: <i>alopático</i>] 2. fig. Muito pequeno; ínfimo, insignificante.
PERIÓDICO, DATA E	- 26 de maio de 1872. Campinas. Gazeta de Campinas. Medicamentos Homeopathicos No

CIDADE DE ORIGEM	<p>estabelecimento do Roso & Filho em liquidação, á rua do Commercio <i>número</i> 45, encontra-se sempre grande sortimento destes medicamentos, em tinturas, globulos, e opodeldoc de Bryonia, Rhux para rheumatismo, do laboratoio do doutor Cochrane & Pinho, do Rio de Janeiro, bem assim livros homeopathicos.</p> <hr/> <p style="text-align: right;">- 21 de agosto de 1852. Aurora Paulistana. São Paulo.</p> <p>Mudança de Domicilio. O consultório homœopathico de Can- dido Ribeiro dos Santos, mudou-se da rua da Freira para a rua da Cruz Preta <i>número</i> 30 na casa onde morou o Doutor João Nepomuceno de Souza Freire. No mes- mo consultorio, acha-se á venda boticas homœopathicas.</p> <hr/> <p style="text-align: right;">- 15 de outubro de 1852. São Paulo. Aurora Paulistana.</p> <p style="text-align: right;">- 31 de outubro de 1852. São Paulo. Aurora Paulistana.</p>
-------------------------	--

	<p>HOMŒOPATHIA PURA RUA DIREITA NÚMERO 17. O medico-cirurgião José Maria de Souza, tem a honra de declarar a to- das aquellas pessoas que quizeres honrar com sua confiança, que elle se acha novamente residindo nesta ci- dade, rua Direita número 17, onde continúa a exercer a sua profissão pelo syste- ma homœopathico, e onde será encon- trado a qualquer hora do dia ou da noite. O annunciante tambem arran- ca, lima e chumba dentes, e faz todas as outras operações que diz respeito a esta arte com a maior perfeição. Os pobres serão tratados gratuita- mente.</p>
--	---

PALAVRA	<i>HYGIENE</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>higiene. <i>Sf.</i> 'conhecimento da, ou prática relativa à manutenção da saúde' 'ciência sanitária' '<i>ext.</i> limpeza, asseio' <i>hyg-</i> 1844 do fr. <i>Hygiène</i>, deriv. Do gr. <i>Hygiené</i>, substantivação do fem, de <i>hygienós</i> 'são, que tem saúde'.</p>

ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	higiene. <i>S.f.</i> 1. Ciência que visa à preservação da saúde e à prevenção de doenças. 2. <i>fig.</i> limpeza, asseio.
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 01 de fevereiro de 1888. Campinas. Diário de Campinas.</p> <p>PRODUCTOS DE J.,-P. LAROZE APROVADOS pela junta de Hygiēna do Brasil 2, RUA DES LIONS-SAINT-PAUL, 2, PARIS Xarope Depurativo de Casca de Laranja amarga aos Ioduretos de Potassio contra escrephulosas, cancerosas, syphiliticas, tumores brancos, da agrura do sangue, etc. Xarope Ferruginoso de Casca de Laranja e Quassia amara, ao Proto-Iodureto de Ferro contra as cores pallidas, chlorose, anemia, doenças de langor, rachitismo, etc. Xarope Sedativo de Casca de Laranja amarga, ao Bromureto de Potassio calmante certo contra as nevralgias, a epilepsia, o hystérico, insonia das crianças, todas as affecções nervosas. Depósito em todas as boas Drogarias e Pharmacias</p>

	<hr/> <p>- 13 de julho de 1879. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Essencia depurativa ferru ginosa do doutor A. A. Ribeiro PREPARADO POR J. PASSOS EXAMINADA E AUCTORISADA PELA EXCELENTÍSSIMA JUNTA CENTRAL DE HYGIENE PUBLICA Este prodigioso medicamento, o mais effi caz contra as molestias syphiliticas, bouba ticas, escrophulas e rheumaticas, acha-se á venda no deposito abaixo. Encarecer as virtudes desse preparo fôra repetir o que é unanimemente proclamado pelas mais celebres summidades medicas do Rio de Janeiro, Campos, Nitheroy, etc. Chamamos a atenção do publico para o al manak que se distribue no nosso deposito. Único deposito nesta capital os <i>senhores</i> Fonse Ca e Kiehl – Pharmacia Ypiranga – rua Di reita <i>número</i> 32. Único deposito do UNGUENTO MOREL na mesma pharmacia.</p> <hr/>
--	---

	<p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Grande Êxito ha mais de 30 annos XAROPE DE BLAYN Licenciado pela Inspectoria de Hygiene do Imperio do Brazil Este Medicamento, de sabor agradável, é adoptado pelos melhores Médicos de Paris CONTRA DEFLUXOS, GRIPPE, TOSSE, DORES DE GARGANTA CATARRO PULMONAR IRRITAÇÕES do PEITO, das VIAS URINARIAS e da BEXIGA PARIS – Pharmacia BLAYN, 8, Avenue Victoria – Paris Depositos em todas as principaes Pharmacias.</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistasno</p> <p>Belleza – Hygiena – Saude PERFUMARIA HERMOSA ULTIMA NOVIDADE PREPARADA CONFORME OS PROCESSOS SCIENTIFICOS OS MAIS APERFEIÇOADOS Marca registrada <i>ESSência</i> HERMOSA HERMOSA-OIL LOÇÃO HERMOSA AGUA de</p>
--	---

	<p>HERMOSA HERMOSALINA AGUA de TOILETTE PASTA de CEREJA PASTA de LIRIO Produtos SUPERIORES de RECOMMENDADOS AJON, Perfumista, 62, B de Strasbourg, PARIS DEPOSITARIOS EM São Paulo & VICTOR NOTHMAN & <i>Companhia</i> NAS PRINCIPAES CASAS DE PERFUMARIAS.</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Licenciado pela Inspectoria de Hygiene do Império do Brazil. CAPSULAS DE SANDALO CRITIN: de Savaresse Preparação alguma é mais efficaz contra as MOLESTIAS SECRETAS do que as famosas Capsulas universalmente recommendadas pelos Médicos. Uma caixa (com instrucções completas para o tratamento) cura geralmente dentro de uma semana. EVANS, SONS & <i>Companhia</i>, em LIVERPOOL – EVANS, LESCHER & WEBB, em LONDRES DEPOSITOS EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS.</p> <hr/>
--	--

	<p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>VERDAEIROS GRÃOS DE SAUDE DO DOUTOR FRENCK LICENCIADOS PELA INSPECTORIA GERAL DE HYGIENE DO IMPERIO DO BRAZIL Aparientes, Estomachinos, Purgativos, Depurativos Contra a Falta de appetite, a Obstrução, a Enxaqueca, as Vertigems, as congestões, etc. – Dose ordinaria: 1, 2, á 3 grãos. Desconfiar as falsificações – Exigir o rotulo junto imprimido em francez e com letras de 4 cores, sendo cada letra de uma côr differente e O Sello da União dos Fabricantes. Em Pariz, Pharmacia Leroy – Depósitos em todas as principaes pharmacias.</p>
--	--

PALAVRA	<i>HYGIENICO(A)</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>higiene. <i>Sf.</i> 'conhecimento da, ou prática relativa à manutenção da saúde' 'ciência sanitária' 'ext. limpeza, asseio' <i>hyg-</i> 1858 do fr. <i>Hygiénique</i> (...)</p>

ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	higiênico <i>adj.</i> 1. Referente à higiene. 2. propício à saúde. 3. limpo, asseado.
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 01 de janeiro de 1899. São Paulo. A Notícia.</p> <p>LYCEU PAULISTA Rua Santa Luzia, 7 e Rua Bonita <i>número</i> 4. proximo a Rua Concelheiro Furtado CAIXA POSTAL 271 - São Paulo Este conhecido collegio funciona em um predio vasto e hygienico. Instrucção primaria e secundaria completa. Corpo docente escrupulosamente escolhido. Prepara alumnos para as academias e para o commercio. Remettem-se prospectos. Entrada dos internos no dia 15 de Janeiro. Reabertura das aulas no dia 16 de Janeiro. O DIRECTOR J.G. Vanderveiken</p> <hr/> <p>- 05 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulista.</p>

	<p>Alcatrão de Guyot Gordon de Guyot Purifica o sangue, aumenta o apetite, levanta as forças e é efficaz em todas as doenças dos pulmões, catarrhas da bexiga e affecções das mucosas. O Alcatrão de Guyot foi experimentado som vantagem real, nos principães hospitães de França, da Bélgica e Espanha. Durante os calôres e em tempo epidemico é uma bebida hygienica e preservadora. Um só vidro basta para preparar doze litras d'uma bebida salutarissima. O Alcatrão de Guyot Authentico é vendido em vidras trazendo na rotulo e com trez cores a assgnatura. Venda a varejo na mor parte das pharmacias. Fabricação em atacado: Casa L. Frere.</p>
--	--

PALAVRA	<i>HYPOPHOSPHITO</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	hip(o)-¹ <i>elem. Comp.(...)</i> do gr. <i>Hypo-</i> , de <i>hypó</i> 'debaixo de, em posição inferior', ocorre em varios compostos já formados no próprio grego, como <i>hypótese</i> , por

	<p>exemplo, e muitíssimos outros formados nas línguas modernas;(...) foi e continua sendo de extraordinária vitalidade na formação de compostos eruditos, particularmente na linguagem de medicina (onde ele ocorre em vocábulos que indicam a deficiência de uma atividade orgânica) e da química (onde ele aparece designando ácidos - e os sais correspondentes - que possuem um grau inferior de oxidação) (...) hipophosphito <i>hypophosphito</i> 1858 (...)</p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	hipofosfito ???????? SEM REGISTRO
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 05 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Tonico Fevrifugo Regenerador vinho do doutor johanno Quina, Coca, Extracto de Carne e Hypophosphito Recommendação- no nos casos que necessitam tónicos para reconstruir e regenerar o organismo arruinado por molestias, excessos, natureza do clima, anemia, chlorosis,</p>

	amenorrhea, cachxia, fluxo branco, que tanto arruinão a saude das mulheres, pobreza de sangue, fraqueza geral, debilidade, etc. H. Vivien, Droguista, 50, Boulevard de Strasboug, em Paris
--	--

PALAVRA	<i>HYSTERIA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	hister(o) <i>elem. Comp.</i> , do gr. <i>Hystéra</i> 'útero', que se documenta em alguns vocs. Formados no próprio grego, como <i>histérico</i> , por exemplo, e em vários outros introduzidos, a partir do séc. XIX, na linguagem científica internacional. (...) histeria 1858.
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	histeria. <i>S.f. psiq.</i> Afecção mental cujos sistemas se baseiam em conversão, e caracterizada por falta de controle sobre atos e emoções, ansiedade, sentido mórbido de autoconsciência, exagero do efeito de impressões sensoriais, e por simulação de diversas doenças

PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>CURA CERTA DAS MOLESTIAS NERVOSAS Epilepsia – Hysteria Choreã Hystero-Epilepsia Molestias do Cerebro e do Espinhaço Diabetes assucarado PELO XAROPE DE HENRY MURE com Bromureto de Potassium chimicamente puro BOM EXITO VERIFICADO POR 15 ANNOS DE EXPERIENCIAS NOS HOSPITAES DE PARIS Uma Noticia muito importante será dirigida a quem a pedir HENRY MURE, em Pont-St-Esprit (França) Deposito em todas as principaes Pharmacias.</p>
---	---

PALAVRA	<i>HYSTERICO</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>hister(o) <i>elem. Comp.</i>, do gr. <i>Hystéra</i> 'útero', que se documenta em alguns vocs. Formados no próprio grego, como <i>histérico</i>, por exemplo, e em vários outros introduzidos, a partir do séc. XIX, na linguagem científica internacional. (...)</p>

	histerico <i>hy</i> - 1844 (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	histérico <i>adj.</i> 1. relativo à, ou próprio da histeria. 2. que a tem. 3. <i>Pop.</i> Irritadiço, zangadiço, nervoso. • <i>s.m.</i> 4. aquele que tem ou mostra histeria.
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 01 de fevereiro de 1888. Campinas. Diário de Campinas.</p> <p>PRODUCTOS DE J.,-P. LAROZE APROVADOS pela junta de Hygiene do Brasil 2, RUA DES LIONS-SAINT-PAUL, 2, PARIS Xarope Depurativo de Casca de Laranja amarga aos Ioduretos de Potassio contra escrephulosas, cancerosas, syphiliticas, tumores brancos, da agrura do sangue, etc. Xarope Ferruginoso de Casca de Laranja e Quassia amara, ao Proto-Iodureto de Ferro contra as cores pallidas, chlorose, anemia, doenças de langor, rachitismo, etc. Xarope Sedativo de Casca de Laranja amarga, ao Bromureto de Potassio calmante certo contra as nevralgias, a epilepsia, o hysterico, insonia das crianças, todas as affecções</p>

	nervosas. Depósito em todas as boas Drogarias e Pharmacias.
--	--

PALAVRA	<i>LEPRA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	Lepra. <i>Sf.</i> ‘infecção crônica produzida or bacilo específico (o bacilo de Hansen)’ XV. Do lat. <i>Lepra –ae</i> , deriv. Do Gr. <i>lepra –as</i> (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	Lepra. <i>sf.</i> 1. patol. Infecção crônica devida a uma microbactéria (<i>Mycobacterium leprae</i>) descrita em 1874, por Gerhard Armauer Hansen (1841-1912), médico norueguês (...)
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	- 20 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano. - 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.

	<p>Syphilis Adquirida ou Hereditária, em todo os periodos, accidentes secundarios e terciários que resultão d'ella: Ulceração da bocca e da garganta, gommas, exostoses, carie dos ossos, rheumatismos, ulceras, impotencia, etc, etc. Scrofulas, vícios do sangue, molestias da pelle (Dartres, eclémas, lepra, herpes).- Cura certa, rápida e radical pelos celebres BISCOUTOS DEPURATIVOS do D'OLLIVIER, o mais poderoso anti-syphilitico, e receitado, há mais de 60 annos, pelos mais illustrados profissionaes; é o unico remedio, no mundo inteiro, approved pela Academia de Medicina de Paris; unico premiado com Recompensa Nacional de 24.000 Francos. Deposito Geral: 62, Rua de Rivali, Paris. Em São Paulo: Martins Labre & Companhia.</p> <hr/> <p>- 11 de abril de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>syphilis Adquirida ou Hereditária, em todo os periodos, accidentes secundarios e terciários que resultão d'ella: Ulceração da bocca e da garganta, Gommas, Exostoses, Carie dos ossos,</p>
--	---

	<p>Rheumatismos, Ulceras, Impotencia, etc, etc. Scrofulas, Vícios do Sangue, Molestias da pelle (Dartres, Eczémas, Lepra, Herpes).- Cura certa, rápida e radical pelos celebres biscoutos depurativos do d’ollivier, o mais poderoso anti-syphilitico, e receitado, há mais de 60 annos , pelos mais illustrados profissionaes; é o unico remedio, no mundo inteiro, Aprovado pela Academia de Medicina de Paris; unico premiado com Recompensa Nacional de 24.000 Francos. Deposito Geral: 62, Rua de Rivolli, Paris. Em São Paulo: Martins Labre & [Companhia].</p> <hr/> <p>- 4 de março de 1853. São Paulo. Aurora Paulistana.</p> <p>CURA CERTA e em pouco tempo de todas as enfermidades provenientes de vicio san- guineo, como –escrophulas, tube[r]- culos, lepra, syphylis, etc. etc.e [ilegível] particular as affecções de pape[ilegível] em seu principio. Etienne Lagarde. Pharmaceutico e cirurgião das faculdades Pariz e do Rio de Janeiro, ex-preparad[o] do Curso de Chimica da escola de medic[i]- na e</p>
--	--

	<p>pharmacia de Poi[furo]iers, membro da s[o]- cidade medica da mesma cidade e corres- pondente de algumas sociedades scientificas. Attenção! A experiencia junto á perseverança qu[e] hoje tem sido meus únicos guias no trata[men]- to das enfermidades acima mencionadas, os caracteres horriveis que ellas apresentam, desgostos que sobrem as pessoas que são de las atacadas devião naturalmente attrahir attenção de todo o homem amigo da huma- nidade. Antigamente estas enfermidades se consi- deravão com um principio contagioso, o que obrigava os doentes a buscar longe das povo- ações uma morada tranquilla, que lhes permi- tisse esperar com paciencia a hora que [o] Creador tivesse determinado para pôr term[.] a todos os seus soffrimentos; hoje porem assim não acontece: os progressos que tem feito [a] sciencia medica com os numerosos trabalhos e investigações da chimica, tem em fim intro- duzido na therapeutica e posto á disposição dos homens da sciencia um meio prophilati- cos contra estas crueis enfermidades fazendo assim esperar uma prompta cura a todos aquelles que o quizerem abraçar. Penetrado do sentimento o mais sincero da philanthropia, do amor á sociedade offereço o[s] meus recursos médicos e pharmaceuticos ad- quiridos por um aturado e longo estudo da na- tureza</p>
--	--

	<p>humana, E' pois com os medicamen- tos preparados por minhas próprias mãos qu[e] me proponho a curar a todos aqueles que m[e] quizerem procurar. Estou certo que os epithetos de – charlatão e especulador – ser-me-hão lançados por al- guns ao lerem este meu annuncio: porem não será por homens sensatos que serei assim [ilegível] xado. O sabio indaga, consulta, ouve, [ilegível] entre vós (como eu creio) existe algum rec[ilegível] conhecimento recebei de antemão toda a mi- nha gratidão. A vós, enfermos, eu dirijo meus offereci- mentos; eu saberei consolar-vos, e talvez da[r]- vos a panacéa benéfica da saude que tan[furo] desejaes. Seja o reconhecimento o fructo de meu[s] trabalhos e o único tributo que desejo obte[r] daquelles que me quizerem honrar com sua[s] consultas. Dirijão-se ao Hotel Paulistano, na rua d[e] São Bento número 35.</p>
--	--

PALAVRA	NEVRALGIA
ENTRADA NO DICIONÁRIO	neur(o)-, nevr(o)- <i>elem. comp.</i> , do gr. <i>neur(o)-</i> , de <i>neûron</i> ‘nervo’ (≥ lat.

ETIMOLÓGICO	<p><i>nervus</i>), que se documenta em vocs. eruditos introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX, particularmente no domínio da medicina. Não há, ao que parece, nenhuma razão de ordem científica que justifique a oscilação <i>neu-/nev-</i> (<i>neurastenia/nevralgia</i>) na formação dos compostos portugueses. Nos vocs. adiante relacionados essa oscilação fica patenteada, mas o motivo da preferência por uma das formas, <i>neu-</i> ou <i>nev-</i>, é, sem dúvida, aleatório. (...) nevralgia 1858. cp. <i>neuralgia</i> (...)</p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p>nevralgia <i>s.f. med.</i> Neuralgia.</p>
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>XAROPE DE FOLLET Sirop de Choral Follet E o calmante por excelencia que supprime a dor e procura o somno tranqüilo e natural nos casos de NEVRALGIAS – GOTTA – RHEUMA </p>

	<p>TISICA – FEBRES Exigir a Firma Fabrica casa FRERE, 19, rua Jacob, PARIZ.</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Acalma 8 vezes sobre 10 Enxaquecas Rheumatismos Nevralgias do Estomago da Cabeça e dos Intestinos Exigir a Firma Clertan [assinatura] 19, rua Jacob, PARIZ PEROLAS DE TERE BENTHINA DO DouteR CLERTAN Approbação da Academia de Medicina de Pariz Acalma 8 vezes sobre 10 Enfermidades do Fígado Cálculos biliares Catarrhos Pulmonares e da Bexiga Exigir a Firma Clertan [assinatura] 19, rua Jacob, Pariz</p>
--	--

PALAVRA	PANACÉA
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>pan-, pant(o)- <i>elem. comp.</i>, do gr. <i>pân</i> <i>pant(o)-</i> (cp. <i>pâs, pâsa, pân</i> – genit. <i>pantós, pases, pantós</i>) ‘tudo, todos’, que</p>

	<p>se documenta em alguns vocábulos formados no próprio grego, como <i>panaceia</i>, e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do século XIX. (...) panaceia <i>sf.</i> ‘remédio para todos os males’ 1813. do lat. <i>panacea</i> –ae, deriv. do gr. <i>panákeia</i>. (...)</p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p>panacéia. <i>Sf.</i> 1. remédio para todos os males. 2. preparado que tem certas propriedades gerais . 3. <i>fig.</i> Recursos se nenhum valor empregado para remediar dificuldades.</p>
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 4 de março de 1853. São Paulo. Aurora Paulistana.</p> <p>CURA CERTA e em pouco tempo de todas as enfermidades provenientes de vicio san- guineo, como –escrophulas, tube[r]- culos, lepra, syphylis, etc. etc.e [ilegível] particular as affecções de pape[ilegível] em seu principio. Etienne Lagarde. Pharmaceutico e cirurgião das faculdades Pariz e do Rio de Janeiro, ex-preparad[o] do Curso de</p>

	<p>Chimica da escola de medic[i]- na e pharmacia de Poi[furo]iers, membro da s[o]- cidade medica da mesma cidade e corres- pondente de algumas sociedades scientificas. Attenção! A experiencia junto á perseverança qu[e] hoje tem sido meus únicos guias no trata[men]- to das enfermidades acima mencionadas, os caracteres horriveis que ellas apresentam, desgostos que sobrevem as pessoas que são de las atacadas devião naturalmente attrahir attenção de todo o homem amigo da huma- nidade. Antigamente estas enfermidades se consi- deravão com um principio contagioso, o que obrigava os doentes a buscar longe das povo- ações uma morada tranquilla, que lhes permi- tisse esperar com paciencia a hora que [o] Creador tivesse determinado para pôr term[[]] a todos os seus soffrimentos; hoje porem assim não acontece: os progressos que tem feito [a] sciencia medica com os numerosos trabalhos e investigações da chimica, tem em fim intro- duzido na therapeutica e posto á disposição dos homens da sciencia um meio prophilati- cos contra estas crueis enfermidades fazendo assim esperar uma prompta cura a todos aquelles que o quizerem abraçar. Penetrado do sentimento o mais sincero da philanthropia, do amor á sociedade offereço o[s] meus recursos médicos e pharmaceuticos ad- quiridos por um</p>
--	--

	<p>aturado e longo estudo da na- tureza humana, E' pois com os medicamen- tos preparados por minhas próprias mãos qu[e] me proponho a curar a todos aquelles que m[e] quizerem procurar. Estou certo que os epithetos de – charlatão e especulador – ser-me-hão lançados por al- guns ao lerem este meu annuncio: porem não será por homens sensatos que serei assim [ilegível] xado. O sabio indaga, consulta, ouve, [ilegível] entre vós (como eu creio) existe algum rec[ilegível] conhecimento recebei de antemão toda a mi- nha gratidão. A vós, enfermos, eu dirijo meus offereci- mentos; eu saberei consolar-vos, e talvez da[r]- vos a panacéa benéfica da saude que tan[furo] desejaes. Seja o reconhecimento o fructo de meu[s] trabalhos e o único tributo que desejo obte[r] daquelles que me quizerem honrar com sua[s] consultas. Dirijão-se ao Hotel Paulistano, na rua d[e] São Bento número 35.</p>
--	---

PALAVRA	<i>PHARMACEUTICO</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO	farmácia <i>sf.</i> 'local em que se estocam e se

ETIMOLÓGICO	vendem medicamentos' 'tratado científico sobre os medicamentos' XVII. Do lat. Tard. <i>Pharmacia</i> , deriv. Do gr. <i>Pharmakéia</i> (...) farmacêutico XVII. Do lat. Tard. <i>Pharmaceuticus</i> , deriv. Do gr. <i>Pharmakeutikós</i> .
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	farmacêutico. <i>Adj.</i> 1. Respeitante a farmácia. • <i>s.m.</i> 2. Aquele que exerce a farmácia (3); boticário.
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 04 de abril de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Capsulas Mathey-Caylus Preparados pelo doutor clin Premio Montyon As Capsulas Mathey – Caylus com Envolucro delgado de Gluten não fadiga nunca o estomago e são recommendadas pelos Professores das Faculdades de Medicina e os Hospitales de Paris, Londres e New-York, para a cura rápida dos: Corrimentos antigos ou recentes, a Gonorrhea, a Blenorragia, a Cystite Du Collo, o Catarrho e as Molestia da Bexigas dos órgãos genito urinarios. Uma explicação detalhada acompanha cada Frasco. Exigir Verdadeiras Capsulas</p>

	<p>Mathey – Caylus de clin & Compagnie, de Paris, que se achão em casa dos Droguistas e Pharmaceuticos.</p> <hr/> <p>- 4 de março de 1853. São Paulo. Aurora Paulistana.</p> <p>CURA CERTA e em pouco tempo de todas as enfermidades provenientes de vicio san- guineo, como –escrophulas, tube[r]- culos, lepra, syphylis, etc. etc.e [ilegível] particular as affecçoens de pape[ilegível] em seu principio. Etienne Lagarde. Pharmaceutico e cirurgião das faculdades Pariz e do Rio de Janeiro, ex-preparad[o] do Curso de Chimica da escola de medic[i]- na e pharmacia de Poi[furo]iers, membro da s[o]- ciedade medica da mesma cidade e corres- pondente de algumas sociedades scientificas. Attenção! A experiencia junto á perseverança qu[e] hoje tem sido meus únicos guias no trata[men]- to das enfermidades acima mencionadas, os caracteres horriveis que ellas apresentam, desgostos que sobrevem as pessoas que são de las atacadas devião naturalmente attrahir attenção de todo o homem amigo da huma- nidade. Antigamente estas</p>
--	---

	<p> enfermidades se consi- deravão com um principio contagioso, o que obrigava os doentes a buscar longe das povo- ações uma morada tranquilla, que lhes permi- tisse esperar com paciencia a hora que [o] Creador tivesse determinado para pôr term[] a todos os seus soffrimentos; hoje porem assim não acontece: os progressos que tem feito [a] sciencia medica com os numerosos trabalhos e investigações da chimica, tem em fim intro- duzido na therapeutica e posto á disposição dos homens da sciencia um meio prophilati- cos contra estas crueis enfermidades fazendo assim esperar uma prompta cura a todos aquelles que o quizerem abraçar. Penetrado do sentimento o mais sincero da philanthropia, do amor á sociedade offereço o[s] meus recursos médicos e pharmaceuticos ad- quiridos por um aturado e longo estudo da na- tureza humana, E' pois com os medicamen- tos preparados por minhas próprias mãos qu[e] me proponho a curar a todos aquelles que m[e] quizerem procurar. Estou certo que os epithetos de – charlatão e especulador – ser-me-hão lançados por al- guns ao lerem este meu annuncio: porem não será por homens sensatos que serei assim [ilegível] xado. O sabio indaga, consulta, ouve, [ilegível] entre vós (como eu creio) existe algum rec[ilegível] conhecimento recebei de </p>
--	---

	<p>antemão toda a mi- nha gratidão. A vós, enfermos, eu dirijo meus offereci- mentos; eu saberei consolar-vos, e talvez da[r]- vos a panacéa benéfica da saude que tan[furo] desejaes. Seja o reconhecimento o fructo de meu[s] trabalhos e o único tributo que desejo obte[r] daquelles que me quizerem honrar com sua[s] consultas. Dirijão-se ao Hotel Paulistano, na rua d[e] São Bento <i>número 35</i>.</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Medico e pharmaceutico Doutor Ulysses Cruz com longa pratica de hospitaes e for- mado em ambas as faculdades de medi- cina do Brazil, é encontrado em seu con- sultorio na rua do Thezouro <i>número 9</i>, sobrado, do meio dia as 3 da tar- de e sua residência para o largo do Arouche <i>número 39</i>. ESPECIALIDADE Molestias decrianças, de senhoras, da pelle e shyphiliticas. Gratis aos pobres</p> <hr/>
--	--

	<p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Gotta, Rheumatismo, Dores Solução do Doutor Clin Laureado da Faculdade de Medicina de Paris. – Premio Montyon. A Verdadeira Solução Clin ao Salicylato de Soda emprega-se para curar: AS Affecções Rheumatismas agudas e chronicas, o Rheumatismo gottoso, as Dores articulares e musculares, e todas as vezes que é necessario calmar os soffrimentos ocasionados por estas molestias. A Verdadeira Solução Clin é o melhor remédio contra o Rheumatismo, a Gotta e as Dores. Uma explicação detalhada acompanha cada frasco. Exigir a Verdadeira Solução de Clin & Companhia, de PARIS, que se encontra em casa dos Droguistas e Pharmaceuticos.</p>
--	---

PALAVRA	<i>PHARMACIA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	farmácia <i>sf.</i> 'local em que se estocam e se vendem medicamentos' 'tratado científico sobre os medicamentos' XVII. Do lat.

	Tard. <i>Pharmacia</i> , deriv. Do gr. <i>Pharmakéia</i> (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	farmácia. <i>S.f.</i> 1. parte da farmacologia que trata da maneira de preparar, caracterizar e conservar os medicamentos. 2. estabelecimento onde se preparam e vendem medicamentos. 3. Profissão do farmacêutico. 4. Coleção de medicamentos. 5. Conjunto de medicamentos que se têm em casa, num colégio, numa repartição, etc., para uso no tratamento de leves indisposições, ou em primeiros socorros.
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	- 15 de dezembro de 1898. São Paulo. A Notícia. Pharmacia Saõ Bento Attendendo a crise em que atravessamos e em vista das difficuldades que tenho lutado para os meus recebimentos resolvi, para poder attender as exigencias dos meus fornecedores e tambem para poder continuar [] vender a praso aos meos bons

	<p>freguezes deminuir o praso antigo de 90 dias para 60 dias, d'esta data em diante. Certo de que continue honrrarme com sua freguezia, anticipo agradecido e com muita estima Sou de Vossa Senhoria Amigo e [ilegível] Francisco do Amarl Baros</p> <hr/> <p>- 29 de janeiro de 1899. São Paulo. A Notícia.</p> <p>A EMULSÃO DE SCOTT de Oleo de Figado de Bacalhau com Hipophos phitos de Cal e Soda É UM REMÉDIO-ALIMENTOPOR EXCELENCIA Porque o Oleo de Figado de Bacalhau como alimento é d'um valor importantissimo,- fortalece e engorda-Como remedio rico,-é magnifico creador d sangue assim como um bom remedio alterante. espinha dorsal e systema osseo, e a combinação d'estes preciosos componentes produz o melhor reconstituente, tonico e purificador de sangue, que a sciencia medica conhece. Não te rival para todas as molestias debilitantes. "ha annos emprego a Emulsão de" Ha mais de 20 annos que emprego Scott, e seguro contra affecções do em minha clinica, sempre com muito</p>
--	--

	<p> apparelho respiratorioe para vantagem nos casos em que é combater a asthenia em geral." Diz indicada" Diz o deistincto Doutor José o illustrado Doutor Bacellar, do Rio Justino de Mello, de Paranaguá Grande do Sul. Cautella com Imitações A' venda em todas as Drogarias Falsificações. e Pharmacias. Exija-se a Legitima Scott & Bowne, Chimicos, New York, E.U.A. </p> <hr/> <p> - 28 de fevereiro de 1875. Campinas. A Mocidade. </p> <p> NOVA PHARMACIA CAMPINENSE 31 - Rua do Commercio - 31 Tendo este estabelecimento recebido um grande sortimento de drogas, acha-[s]e em condicções de satisfazer quaesquer pedidos e receituarios medicos que lhe forem dirigidos. Garante-se a boa qualidade das drogas e promptidão nas remessas que lhe forem pedidas, esperando por isso a concorrencia do respeitavel publico. </p> <hr/>
--	--

	<p>- 01 de fevereiro de 1888. Campinas. Diário de Campinas.</p> <p>PRODUCTOS DE J.,-P. LAROZE APROVADOS pela junta de Hygiena do Brasil 2, RUA DES LIONS- SAINT-PAUL, 2, PARIS Xarope Depurativo de Casca de Laranja amarga aos Ioduretos de Potassio contra escrephulosas, cancerosas, syphiliticas, tumores brancos, da agrura do sangue, etc. Xarope Ferruginoso de Casca de Laranja e Quassia amara, ao Proto- Iodureto de Ferro contra as cores pallidas, chlorose, anemia, doenças de langor, rachitismo, etc. Xarope Sedativo de Casca de Laranja amarga, ao Bromureto de Potassio calmante certo contra as nevralgias, a epilepsia, o hystericico, insonia das crianças, todas as affecções nervosas. Deposito em todas as boas Drogarias e Pharmacias</p> <hr/> <p>- 01 de fevereiro de 1888. Campinas. Diário de Campinas.</p>
--	---

	<p>O Elixir alimenticio Ducro e muito agradavel ao paladar e as pessoas a quem mais repugnam os aimentos, o tomam até por gosto. É um tonico poderosissimo, aconselhado para as mulheres e a crianças delicadas, os velhos, os convalescentes em que desperta o appetite e restabelece as forças. Convem sobretudo nos paizes quentes, onde as forças diminuem pela transpiração, e onde se esta sujeito a molestias contagiosas. - Para mais detalhes. leia-se o prospecto que acompanha cada vidro. Pariz 20, Place des Vosges E EM TODAS AS PHARMACIAS</p> <hr/> <p>- 13 de julho de 1879. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Essencia depurativa ferru ginosa do doutor A. A. Ribeiro PREPARADO POR J. PASSOS EXAMINADA E AUCTORISADA PELA EXCELENTÍSSIMA JUNTA CENTRAL DE HYGIENE PUBLICA Este prodigioso medicamento, o mais effi caz contra as molestias syphiliticas, boubat icas, escrophulas e rheumaticas,</p>
--	--

	<p>acha-se á venda no deposito abaixo. Encarecer as virtudes desse preparo fôra repetir o que é unanimemente proclamado pelas mais celebres summidades medicas do Rio de Janeiro, Campos, Nitheroy, etc. Chamamos a atenção do publico para o almanak que se distribue no nosso deposito. Único deposito nesta capital os <i>senhores</i> Fonse Ca e Kiehl – Pharmacia Ypiranga – rua Di reita <i>número</i> 32. Único deposito do UNGUENTO MOREL na mesma pharmacia.</p> <hr/> <p>- 05 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulista.</p> <p>Alcatrão de Guyot Gordon de Guyot Purifica o sangue, aumenta o apetite, levanta as forças e é efficaz em todas as doenças dos pulmões, catarrhas da bexiga e affecções das mucosas. O Alcatrão de Guyot foi experimentado som vantagem real, nos principães hospitães de França, da Bélgica e Espanha. Durante os calôres e em tempo epidemico é uma bebida higienica e preservadora. Um só vidro basta para preparar doze litros d'uma bebida salutarissima. O Alcatrão de</p>
--	--

	<p>Guyot Authentico é vendido em vidras trazendo na rotulo e com trez cores a assgnatura. Venda a varejo na mor parte das pharmacias. Fabricação em atacado: Casa L. Frere.</p> <hr/> <p>- 07 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Cura Certa das Molestias Nervosas Epilepsia-Hysteria Molestias do Cerebro e do Espinhaço Choreã Diabete Assucarado Hystero-Epilepsia Xarope de Henry Bom exito verificado por 15 annos de experiencia nos Hos pitaes de Paris. Uma notícia muito importante será dirigida a quem a pedir depositos em todas as principaes Pharmacias.</p> <hr/> <p>- 4 de março de 1853. São Paulo. Aurora Paulistana.</p> <p>CURA CERTA e em pouco tempo de todas as enfermidades provenientes de vicio san- guineo, como –escrophulas,</p>
--	---

	<p>tube[r]- culos, lepra, syphylis, etc. etc.e [ilegível] particular as affecções de pape[ilegível] em seu principio. Etienne Lagarde. Pharmaceutico e cirurgião das faculdades Pariz e do Rio de Janeiro, ex-preparad[o] do Curso de Chimica da escola de medic[i]- na e pharmacia de Poi[furo]liers, membro da s[o]- cidade medica da mesma cidade e corres- pondente de algumas sociedades scientificas. Attenção! A experiencia junto á perseverança qu[e] hoje tem sido meus únicos guias no trata[men]- to das enfermidades acima mencionadas, os caracteres horriveis que ellas apresentam, desgostos que sobrem as pessoas que são de las atacadas devião naturalmente attrahir attenção de todo o homem amigo da huma- nidade. Antigamente estas enfermidades se consi- deravão com um principio contagioso, o que obrigava os doentes a buscar longe das povo- ações uma morada tranquilla, que lhes permi- tisse esperar com paciencia a hora que [o] Creador tivesse determinado para pôr term[] a todos os seus soffrimentos; hoje porem assim não acontece: os progressos que tem feito [a] sciencia medica com os numerosos trabalhos e investigações da chimica, tem em fim intro- duzido na therapeutica e posto á disposição dos homens da sciencia um meio prophilati- cos contra estas crueis enfermidades</p>
--	---

	<p>fazendo assim esperar uma prompta cura a todos aquelles que o quizerem abraçar. Penetrado do sentimento o mais sincero da philanthropia, do amor á sociedade offereço o[s] meus recursos médicos e pharmaceuticos ad- quiridos por um aturado e longo estudo da na- tureza humana, E' pois com os medicamen- tos preparados por minhas próprias mãos qu[e] me proponho a curar a todos aquelles que m[e] quizerem procurar. Estou certo que os epithetos de – charlatão e especulador – ser-me-hão lançados por al- guns ao lerem este meu annuncio: porem não será por homens sensatos que serei assim [ilegível] xado. O sabio indaga, consulta, ouve, [ilegível] entre vós (como eu creio) existe algum rec[ilegível] conhecimento recebei de antemão toda a mi- nha gratidão. A vós, enfermos, eu dirijo meus offereci- mentos; eu saberei consolar-vos, e talvez da[r]- vos a panacéa benéfica da saude que tan[furo] desejaes. Seja o reconhecimento o fructo de meu[s] trabalhos e o único tributo que desejo obte[r] daquelles que me quizerem honrar com sua[s] consultas. Dirijão-se ao Hotel Paulistano, na rua d[e] São Bento número 35.</p> <hr/>
--	--

	<p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Mosquitos PERCEVEJOS, PULGAS ETC. desaparecem infallivelmente com o uso do bem conhecido e verdadeiro 60 6 O’ DA PERSIA Chegou nova remessa á Pharmacia Ypiranga <i>Número 25</i> – RUA DIREITA – <i>Número 25</i> EM SÃO PAULO Preço de um pacote 1\$000 A dúzia 9\$000 Cada pacote do verdadeiro Pó da Pérsia leva detalhada ex- plicação de seu uso Remette-se para o interior.</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>VINHO Tónico-Nutritivo DEFRESNE Com Peptons. (Carne assimilável) FERRO E LACTO-PHOSPHATO DE CAL NATURAES Sendo o Vinho Defresne d’um gosto delicioso, também é o unico reconsti- tuinte natural e completo. É o mais precioso de todos os tónicos; sob a sua influencia, desvanecem-se os accidentes febris, renasce o</p>
--	--

	<p>appetite, forta- lecem-se os musculos e voltam as forças. Emprega-se com êxito contra a inappe- tencia, os crescimentos rápidos, com ra- lecoenças, molestias de estomago, a anemia e [ilegível]. DEFRESNE, Fornecedor dos Hospitales, Paris. E todas as Pharmacias</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>LINIMENTO GÉNEAU Para os CAVALLOS SUPRESSÃO do FOGO e da QUEDA do PELLO MARCA DE FABRICA SUBSTITUE o FOGO em todas as suas APLICAÇÕES A cura faz-se com a mão em 3 minutos, sem dor e sem cortar, nem raspar o pello. Pharmia GÉNEAU, 275, Rua St-Honoré, PARIS E EM TODAS AS PHARMACIAS</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Grande Êxito ha mais de 30 annos </p>
--	---

	<p>XAROPE DE BLAYN Licenciado pela Inspectoria de Hygiene do Imperio do Brazil Este Medicamento, de sabor agradável, é adoptado pelos melhores Médicos de Paris CONTRA DEFLUXOS, GRIPPE, TOSSE, DORES DE GARGANTA CATARRO PULMONAR IRRITAÇÕES do PEITO, das VIAS URINARIAS e da BEXIGA PARIS – Pharmacia BLAYN, 8, Avenue Victoria – Paris Depositos em todas as principaes Pharmacias.</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>CONSTIPAÇÕES e MOLESTIAS do PEITO XAROPE ANTIPHOLOGISTICO BRIANT PARIS, Pharmacia BRIANT, 150, rua de Rivoli, PARIS. As celebridades medicas de Paris recommendão ha mais de 30 annos o XAROPE BRIANT como o medicamento peitoral de gosto mais agradável e de efficacia mais certa de Defluxos, Constipações, Catharros, etc. Este Xarope nunca [ilegível] – Deve-se exigir a Brochura em nove linguas com a assignatura bem lisivel do inventor: </p>
--	---

	<p>DEPOSITO EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS.</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Licenciado pela Inspectoria de Hygiene do Império do Brazil. CAPSULAS DE SANDALO CRITIN: de Savaresse Preparação alguma é mais efficaz contra as MOLESTIAS SECRETAS do que as famosas Capsulas universalmente recommendadas pelos Médicos. Uma caixa (com instrucções completas para o tratamento) cura geralmente dentro de uma semana. EVANS, SONS & <i>Companhia</i>, em LIVERPOOL – EVANS, LESCHER & WEBB, em LONDRES DEPOSITOS EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS.</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>VERDAEIROS GRÃOS DE SAUDE DO DoutoR FRENCK LICENCIADOS</p>
--	--

	<p>PELA INSPECTORIA GERAL DE HYGIENE DO IMPERIO DO BRAZIL Aparientes, Estomachinos, Purgativos, Depurativos Contra a Falta de appetite, a Obstrução, a Enxaqueca, as Vertigems, as congestões, etc. – Dose ordinaria: 1, 2, á 3 grãos. Desconfiar as falsificações – Exigir o rotulo junto imprimido em frencez e com letras de 4 cores, sendo cada letra de uma côr differente e O Sello da União dos Fabricantes. Em Pariz, Pharmacia Leroy – Depósitos em todas as principaes pharmacias.</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>CURA CERTA DAS MOLESTIAS NERVOSAS Epilepsia – Hysteria Choreã Hystero-Epilepsia Molestias do Cerebro e do Espinhaço Diabetes assucarado PELO XAROPE DE HENRY MURE com Bromureto de Potassium chimicamente puro BOM EXITO VERIFICADO POR 15 ANNOS DE EXPERIENCIAS NOS HOSPITAES DE PARIS Uma Noticia muito importante será dirigida a quem a pedir HENRY MURE, em Pont-St-Esprit</p>
--	--

	<p>(França) Depósito em todas as principaes Pharmacias.</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Santo JEAN de La Croix [gravura] AGUA DE MELISSA dos CAMELITAS BOYER Unico successor dos Carmelitas SAINTE THERESE [gravura] PARIS – 14, Rua de l’Abbaye, 14 – PARIS EAU DES CARMES RUE TARANNE Número 14 TRANSFÉRÉE 14 RUE DE L’ABBAYE PARIS [brazão] CONTRA Apoplexia Cholera Enjôo do mar Faltos Cólicas Indigestões Febre amarella, etc. Ler o prospecto no qual vai envolvido cada vidro Deve-se exigir o letreiro branco e preto, em todos os vidros, seja qual fôr o tamanho. Desconfiar AS FALSIFICAÇÕES e Exigir a assignatura de [assinatura] DEPOSITO EM TODAS AS PHARMACIAS DO Universo.</p>
--	---

PALAVRA	<i>PHOSPHATO</i>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>fósforo <i>sm.</i> 'orig. substância que resplandece, que brilha no escuro' 1813; 'palito provido de uma cabeça composta de fósfora e outras substâncias químicas que se inflamam quando atritadas numa superfície áspera' <i>phosphoro</i> 1860 '(Quim) elemento químico, não metálico, de número atômico 15 <i>phosphoro</i> 1844 do lat. <i>phosphorus</i>, deriv. do gr. <i>phosphóros</i> (< <i>phos</i> 'luz' + <i>-phorós</i> 'que conduz') (...) fosfato <i>phosph-</i> 1858 do fr. <i>phosphat</i>, voc introduzida na linguagem científica internacional, em 1787, pelo francês de Morveau</p>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>fosfato. <i>S.m.Quím.</i> Qualquer sal do ácido fosfórico</p>
<p>PERIÓDICO, DATA E</p>	<p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>VINHO Tônico-Nutritivo DEFRESNE</p>

CIDADE DE ORIGEM	<p> Com Peptons. (Carne assimilavel) </p> <p>FERRO E LACTO-PHOSPHATO DE CAL NATURAES Sendo o Vinho Defresne d'um gosto delicioso, tambem é o unico reconsti- tuinte natural e completo. É o mais precioso de todos os tonicos; sob a sua influencia, desvanecem-se os accidentes febris, renasce o appetite, forta- lecem-se os musculos e voltam as forças. Emprega-se com êxito contra a inappe- tencia, os crescimentos rápidos, com ra- lecoenças, molestias de estomago, a anemia e [ilegível]. </p> <p>DEFRESNE, Fornecedor dos Hospitales, Paris. E todas as Pharmacias</p>
-------------------------	---

PALAVRA	<i>PROPHILATICO</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>profilaxia. <i>Sf.</i> ‘emprego de meios para evitar doenças’ <i>prophilaxia</i> 1873 do fr. <i>prophilaxie</i>, deriv. do lat. cient. <i>prophylaxis</i> e, este do gr. <i>prophýlaxis</i> ‘precaução’ profilático <i>prophilactico</i> 1858 do fr. <i>prophylactique</i>, do gr. <i>prophylaktikós</i>.</p>

<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>profilático. <i>Adj.</i> 1. relativo a profilaxia. 2. preservativo, preventivo.</p>
<p>PERIÓDICO,</p> <p>DATA</p> <p>E</p> <p>CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>- 4 de março de 1853. São Paulo. Aurora Paulistana.</p> <p>CURA CERTA e em pouco tempo de todas as enfermidades provenientes de vicio san- guineo, como –escrophulas, tube[r]- culos, lepra, syphylis, etc. etc.e [ilegível] particular as affecções de pape[ilegível] em seu principio. Etienne Lagarde. Pharmaceutico e cirurgião das faculdades Pariz e do Rio de Janeiro, ex-preparad[o] do Curso de Chimica da escola de medic[i]- na e pharmacia de Poi[furo]iers, membro da s[o]- cidade medica da mesma cidade e corres- pondente de algumas sociedades scientificas. Attenção! A experiencia junto á perseverança qu[e] hoje tem sido meus únicos guias no trata[men]- to das enfermidades acima mencionadas, os caracteres horriveis que ellas apresentam, desgostos que sobrem as pessoas que são de las atacadas devião naturalmente attrahir attenção de todo o homem amigo da huma- nidade. Antigamente estas</p>

	<p> enfermidades se consi- deravão com um principio contagioso, o que obrigava os doentes a buscar longe das povo- ações uma morada tranquilla, que lhes permi- tisse esperar com paciencia a hora que [o] Creador tivesse determinado para pôr term[] a todos os seus soffrimentos; hoje porem assim não acontece: os progressos que tem feito [a] sciencia medica com os numerosos trabalhos e investigações da chimica, tem em fim intro- duzido na therapeutica e posto á disposição dos homens da sciencia um meio prophilati- cos contra estas crueis enfermidades fazendo assim esperar uma prompta cura a todos aquelles que o quizerem abraçar. Penetrado do sentimento o mais sincero da philantropia, do amor á sociedade offereço o[s] meus recursos médicos e pharmaceuticos ad- quiridos por um aturado e longo estudo da na- tureza humana, E' pois com os medicamen- tos preparados por minhas próprias mãos qu[e] me proponho a curar a todos aquelles que m[e] quizerem procurar. Estou certo que os epithetos de – charlatão e especulador – ser-me-hão lançados por al- guns ao lerem este meu annuncio: porem não será por homens sensatos que serei assim [ilegível] xado. O sabio indaga, consulta, ouve, [ilegível] entre vós (como eu creio) existe algum rec[ilegível] conhecimento recebei de </p>
--	---

	<p>antemão toda a mi- nha gratidão. A vós, enfermos, eu dirijo meus offereci- mentos; eu saberei consolar-vos, e talvez da[r]- vos a panacéa benéfica da saude que tan[furo] desejaes. Seja o reconhecimento o fructo de meu[s] trabalhos e o único tributo que desejo obte[r] daquelles que me quizerem honrar com sua[s] consultas. Dirijão-se ao Hotel Paulistano, na rua d[e] São Bento número 35.</p>
--	--

PALAVRA	<i>RACHITISMO</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	<p>raqui(o)- <i>elem. Comp.</i>, do gr. <i>Ráchis</i> 'espinha dorsal, espinha vertebral", que se documenta em alguns compostos introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX. (...) raquitismo 1858.</p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p>raquitismo. <i>S. m. 1. Patol.</i> Doença da infância, produzida por distúrbiosdo metabolismo do cácio e do fósforo, por efeito de carência de vitamina D, e que se manifesta, sobretudo, por alterações e deformidades do esqueleto (...).</p>

PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 01 de fevereiro de 1888. Campinas. Diário de Campinas.</p> <p>PRODUCTOS DE J.,-P. LAROZE APROVADOS pela junta de Hygiena do Brasil 2, RUA DES LIONS-SAINT-PAUL, 2, PARIS Xarope Depurativo de Casca de Laranja amarga aos Ioduretos de Potassio contra escrephulosas, cancerosas, syphiliticas, tumores brancos, da agrura do sangue, etc. Xarope Ferruginoso de Casca de Laranja e Quassia amara, ao Proto-Iodureto de Ferro contra as cores pallidas, chlorose, anemia, doenças de langor, rachitismo, etc. Xarope Sedativo de Casca de Laranja amarga, ao Bromureto de Potassio calmante certo contra as nevralgias, a epilepsia, o hystérico, insonia das crianças, todas as affecções nervosas. Deposito em todas as boas Drogarias e Pharmacias</p>

PALAVRA	<i>RHEUMA</i>
----------------	----------------------

ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	reuma <i>sf.</i> (Patol.) fluxo de humor catarral ou aquoso' XVII, <i>rreyma</i> XIV Do lat. <i>Rheuma</i> , deriv. Do gr. <i>Rheûma –atos</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	reuma <i>s.f. patol.</i> Fluxo de humor catarral ou aquoso. [Var.: <i>reima</i>]
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>XAROPE DE FOLLET Sirop de Choral Follet E o calmante por excelencia que supprime a dor e procura o somno tranqüilo e natural nos casos de NEVRALGIAS – GOTTA – RHEUMA TISICA – FEBRES Exigir a Firma Fabrica casa FRERE, 19, rua Jacob, PARIZ.</p>

PALAVRA	<i>RHEUMATICAS</i>
----------------	---------------------------

<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>reuma <i>sf.</i> (Patol.) fluxo de humor catarral ou aquoso' XVII, <i>rreyma</i> XIV Do lat. <i>Rheuma</i>, deriv. Do gr. <i>Rheûma</i> -atos (...) reumático 1813. do lat. Tard. <i>Rheumaticus</i>, deriv. Do Gr. <i>rheumatikós</i></p>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>Reumático. <i>Adj.</i> 1. relativo a reuma. 2. reumatismal. 3. que sofre de reumatismo. • <i>s.m.</i> 4. indivíduo que sofre de reumatismo.</p>
<p>PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>- 13 de julho de 1879. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Essencia depurativa ferru ginosa do doutor A. A. Ribeiro PREPARADO POR J. PASSOS EXAMINADA E AUCTORISADA PELA EXCELENTÍSSIMA JUNTA CENTRAL DE HYGIENE PUBLICA Este prodigioso medicamento, o mais effi caz contra as molestias syphiliticas, boubu ticas, escrophulas e rheumaticas, acha-se á venda no deposito abaixo. Encarecer as virtudes desse preparo</p>

	<p>fôra repetir o que é unanimemente proclamado pelas mais celebres summidades medicas do Rio de Janeiro, Campos, Nitheroy, etc. Chamamos a atenção do publico para o al manak que se distribue no nosso deposito. Único deposito nesta capital os <i>senhores</i> Fonse Ca e Kiehl – Pharmacia Ypiranga – rua Di reita <i>número</i> 32. Único deposito do UNGUENTO MOREL na mesma pharmacia.</p>
--	--

PALAVRA	<i>RHEUMATISMAES</i>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>reuma <i>sf.</i> (Patol.) fluxo de humor catarral ou aquoso' XVII, <i>rreyma</i> XIV Do lat. <i>Rheuma</i>, deriv. Do gr. <i>Rheûma</i> -atos (...)</p> <p>reumatismo 1813. Do lat. tard. <i>Rheumatismus</i>, deriv. do gr. <i>rheumatismós</i>.</p> <p>REUMATIMAS : SEM REGISTRO</p>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>reumatismal. <i>Adj.</i> 2 g. relativo ao, ou da natureza do reumatismo; reumático</p>

PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Gotta, Rheumatismo, Dores Solução do Doutor Clin Laureado da Faculdade de Medicina de Paris. – Premio Montyon. A Verdadeira Solução Clin ao Salicylato de Soda emprega-se para curar: AS Affecções Rheumatismaes agudas e chronicas, o Rheumatismo gottoso, as Dores articulares e musculares, e todas as vezes que é necessario calmar os soffrimentos occasionados por estas molestias. A Verdadeira Solução Clin é o melhor remédio contra o Rheumatismo, a Gotta e as Dores. Uma explicação detalhada acompanha cada frasco. Exigir a Verdadeira Solução de Clin & <i>Companhia</i>, de PARIS, que se encontra em casa dos Droguistas e Pharmaceuticos.</p>

PALAVRA	<i>RHEUMATISMO</i>

<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO</p>	<p>reuma <i>sf.</i> (Patol.) fluxo de humor catarral ou aquoso' XVII, <i>rreyma</i> XIV Do lat. <i>Rheuma</i>, deriv. Do gr. <i>Rheûma</i> -atos (...)</p> <p>reumatismo 1813. Do lat. tard. <i>Rheumatismus</i>, deriv. do gr. <i>rheumatismós</i>.</p>
<p>ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM</p>	<p>reumatismo. <i>S.m.</i> designação imprecisa</p>
<p>PERIÓDICO,</p> <p>DATA</p> <p>E</p> <p>CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>- 26 de maio de 1872. Campinas. Gazeta de Campinas.</p> <p>Medicamentos Homeopathicos No estabelecimento do Roso & Filho em liquidação, á rua do Commercio número 45, encontra-se sempre grande sortimento destes medicamentos, em tinturas, globulos, e opodeldoc de Bryonia, Rhux para rheumatismo, do laboratoio do doutor Cochrane & Pinho, do Rio de Janeiro, bem assim livros homeopathicos</p> <hr/> <p>- 20 de julho de 1887. São Paulo. Correio</p>

	<p>Paulistano.</p> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Syphilis Adquirida ou Hereditária, em todos os periodos, accidentes secundarios e terciários que resultão d'ella: Ulceração da bocca e da garganta, gommas, exostoses, carie dos ossos, rheumatismos, ulceras, impotencia, etc, etc. Scrofulas, vícios do sangue, molestias da pelle (Dartres, eclémas, lepra, herpes).- Cura certa, rápida e radical pelos celebres BISCOUTOS DEPURATIVOS do D'OLLIVIER, o mais poderoso anti-syphilitico, e receitado, há mais de 60 annos, pelos mais illustrados profissionaes; é o unico remedio, no mundo inteiro, approvedo pela Academia de Medicina de Paris; unico premiado com Recompensa Nacional de 24.000 Francos. Deposito Geral: 62, Rua de Rivali, Paris. Em São Paulo: Martins Labre & Companhia.</p> <hr/> <p>- 03 de janeiro de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p>
--	--

	<p>Grande descoberta O maior sucesso da época que atravessámos é a descoberta do prodigioso vegetal, cujo vegetal em si, a acção maravilhosa de destruir todos os virus de syphilitico. A descoberta deste remedio que é Vegetal Por Excellencia; é a verdadeira Maravilha Do Seculo XIX !</p> <p>! Os sábios estudos de muitos annos e as sucessivas experiências do illustrado e intelligente senhor M. Morato, deram em resultado que o grande remedio, pura exclusiva e unicamente vegetal a que deu o nome de “Exilir depurativo de M. Morato” cura completa e rapidamente toda syphilis, curo o rheumatismo, com uma felicidade espantosa, cura a asthma, e, usado convenientemente, tem, com espanto de centenas de pessoas, curado o terrivel mas a Morphèa !!! A grande descoberta deste esplendoroso remédio é a felicidade da humanidade, é o passo mais gigantesco dado na medicina.</p> <p>Procurar: “Exilir depurativo de M. Morato” propagado por Doutor Carlos. Agente Depositário Em São Paulo Peixoto Estella & Companhia Rua de São Bento número 11 Preços 20 Exilir – frasco. 5\$000 Duzia. 50\$000</p>
--	--

	<p>- 11 de abril de 1889. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>syphilis Adquirida ou Hereditária, em todos os periodos, accidentes secundarios e terciários que resultão d'ella: Ulceração da bocca e da garganta, Gommas, Exostoses, Carie dos ossos, Rheumatismos, Ulceras, Impotencia, etc, etc. Scrofulas, Vícios do Sangue, Molestias da pelle (Dartres, Eczémas, Lepra, Herpes).- Cura certa, rápida e radical pelos celebres biscoutos depurativos do d'ollivier, o mais poderoso anti-syphilitico, e receitado, há mais de 60 annos, pelos mais illustrados profissionaes; é o unico remedio, no mundo inteiro, Aprovado pela Academia de Medicina de Paris; unico premiado com Recompensa Nacional de 24.000 Francos. Deposito Geral: 62, Rua de Rivolli, Paris. Em São Paulo: Martins Labre & [Companhia].</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Acalma 8 vezes sobre 10 Enxaquecas </p>
--	--

	<p>Rheumatismos Nevralgias do Estomago da Cabeça e dos Intestinos Exigir a Firma Clertan [assinatura] 19, rua Jacob, PARIZ PEROLAS DE TEREBENTHINA DO <i>Douto</i>R CLERTAN Approvação da Academia de Medicina de Pariz Acalma 8 vezes sobre 10 Enfermidades do Fígado Cálculos biliares Catarrhos Pulmonares e da Bexiga Exigir a Firma Clertan [assinatura] 19, rua Jacob, Pariz</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Gotta, Rheumatismo, Dores Solução do Doutor Clin Laureado da Faculdade de Medicina de Paris. – Premio Montyon. A Verdadeira Solução Clin ao Salicylato de Soda emprega-se para curar: AS Affecções Rheumatismas agudas e chronicas, o Rheumatismo gottoso, as Dores articulares e musculares, e todas as vezes que é necessario calmar os soffrimentos ocasionados por estas molestias. A Verdadeira Solução Clin é o melhor remédio contra o Rheumatismo, a Gotta e as Dores. Uma explicação detalhada acompanha cada frasco. Exigir</p>
--	---

	a Verdadeira Solução de Clin & Companhia, de PARIS, que se encontra em casa dos Droguistas e Pharmaceuticos.
--	--

PALAVRA	<i>THERAPEUTICA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	terapêutica. sf. ‘parte da medicina que estuda e põe em prática os meios adequados para aliviar o curar doenças’ <i>the-</i> XIX do fr. <i>thérapeutique</i> , deriv. do lat. tard. <i>therapeutica</i> e, este, do gr. <i>therapeutiké</i> , de <i>therapéuo</i> ‘eu curo’ (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	terapêutica. <i>s.f.</i> parte da medicina que estuda e põe em prática os meios adequados para aliviar ou curar os doentes; terapia. (...)
PERIÓDICO, DATA	- 4 de março de 1853. São Paulo. Aurora Paulistana.

<p>E</p> <p>CIDADE DE ORIGEM</p>	<p>CURA CERTA e em pouco tempo de todas as enfermidades provenientes de vicio san- guineo, como –escrophulas, tube[r]- culos, lepra, syphylis, etc. etc.e [ilegível] particular as affecções de pape[ilegível] em seu principio. Etienne Lagarde. Pharmaceutico e cirurgião das faculdades Pariz e do Rio de Janeiro, ex-preparad[o] do Curso de Chimica da escola de medic[i]- na e pharmacia de Poi[furo]liers, membro da s[o]- cidade medica da mesma cidade e corres- pondente de algumas sociedades scientificas. Attenção! A experiencia junto á perseverança qu[e] hoje tem sido meus únicos guias no trata[men]- to das enfermidades acima mencionadas, os caracteres horriveis que ellas apresentam, desgostos que sobreveem as pessoas que são de las atacadas devião naturalmente attrahir attenção de todo o homem amigo da huma- nidade. Antigamente estas enfermidades se consi- deravão com um principio contagioso, o que obrigava os doentes a buscar longe das povo- ações uma morada tranquilla, que lhes permi- tisse esperar com paciencia a hora que [o] Creador tivesse determinado para pôr term[.] a todos os seus soffrimentos; hoje porem assim não acontece: os progressos que tem feito [a] sciencia medica com os numerosos trabalhos e investigações da chimica, tem em fim intro- duzido na</p>
----------------------------------	--

	<p>therapeutica e posto á disposiçã dos homens da sciencia um meio prophilati- cos contra estas crueis enfermidades fazendo assim esperar uma prompta cura a todos aquelles que o quizerem abraçar. Penetrado do sentimento o mais sincero da philanthropia, do amor á sociedade offereço o[s] meus recursos médicos e pharmaceuticos ad- quiridos por um aturado e longo estudo da na- tureza humana, E' pois com os medicamen- tos preparados por minhas próprias mãos qu[e] me proponho a curar a todos aquelles que m[e] quizerem procurar. Estou certo que os epithetos de – charlatão e especulador – ser-me-hão lançados por al- guns ao lerem este meu annuncio: porem não será por homens sensatos que serei assim [ilegível] xado. O sabio indaga, consulta, ouve, [ilegível] entre vós (como eu creio) existe algum rec[ilegível] conhecimento recebei de antemão toda a mi- nha gratidão. A vós, enfermos, eu dirijo meus offereci- mentos; eu saberei consolar-vos, e talvez da[r]- vos a panacéa benéfica da saude que tan[furo] desejaes. Seja o reconhecimento o fructo de meu[s] trabalhos e o único tributo que desejo obte[r] daquelles que me quizerem honrar com sua[s] consultas. Dirijão-se ao Hotel Paulistano, na rua d[e] São</p>
--	--

	Bento número 35.
--	------------------

PALAVRA	<i>TISICA</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO	tísico <i>adj. sm.</i> 'que, ou aquele que sofre de tísica' XVII. Do lat. tard. <i>phthisius</i> , deriv. do gr. <i>phthisikós</i> (...)
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	tísica <i>s.f.patol.</i> Tuberculose [q.v.] pulmonar, especilmente na fase consuntiva; héctica.(...)
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 27 de Janeiro de 1888. Campinas. Diário de Campinas.</p> <p>Tisica pulmonar Grande descoberta indigena Está mais que reconhecido que o infallivel medicamento contra a tisica e o EXTRACTO FLUIDO DE BOCAGY, o qual foi muito bem aceito em Madrid, como estão fazendo continuamente pedidos para a Heganha e em todas as</p>

	<p>provincias do imperio, tendo feito curas importantes em qualquer grau que esteja a tísica. Remete-se qualquer encomenda, mandando o dinheiro. Preços de cada garrafa...10\$000 Os pedidos são dirigidos aos <i>senhores</i> Oliveira & Lima, em Santa Cruz do Rio Pardo.</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>XAROPE DE FOLLET Sirop de Choral Follet E o calmante por excelencia que suprime a dor e procura o somno tranqüilo e natural nos casos de NEVRALGIAS – GOTTA – RHEUMA TISICA – FEBRES Exigir a Firma Fabrica casa FRERE, 19, rua Jacob, PARIZ.</p>
--	---

PALAVRA	<i>TONICO</i>
ENTRADA NO DICIONÁRIO	tom. Sm. 'tensão, tono' 'altura de um som'

ETIMOLÓGICO	<p>'tonalidade' XIV <i>toom</i> XV do lat. <i>Tonus</i> -i, deriv. Do gr. <i>Tónos</i> 'músculo, tendão' 'tendão, intensidade, força, energia' 'tensão de uma corda' 'som de instrumento' (...)</p> <p>tônico <i>adj.</i> 'relativo ao tom' 'tonifica ou dá energia' 'diz-se do elemento que recebe o acento de intensidade' 1858. do fr. <i>tonique</i>, deriv. do gr. <i>tonikós</i> (...)</p>
ENTRADA NO DICIONÁRIO COMUM	<p>tônico. <i>Adj.</i> 1. relativo a som (1). 2. que tonifica ou dá energia. 3. <i>gram.</i> Diz-se do elemento (vogal, sílaba) que recebe acento de intensidade, ou icto. • <i>s.m.</i> 4. medicamento ou cosmético tônico, revigorante.</p>
PERIÓDICO, DATA E CIDADE DE ORIGEM	<p>- 29 de janeiro de 1899. São Paulo. A Notícia.</p> <p>A EMULSÃO DE SCOTT de Oleo de Fígado de Bacalhau com Hipophos phitos de Cal e Soda É UM REMÉDIO-ALIMENTOPOR EXCELENCIA Porque o Oleo de Fígado de Bacalhau como alimento é d'um valor importantissimo,- fortalece e engorda-Como remedio rico,-é magnifico creador de sangue assim como</p>

	<p>um bom remedio alterante. espinha dorsal e systema osseo, e a combinação d'estes preciosos componentes produz o melhor reconstituente, tonico e purificador de sangue, que a sciencia medica conhece. Não te rival para todas as molestias debilitantes. "ha annos emprego a Emulsão de" Ha mais de 20 annos que emprego Scott, e seguro contra affecções do em minha clinica, sempre com muito aparelho respiratorioe para vantagem nos casos em que é combater a asthenia em geral." Diz indicada" Diz o deistincto Doutor José o illustrado Doutor Bacellar, do Rio Justino de Mello, de Paranaguá Grande do Sul. Cautella com Imitações A' venda em todas as Drogarias Falsificações. e Pharmacias. Exija-se a Legitima Scott & Bowne, Chemicos, New York, E.U.A.</p> <hr/> <p>- 01 de fevereiro de 1888. Campinas. Diário de Campinas.</p> <p>O Elixir alimenticio Ducro e muito agradavel ao paladar e as pessoas a quem mais repugnam os aimentos, o tomam até por gosto. É um tonico poderosissimo, aconselhado para as mulheres e a crianças</p>
--	---

	<p>delicadas, os velhos, os convalescentes em que desperta o appetite e restabelece as forças. Convem sobretudo nos paizes quentes, onde as forças diminuem pela transpiração, e onde se esta sujeito a molestias contagiosas. - Para mais detalhes. leia-se o prospecto que acompanha cada vidro. Pariz 20, Place des Vosges E EM TODAS AS PHARMACIAS</p> <hr/> <p>- 05 de julho de 1887. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>Tonico Fevrifugo Regenerador vinho do doutor johanno Quina, Coca, Extracto de Carne e Hypophosphito Recommendo-no nos casos que necessitam tônicos para reconstruir e regenerar o organismo arruinado por molestias, excessos, natureza do clima, anemia, chlorosis, amenorrhea, cachxia, fluxo branco, que tanto arruinão a saude das mulheres, pobreza de sangue, fraqueza geral, debilidade, etc. H. Vivien, Droguista, 50, Boulevard de Strasboug, em Paris</p> <hr/>
--	---

	<p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>VINHO Tonico-Nutritivo DEFRESNE Com Peptons. (Carne assimilavel) FERRO E LACTO-PHOSPHATO DE CAL NATURAES Sendo o Vinho Defresne d'um gosto delicioso, tambem é o unico reconsti- tuinte natural e completo. É o mais precioso de todos os tonicos; sob a sua influencia, desvanecem-se os accidentes febris, renasce o appetite, forta- lecem-se os musculos e voltam as forças. Emprega-se com êxito contra a inappe- tencia, os crescimentos rápidos, com ra- lecoenças, molestias de estomago, a anemia e [ilegível]. DEFRESNE, Fornecedor dos Hospitales, Paris. E todas as Pharmacias.</p> <hr/> <p>- 15 de maio de 1888. São Paulo. Correio Paulistano.</p> <p>VINHO EMINENTEMENTE TONICO Unico aprovado pela Academia de Medicina de Pariz Quinium Labarraque Fabrica: Casa L. Frere, 19, rua Jacob PARIZ FEBIFUGO E FORIFICANTE</p>
--	--

--	--